

DIARIO
DE
JOÃO CHAGAS

1918 1921

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54
LISBOA — 1932



ETDIFER

DIÁRIO
DE
JOÃO CHAGAS

DIARIO
DE
JOÃO CHAGAS

1918 1921

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54
LISBOA — 1932

278744

92
/1270

ADVERTÊNCIA DOS EDITORES

Parte da matéria que constitue este 4.º volume deveria ter sido incluída no volume anterior (o 3.º) e estavam até bastantes folhas já impressas, devidamente paginadas, prontas para êsse fim, quando motivos estranhos á nossa vontade nos obrigaram a fechar o 3.º volume na página 274 e pô-lo assim á venda, ficando conseqüentemente excluídas desse volume as folhas que se seguíam.

Como resultado, o presente volume em vez de começar na página n.º 1, começa na página 274 e ele fica constituindo de facto a 2.ª parte do volume III.

Cumpria-nos expor esta advertência ao público para que se não estranhasse a anomalia de paginação que, de resto, em nada altera o texto que se mantém integralmente, tal como saiu do punho rigoroso e insubmisso do inigualavel jornalista republicano que foi João Chagas.

Com o presente volume se conclue este Diário que a unanimidade de criticas tem classificado como a mais importante obra de «Memorias» politicas que nos ultimos tempos se tem publicado, tendo ainda a valorisa-lo o facto de se reportar a um dos períodos mais importantes da História Universal — o da Grande Guerra àcerca da qual contém importantíssimas afirmações históricas — e ainda por abranger um dos períodos mais agitados da vida política da República Portuguesa, cujos estadistas e cujos acontecimentos o autor aprecia sob a sua maneira pessoal de observador e crítico, mas através dum grande amor ao regimen de que ele foi um dos primeiros e mais destemidos propulsores e por dedicação ao qual sofreu as agruras dum tormentoso degredo.

Lisboa, Dezembro de 1932.

OS EDITORES.

BORDEUS, 30 DE SETEMBRO

O Pimentel Brandão, que continua em Bordeus e nos visita, veio hoje ver-me. Contou-me que tivera uma conversação acerca de Portugal com um commandante

francez e que este lho dissera : *Les Portugais n'ont pas été brillants dans cette guerre, parce qu'ils sont partis de mauvaise volonté.* O Pimentel Brandão, que é muito lido, citou-lho a opinião de Marbot sobre os soldados portuguezes.

A noticia gritada esta tarde no Cours do l'Intendance por todos os vendedores de jornaes era a da capitulação da Bulgaria, que se rendeu sem condições. Reina uma alegria geral e, como tenham terminado as ferias, moio mundo regressa a Paris, já sem medo dos Gothas.

Entretanto, em Portugal passa-se isto : no Porto, os commandantes dos regimentos da guarnição foram á redacção do *Norte* intimar os redactores d'este jornal a retratarem-so pela publicação de um artigo «offensivo dos brios do exercito» o como não os encontrassem deixaram flear a seguinte nota oscripta :

«Ex.^{ma} Direcção do jornal *O Norte*

Os officiaes da guarnição do Porto, em faeo do artigo tão injusto, como insultuoso para o exercito, que o jornal *O Norte*, de 22 do corrente, publicou na quinta o sexta colunas da primeira pagina, intitulado «Portuguezes traidores houve algumas vezes», resolvem exigir do mesmo jornal o seguinte :

1.º — Quo no numero de amanhã, 25, em artigo de fundo, sejam desmentidas em absoluto as calumniosas affirmações feitas no referido artigo ; que esse desmentido seja o mais claro o categorico possivel e que seja prestada homenagem ao exercito portuguez.

2.º — Que no numero do amanhã seja publicado em logar bem visivel da primeira pagina e em tipo igual á epigrafe do artigo «Portuguezes traidores houve algumas vezes» a declaração do quo o director do *Norte* de maneira alguma perfilha ou coneorda com a doutrina expressa no artigo identico de *O de Aveiro* intitulado «Guerra».

3.º — A abstenção expressa do quo o jornal *O Norte* volte a fazer a mais levo censura a qualquer official do exercito, quando no desempenho do seu cargo militar.

Os mesmos officiaes fazom ainda saber á direcção que se tal reparação não fôr dada nos termos em que ó exigida, terão do usar, bem a seu pesar, de mcios mais energicos para desaffrontar a honra das forças do exereito portuguez, quer se encontrom em territorio nacional ou paizes estrangeiros.

Porto, 24 de setembro do 1918.»

Assinam o protesto pela guarnição do Porto os officiaes Bernardino do Espirito Santo, coronel de artilharia 6; Gaspar da Cunha Prelada, coronel de infantaria 6; Augusto Bessa, coronel de infantaria 18; Lucio Carolino de Melo Leite da Gama Lelo, tenente-eoronel eommandante do 3.º grupo de metralhadoras; Jaimo do Carvalho da Silva, tenente-coronel de eavalaria 9; Antonio Ribeiro Borges, major da guarda nacional republicana.

Felizmente, a imprensa estrangeira deixou de se occupar de Portugal.

BORDEUS, 1 DE OUTUBRO

Os gritos de victoria que chegam de toda a parte começam a soar mal aos meus ouvidos. E' que no momento em que se levantam as esperanças de tantos milhões d'homens, as minhas cahem. Entrei nesta guerra (e posso dizer que entrei nella, porque poucos terão soffrido tanto como eu por causa d'ella) com um enthusiasmo feito de dois sentimentos: o sentimento de que ella era para o mundo uma guerra de principios, destinada a acabar de vez com todas as formas do despotismo na terra e o sentimento de que ella era para o meu paiz o signal de uma era de renascimento. Puz nesta esperança todas as impaciencias generosas da minha alma e emquanto a entrada de Portugal na guerra não foi coisa decidida soffri angustias que me eram desconhecidas. No meio de mil attribuições esse dia chegou enfim e foi para mim um dia extremamente feliz. Esta felicidade não devia ser completa. Quando comecei a reconhecer o estado de espirito dos primeiros portuguezes que vieram para França, quando na Legação de Paris verifiquei no duro trato dos que passavam por ali o seu mau-humor e a sua má-vontade, quando me cahiram sob os olhos, nas suas primeiras cartas apprehendidas pela censura de Boulogne, as expressões de odio com que se referiam aos homens publicos que os haviam levado á guerra, as inquietações recommençaram para mim. Não iria isto acabar mal? Vcio depois a viagem do Presidente da Republica e a visita á zona de guerra. A impressão que recebi ao chegar á zona portugueza foi tão penosa que não quiz

prolongar a minha estada ali e nessa mesma noite regresssei a Paris no comboio do Presidente Poincaré. Essa impressão (ercio tel-a consignado neste *Diario*) foi a de que me encontrava, com os politicos portuguezes que fui chamado a acompanhar, num meio para onde tinham sido transportados os nossos horrendos antagonismos. Tive esta impressão muito rapidamente, na gare de Lillers cheia do officiaes portuguezes, e emquanto esperavamos o Presidonte Poincaré, mas tive-a muito nitida. Entre todos esses officiaes, apenas a dois ou trez pude apertar a mão. Todos os outros me eram desconhecidos, mas desconhecidos em quem presenti o nenhum desejo de se approximarem de mim. Quando o Presidente Bernardino Machado entrou na gare, a distancia, observei a attitudo d'esses homens. Na maioria d'elles, o gesto com que lhe fizeram a continencia militar foi absolutamente o de quem pratica um acto contrafeito. Alguns tinham nos olhos uma quasi expressão de colera. Felizmente o Presidente Poincaré chegou pouco depois, e digo felizmente porque nada me foi mais doloroso do que assistir a esta scena. Já por occasião da chegada do Presidente Machado á fronteira franceza eu tivera ensejo de observar algumas manifestações d'esta natureza. O Affonso Costa, que teve sempre o sestro de trazer a familia consigo nos actos publicos da sua vida, mandara ir a Hendaya, para o acompanhar como seu secretario durante a viagem presidencial, seu filho Sebastião, que fazia parte do Corpo Expedicionario como official interprete. O rapaz appareceu ali com effeito, e emquanto passeiava ao meu lado na gare fazendo horas

para esperar o Presidente e o pae, chegou um eomboio de França. Dois dos eompartimentos de uma das carruagens d'esse eomboio vinham eheios de offieiaes portuguezes, que regressavam de lieença a Portugal e que, enquanto o eomboio não abalou, de uma portinhola para outra e em voz alta, se entregaram a um jogo de dichotes que visava o filho do Affonso Costa e a sua situação no Corpo Expedieionario. Affastei-me com o rapaz, para que elle não os ouvisse, mas já esta seena me fez entrever um poueo a situação que se estava formando em Portugal e que vinha sendo revelada por tantos simptommas de indiseiplina interna. Essa indiseiplina estava evidentemente passando eá para fóra. Novas inquietações, mas d'esta vez não duraram muito. Poueo tempo depois, reeebi o golpe de 5 de dezembro. O que veio depois foi o *éffondrement*, mas no meio d'elle, durante algum tempo, a esperança — nova esperança! — de que aquillo acabasse depressa e ainda houvesse meio de remediar o mal feito. Passou-se o tempo, passaram-se mezes, já lá vam dez. Soou a hora de gloria para todos, mas para nós é a hora da humilhação. Nenhuma nova esperança tenho já. Os destinos da guerra já não são ineertos e já o eoncurso, mesmo moral, de um pequeno paiz como o nosso não é preciso. D'aqui a algum tempo, quando poderem reparar nestas pequenas coizas, os Alliados dirão: — O que é feito dos portuguezes? E quando tiverem verificado que os portuguezes se foram embora antes da guerra aeabar, terão para elles o grande gesto de indulgencia e de piedade que os fortes eoncedem aos fraeos na hora da victoria; e assim, depois

de ter apparecido por um momento a uma luz de gloria como nunca incidiu sobre elles, Portugal recolherá do novo á sua velha historia, e voltará a ufannar-se de ser a patria do Gama e de Camões, mas não será mais nada. Por isso este repicar de sinos não é para mim festivo, e é quasi lugubre. Os servios acabam de se cobrir de gloria na Macedonia. E' um punhado de homens. Os belgas voltam a fazer prodigios nas campinas da Flandres. São pouco mais de cem mil. O que resta dos nossos onde está? Nem isso se sabe. Este silencio é a nossa sepultura. Que a guerra acabe depressa e o desastre será completo. Vae a guerra acabar depressa? Não é logico que deva durar muito. Uma guerra de conquista que não attingiu o seu objectivo está por sua natureza finda.

BORDEUS, 3 DE OUTUBRO

Um pó de vento veio. O nosso appartement da avenida Kleber alugou-se. E' preciso voltar quanto antes a Paris, carregar com os trastes, levá-los para outra parte. Para onde não sei ainda. Telegrafei ao doutor Lopes para que nos arranjasse um quarto barato num hotel barato. Já respondeu. O quarto está arranjado. Partimos na terça-feira, porque ha uma quantidade de coisas a regular ainda aqui, malas a transportar, papeis a tirar, formalidades a eumprir. Lá vamos outra vez com as nossas dezeseis malas para Paris. O que isto nos vae custar! A minha intenção é alugar uma casa modesta. Ainda é a solução mais prudente na situação em que nos encontramos. Num hotel, o que nos resta dos nossos

recursos ir-se-hia embora num instante. Minha mulher fará o *ménage*. Viveremos como em Bordeus e assim iremos ganhando tempo, unica coisa que neste momento procuro ganhar. Assim isto não dure muito mais. O que poderia de resto fazer neste paiz e neste momento um homem que foi ministro de Portugal? Depois, em França, só os estrangeiros que têm uma profissão, os alfaiates, os barbeiros, ganham dinheiro. Os outros gastam-no. Antes da Republica vir, vivi sempre da penna, nem sempre bem, mas vivi, e mesmo através dos peores accidentes da politica foi da penna que tirei os meus recursos. Durante o meu exilio em França foi da penna que vivi, como foi d'ella que vivi durante o meu exilio em Hespanha. Até em Africa, no presidio de S. Miguel, trabalhei e vivi da penna. A Republica, que eu preconisei em Portugal como um regimen do liberdade, privou-me d'esse recurso, e corroando a minha existencia com a proscricção, condemna-me á miseria. Quando eu penso no horror que seria a minha situação, se tivesse sido surprehendido pelos acontecimentos de 5 de dezembro, como o fui pela dictadura Pimenta do Castro, quasi sem outros recursos além dos que recebia do Estado! Não são portanto as inquietações que estou conheccendo que eu inscrevo na lista das reparações que espero-o me hei-der dar a mim mesmo um dia, mas as attribulações sem nome que teria conhecido, se as circumstancias não fizessem que o desastre de Portugal não me surprehendesse numa hora de absoluta pobreza. O que teria sido de mim, o que teria sido da minha pobre Maria se, assim tivesse succedido? Quando olho para

ella e vejo os seus negros cabellos de ha pouco quasi completamente brancos, odeio a Republica.

BORDEUS, 4 DE OUTUBRO

Hoje, leio num jornal de Bordeus, o *Nouvelliste* :

COMMUNIQUÉ AFRICAÏN DU PORTUGAL

«Porto, 3 octobre. — Les Allemands poursuivis par nos forces en liaison avec les troupes britanniques, ont été contraints de traverser la rivière Rovuna, abandonnant une grande quantité de matériel et de nombreux prisonniers.

L'ennemi s'est retiré à l'intérieur des forêts.»

Assim, á falta de outro communicado, Portugal tem um communicado africano. Começo a ver no titulo d'esta informação o regimen de ironias que nos espera.

Creio não me haver equivocado muito quando ha dias eserevi que a Allemanha não perde de vista as suas colonias. Lá está ella a reclamar-as pela voz do doutor Solf, a reclamar as que tem, ou tinha, e mesmo as nossas. Este figurão fez uma conferencia quarta-feira passada em Munich e aqui está, segundo a *Gazeta Popular de Colonia*, o que elle disse :

«Récupérer nos colonies est une tâche d'importance nationale qui ne peut être eclipsée par aucune autre. Avant la guerre, les pays tropicaux et sous-tropicaux fournissaient 50 0/0 de toutes les matières premières

étrangères dont dépendaient nos industries. Les succédanés actuels ne peuvent pas suffire en temps de paix. Pour la laine seule, l'Allemagne devrait avoir 50 millions de moutons, ce qui, au point de vue pratique, est impossible. L'approvisionnement en matières premières est le point le plus faible de notre système économique mondial. Sans colonies à nous, nous devons rester dans un état de dépendance et à la discrétion des pays étrangers. Quand la guerre éclata, nos colonies faisaient de bons progrès. Nous étions à même de résister aux essais de monopole des autres États. Les traités commerciaux n'offrent pas de garanties. Dans les colonies françaises, l'égalité de traitement n'existait que sur le papier. Nous, d'autre part, nous nous tenions fermement à la liberté commerciale qui correspond encore à nos vues. La porte ouverte pour le commerce sera une des exigences les plus importantes de la conclusion de la paix. Nous avons à peine équipé nos colonies pour la défense, sans parler de l'attaque, contrairement aux Français qui ont retiré de leurs colonies des hommes et des troupes auxiliaires de couleur.

L'emploi de pareilles armées d'esclaves en Europe est un crime. Nous ne songeons pas à militariser l'Afrique. Au contraire, nous désirons empêcher l'emploi de troupes de couleur en Europe.

Le gouvernement impérial maintient fermement sa demande : le retour des colonies africaines et de celles des mers méridionales, et exige, en outre, un partage nouveau de l'Afrique, de nature à consolider nos possessions éparses. *La Belgique, le Portugal et la France*

*possèdent de grandes et excessives étendues de territoire.
Nous ne voulons pas la part du lion.*

Havas.»

A frase : *Nous ne voulons pas la part du lion* é uma concessão aos apetites da Inglaterra.

Veremos como isto acaba !

BORDEUS, 5 DE OUTUBRO

Respondendo a uma delegação da população de Salónica, que o felicitava pela capitulação da Bulgária, Venizelos disse :

«La défaite des Bulgares, coïncidant avec l'anniversaire de la victoire décisive que remporta sur eux Basile le Bulgeroctone, écarte définitivement le danger de la suprématie bulgare dans les Balkans, et assure une paix de liberté. Notre joie est double, car cette victoire a inauguré la restauration de la Serbie qui, par son attachement aux idéals sacrés de son peuple, atteignit cette grandeur morale qu'à l'autre extrémité de notre front un autre peuple, les Belges, ont su s'acquérir.»

Era esta grandeza moral que eu queria para o nosso paiz. O meu sonho de grandeza naufragou. Já o pobre André Brun, na *Manhã*, fala no «desmoronar quasi absoluto do seu melhor sonho — o do engrandecimento da sua querida patria e do seu querido exército...» Entretanto Sidonio Paes expede apressados telegrammas de felicitação aos Alliados; entretanto, Cunha e

Costa faz conferencias em Paris. Não ha exemplo de um caso assim!

BORDEUS, 6 DE OUTUBRO

As sete da manhã, um vendedor de jornaes passava pela rua Jules Mabit lançando este pregão: — Bonnes nouvelles! Bonnes nouvelles! Depressa, o jornal! E em grandes letras leio: *l'Allemagne, l'Autriche et la Turquie demandent un armistice*. Mas da leitura do jornal resulta-me uma impressão confusa. São bem as trez nações que pedem a paz, ou é apenas a Austria que formula o pedido? No telegrapha de Berne que traz esta noticia, apenas se precisa o pedido austriaco. Quanto ao da Allemanha e da Turquia, diz-se: «Les gouvernements allemands et tures on dû accomplir au même temps une demarche analogue. Cependant l'agence Wolff n'a pas encore transmis la nouvelle.» Entretanto, o novo chanceller do Imperio, o principe Max de Bade, fez hontem declarações no Reichstag que não estão de accordo com os termos da proposta da Austria, pois não só não acceita condições, como parece pol-as; não acceita para a Alsacia Lorena senão a autonomia e fala em proseguir a guerra, se essas condições forem repellidas. Os jornaes da manhã não parecem ter feito reparo, ou pelo menos não insistem nesta contradição. De todos os modos um facto é certo: a Austria pede o armisticio e declara-se prompta a fazer a paz sobre a base das quatorze proposições do presidente Wilson, uma das quaes a conduziria a restituir aos italianos Trieste e o Trentino. Nestas circumstancias se verifica que a imprecisão de algumas

das proposições de Wilson, de que allemães e austriacos estão fazendo um evangelho, são susceptiveis de se prestarem ao jogo de combinações da má fé. Assim, a proposição que se refere ás reivindicações italianas diz que o «*réajustement des frontières de l'Italie devra être effectué suivant les lignes des nationalités clairement reconnaissables.*» Não creio porem que os Alliados sujeitem a questão da paz a um debate contradictorio sobre a base das proposições do presidente Wilson. Por outro lado, a situação militar, tornada extremamente vantajosa para os Alliados, não admite a idéa de um armistício que não tenha por base a desocupação e o desarmamento. Por isso não creio que a paz venha já, isto é, dentro de alguns dias, embora seja evidente que se caminha para ella a passos agigantados. A queda dos imperios centraes foi assim, como sempre o presumi, fulminante. A' tarde sahi. Domingo. As ruas do centro cheias de bordelezes felizes; mas a cidade não embandeirou. A França acaba de passar tão más horas que não acredita ainda no que vê. Os telegrammas de Paris para os jornacs da tarde dizem que o Governo francez não tratará com o inimigo enquanto elle occupar o territorio francez e que opporá á sua proposta de paz *une fin de non recevoir*. No seu jornal Gustave Hervé escreve que o presidente Wilson não tem competencia militar para decidir a questão do armistício e que o unico que a tem é o marechal Foch. Em Portugal creio que se commemorou hontem o oitavo anniversario da Republica. Um dos pontos do programma da commemoração feita pelos republicanos era uma visita aos presos politicos! Somes estupendos!

BORDEUS, 7 DE OUTUBRO

A nossa grande anciedade por noticias novas não foi satisfeita. O que parece confirmar-se é que a Austria está disposta a fazer a paz a todo o transe. Quanto á Allemanha, o que nos dá uma idéa profunda da sua situação é a ultima mensagem do kaiser ao exercito e á marinha na qual encontro, traduzidas nos jornaes francezes, estas palavras que são já de abdicação :

«On ne sait pas encore si les armes seront déposées. Jusque-là nous ne devons pas nous relâcher, nous devons, comme auparavant, employer toutes nos forces pour maintenir infatigablement l'assaut de nos ennemis.

L'heure est grave, mais, confiants dans notre force, et avec l'aide clemente de Dieu, nous nous sentons assez forts pour défendre notre cher pays.

Em França os socialistas dão um primeiro passo no caminho d'aquella politica de transacção em que eu tenho visto um dos perigos da guerra, e dirigem ao Presidente Wilson uma mensagem na qual leio :

«Le parti estime que, tout en exigeant les garanties diplomatiques et militairement indispensables, les gouvernements alliés ont le devoir impérieux de ne pas repousser dédaigneusement et sans discussion une pareille proposition, qui constitue en effet une ouverture sérieuse de négociations.»

A este respeito quiz ouvir a opinião — de quem ? da

Catharina, a mulher de recados que nos faz o *ménage*. A Catharina pensa que já agora se deve ir até ao fim. E' certo porem que não tem o marido na guerra. Seja como fôr, as propostas de paz habituaram o espirito publico á idéa de que a paz vae vir, sem demora, o que não ó disposição moral para acceitar a idéa de proseguir a guerra. Se a paz vier surprehende-nos fóra do campo de batalha e numa situação de guerra civil. E' a consumação do nosso desastre. Entretanto, a postura de Lisboa prosegue. Para tapar a bocca aos patriotas anuncia-se de vez em quando que o Corpo Expedicionario (o C. E. P., como ali lhe chamam) vae ser reorganizado. Estas noticias vam calmando impaciencias, alimentando esperanças generosas. «Depois de feita a reorganisação do C. E. P., como já noticiámos — diz o *Seculo* que me chega hoje ás mãos (3-10-18) parece[?] que lhe será confiado um sector na frente occidental.» A boas horas. Nesta mentira toda a genté colabora.

BORDEUS, 8 DE OUTUBRO

Partimos esta noite para Paris. A resposta da America ás propostas de paz ainda não chegou. Entretanto é de toda a evidencia que os Alliados não tratarão com os imperios centraes, emquanto estes occuparem os territorios que invadiram. O pensamento da Allemanha, com as suas succssivas propostas de paz e agora com esta, formalmente feita, é evidentemente o de explorar o sentimento da fadiga entre as nações alliadas e de amollecer a sua resistencia moral para ir mais longe. Ver emfim acabar a guerra, ver emfim acabar o mas-

saere, aleançar de um dia para o outro o direito á vida, á segurança, á felicidade, depois de quatro annos de dôr, de lueta, de inquietação, de intranquillidade, que risonha perspectiva! E' essa perspectiva que a Allemanha entreabre aos olhos dos povos alliados. Ha tres dias que milhões de creaturas entrevêem a vida como ella era, antes da guerra, cheia de compensações. Estes tres dias estão pondo á prova a sua força moral e é preciso que a Allemanha se tenha tornado bem verdadeiramente como agora se diz a inimiga do genero humano para que a idéa de a destruir completamente seja superior a todas as razões de egoismo que impellem o homem. Emquanto escrevo estas linhas ouço o longinquo troar do canhão num campo de tiro. São os americanos que ineançavelmente continuam a preparar-se para acabar a guerra com a guerra.

PARIS, 9 DE OUTUBRO

Outra vez Paris. No Hotel Baltimore esperava-nos um quarto de creado, no quinto andar. Um horror! Passamos o dia até ás quatro horas á procura de outro hotel. Onde encontrál-o em Paris neste momento em que não tem limites o espirito de ganancia dos hoteleiros, animados pelas boas novas que fazem regressar tanta gente? Vagueamos, estropiados após as treze horas de caminho de ferro, pelas longas ruas do decimo sexto bairro. Minha mulher não se tinha de pé. Na praça Vietor Hugo, deixou-se cahir num d'esses bancos collocados á beira dos *trottoirs*, onde só se sentam os muitos simples ou os muito pobres, e d'onde á noite a policia

faz levantar os desgraçados, sem domicilio; e ali passámos os dois, como dois, naufragos, um quarto d' hora amargo. Afinal decidimo-nos a aceitar um d'esses hoteis da avenida Friedland, que antes da guerra tinham a reputação de serem modestos mas que a guerra encheu de prosapia, e aqui estamos no Campbell. Para nós é caro e minha mulher não dissimula a sua inquietação. Pela manhã fomos dar uma vista d'olhos á nossa antiga casa da avenida Kleber, cheia do móveis, cheia de caixotes que antes de um mez devemos tirar d'ali, não sabemos ainda para onde. Amanhã vou começar a procurar casa, mas o que torna angustiada a nossa situação é que essa mesma casa não sabemos por quanto tempo a poderemos guardar. A resposta da America veio, e o que acho prodigioso é que está sendo esta democracia de fabricantes e commerciantes que agora fala em nome da velha Europa feudal e dando como se costuma dizer leis ao mundo.

PARIS, 10 DE OUTUBRO

Espera-se a resposta da Allemanha ás perguntas que lhe fez o presidente Wilson (pois nisto consistiu a sua resposta á proposta de paz), mas emquanto a anciedade é grande na Allemanha, segundo dizem os jornaes, em Paris reina a calma. Assim e num curto espaço de tempo se inverteram as situações: a arrogancia mostra a sua outra face — baixeza; a duvida mostra a sua outra face — confiança. Paris está outra vez cheio. A gente que fugiu em massa volta em massa. As garcs estão atulhadas de bagagens. Abrem-se outra vez as persianas

ha tanto tempo fechadas dos *appartements* dos bairros ricos. Já os Gothas não inspiram reccio. A paz é esperada como um facto inevitavel o que não deve demorar-se muito. A queda das energias allemãs foi subita como era de prever. O moral da nação desabou. O do exercito tambem. Mais algum tempo o tudo estará acabado. Como vao acabar é que não se sabe, porquo o fim d'esta guerra vae deslocar o fundamento de tudo quanto estava estabelecido. O artificio da unidade austro-hungara, esse, está já a desmoronar-se. Resta o problema da unidade do imperio allemão e o da sorte da dinastia dos Hohenzollern. A este respeito a opinião dos que conhecem a Allemanha é pertinaz: a Allemanha não fará uma revolução. O povo allemão é muito servil e tem demasiado o respeito do principio da autoridade para que se revolte. Será isto assim ou terá ello um sobresalto quando chegar a hora que não tarda, que pode vir amanhã, de perder a Alsacia e a Lorena? Os povos são susceptiveis de transfigurações. Entretanto o facto que surprehende é a subita volte-face da fortuna das armas allemãs, mas tinha de ser assim. Creio já tê-lo dito aqui: o espirito dos povos conquistadores caho subito, com as primeiras derrotas. Toda a idéa de conquista comporta um sonho e a realidade desfaz os sonhos como a luz da manhã desfaz as sombras da noite.

PARIS, 11 DE OUTUBRO

O Leotte do Rego apparecen-me muito esperançado em quo aquillo acabe depressa em Portugal. Diz elle que a revolução não deve tardar oito dias, que ha focos

de insurreição em toda a parte e que mesmo em Lisboa o governo só pode contar com os officiaes. Estas noticias, segundo elle diz, foram-lhe trazidas de Portugal por um official de marinha. A mim já nada me alvoroça, nem mesmo a idéa do uma revolução. Uma revolução só poderia salvar alguma coisa de tudo o que se está perdendo se encontrasse em Portugal homens que soubessem falar em seu nome perante o mundo para a justificar. Sem isso, o que pode ser uma revolução mais em Portugal? Mais um symptoma de anarchisação, mais uma causa de *déchéance*. Ondo está entretanto o que resta do esforço militar dos portuguezes em França? Segundo o Leotte do Rego, ainda cá estão trinta e dois mil homens. O que fazem? Prestam serviços secundarios na rectaguarda e por assim dizer deixaram de ser considerados como combatentes. Não é de resto o major André Brun que affirma não ser possivel fazer já soldados d'essa pobre gento desmoralizada, que não pensa senão em voltar a Portugal? Apenas algumas baterias de artilheria cooperam com os inglezes.

O partido socialista francez, reunido hoje em congresso, pronunciou palavras que seriam inquietadoras se a França tivesse algumas affinidades sociais com a Russia dos bolchevicks. O *Temps* publica um artigo alarmado. O socialismo revolueionario prepara-se, parece-me, para jogar a sua ultima cartada.

PARIS, 12 DE OUTUBRO

Os allemães são o povo mais estúpido da terra. Pois não escolhem elles este momento em que sollicitam a

paz e a esperam como um favor do ceu, para metter no fundo dois navios de passageiros, cheios de mulheres e creanças, juntando ao seu activo de inuteis crueldades mais setecentas victimas innocentes! Com esta noticia leio nos jornaes d'esta manhã uma outra que tambem é tipica: o governo hespanhol decidiu apprehender os navios allemães internados nos portos do Hespanha. E' realmente o bom momento. Chegaram no dia 4 a Lisboa mais mil tresentos e setenta e quatro soldados portuguezes repatriados. «Gosam todos de excellente saude, diz o *Seculo* (5-10-18) com excepção de cincoenta e quatro, dos quaes vinte e quatro com doencas secretas.» Nem apparencias de decoro se salvam! A repatriação d'estes soldados validos e gosando de excellente saude está-se fazendo em navios hospitaes! Os jornaes que nos trazem estas informações celebram o oitavo anniversario da Republica — a Republica indestructivel! diz o *Mayer Garção*. De resto, o que caracteriza a Republica em Portugal é que quanto mais impotente se mostra, mais vigorosa a dizem. Os democraticos, que estão a ser dirigidos não sei por quem, publicam um novo manifesto, obra de vencidos que nem sequer ousam dizer a verdade. «Na hora em que a palavra victoria enche de esplendor todos os corações, que fazemos nós os portuguezes quo heroicamente atravessamos todos os sacrificios e dôres dos maus momentos, affastados, obscuros, inertes, agora que chegou o instante das consoladoras recompensas?» A esta pergunta respondem elles mesmos deixando cahir os braços: «Desolador e acabrunhante misterio que a alma nacional e a consciencia republicana da nação

procuram inutilmente desvendar! Assim estes homens não têm a coragem de dizer a verdade, que todos conhecem e que anda em todas as bocas! Não ousam afirmar o que se está ha dez mezes a metter pelos olhos, isto é que a Republica é victima de uma machinação internacional e interna, cujo unico objectivo foi o de fazer cessar todo o esforço militar de Portugal na guerra e que esta obra abominavel foi levada a cabo por agentes allemães e por amigos da Allemanha. E chamam a esta verdade, que só cegos não viram ainda, «acabrunhante misterio que a alma nacional e a consciencia republicana da nação procuram inutilmente desvendar!» Mas a mentalidade de vencidos que é a dos homens que dirigem, ou supõem poder dirigir o mais forte partido da Republica, não põe limites ás suas fraquezas. Já no primeiro manifesto que publicaram, os democraticos desceram a envolver nas suas saudações os individuos que succubiram para que triunfasse a aventura de dezembro. No manifesto de agora procuram resalvar a responsabilidade dos que lhes deram um concurso possivelmente sincero. «Quando pode parecer, pela situação militar da Europa — diz-se nesse documento de incapacidade politica e de fraqueza moral — que estes principios (os principios democraticos) estavam prestes a ser vencidos, foi possivel o golpe de 5 de Dezembro, appoiado em todas as forças que julgaram chegado o momento da desforra e na *possivelmente sincera illusão de alguns.*» Entretanto, o que torna a situação do partido democratico sobre todas singular é a situação do seu chefe, que não foi destituido, em nome de quem todos falam e que

não abre a bocca. Onde está elle? Dizem-me que em Hendaya. Estes factos dão-me a impressão de que a Republica vae cahir amanhã nas mesmas mãos fracas incapazes que a têm conduzido a tantos desastres e então não sei como o nosso paiz poderá sahir das malhas de uma tão apertada conjunção de circumstancias desfavoraveis.

PARIS, 13 DE OUTUBRO

A resposta da Allemanha veio, com toda a apparencia de uma capitulação. No entanto é um tecido de subterfugios. Dir-se-hia redigida pelo Bernardino Machado. Com a sua habitual sagacidade, essa sagacidade que faz da imprensa franceza no dominio das idéas uma verdadeira salla d'armas, os jornaes do Paris submettem esse novo documento da duplicidade allemã a uma analyse tão penetrante que ao ler o artigo do *Temps* d'esta tarde quasi esqueci a guerra e a paz para me entregar todo eu ao prazer de ver pensar e ver eserever bem. Isto por exemplo é lapidar. Não se pensa com mais clareza e não se escreve melhor noutra lingua: «L'Allemagne accepte les points du President Wilson, mais comme des «bases» et non comme des conditions. Ce simple echange de mot change bien des choses. Une condition c'est une necessité qu'on subit. Une base c'est un principe qu'on interprete. Accepter des conditions c'est clore un débat. Accepter des bases c'est l'ouvrir.» E é isto justamente o quo a Allemanha quer: transportar a lucta para o terreno da discussão o portanto para o terreno da intriga. Entretanto, os termos da resposta do presidente Wilson ás suas propostas de paz até certo

ponto abriu-lhe a porta d'esta manobra, em que ella pretende attribuir-lho como que um papel de arbitro num litigio. Ora, até certo ponto, o presidente Wilson parece ter aceitado esse papel quando na sua resposta ao governo allemão diz *«qu'il ne voit pas la possibilité de proposer une cessation des hostilités aux gouvernements avec lesquels le gouvernement des Etats Unis est associé contre les puissances centrales, aussi longtemps que les armées de ces dernières puissances sont sur le sol des gouvernements associés.»* Dir-se-hia que ao escrever estas linhas o presidente Wilson se esqueceu de quo representa um paiz belligerante. De resto, a aceitação por parte do presidente do papel de intermediario entro a Allemanha e os Alliados não está causando uma boa impressão. Entende-se previamente o presidente da America com os Alliados para o effeito das suas respostas ao governo allemão? Dir-se-hia que não e quo Wilson, cedendo talvez á exaltação moral que lhe causa o grande papel historico que está desempenhando, procede de seu motu proprio. A imprensa franceza, muito discretamente, vae-o chamando á realidade. O *Temps* d'hoje faz-lhe mesmo a este respeito uma quasi advertencia. *«Les dirigeants de l'Allemagne sont à bout. À tout prix il leur faut un repit pour ressaisir leur sang-froid, leur armée, leur peuple. Disputer avec eux c'est leur rendre du prestige. Traiter avec eux ce serait les sauver. Qu'on leur disc (sic) le plus tôt possible de s'adresser au marechal Foch!»* Esta ultima expressão é directamente endereçada ao presidente Wilson. Outros jornaes fazem insinuações d'esto gonero: *«Estão sendo ouvidas sobre a questão da paz personalidades consi-*

deraveis, mas ha uma que ainda não foi ouvida : o presidente Clémenceau.»

Um dos effeitos quo a Allomanha procura attingir com as suas propostas de paz o em especial com o seu pedido de armisticio é o de enfraquecer o poder offensivo das tropas alliadas fazendo-lhes crer que a guerra acabou, o que é uma pessima disposição moral para a proseguir, e quo este effeito é de receiar provam-no as mensagens que acabam de ser dirigidas aos exercitos inglez e italiano, pelos generaes Douglas Haig e Diaz, pondo-os em guarda contra esta manobra. Aqui porem, como em tantas circumstancias, a Allemanha não teve o sentimento da oportunidade, como não tem o do nenhum genero de equilibrio nas coisas da razão. A proposta do armisticio seria desmoralisadora, so viesse mais cedo, quando a balança da victoria não tinha ainda pendido para o lado dos Alliados. No momento em quo a Allemanha evacua o territorio da França como o está fazendo, em plena derrota, a idéa do armisticio deixou de ter o poder de desmoralisar. A da victoria é mais seductora.

PARIS, 14 DE OUTUBRO

Para quo no paiz dos crimes de lesa-magestade so podesso publicar o artigo da *Gazeta Popular*, do Leipzig, que leio esta manhã no *Matin*, é preciso quo na Allemanha tenham começado a descer sobre o feudalismo as primeiras sombras do seu occaso. Eis-nos aqui no momento esperado. O objectivo moral da guerra está prestes a ser attingido. Uma revolução é

impossível na Allemanha? Talvez. Talvez os allemães não façam as revoluções como nós latinos as fazemos, mas esse artigo é já a primeira palavra de uma revolução que, seja qual fôr a forma que venha a revestir, nem por isso deixará de ser uma revolução, que marcará o fim do feudalismo politico na Europa, abrirá finalmente um caminho definitivo aos motejados principios de 89. A guerra entretanto está virtualmente acabada. O partido militar allemão e os senhores feudaes que o apoiam procurarão talvez ainda retardar o fim, mas a Allemanha não os acompanhará e se os acompanhar não será por muito tempo. Entretanto, os jornaes de Lisboa annunciam que Cunha e Costa fez em Paris uma conferencia sobre Portugal e os Alliados, «demonstrando a cooperação do Portugal em Africa e na Europa e proclamando a resolução de Portugal, sob o impulso do governo do sr. Sidonio Paes, de juntar os seus esforços aos dos paizes da Entente até ao exito final.» Assim estes torpes histriões vêm demonstrar a cooperação militar do Portugal no momento em que ella cessa, vem proclamar que Portugal está decidido a juntar os seus esforços aos dos Alliados quando elles já não são precisos! Em França ninguem repara nisto, ninguem pensa em Portugal. Na imprensa, segundo me diz o Xavier de Carvalho, ha um *mot d'ordre* a esto respeito. No meio do optimismo geral, a situação do Portugal seria uma desagradavel nota discordante. Nos meios officiaes não sei o que se pensa do que ali se está passando. Nos meios da imprensa conhece-se a situação, a qual no entanto se apresenta aos olhos d'esta gente de espirito claro como coisa

inintelligível. O *Guilardine* do *Temps* diz não comprehendê-lo como é que a Republica consente ser representada no estrangeiro por um aventureiro como Christo Filho, que a representa hoje em Paris muito mais do que o ministro, depois de ter andado seis annos a cobri-la de lama, e não ha duvida que não ha que responder a semelhante objecção. O que poderia com effeito dizer-se a este jornalista? Que a Republica está em poder dos seus inimigos? Isto não se entenderia. Em toda a Europa e particularmente em França as idéas democraticas são combatidas pela reacção; mas só em Portugal se vê a reacção dominar á sombra das idéas democraticas. Esta situação é tão estúpida e comporta um tão grande numero de juizos desfavoraveis para a mentalidade e para o character da sociedade portugueza, que eu envergonhar-me-hia de a pôr em evidencia. Por isso não digo, ou escrevo uma palavra sobre o que se está passando em Portugal.

A *Gazette Populaire de Leipzig* publica o requisi-torio seguinte:

«Il est reconnu aujourd'hui — et la presse pangermaniste doit l'avouer — que le haut état-major a été l'instigateur de l'offre de paix. Mais Hindenburg ne nous paraît pas coupable, si ce n'est d'avoir accepté un poste pour lequel il savait ne pas posséder les capacités suffisantes.

Suivant les sentiments du peuple, la responsabilité de la situation actuelle se concentre chaque jour plus clairement sur la personne de l'empereur; il a toujours

été en effet dans la pensée de Guillaume II que tout se fasse selon sa volonté, qu'aucune influence autre que la sienne ne s'exerce dans l'armée, que sa puissance dans le gouvernement ne soit jamais atteinte et qu'il reste le maître de la paix et de la guerre. Ce que l'empereur a cru possible d'obtenir de son armée et de la flotte ressort de tous ses discours, de toutes ses manifestations, depuis son ordre du jour à l'armée du 15 juin 1888, jour de la mort de Frédéric III, jusqu'à son discours aux ouvriers Krupp.

LÉ DERNIER MONARQUE ALLEMAND

Nous voyons en Guillaume II le dernier monarque militaire allemand. Il porte le poids de la plus grande guerre du monde, qui finit par l'effondrement du système militaire et qui mène l'Allemagne à une ligue des nations, laquelle ligue suppose le désarmement.

Guillaume II est encore empereur allemand et roi de Prusse, mais il sent bien lui-même qu'il ne peut plus être ce qu'il s'est cru depuis le premier jour de son arrivée au pouvoir, un «instrument» envoyé de Dieu et, avant tout, le premier chef de l'armée la plus brillante et la mieux organisée.

Qu'est-ce en effet que Guillaume II, s'il ne peut plus au champ de Tempelhof passer en revue la garnison de Berlin ? Il doit se sentir impossible comme empereur allemand, mais en tout cas il ne paraît plus, pour une nouvelle Allemagne, être un représentant désigné de la communauté populaire.

Nous comptons avec la perte de l'Alsace-Lorraine ;

nous devons nous y préparer, si pénible qu'elle soit. Nous savons que l'Alsace-Lorraine ne sera plus dans le cadre de l'empire allemand. Or, le 16 août 1888, Guillaume II disait :

« Nous sacrifierons nos dix huit corps d'armée et nos quarante deux millions d'habitants plutôt que de céder une seule pierre de ce que mon père, Frédéric-Charles, a conquis. Il ne peut y avoir qu'une seule voix sur ce point. »

PLUS DE DEUX MILLIONS DE MORTS

Mais plus de deux millions de morts représentent beaucoup plus que dix huit corps d'armée. Nous savons tous ce que signifie perdre l'Alsace-Lorraine, mais nous savions qu'une trop longue prolongation de la guerre rendait cette perte trop probable. Malgré tout, nous ne pensons pas qu'il faille pour cela ajouter aux deux millions de morts le dernier homme, la dernière femme le dernier enfant allemands.

Nous comprenons très bien, par contre, que Guillaume II, après tous les discours qu'il a tenus à l'armée et sur l'armée, puisse trouver insupportable de rester à la tête d'un royaume qui va devenir totalement différent de ce qu'il avait imaginé. Il a été dit très clairement que la social-démocratie n'avait aucun intérêt au maintien des Hohenzollern. Mais ceux qui n'ont aucun intérêt à ce que cette dynastie continue à régner dans l'empire et en Prusse ne peuvent maintenir cette famille dans sa puissance héréditaire com-

plète qu'en plaçant sur le trône quelqu'un qui n'ait pas exprimé, comme le kaiser et le kronprinz, des opinions qui soient en contradiction avec ce qui, heureusement, va se produire.

L'empereur, qui a demandé que quareute deux millions d'Allemands se sacrifient pour qu'aucune pierre ne fût cédée de ce qui a été acquis en 1870 et 1871, doit faire lui-même ce qu'il prétend exiger du peuple. Il a toujours réclamé les plus grands sacrifices patriotiques de ses sujets, mais, maintenant que ses sujets sont devenus des citoyens, c'est lui qui doit montrer son esprit de sacrifice; il doit lui-même se retirer en donnant un brillant exemple de sa compréhension de l'époque et en permettant ainsi au peuple allemand d'obtenir de meilleurs conditions de paix.»

PARIS, 17 DE OUTUBRO

A replica do presidente Wilson á nota allemã foi acolhida com grande satisfação. A mim affigura-se-me que o presidente dos Estados Unidos transporta a questão para um terreno que pode reservar surpresas. Ou levado por espirito de doutrinarismo democratico, ou aconselhado pelos Alliados, o presidente Wilson recusa-se a tratar com os responsaveis da guerra, ou seja com os Hohenzollern. Em principio esta doutrina é a unica justa, mas será ella a melhor em vista do resultado a attingir que é precisamente o de destruir para todo o sempre o poder politico que levou a Allemanha á guerra e semcou o mundo de devastações? O presidente Wilson e os Alliados pretendem separar os res-

ponsaveis do desastre allemão da nação allemã, mas ao mesmo tempo que fazem esta separação, solidarisam-nos nas mesmas responsabilidades. Se o presidente dos Estados Unidos tivesse dito á Allemanha: — Desligue-se a nação allemã dos homens que desencadearam sobre o mundo os males da guerra e nós trataremos depois! o problema apresentava-se sob um aspecto que permitiria a uma Allemanha nova, se ella existe, considerar com alguma esperanza um novo futuro. Mas o presidente Wilson não lhe abre qualquer porta de sahida e ao mesmo tempo que lhe impõe uma mudança de regimen, impõe-lhe a capitulação. Assim como o presidente pretendeu separar os responsaveis devia deixar pelo menos em suspenso as responsabilidades. Não as deixou em suspenso. Fechou todas as portas de sahida. Da situação asfíxiaute em que se encontra, a Allemanha só pode sair por uma revolução, ou pela humilhação; mas se o povo allemão é incapaz, como tantos dizem, de fazer uma revolução, é elle mais capaz de a fazer pelo facto d'ella lhe ser imposta de fóra? Resta a humilhação, mas quem nos diz que esta provação, imposta ao mesmo tempo ao povo e ao rei, não os solidarisará, em vez de provocar entre elles um rompimento? O povo allemão é servil, dizem. Até que ponto poderá elle levar o seu servilismo? A Austria está perdida para a causa do germanismo. O dualismo cession de existir; mas a Prússia é o seu foco ainda ardente e os Estados rhenanos a sua irradiação. Quem nos affirma que numa Allemanha de amanhã, mesmo vencida, mesmo humilhada, não subsistirá latente, prompta a irromper outra vez, como um fogo abafado

debaixo de um desmoronamento, esse espirito que o presidente Wilson e os Alliados procuram extinguir de vez? Os jornaes dizem que em Berlim se fizeram algumas manifestações anti-militaristas, mas de pequena importancia. Em compensação, a imprensa allemã convida a nação a oppôr todas as suas energias ás imposições do presidente Wilson e á frente d'esta propaganda está o orgão socialista *Worwaerts*. — Elles cederão! diz de Waleffe no seu ultimo artigo. Não o duvido, mas o objectivo que os Alliados têm em vista não é só o de vencer a Allemanha; é tambem o de reduzir o espirito barbaro que a tem conduzido até aqui e para o conseguir não me parece que o presidente Wilson tenha procedido com o necessario methodo. Foi pena que o porta-voz dos Alliados nesta grande conjunctura não fôsse a França — mestra na grande arte de manejar idéas. Entretanto os que vem affirmando desde o easo de Saverne que a Allemanha é incapaz de fazer uma revolução vam ver postas á prova as suas previsões.

PARIS, 18 DE OUTUBRO

Lille foi occupada pelos inglezes. Era em frente de Lille que as tropas portuguezas se encontravam ha precisamente um anno. Era ali o seu sector, o quando eu olhava para a carta de França pensava muitas vezes commigo que era aos nossos soldados que caberia um dia a gloria de rēconquistar Lille para a França. Foram os inglezes que o fizeram. Contam os jornaes d'hoje que quando um regimento inglez se preparava para fazer a sua entrada na cidade os officiaes fizeram

parar os soldados e convidaram um regimento francez, que vinha atraz, a passar a diante. Foram assim tropas francezas, diz o *Temps*, que tiveram a honra do entrar em primeiro logar na cidade de Lille reconquistada. Nada mais legitimo, mas por que razão os inglezes não fizeram partilhar d'essa honra aos portuguezes que ainda estão em França? Não teriam elles esse direito, elles que durante cerca de um anno defenderam o sector de Lille com uma bravura a quo os proprios inglezes não poucas vezes prestaram homenagem?

Outro aspecto: O ministro dos Negocios Estrangeiros Pichon offereceu hontem um almoço ao primeiro ministro australiano, Hughes.

No fim do almoço, diz o *Temps* — «M. Pichon a pris la parole pour remercier l'Australie au nom du gouvernement de la République de sa participation glorieuse à la lutte des peuples pour la liberté et le droit, ajoutant que la France n'oubliera jamais quelle part décisive M. Hughes a pris à l'intervention de sa patrie dans la guerre, non plus que l'assistance si précieuse apportée aux armées alliées par les intrépides volontaires australiens, qui se sont couverts de gloire sur les champs de bataille français. M. Hughes a ensuite dit combien sont fiers les soldats de l'Australie de s'appeler les camarades des soldats de France, et il a fait un tableau saisissant des crimes, des destructions et des pillages raisonnés des allemands, ayant pour but la ruine économique de la France et de la Belgique. «L'Allemagne, a-t-il dit, doit tout reconstruire, tout restaurer, tout payer, avant de pouvoir être admise

dans la Société des Nations. Faisons payer à l'Allemagne un prix tel pour son iniquité que la guerre sera à tout jamais considérée non seulement comme criminelle, mais aussi comme peu profitable.»

Assim, até as colonias inglezas recebem as homenagens dos Alliados no momento em que Portugal desaparece da scena da guerra!

Não creio ter dito hontem com bastante clareza o que pensava da replica do presidente Wilson á nota alemã. A questão das responsabilidades da guerra e do desastre allemão tornar-se-hia muito mais clara aos olhos da Allemanha se, ao contrario do que o desejam o presidente Wilson e os Alliados, fosse o kaiser e não uma nova Allemanha que capitulasse. Nessa situação se encontrava a Allemanha ao responder á primeira nota do presidente Wilson. O kaiser ia capitular, isto é, ia assumir integralmente as responsabilidades da guerra perante o mundo e do desastre allemão perante a Allemanha. O que faz o presidente Wilson recusando-se a tratar com elle? Tira-lhe dos hombros um peso enorme, que acabaria mais tarde ou mais cedo por o esmagar a elle, á sua dinastia e aos seus tão fallados *hobereaux*. O erro do presidente Wilson, em que já agora estão collaborando os Alliados todos, consiste em confiar do um modo doutrinal no effeito da idéa pura de justiça no espirito do povo allemão, sem ter em conta a educação politica e a psychologia d'este. Neste mesmo ponto de vista nunca me recusei a acreditar que o desastre da Allemanha a levasse a uma revolução, ou coisa equivalente, mas jamais o problema so apresentou ao meu espirito como o pôz o presi-

dente dos Estados Unidos. O que esto pretende fazer é impôr ao povo allemão uma moral. E' um erro. Essa moral devia o povo allemão tirá-la elle proprio dos factos. Em 1814, os Alliados não impuzeram á França que rompesse com Napoleão, e se Napoleão não tem ido parar a Santa Helena, em França é que com certeza não ficava porque os francezes já não o queriam depois do desastre a que elle os conduziu. Numa palavra, a America está fazendo muito ostensivamente d'esta guerra uma lucta de principios. Os principios estão dentro da guerra mas não são elles que a conduzem: é ella que os conduz a elles. Por isso os francezes, com o seu claro espirito, têm razão quando dizem: — Quem tem a palavra é o marechal Foch! A Bulgaria não discutiu com Franchet d'Esperey. Uma nação em guerra que propõe a paz e pede um armisticio declara-se vencida. Esta é a lei da guerra. O que teria sido intelligente da parte do presidente Wilson quando recebeu as propostas de paz e de armisticio do governo allemão seria pois simplesmente convidá-la a dirigir-se ao marechal Foch! As coisas simplificavam-se assim prodigiosamente. O marechal Foch punha as suas condições ao armisticio e eu estou persuadido de que por si só ellas seriam uma solida garantia de paz, e se a Allemanha não as accitasse, a guerra continuaria não por muito tempo por certo, porque um belligerante que pede um armisticio em regra está sem energias para continuar. O primeiro gesto de um belligerante que capitula é o de entregar as suas armas. Foi isto que Franchet d'Esperey começou por reclamar da Bulgaria, seria isto que o marechal Foch come-

caria por exigir da Allemanha, e so a Allemanha acceitasse depôr as armas a sua submissão estava garantida. Ficava coacta. O resto, isto é, a questão de justiça inherente a este desastre, seria resolvida pelo povo allemão e nestas circumstancias tudo leva a crer que elle a resolvesso, mais depressa, ou menos depressa. Se, além d'isso, a Allemanha se declarava disposta, como já o declarou, a dar execução aos quatorze pontos do programma Wilson, tanto melhor: a Alsacia e a Lorena voltavam para os francezes, a Polonia para os polacos, o Slesvig para os dinamarquezes, a Romania para os romenos. Trieste para os italianos o do tratado de Brest-Litvosky fazia-se um *chiffon de papier*. Dizem os amadores do logares communs: — Ficavam os Hohenzollern, os pangermanistas, o partido militar, os *hobereaux* ameaçando a paz do mundo! Depois d'aquillo tudo, não ficava coisa alguma. A Allemanha imperial subvertia-so porque desapareciam as razões da sua grandeza. Em vez d'isto, esta questão tão clara entro vencedores e vencidos cahiu na teia de aranha do doutrinarismo wilsoniano, da qual não sei como sahirá.

Os jornaes d'hoje annunciam que a Allemanha vae responder ou já respondeu á ultima nota do presidente dos Estados Unidos, que é aquella em que elle, do um modo aliás bastante confuso, lhe põe a questão do regimen politico. Estou com curiosidade de saber o que é que a Allemanha ainda encontra que dizer a isto. Entretanto é preciso que a sua situação seja terrivelmente angustiosa para quo o seu kaiser, encarnação do orgulho, e os seus governos arrogantes aceitem

semelhante debate com um governo estrangeiro. Cahi d'estas alturas sobre um jornal de Lisboa que me chega neste momento ás mãos, e leio isto: o Paiva Couceiro está em Portugal, está em Coimbra, está na Figueira, e então seguro a cabeça com as mãos ambas e pergunto a mim mesmo se esta coisa monstruosa, se esta coisa impia é bem certa — se sou eu que durante trinta annos trabalhei pela Republica, através de deportações, exilios, carceres, que estou proscripto, a debater-me nas angustias do meu destino compromettido e se é o Paiva Couceiro, caudilho da monarchia, que por duas vezes assaltou a Republica com armas estrangeiras, que passeia feliz pelas cidades de Portugal. Ah! se fôsse simplesmente a monarchia que tivesse sido restaurada em Portugal, como isto seria logico, como scria legitimo. Mas não! A Republica continua, ainda mesmo o outro dia se celebrou o seu oitavo anniversario com discursos e bodos aos pobres. Os edificios publicos embandeiraram de verde e encarnado, e nas paradas dos quarteis as bandas militares tocaram a *Portuguesa* de Keil. Alguns jornaes é certo escrevem que a Republica está em marcha, como se ella não tivesse chegado já ao fim do seu caminho; mas eu attribuo esta affirmacão destituída de sentido á habitual falta de senso commum dos nossos jornalistas. O certo é que ella chegou ao seu fim, tem já mesmo oito annos de existencia, e então pergunto a mim mesmo que aborto engendramos nós, nós os homens que quizemos fazer uma democracia em Portugal, para que nos tenha sahido das mãos isso que estou veudo d'aqui. O peor é que isto não tem reparação, nem para o paiz, nem para mim. O paiz consummou elle

mesmo o seu desastre e para mim o mal moral que me causaram é d'aquelles que se cravam, como um espinho, no coração. Sempre ouvi dizer que os portuguezes são ingratos. Nunca imaginei que o fôsem tanto e tão sem reboço. Durante estes dez longos mezes de exilio não se disse em Portugal uma palavra em meu favor e, ao contrario, fui coberto de ultrages. Nenhuma voz generosa se elevou a clamar contra a impia injustiça de que sou victima. Quando os monarchicos portuguezes davam os seus frequentes assaltos á Republica, os republicanos não deixavam passar tres mezes sem se levantarem em grita, nos seus jornaes e na Camara, a reclamarem para uns o direito de voltarem á liberdade, para outros o direito de voltarem á patria. Numa sessão da Camara em que se votou uma das innumeradas annistias com quo os republicanos encorajaram os seus irreductiveis inimigos a proseguirem no bom combate contra a Republica, um homem sem vergonha pediu que se telegrafasse immediatamente aos proscriptos annunciando-lhes que podiam voltar á patria. Para nós quatro ou cinco republicanos proscriptos pela Republica, ninguem reclama esse direito e fez-se-nos ao contrario cá fora uma situação estavel. Nós somos, continuamos a ser — *os emigrados politicos*; e por tal forma esta designação entrou na normalidade do vocabulario corrente que os jornaes mais orthodoxos nos designam assim. Dir-se-hia que este facto monstruoso, a proscriptão pela Republica de alguns dos homens que a implantaram e mais dedicadamente a serviram, deveria ser a preocupação moral e material dos republicanos. Dir-se-hia que elle deveria constituir a sua reivindica-

ção mais pertinaz e mais clamorosa. Mas não ! O Paiva Couceiro chegou a Portugal, está em Portugal, passeia por Portugal enquanto nós permanecemos duramente no exilio ; uns em França, outros na Inglaterra, outros em Hespanha e nem esta ultima affronta á Republica arranca um grito aos republicanos. Depois de ter escripto o que aqui está, li num jornal de Lisboa :

«Está em Portugal na praia da Granja o sr. Henrique de Paiva Couceiro. Regressou ao seu paiz no uso pleno de um direito, que ninguem lhe pode contestar, agora que já ha liberdade em Portugal e em Portugal ha logar para todos os portuguezes, sejam quaes forem as suas opiniões politicas». (*O Tempo*).

PARIS, 19 DE OUTUBRO

Parece que houve em Portugal uma tentativa revolucionaria que falhou. Era esta talvez a que me annunciava ha dias o Leotte do Rego. Está muita gente presa e entre esta alguns militares — aspirantes, alferes, tenentes. Eu tinha a idea de que um movimento contra uma situação que deu um golpe de morte no prestigio militar de Portugal devia ser feito por generaes. Estes aspirantes não me dão grande idéa da situação. Resta saber o que se vae passar, isto é, como é que os germanofilos que nos governam vam metter aquilo na ordem. Com portuguezes as coizas só se resolvem quando vam ás do cabo. Entretanto que horrivel espectaculo estamos dando ao mundo e que terriveis machadadas no nosso prestigio !

Primeiros effeitos do doutrinário democratico do presidente Wilson : os socialistas *minoritaires* Haase e Ledebour declararam ao presidente do Reichstag que desejam tomar parte na discussão da resposta ao presidente Wilson «*afin d'exprimer la volonté unanime du peuple allemand de se defendre, si on l'y contraint*». Por outro lado, os socialistas francezes já falam em «*outrances nationales et chauvinées*».

Nada d'isto se faria, ou diria se, em vez do homem de jauctão que é o presidente Wilson, a Allemanha não encontrasse outro a quem se dirigir senão o marechal Foch. Este já lho teria dito a esta hora a palavra necessaria, e a esta hora a guerra já teria acabado, ou recommçado.

PARIS, 20 DE OUTUBRO

O Leotte do Rego telefona noticias de Portugal. Más, pessimas, diz elle. Duzentos e cincoenta republicanos presos e entre estes os officiaes conhecidos pelas suas idéas republicanas — o tenente coronel Sá Cardoso, o major André Brun e outros. O Sidonio passeia pelas ruas de Lisboa, aclamado pelos thalassas. Excelente ! A razão não inspira os portuguezes e só a paixão os inspira. Vamos a ver se este primeiro mallogro do quo ainda resta de generoso em Portugal desencadeia a paixão e as suas furias. Depois da abortada tentativa revolucionaria de 28 de janeiro do 1908, veio o regicidio e, mais tarde, a Republica. E' possivel que a Republica venha outra vez através da mesma evolução. Entretanto que espectaculo desolador o d'este povo quo ainda se debate na servidão, no momento

mais deslumbrante da historia da liberdade do mundo. Os jornaes de Paris não dizem a respeito d'estes acontecimentos uma só palavra, mas alguém do Quai d'Orsay fez saber a Leotte do Rego que a Legação de França em Lisboa informa que o paiz está em plena anarchia. Esta obra é inteiramente allemã. Este povo peçonhento passou por nós a sua baba, como a passou pela Russia, e deixou-nos o corpo numa chaga. Entretanto, as responsabilidades dos Alliados e em especial as da Inglaterra no caso de Portugal, não poderão nunca deixar de ser lembradas quando se fizer a historia do que ali se está passando. Foram as sympathias tão inopportuna-mente demonstradas pela Inglaterra em favor da aventura de 5 de dezembro, foi a indiferença da França, foi o desinteresse das outras nações que lhe deram força e á opinião que a tem secundado. Para que ella já tivesse cessado, bastava que os governos alliados fossem mais reservados e prudentes nas suas manifestações. Mas quê! A Inglaterra aproveitou o ensejo de ter sido derrubada a situação politica que levou Portugal á guerra para elevar á cathegoria de embaixada a legação ingleza em Lisboa, dando assim á nova situação um testemunho directo de sympathia que attingiu em pleno peito os unicos amigos dos Alliados em Portugal; o governo da Republica Franceza, que nunca se lembrou de que o novo anniversario nacional passava a 5 de outubro, lembrou-se d'isso o outro dia, para por esse motivo felicitar a Republica Portugueza na pessoa de Sidonio Paes. Os Estados Unidos, onde somos hoje, como fomos sempre representados por um reaccionario, não sabe o que se passa em Portugal

e, a cada telegramma de Sidonio Paes, o excellento sr. Wilson responde com as mais affectuosas mensagens. Os outros Alliados marcham com estes. Que novas responsabilidades tem a diplomacia europeia nesta horrenda *duperie*? Não o sei. Aquellas que já se apuraram no decurso d'esta guerra, no caso de outras nações, não são pequenas. Ha porém quem as tenha maiores e mais directas: são os homens da Republica proscriptos que ha cerca de um anno saneccionam com o seu silencio esta abominavel situação. Agora mesmo aeabo de saber que Affonso Costa está em Paris e se hospedou no Hotel Meurice. Ah! este homem não o entendo! A que pensamento obedece elle aceitando esta situação de vencido que não encontra nada quo dizer á sua derrota? No entanto aceitou-a. Antigo presidente do Conselho, antigo ministro da Justiça, antigo ministro das Finanças, chefe do mais numeroso partido da Republica, chefe da situação politica que promoveu e organisou a participação de Portugal na guerra, este homem tinha o direito e tinha o dever de falar. A sua situação dava-lho uma grande autoridade. As suas palavras podiam ter um peso definitivo nos destinos da Republica e do paiz. Assim o têm feito os homens do ministerio Bratiano: os Jonescos, os Antonescos e todos os estadistas romenos vencidos pela reacção germanofila dos Carp e dos Marghiloman. Assim o fez Venizelos nas horas angustiosas da reacção constantiniana. Em presença dos manejos germanofilos nos seus paizes, estes homens não hesitaram um momento em dizer a verdade á Europa. Este cala-se, reduz-se a um silencio sisthema-

tico e — o que é mais singular ainda — não procura sequer approximar-se dos que cá fora partilham com elle a proscricção. Não parece um homem d'estado, um patriota, um cidadão: parece um jogador que perdeu e volta para casa de orelha murcha, protestando que não voltará a jogar. Os homens da Republica que ficaram em Portugal, esses dão então á democracia portugueza um exemplo de fraqueza moral que é de abalar a fé mais robusta nos nossos destinos. Nenhum dos que a serviam, nesses logares que lhes tinham dado como recompensa da sua dedicação, teve a hombridade de a abandonar e assim esses homens ficaram servindo um Estado que é a negação do Estado republicano e a negação d'elles mesmos, sujeitos á sua disciplina, sujeitos á sua oppressão, como mercenarios que a tudo se sujeitam para ganharem o seu pão. Lá está o Fernandes Costa na direcção da Junta, lá está o José Barbosa na direcção do Conselho Superior, lá está o Innocencio Camacho na direcção do Banco de Portugal. O republicano A. de Vasconcellos representa a Republica do Sidonio em Londres, o republicano Eusebio Leão representa-a em Roma, o republicano Duarte Leite, o austero Duarte Leite, personificação do homem de principios, representa-a no Brazil. Os membros do governo democratico deposto tinham os seus logares e guardaram-nos. O A. Soares, ministro dos Negocios Estrangeiros, voltou a occupar o seu antigo logar de ajudante do Procurador da Republica e lá vae pontualmente á sua repartição. Quem é o seu chefe? O ministro da Justiça ou o secretario da Justiça, como se diz na nomenclatura adoptada pela administração de

Sidonio. Que elle o mande chamar, que Sidonio se lembre de o mandar chamar, para lhe dar uma ordem, e elle lá irá recebê-la, com o seu frack bem abotoado e o seu chapéu na mão. Os proprios amigos do Affonso Costa não mostraram mais hombridade. O seu grande amigo Germano Martins continua a ser o director geral do Ministerio da Justiça e a este ministerio continuam a ir pontualmente levantar o ponto todos aquelles que elle lá metteu, com grande escandalo da opinião, quando a Republica se implantou. O proprio Affonso Costa não teve a hombridade de abandonar — gesto facil! — o seu logar de professor da Universidade de Lisboa, o que o colloca na contingencia de sollicitar successivas licenças do Estado, para o não perder. Os membros do Parlamento dissolvido deram por findo o seu mandato. Quando Luiz Napoleão deu o seu famoso golpe d'estado, Hugo e os seus amigos do Parlamento francez andaram de mansarda em mansarda, fugidos á policia, rabiscando manifestos febris que elles mesmos iam collar de noite pelas esquinas de Paris através de mil riscos. Em Portugal, a força moral dos homens baixa como a columna de um thermometro que esfria. A dictadura Pimenta de Castro ainda deu logar a um gesto altivo que foi a reunião da Camara dissolvida no palacio da Mitra. Agora nada d'isso houve! — nada! Consummado o attentado, consummado o crime no meio de clamorosos gritos de: — Abaixo a guerra! cada um recolheu ao egoismo do interesse privado virando as costas á Republica.

Como é que, em presença de um espectáculo d'estes, ainda ha em Portugal quem faça novos sacrificios pela

Republica como esses generosos homens que acabam de ser vencidos pelos pretorianos do Sidonio ó que eu não sei. Se a Republica ainda é amada até este ponto em Portugal só o pode ser como uma abstracção e por naturezas misticas. A conduta dos homens que a dizem personificar não inspira dedicações. O Sidonio Paes e a sua aventura mais uma vez vieram pôr á prova o character das classes dirigentes em Portugal e mais uma vez, como sempre no decurso do nosso longo periodo de decadencia, desde D. João IV até D. Manuel II, ellas se mostraram muito abaixo da nação. Nas classes dirigentes de Portugal encontra-se gente capaz de tudo, raramente de grandes acções.

PARIS, 22 DE OUTUBRO

O quo se passou em Portugal foi com effeito a revolução que ha tanto tempo era annunciada como inevitavel e ha tanto tempo nos era promettida, como devendo ser o fim de tantas vergonhas, a reparação de tantos ultrages, o termo de tantos tormentos. Falhou! Em Coimbra, em Evora, em Penafiel ainda houve quem mais uma vez se batesse pela Republica. No Porto a tentativa abortou e no resto do paiz, como dizem os telegrammas sollicitos de todos os commandantes militares de l'ortugal — «ha socego». Em Coimbra, em Evora, dois coroneis puzeram-se á frente do movimento. Quem são estes coroneis que não estão na lista do partido republicano e que eu não conheço? Quem são, na sociedade portugueza, estes dois homens raros que, quasi chegados ao fim da sua carreira na

idade da commodidade o do egoismo, não hesitam em pôr o seu destino na balança do destino commum? Quem são estes dois inesperados lusitanos? Quem são estes dois heroes? Veneida a tentativa revoluccionaria o que vae succeder? Vae succeder o que succede sempre em Portugal. A corda vae ser esticada até rebentar. Entretanto, a impudento mentira continua. «A *Situação* de hontem — eserevo a *Manhã* — (14-10-18) dizia que vam ser enviados em breve reforços de tropas portuguezas para França.» Dois dias depois lia-se no *Seculo* (16-10-18): «Um transporte de guerra que entrou hontem no Tejo trouxe para Lisboa oito officiaes, einoenta e quatro sargentos o quinhentos e quinze soldados do exereito portuguez, vindos da guerra, necessitando apenas eino d'elles transporte espeecial, por virem doentes.» Não sei já em que conta isto vae!

PARIS, 23 DE OUTUBRO

A resposta da Allemanha veio. E' um documento de uma baixeza sem exemplo, mas como era de esperar não resolvo nada. Diz-se agora que o presidente Wilson não lho responde mais. E' um modo do emendar a mão, mas é sempre mau ter de emendar a mão. A Allemanha estaria numa situação desesperada so o presidente Wilson não existisse, ou pelo menos se não existissem as suas quatorze proposições. Entretanto o objectivo allemão vao sendo attingido. A imagem consoladora da paz abriu por um momento as suas azas sobre a humanidade e fez palpar de esperança milhões d'almas. Vae esta radiosa visão de felieidade univer-

sal desvanecer-se e vam outra vez milhões de almas recahir nas agonias da guerra? Agora é como se uma nova guerra começasse. A Allemanha está procurando jogar com este sentimento — coisa infame! — e então, mais do que nunca se reconhece a necessidade de aniquilar um povo assim. Não é já o seu despotismo, não é já a sua violencia, a sua brutalidade, a sua deshumanidade que inquietam: é a sua hipocrisia. Uma Allemanha de falsaries é maior perigo social do que uma Allemanha de guerreiros barbares. Este paiz quer terminar a guerra como a começou — por um acto de perfidia. Resta saber se os povos que estão conseguindo vencê-la no dominio material, conseguirão esmagá-la no dominio moral e impor á sua falsidade a força da sinceridade. O combate que se vae dar é o de S. Miguel contra o Dragão.

O Visconde da Ribeira Brava foi assassinado numa rua de Lisboa, por onde passava, levado para a Torre de S. Julião da Barra no meio d'outros preses. Para se consummar este crime, urdiu-se uma trama policial, como aquella de que se serviram es inimigos do presidente Madero, para se desembaraçarem d'elle no Mexico. A versão policial (correm varias) foi que o visconde da Ribeira Brava disparara um tiro de pistola. Para quê? A leva de presos em que elle ia (os jornaes chamam-lhe «leva») era composta de duzentos e cincoenta individuos e a escolta numerosa e armada de carabinas. No momento em que o visconde da Ribeira Brava disparou o tiro de pistola que lhe attribuem, estabeleceu-se confusão e a escolta fez foga contra es duzentos e cincoenta preses que fugiam es-

pavoridos em todas as direcções. Sete cahiram logo mortos. Um d'elles foi, está elaro, o visconde da Ribeira Brava. Este crime abominavel não suscitou a nenhum dos torpes pasquins portuguezes que neste momento me chegam ás mãos uma palavra de reparo. Nem o facto sequer de se fuzillarem presos politicos em massa, lhes arranca essa palavra. O jornal *A Manhã*, esse então é sacrilego, e na mesma impassivel noticia em que dá conta d'este attentado infame, dá «sentidos pesames á senhora viscondessa da Ribeira Brava!»

Esta tarde fui á minha antiga casa da avenida Kleber proseguir nos preparativos da minha mudança para o cochicho que arranjamos em Passy. Atravez dos vidros das janellas, já desguarnecidos de cortinas, vi apearem-se de um automovel três officiaes portuguezes acompanhados por Homem Christo Filho e vi-os encaminharem-se para a Legação. Isto mostrou-me melhor a situação de Portugal do que tudo o que eu possa ler, ou me possam contar. E' a degradação.

PARIS, 24 DE OUTUBRO

Afinal o presidente Wilson sempre respondeu á nota allemã. Agora procura emendar o erro que praticou accitando intervir no pedido de armisticio e devolve a resolução d'este assumpto para o que elle chama — «os conselheiros militares». Era o que deveria ter feito desde logo. Quer tornar mais claras as confusas idéas que enunciou nas suas primciras notas sobre a incapacidade moral da Allemanha imperial para concluir a

paz e cae numa como que vaga recriminação sobre a má fé dos governos allemães e a impossibilidade em que os Alliados se encontram de se fiar na sua palavra. Finalmente declara que o armisticio só poderá ser accẽite pelos Alliados com a condição de ser uma capitulação — coisa absurda, pois um armisticio foi sempre uma suspensão de armas. Esta nota annulla as outras e tem o ar de ser a ultima palavra de uma controversia que nunca deveria ter começado. Tem-se a impressão de que o presidente Wilson a escreveu sob a influencia da leitura dos jornaes da Europa e depois de ter reconsiderado, ou reconhecido que enveredou por um mau caminho. E' mal escripta, como tudo o que lhe tem sahido da penna, num estilo que ora é cordato, ora brutal. As palavras têm um peso em quilates como as pedras preciosas. O presidente Wilson não tem o sentimento d'esse peso: ao lado de expressões leves como pennas, colloca expressões pesadas como calhaus. Não é a linguagem de um homem habil ou astuto: é a lingua de um desastrado e eu pergunto a mim mesmo porque é que os jornaes de Paris já elevam este homem, que tão mediocrementemente se está conduzindo e que só tem a recommendá-lo a grande nação que representa, ás culminancias espirituaes em que pairam as figuras de Solon e de Lycurgo. Os documentos que o presidente Wilson produziu antes da entrada da America na guerra já não abonavam muito a sua capacidade politica. Ainda está na lembrança de todos aquelle em que elle se apresentava aos olhos do mundo como um neutralista intransigente e perguntava á Europa porque é que ella se batia. A sua pouco feliz intervenção

na questão da paz não está destinada, parece-me, a engrandecê-lo illimitadamente. O que pode ainda salvá-lo de uma situação embaraçosa para o seu prestigio é que o que resta do orgulho allemão, ou pelo menos do orgulho imperial, desabe subitamente. E' o que se vae ver. Entretanto o pavor com que foram aeollhidas as primeiras notas do presidente faltou a esta, e já os jornaes, receiosos de que a eonfusa eontroverisia se eternise, gritam impaeientes, como o *Paris Midi* d'esta tarde, que basta de litteratura «excellent litterature politique eertes, mais litterature vaine», o que já é simptoma de que o prestigio do sr. Wilson está soffrendo uma depreeciação.

Decididamente, a Inglaterra não está disposta a restituir as colonias allemãs á Allemanha. Eis aqui o que hontem disse em Londres o ministro dos Negoeios Estrangeiros Balfour :

«J'ai longtemps réfléchi à cette question et je n'y vois pas d'autre réponse que celle que tous ici feraient, j'en suis convaincu, à l'unanimité, à savoir qu'en aucun cas il ne serait conforme à la sécurité, à l'unité et au salut de l'empire britannique de rendre ses colonies à l'Allemagne.»

Sobre esta questão a Allemanha não pronunciou ainda uma palavra. Reserva-se para o fim, como um jogador que suppõe ter uma carta boa num mau jogo. A Allemanha imperial, parece-me, prepara-se para aceitar a situação de vencida, nos termos que lhe são impostos pelos Alliados, em troea da restituição das

suas colonias africanas. E' isto uma boa carta? Não é má, porque é difficil acreditar que a guerra se prolongue sobre a base de uma questão de colonias; mas por outro lado, a Inglaterra será intransigente a este respeito...

Deu-se hoje um acontecimento quasi feliz na minha vida. Vendi uma parte dos meus moveis e, como a guerra os valorizou, foram alguns milhares de fraueos que me entraram em casa. Oh! poucos! Muito poucos! Dez mil talvez; mas já minha mulher diz que vamos passar um inverno tranquillo.

PARIS, 25 DE OUTUBRO

Os jornaes inglezes e francezes felicitam-se por que a resposta do presidente Wilson tenha posto um termo á controversia entre este e a Allemanha. Não é caso para menos. Os jornaes da tarde dizem que em Berlim uma multidão enorme reeebeu Liebknecht á sahida da prisão fazendo-lhe uma estrondosa manifestação, pedindo a abdicação de Guilherme II e o estabelecimento da Republica. O parlamento inglez approvou por grande maioria uma resolução concedendo o voto ás mulheres. A grandes coizas estamos assistindo. Felizmente não têm chegado jornaes de Lisboa.

PARIS, 26 DE OUTUBRO

A primeira entrada de Portugal na scena politica da guerra foi pela porta da Conferencia parlamentar interalliada. Elle trouxe a Paris os primeiros parlamentares

da Republica ; elle os levou a Roma. Isto deu logar a discursos em reuniões e banquetes, em que Portugal pela primeira vez appareceu. Em Roma mesmo, Portugal teve a honra de ser citado no discurso inaugural das sessões do Comité, pelo presidente Tittoni, como um dos mais uteis collaboradores da Conferencia. Pela terceira vez se reuniu o Comité, agora em Londres, mas d'esta vez Portugal faltou. Ao saudar os conferentes, o rei Jorge citou e saudou todos os Alliados, excepto Portugal, e hojo leio que no banquete offerecido ante-hontem pelo Governo Inglez aos parlamentares alliados, na galeria real da Camara dos Lords, estiveram representantes de todas as nações alliadas, excepto o de Portugal.

Hoje, andando pelo centro de Paris, notei que a bandeira portugueza desapareceu dos novos trofeus.

Os jornaes de Lisboa, os que sobrevivem em Portugal a todas as derrotas da Liberdade, o *Seculo*, o *Diario de Noticias* etc., occupam-se do movimento revolucionario abortado. Quando digo occupam-se, quero dizer que fazem aquella habitual ennumeração de pequenos factos, com que a nossa imprensa satisfaz as curiosidades e necessidades intellectuaes do seu publico. Entre outros pequenos factos, encontro este, relatado pelo *Seculo*, numa correspondencia de Alcobça :

«Esta madrugada um grupo de sargentos e praças do regimento de artilharia aqui aquartelado assaltou o Centro Republicano, cuja existencia data ainda do tempo da monarchia, inutilizando todo o mobiliario, partindo os vidros e rasgando os retratos de alguns

vultos republicanos de maior destaque, arrombando as vitrines da bibliotheca e deitando os livros ao chão o levando o dinheiro que encontraram, na importancia de algumas dezenas de escudos».

Houve um tempo em que nós attribuíamos á monarchia todos os males do paiz, assim aquelles de que soffria a politica, como aquelles de que enfermava a sociedade. Parece-me que é tempo de começar a attribui-las ao paiz mesmo. Depois do massaere da rua do Ferregial e do assassinio do visconde da Ribeira Brava, o *Seculo* entrou a ter medo de que aquillo acabe mal, diz que basta de sangue, pede que se acalmem as paixões. O que ha de perigoso no homem não são as suas paixões: é a sua hipocrisia. O Guerra Junqueiro diz que ha um fundo de vilania no caracter portuguez. Estamos a mostrá-lo. O que me surprehende no apuramento das responsabilidades da ultima tentativa revolucionaria é ver que os homens da Republica e espcialmente os demoeraticos não apparecem envolvidos nella. Prenderam o José de Castro, homem inoffensivo, mas a grande maioria dos homens que compõem o partido do A. Costa não foi incommodada, como lá dizem. Em Portugal soffrer por uma causa é «ser incommodado». Tambem foi preso o Alvaro Poppo. Merece essa honra, porque é uma nobre alma. O Affonso Costa, creio, continua no Meurice. Com os jornaes portuguezes veio-me um *halo* de tristeza. Começo a perguntar a mim mesmo se o nosso paiz definitivamente falhou e se não ha nada mais a esperar d'elle. O que desconcerta a minha razão é que

a Republica ainda exista, porque não ha nada mais absurdo.

Entretanto a desagregação do imperio germanico deve estar-se fazendo a esta hora. Da antiga monarchia dualista já pouco resta, e se dermos credito ás noticias que vêm de Berlim, ora pela Hollanda, ora pela Suissa, o occaso da dinastia dos Hohenzollern deve ter começado. «Na Allemanha, diz um correspondente hollandez do *Times*, o que se pede agora em toda a parte ó que a forma de governo monarchico seja substituida pelo regimen republicano. Os democratas, os socialistas e os independentes realisam grandes meetings aos quaes assistem multidões enormes e quo são seguidos de grandes manifestações nas ruas.» Não era isto o quo Sidonio Paes esperava e esperava outra coisa. Esperava a offensiva triunfante, a tomada de Paris e a paz imposta pelos allemães. Reservava-se talvez para fazer a paz com a Allemanha em condições extremamente benevolas. Não tinha sido elle o autor do movimento de 5 de dezembro, que escorraçara a Republica que apprehendeu os navios da Allemanha e expulsou os allemães de Portugal? Não fôra elle que pozera termo ao esforço militar de Portugal, fazendo cessar toda a preparação militar e não consentindo que um soldado mais partisse para França? E por outro lado não fôra elle, em Portugal, o alliado surdo da Allemanha? Não fizera recolher ao paiz os seus agentes banidos e não lhes dera cargos de confiança? Não fechara os olhos a que os allemães expulsos de Lisboa viessem a Portugal tratar dos seus negocios? Graças a esta situação, Sidonio Paes reservava-se em Portugal um grande papel

para depois da guerra. O esperado desastre dos Allidos seria a justificação da sua obra. O triumpho allemão, seria o seu. Finda a guerra pelo triumpho allemão, a Allemanha trataria com o Portugal do Sidonio como tratou com a Romenia dos Carps e dos Marghiloman. Os autores da intervenção de Portugal na guerra appareceriam então aos olhos da nação como verdadeiros criminosos. Em vez d'isto, o quo veio foi a derrota da Allemanha, mas eu não creio que por este facto o Sidonio Pacs esteja muito desconcertado. A nação parece mostrar uma tal incomprehensão do que se está passando dentro d'ella e fóra d'ella que eu não vejo meio de acabar com esta personalidade monstruosa da nossa historia, senão atirando-a por uma janella fóra. Estes actos poreem não são o resultado de *complots* de caserna: são grandes movimentos de colera popular e eu não vejo que o nosso povo seja capaz de os ter. As nossas ultimas revoluções desde 1910 têm tido o caracter de insubordinações militares, bem succedidas umas, mal succedidas outras, nenhuma d'ellas acompanhadas de manifestações viris da vontade popular. Depois do 5 de Outubro, o povo de Lisboa dava vivas á Municipal; depois do 14 de maio, dava vivas ao Brito Camacho. As revoluções do seculo XIX, em França, foram feitas sem tropa, e só com povo que começou por se bater contra ella. Assim se fez 1830, assim so fez 1848. A palavra revolução não tem no Portugal moderno o significado de um levantamento publico. Sem que a tropa sáia, ninguem se mexe. Ora, neste momento, a tropa, que tomou medo á guerra, não tem interesse em sahir, e aqui é que está o ponto grave da situação.

O grande alliado do Sidonio é a cobardia nacional. Nós pedimos aos portuguezes idealismo, heroismo, espirito de sacrificio. Enganámo-nos lastimavelmente.

PARIS, 28 DE OUTUBRO

A noticia de que a Austria pede o armisticio immediato e a paz separada não se traduziu em Paris por nenhuma forma de regosijo exterior. Toda a gente lê avidamente os jornaes, mas é tudo. Mademoiselle Bon-temps, que veio hoje ver-nos, está surprehendida com a queda subita da Allemanha e da Austria e o seu sentimento é o da maioria dos francezes. Este povo não comprehende os allemães, como os allemães não o comprehenderam a elle. As suas duas mentalidades differentes consideram-se espavoridas.

PARIS, 29 DE OUTUBRO

Jornaes de Lisboa. A mentira continua eom a eollaboração de todos. Proeura-se a todo o transe dar a impressão de que Portugal sobrevive ao desastre de 5 de dezembro e continua a ter um papel politico e militar na guerra. A toda a largura da primeira pagina do *Seculo* leio estes dizeres: *Douglas Haig fax justiça e presta homenagem ao esforço portuguez* (23-10-18). Vou ver o que é. E' (se o é, porque todas as falsidades são possiveis da parte d'esta gente) uma referencia feita num despacho de Douglas Haig á acção das tropas portuguezas, *antes de 9 de abril*. Onde foi publicado este despacho? Na *Gazeta de Londres* diz o Se-

culo. Que gazeta é esta? Entretanto (e é isso o effeito quo so deseja produzir) a *manchette* do *Seculo* vae persuadir muito pobre diabo em Portugal de quo as tropas portuguezas se estão batendo em França o o seu esforço está sendo muito apreciado, o quo vae tapando a bocca aos que por lá andam a dizer que tal esforço cessou. Esta mentira é porem tão instavel, tão mal edificada, tão contradictada pelos proprios factos que, ao mesmo tempo que o *Seculo* afirma que o esforço portuguez está sendo objecto de homenagens, o *Diario de Noticias* informa que elle vao completamente cessar. Com effeito circula aqui o que leio no numero do dia 24 d'este jornal:

«C. E. P.

Consta quo serão em breve repatriadas parto das nossas forças quo ainda estão combatendo em França o quo se encontram depauperadas pelo clima (*sic*) o ferimentos, e que serão substituidas por outras idas do Portugal, activando-se as negociações para a nova reorganização do Corpo Expedicionario de Portugal em França.»

E' preciso alem d'isso fazer acreditar que, a par do seu esforço militar, Portugal continua a ter o papel politico que lho foi reconhecido depois da sua entrada na guerra, quo tem o seu logar marcado nos conclaves dos Alliados o quo ali continua a apparecer e mais uma vez se mente, mas de que forma! No mesmo numero em que annuncia que Portugal foi representado na ultima Conferencia Interparlamentar, realizada em

Londres, pelo seu ministro Augusto de Vasconcellos, a *Manhã* (24-10-18) noticia quo Augusto do Vasconcellos, que está em Lisboa, regressa nesse dia ao seu posto :

«Na ultima Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio, realizada em Londres, e onde o ministro de Portugal naquella cidade, sr. dr. Augusto de Vasconcellos, compareceu como representante do Governo portuguez, foi deliborado, etc.»

«O sr. dr. Augusto de Vasconcellos, ministro de Portugal em Londres, quo hoje regressa ao seu posto, conferenciou hontem com o secretario de Estado do Interior».

O banquete offerecido pelo Governo Inglez aos membros da Conferencia realizou-se precisamente no dia om que, segundo esse jornal, A. de Vasconcellos deveria partir para Londres. Não partiu nesse dia. A 28 jantava elle com o presidente da Republica. informa o *Seculo* nos seus *Echos da sociedade*. Assim não se abro um jornal portuguez quo se não leiam torpezas.

PARIS. 30 DE OUTUBRO

Appareceu-me hoje no hotel o J. M., antigo republicano. Depois da Republica anichou-so nas Finanças. Depois da guerra mobilisaram-no... como empregado das Finanças e para cá veio, dentro de um uniforme, pagar ás tropas. Depois de verificar que a sua visita

não tinha nenhum objectivo concreto aproveitei o ensejo para mo informar com precisão sobre a situação actual das tropas portuguezas em França. Antes porem do me dizer qual ella era, J. M. contou-me a offensiva de 9 d'abril tal qual elle a viu da janella de uma casa em que se encontrava, numa localidade que se chama, creio, Mametz. Oh! o que elle viu foi pouca coisa, mas esse pouco amargurou-me ouvir-lho contar. Nessa manhã, diz elle, começou a ver passar tropas portuguezas, num certo tropel mas ainda debaixo de forma, e como se encontrava bastante longe da linha de fogo e não tinha ainda ouvido falar na offensiva, suppoz tratar-se de forças que eram rendidas e recolhiam á rectaguarda a descançar. Pela tarde, porem, e encontrando-se ainda na mesma casa, alguém lhe chamou a attenção para novos portuguezes que passavam. Chegando á janella, viu então passarem em verdadeira debandada grupos e grupos de soldados, sem armas, uns a pé e descalços, outros cavalgando muares que arrastavam os tirantes soltos pela estrada. Nenhum official os acompanhava. Um official que se encontrara em Mametz procurou reunir alguns, pôr alguma ordem naquillo. Até á noite, os bandos de soldados desarmados não cessaram de passar, em plena derrota. Pedi-lhe outras informações. Como se dera aquillo? Como se explica que as tropas de segunda linha não accudissem em soccorro da primeira? Elle então respondeu soturnamente: — Fugiram! Fugiu tudo. Mas não estava previsto o ataque? Não tinham sido tomadas precauções? Elle então oncolheu os hombros, disse que as tropas estavam desmoralizadas e que cra corrente na trincheira que se

houvesse um ataque forte fugia tudo. Entre os soldados circulavam trovas infames. Uma d'ellas dizia:

Nesta vida de *cavanço*
A cavar como se vê,
Se o Boche faz um avanço
Foge todo o C. E. P.

Sobre a situação actual das tropas portuguezas confirma as allusões que tenho lido nalguns jornaes de Lisboa a esse respeito. Foram retiradas da linha do combate e encontram-se disseminadas na rectaguarda a fazer trabalhos de *terrassements*, como os annamitas. A este respeito conta que um official francez das suas relações, ao ter conhecimento de que o general Garcia Rosado vinha tomar o commando d'esta gente, tivera esta observação: — *Que vient-il faire ce général? Commander des terrassiers?* De resto, acrescenta, não ha nada a fazer d'estes soldados. Depois que tiveram conhecimento do decreto do *roulement*, entraram a persuadir-se de que a guerra acabara para elles, de que se iam todos embora, e não pensam senão nisso. Os casos de indisciplina começaram a tornar-se então tão frequentes, que foi preciso crear um deposito disciplinar, em Noex-Lemine, entre Bethune e Lens. Este deposito tem actualmente mais de dois mil soldados. Finalmento referiu-me que ha oito dias dois batalhões do Alemtejo se insubordinaram, sendo necessario empregar metralhadoras para os metter na ordem. Da organização do Corpo Expedicionario não ha senão vestigios administrativos. Para esse effeito ainda ha divisões, mas na realidade as duas divisões desapare-

ceram e o que resta são brigadas. Quantos homens ao todo? Segundo elle, ainda estão em França uns vinte e cinco a trinta mil. Levanto as mãos ao ceu. Trinta mil homens! O pessoal da artilheria ainda ó aproveitado, mas em que condições! Aquilo a que poderíamos chamar a artilheria portugueza anda disperso pelas unidades inglezas, a tal ponto que elle, J. M., encontrou uma peça servida por portuguezes no meio de uma bateria canadiana. Fatigado de o ouvir contar estes horrores, sem commoção e sem indignação, perguntei-lhe o que pensavam d'esta atroz situação os officiaes portuguezes que ainda se encontravam em França. Respondeu-me: — Estão desolados! Só? A sua impressão ó a de que a nossa intervenção na guerra acabou por um desastre. Diz que o culpado ó o Brito Camacho. Nesta guerra houve da nossa parte erros e crimes. Entre os que praticaram crimes o maior criminoso foi com effeito este. Era uma hora da tarde quando J. M. se retirou. Eu ia sahir. Não ha muito tempo ainda, convidá-lo-ia a sahir comigo. Neste momento não tenho prazer algum em me mostrar em publico com um uniforme portuguez a meu lado. Chegamos a esta atrocissima situação. Elle de resto, por sua vez, não creio estivesse muito interessado em ser visto a meu lado. No decurso da nossa conversação perguntou-me inquieto se um individuo que folheava illustrações na sala do hotel era um portuguez e só proseguiu depois de eu o tranquillisar a este respeito, e ao despedir-se pediu-me não dissesse que tinha estado com elle, porque — accrescentou — viera a Paris de fugida. Assim, cobardia em toda a linha — até moral! Passei

um dia desesperado. A' tarde, o doutor Lopes mostrou-me no *Journal*, e encorporada num grupo de informações em tres linhas, a noticia seguinte :

«Quand les Alliés ont occupé Lille reconquis, un régiment portugais a partagé avec les troupes anglaises les ovations de la population.»

Outra mentira forjada em Paris para produzir o seu effeito em Portugal? Infelizmente os portuguezes não entraram em Lille. Se assim tivesse sido não seria quinze dias depois que isso se saberia : seria no dia seguinte. Que interesse teria alem d'isso o *Journal* em publicar esta noticia velha, se fôsse verdadeira, num grupo de noticias de toda a actualidade? Esta noticia é uma nova manobra. Não tardará que ella appareça nos jornaes portuguezes, já appareceu mesmo talvez a esta hora, em grandes caracteres no *Seculo*, para confusão dos que andam a dizer por lá que Portugal desapareceu da scena da guerra. Quando um dia se fizer a historia d'este abominavel caso de duplicidade que é o Portugal de Sidonio Paes, não se acreditará.

PARIS, 1 DE NOVEMBRO

Tive hoje um palpito do desastre que vae succeder a Portugal ao ler nos jornaes da manhã esta noticia :

«LA CONFÉRENCE DE VERSAILLES

La conférence interalliée a continué hier ses travaux à Versailles. En plus des personnalités dont nous avons

déjà donné les noms, le maréchal Foch a pris part aux délibérations.

M. Venizelos, président du conseil, et les ministres de Grèce, et M. Vesnitch, ministre de Serbie, remplaçant M. Pachitch, indisposé, ont également collaboré à la réunion d'hier.

Pour aujourd'hui, on a convoqué M. Paul Hymans, ministre des affaires étrangères de Belgique, et M. Matsui, ambassadeur du Japon.»

O facto de Portugal não ter sido chamado a comparecer até agora nesta conferencia, que é por assim dizer o prologomeno da conferencia da paz, diz-nos o bastante não já sobre o que é a nossa situação actual, mas sobre o que vae ser a nossa situação futura.

D'esta situação tem-se uma idéa exacta em Portugal? E' o que ainda pergunto a mim mesmo, porque ainda me não decidi a fazer ao meu paiz a injuria suprema de o suppor collaborando conscientemente na obra da sua deshonra. O que supponho mais exacto é que elle não conheça em toda a sua extensão a vergonhosa verdade. E como poderia elle realmente conhecê-la? Quem lha diz? Ao contrario, todos lha occultam, uns porque têm nisso interesse politico, outros porque têm medo de o dizer, outros ainda por hipocrisia, como por exemplo o Mayer Garção :

«Se acreditássemos, escreve elle, e para isso precisaríamos provas tão evidentes como a luz do dia, que num governo do nosso paiz, fôsse elle monarchico ou republicano, fôsse qual fôsse a sua côr politica, existia

o proposito de castigar como um crime a propaganda aliadofila, nós clamá-lo-íamos á faee do mundo inteiro, sem receio de especie alguma, porque tal proeedimento representaria uma traição á Patria. Esse caso é para nós tão grave que nunca o trataríamos de animo leve».

Elle não sabe, este valoroso democrata, que Bernardino Machado, Affonso Costa, Norton de Mattos, Leotte do Rego e eu mesmo não estamos proscriptos por outra coisa, senão por termos mostrado demasiadamente os nossos sentimentos aliadofilos. Preeceisa de provas «evidentes como a luz do dia» e não as tem. Se as tivesse clamá-lo-ia á faeo do mundo.

No meio de uma tal poeira do mentira é possível que os portuguezes não tenham ainda visto a verdade toda, em toda a sua profundidade, em toda a sua extensão, em todo o seu horror. Pelo menos é grato ainda ao meu coração suppor que isto seja assim.

Não se fala já nas quatorze proposições do presidente Wilson e até certo ponto não so fala já em Wilson. A sorte da Allemanha está sendo decidida em Versailles. A Austria desapareceu e no seu lugar o que appareem são populações revoltadas das raças que a compunham reelamando a paz e a republica. A Turquia capitulou, entregou os Dardanellos, mas o que me surprehende é a calma, a quasi indiferença do Paris. Dir-se-hia que a França esperava tudo isto e que nada do que vem vindo de inesperado, de fulminante, de espantoso lhe causa surpresa, ou commoção.

As noticias prodigiosas que vêm chegando não fazem parar duas pessoas a uma esquina. A cidade não embandeirou e o seu aspecto á noite é o mesmo aspecto tenebroso que lhe ficou das noites dos gothas, que dir-se-hia vam voltar. Entretanto a Allemanha espera a sua sentença da conferencia de Versailles, que neste momento estuda as condições do armisticio. No meio do grande desmõronamento que se produz em torno d'ella, é ella a unica nacionalidade que ainda não desabou e mantem uma fachada de orgulho. O que é que está por detraz d'isto? E' o que em breve vamos saber. A abdicação do imperador parece coisa decidida, mas a abdicação ainda é um meio de salvar a Allemanha e os allemães são capazes de tudo para sobreviver á derrota. Napoleão vencido, a Europa libertou-se de vez do seu espirito de dominação. Vencido o imperio allemão, fica ainda a Allemanha, com um espirito que não é o de um homem, mas o da propria raça. E' este perigo que a Europa liberal receia e procura conjurar. Como? Difficil problema. A unica solução que se vê é o esmagamento pelas armas.

PARIS, 2 DE NOVEMBRO

Visita do Alves da Veiga. Continua no Havro, onde exerce sempre, está claro, as funções de ministro de Portugal. Diz que se sente vexado de nos representar e que evita encontrar-se com os collegas do corpo diplomatico. De resto ha quasi trez mezes que não recebe communições officiaes de Lisboa. Aquillo (aquillo é Portugal) está nas mãos dos allemães. E esse Sidonio?

O que veio elle fazer ao estrangeiro, antes de se lançar na aventura do 5 de dezembro? E' esse, segundo elle, um assumpto a tirar a limpo. De resto Portugal desapareceu da scena da guerra. Lá está reunida em Versailles a conferencia dos Alliados. Portugal foi excluido. E' um desastre! E a Republica? A que estado ella chegou! Prenderam-lhe o genro, o Vasco d'Oliveira, medico, que está actualmente no *front*. — Qual *front*? pergunto eu. Elle sorri, concorda que não ha *front* algum. O que ha é uma tropa impaciente por so ir embora e cada vez mais insubordinada. Ainda ha oito dias foi preciso mettê-los na ordem á metralhadora. Um desastre! Um desastre! Diz tudo isto com a sua cerrada pronuncia transmontana, de perna cruzada, mostrando o bico da bota aperaltada, Quando elle se retirou bamboleando-se todo, com a sua velha tez cor de cacau e os seus cabellos pintados, côr de mogno, fiquei-mo tomado de um sentimento de iuexprimivel desgosto.

PARIS, 3 DE NOVEMBRO

O presidente Wilson não conseguiu contentar a Europa e parece ter descontentado a America. Taft e Roosevelt redigiram em commum e lançaram a publico um memorandum reclamando cathegoricamente a capitulação completa da Allemanha. Segundo esse documento, leio nos jornaes francezes, as famosas quatorze proposições de Wilson «*sont trop vagues et pourraient fort bien être un pretexte à d'interminables discussions.*» Por isso mesmo é que a Allemanha as acceitou. O memorandum accrescenta:

«Le président n'a pas le pouvoir de lier les Etats-Unis à ces 14 points et a encore bien moins celui d'y lier nos nobles alliés. Nous ignorons si les 14 points comprennent bien tout ce que les alliés ont justement le droit de réclamer et s'ils ne concèdent pas quoi que ce soit que les alliés peuvent fort justement refuser.»

Estas considerações estão absolutamente d'accordo com o que venho dizendo neste *Diario* a proposito da conversação entablada entre a Allemanha e o presidente Wilson.

O presidente Poincaré, dizem os jornaes d'hoje, recebeu os membros da Conferencia inter-alliada e para cada um teve uma palavra extremamente cordial. Portugal não estava lá e assim, todos os dias, se vae consummando o nosso espantoso desastre. A nossa situação é a de aliados que não souberam desempenhar o seu papel e que não têm mais direitos.

PARIS, 4 DE NOVEMBRO

Esta manhã lancei mão de uma pequena brochura que encontrei sobre uma das mesas do salão do hotel e que eontem o diseurso pronunciado na Camara dos Communs por Lloyd Georges, em 7 de agosto d'este anno. Aeabo de o ler. E' melhor do que um diseurso: é um relatorio do esforço inglez, no mar e em terra, depois d'esta guerra. E' sobrio e é cheio de eloquencia, mas é ao mesmo tempo cheio de orgulho, d'esse orgulho inglez que não desarma nem mesmo perante as consequencias de uma catastrofe provecada pelo sentimento

do orgulho. O que porém me impressionou nesse discurso foi o facto de Lloyd Georges omittir completamente o nome de Portugal nas referencias que faz aos collaboradores da Inglaterra. Cada dia que passa traz-me uma nova amargura. A Austria capitulou hoje, o que vae apressar a capitulação da Allemanha. A guerra vae acabar. Vae fazer-se a paz. E' portanto tarde, muito tarde já para remediar o desastro de Portugal, que assim se vae consummar. Entro as minhas esperanças estava a de que so a guerra so prolongasse, ainda podessemos — nós ou outros, que importava! — retomar o nosso esforço militar, reconstituir o Corpo Expedicionario, lançá-lo de novo na peleja. Agora é tarde. O que ainda poderia salvar-nos de um completo opprobrio seria que Portugal em peso se levantasse contra os scelerados que o conduziram a esta atroz situação. Sem quo isso se dê — e como esperar que se dê? — é o afundamento completo. D'esta epopeia universal em que os povos livres sahem cobertos de gloria, o nosso pobre paiz sahe coberto de lama. Fui hoje á minha antiga casa da avenida Kleber. A' porta estacionava um automovel do Corpo Expedicionario condnzido por um chanffeur portuguez. O que faz ainda esta gente aqui? Melhor fôra que desaparecessem de todo! Eu por mim escondo-me. Tenho mntas e boas relações em Paris, contrahidas durante o tempo em que aqui representei Portugal. Não me approximei mais d'ellas. Para lhes confessar o nosso desastre, o que já é vergonhoso, mas peor — para lhes confessar a nossa impotencia? O espirito claro dos francezes não comprehende a nossa suja e confusa situação. A Allemanha não pareceo de-

cidida a fazer a esperada revolução e o *Temps* d'hoje diz que a enorme maioria do povo allemão é mesmo contra a ideia da abdicção do kaiser; e se assim é, pode ufanar-se o presidente Wilson de ter provocado esta demonstração a favor da Allemanha imperial. Se esta questão não tivesse sido suscitada, a que prevalecia era o do desastre militar allemão, cujas consequências politicas internas deviam ser necessariamente desastrosas. Desde que a Allemanha fôsse levada a aceitar as condições de paz que os Alliados estão decididos a impôr-lhe, os Hohenzollern, as seitas guerreiras que os cercam e os reaccionarios do mundo politico allemão eram forçosamente arrastados na onda do grande desastre nacional. Em ultimo caso ia-se a Berlim, como os Alliados, em 1814, vieram a Paris. A idéa de propor á Allemanha o dilema — liberdade ou guerra pode dar como resultado prolongar a guerra e, embora por pouco tempo, embora por alguns dias, uma guerra que se prolonga é uma calamidade atroz. A ideologia do presidente Wilson começa a soffrer decepções. Como a mulher de Sganarello, a Allemanha quer ser batida.

PARIS, 5 DE NOVEMBRO

Esta manhã, ao abrir o *Matin*, leio :

«Nous avons pu joindre, hier soir, M. Benes, ministre des affaires étrangères du gouvernement tchéco-slovaque, au moment où il revenait de la dernière conférence de Versailles á laquelle il avait pris part.»

Assim, os tcheco-slovacos, nação que começa, governo que se constitue tem já um lugar na conferencia de Versailles, emquanto que nós, velha nação, aliado da primeira hora, ficamos de fora, esquecidos, banidos, corridos! Que fazer? Que dizer? Levantar esta dolorosa questão na imprensa franceza? Mas não seria isso atirar uma pedra para dentro de uma poça e esparrinhar de lama o paiz inteiro? Devora-me o desespero da impotencia. Os proscriptos da Republica onde estão elles? Que pensam? Que fazem? De B. Machado nunca mais tive noticias. Creio que continua á beira mar, em Heudaye. Que faz ali? De Affonso Costa ouvi dizer que está em Versailles. Leotte do Rego, depois do insuccesso da tentativa revolucionaria de 13 de outubro, nunca mais me appareceu. Quanto a Norton de Mattos nunca mais soube d'elle, depois que o deixei no Hotel da Russia, na vespera da sua partida para Inglaterra. Estes homens dispersos não procuram sequer approximar-se em espirito, tomar contacto, trocar impressões, estabelecer relações e perante a catastrophe imminente, perante a catastrophe consummada, fazer ouvir um grito commum do verdade e de indignação. Nada! Nada! Dir-se-hia que cada um abandonou a partida, renunciou, acceitou a sua derrota e a derrota do paiz como um golpe definitivo da adversidade. Assim Portugal está-se afundando á nossa vista como um barco a que não é possivel levar soccorro. Sabe ao menos o nosso pobro paiz que a hora actual ó já para elle a do naufragio? Quantas vezes o pergunto a mim mesmo, com a esperanza do que elle se apereba subitamente do immenso perigo que está correndo e procuro ainda sal-

var-se! Ha muitos dias que não ellegam jornaes do Lisboa e por outro lado a palavra *Portugal* desappareceu por completo das columnas dos jornaes de Paris. O que se pensa ali? O que se passa ali? Nada? E' horrivel pensá-lo. A Italia está em festa. O seu velho sonho é uma realidade. A bandeira italiana fluetua em Trieste e em Trento. Roma delira de alegria. Dos confins do Oriente ao mar do Norte não se ouvem senão cantos de victoria. São os servios em Belgrado, são os belgas em Gand, são os romenos na Doubroudja reconquistada, é a França emfim libertada dirigindo a ponta das espadas libertadoras para a Sambre, para a Meuse, para o Rheno. O desapparecimento de Portugal da seena d'esto espectaculo prodigioso é um facto tão cruel que não o sei exprimir. Dir-se-hia que o nosso paiz foi veneido com a Allemanha, e com effeito assim é — os scelerados que o deshonraram foram vencidos com ella. Mas que monstruosa, indefinivel, inqualificavel situação! A' tarde li no *Temps* um protesto do Conselho Nacional da União Romena contra o que elle chama a mentira hungara. Começa assim: «*Jamais l'Histoire n'a enregistré un acte d'une hypocrisie politique plus flagrante.*» Esta é a palavra que convem á abominavel mentira que se está representando no nosso paiz.

PARIS, 7 DE NOVEMBRO

Hontem, o parlamento francez celebrou já a apothese dos alliados da França. Falou-se em todos: não se falou em nós. Do resto é de toda a evidencia que existe o proposito de occultar o caso de Portugal, como

um caso triste que é, uma nota discordante no concerto da victoria. A Servia está em plena gloria. Eis aqui no entanto uma pequena nação, hoje grande pelas suas virtudes cívicas, da qual o seu ministro em Paris me dizia em setembro de 1914, em Bordeus: — Houve um momento em que vi a Servia riseada da lista das nações! Referia-se elle ao drama de Belgrado e ao assassinio da rainha Draga. Como me é preciso desfazer de quasi tudo o que reuni na casa da avenida Kleber, fiz abrir as minhas caixas cheias de bibelots, loiças e vidros. Neste trabalho se passou o invernosso dia d'hontem, na nossa nova casa da rua Chernovitz, tão pequenina que mesmo o que me resta do meu mobiliario mal lá cabe. A um dos dois homens a quem encarreguei d'este serviço, ouvi dizer para o outro: — Et les Portugais, qu'est ce qu'ils font? O outro respondeu: — Il paraît qu'ils ne se sont pas très bien battus. Estava no corredor, ao lado. Afastei-me para não os ouvir. A minha saude não é boa. O Lopes examina-me, diz que não tenho nada. No entanto soffro, soffro de um mal que me devora e que não sei onde reside.

O presidente Wilson e as suas quatorze proposições acabaram por ser postas de lado. Elle mesmo acabou por comprehender que falara de mais e submetteu-se á logiea da situação convidando os allemães a entenderem-se com o marechal Foch. Os allemães não perderam tempo e hoje mesmo enviam ao marechal a sua delegação.

PARIS, 8 DE NOVEMBRO

Como era de prever, lá vem em grossos caracteres no *Seculo* a toda a largura da sua pagina: *Tropas portuguezas aclamadas em Lille.* — *Os nossos tomam activa parte na batalha que reconquistou aquella cidade.* Isto é seguido de um telegramma do Bettencourt Rodrigues a Sidonio Paes, que diz assim:

Paris, 25. — Tenho confirmação da noticia dada pela imprensa franceza de que as tropas portuguezas de infantaria entraram, aclamadas, com o exercito inglez, na cidade de Lille, reconquistada. Dois grupos de artilharia portugueza tomaram parte activa na batalha. Saudando v. ex.^a, é com a maior satisfação e orgulho patriotico quo transmito a v. ex.^a esta noticia.

Outros jornaes, como o *Diario de Noticias*, como a *Manhã* publicam este telegramma na sua segunda pagina. Nenhum quiz perguntar por que razão o paiz só tem conhecimento de semelhante facto vinte dias depois d'elle se dar (os inglezes entraram em Lille precisamente a 16 ou 17 de outubro) e sobretudo por que razão elle lho é communicado não pelo commandante do Corpo Expedicionario Portuguez, mas pelo ministro de Portugal em Paris, que d'elle soube, segundo diz, pela imprensa franceza o de que obteve confirmação, não diz como, nem por que via.

Por outro lado, nenhum d'estes jornaes quiz perguntar por que razão a entrada de tropas portuguezas em Lille não foi assinalada não digo já num commu-

nicado nosso, porque deixamos de o publicar a partir de 5 de dezembro de 1918, mas pelo menos no communiado britanico, por que razão a imprensa franceza foi por sua vez muda a este respeito, ou quaes os jornaes que se reforiram á entrada de tropas portuguezas em Lille e em que termos o fizeram.

Nenhum d'esses jornaes quiz fazer estas perguntas, porque todos elles estão empenhados em collaborar na dissimulação da verdade.

Entretanto, como ella salta aos olhos! A repatriação do Corpo Expedicionario continúa. No dia 28 do mez passado, chegaram a Lisboa mais 1427. «Vieram docentes, mas *de molestias communs*, informa o *Seculo* de 29—153.» E accrescenta: «Os licenciados, em numero do 1239 e cujo aspecto era magnifico, seguiram para o deposito de adidos, ás Janellas Verdes, mas como pertençam a unidades aquartelladas no norte do paiz, sahiram d'ali, hontem mesmo, seguindo para o Porto em comboio especial.» Estes soldados «de aspecto magnifico» são os mesmos de quem uma nota publicada ha dias no *Diário de Noticias* dizia que iam ser repatriados, por se encontrarem «depauperados pelo clima», e o que é singular é que neste momento em que os barcos faltam para as mais urgentes necessidades da guerra, não têm faltado para a repatriação das tropas portuguezas. Alguns jornaes de Lisboa informaram a este respeito que a repatriação d'estas tropas tem sido feita em navios hospitaes. Logo porem uma nota officiosa, que encontro no *Seculo* de 30 do mez passado, o vicio desmentir, affirmando que as tropas portuguezas têm sido conduzidas em transportes inglezes. No en-

tanto, ao ter de explicar-se na Camara, sobre o facto de não serem enviadas mais tropas para França, o secretario d'Estado da Guerra Amilcar Motta dizia que a Inglaterra não podia dispôr de transportes. Sidonio Paes está, como se pode prever, transbordando de alegria com a derrocada da Allemanha. Pelo menos é obrigado a manifestá-la. Eis como a manifesta. Telegramma a Poincaré: «Les nouvelles si reconfortantes qui parviennent de tous les fronts de bataille mettent en pleine lumière le triomphe des armées de la République Française contre l'envahisseur. Tous les cœurs portugais sont bien émus et enthousiasmés et vibrent en parfait accord avec ceux des Français, leurs frères d'armes en ces moments inoubliables. Je me fais l'interprète de ces sentiments près de vous, Monsieur le Président, et vous prie de croire à la sincérité avec laquelle je vous adresse mes félicitations les plus chaleureuses — Sidonio Paes.» A derrocada allemã trans-tornou-lhe a cabeça. Este documento, em que a falsidade, não sabendo já dissimular-se, tartamudeia, gagueja, diz que é sincera, é a de um homem que a perdeu como a deve ter perdido todo o Portugal reaccionario e germanofilo, e essa é a minha unica *revanche*, a minha unica satisfação moral neste momento. A queda da Allemanha, que nesta grande hora so está consummando, arrasta a dos reaccionarios do mundo inteiro. Adeus, sonhos de dominação! Adeus povos escravizados! O sopro da liberdade passa como um tufão sobre o mundo. Lá nos ha de chegar á nossa terra bastante vento para deitar a terra o velho pardieiro do nosso passado politico.

PARIS, 9 DE NOVEMBRO

Depois de uma semana de chuva pertinaz, o dia d'hoje embandeirou de azul, para festejar, quem sabe? o fim da guerra e a victoria dos genios bons sobre os genios maus, como nas magicas da minha infancia, e este é que é o aspecto prodigioso do espectaculo a que estamos assistindo. E' quo elle como que sahe do quadro da vida, para ser por um momento do dominio das faeções deslumbrantes. Tudo nelle *tient du prodige*, até a sua instautaneidade. Quem nos diria ainda ha dois mezes que este fim de outono veria a França liberta, a Allemanha vencida, a Austria desmautelada, os Alliados em Constantinopla, os servios em Belgrado, os italianos em Trieste, a esquadra allemã em revolta, e os parlamentarios allemães no quartel general de Foch, ouvindo ler, de pé, as eondições do armisticio e da capitulação, emquanto que em Spa, á sombra do que foi, o kaiser se prepara para desappareeer da seena do mundo? Era assim que o Diabo, nas magicas d'outr'ora, depois de ter espalhado o mal durante eino longos actos, desapparecia subitamente por um alcapão, entre labaredas e fumos do inferno. E nada falta a este quinto acto, nem a palavra quo remata a victoria do bem sobre o mal. Hontem, no Senado, Clemenceau, acclamado libertador da França, afastando docemente os braços que á porfia o queriam abraçar, dizia eom a voz estrangulada pela commoção: — *Maintenant, messieurs, permettez que je retourne à mes devoirs*. Tem-se a impressão de que vimos de assistir a um longo melodrama, que acabou bem. Como numa apothese, uma

claridade deslumbrante illumina o mundo. A Polonia recupera a sua independencia. Os allemães evacuum Varsovia. Cracovia é entreguo aos polacos. Em Genebra funda-se o novo Estado yougo-slavo e as frontceiras quo separavam a Servia dos seus irmãos croatas e slovenos cahem por si num dia. Os tehco slovacos constituem a sua nacionalidade, fazem desapparecer dos seus edificios publicos e dos uniformes dos seus soldados os emblemas da servidão austro-hungara. A noticia d'esta manhã é a de que a Baviera proclamou a Republica. Entretanto chegam-me os jornaes de Lisboa, e eu leio isto: na torre de S. Julião da Barra estão mil e duzentos presos politicos. Esta situação não se traduz poreu nesses jornaes, não digo já por uma palavra de protesto, mas de surpresa sequer, como os grandes acontecimentos que estão transformando a face do mundo não lhes arrancam uma palavra de commentario. Em certos jornais, a guerra é um facto que passa para um terceiro plano. O Cunha e Costa adheriu outra vez á Republica, morreu o actor Alvaro Cabral, a falta de electricidade está causando serios prejuizos, os concertos sinfonicos do Politeama vam ser dirigidos por Vianna da Motta — eis o que preenche em grandes caracteres a primeira pagina de um numero da *Manhã* que aqui tenho presente. Dir-se-hia que ha um *mot d'ordre* para se fazer da guorra um *fait-divers* secundario. Do fundo de uma cella da Penitenciaria do Coimbra, o poeta Jaime Cortezão, ainda convalescente dos ferimentos que recebeu nas batalhas da Flandres, solta um grito de angustia: — E' esta então a Mãe-Patria?! Mas é tudo. Em rigor não ha imprensa. As folhas molles e sujas do

papel impresso que circulam em Lisboa com este nome são ajudantes de carrasco cuja função quotidiana consiste em calar todas as vozes do patriotismo e estrangular todos os gritos da liberdade estrangulada. A *Republica* e o *Mundo* destruidos pelos sicarios do Sidonio não voltaram a publicar-se. O *Norte* do Porto desappareceu. Portugal é assassinado pelos seus proprios filhos.

PARIS, 10 DE NOVEMBRO

Hontem á noite, durante o espectáculo numa salla do animatografo do bairro da Estrella, um individuo veio á bocca de scena e depois de pedir o silencio, disse:—Minhas senhoras e meus senhores: a direcção julga ser agradavel ao respeitavel publico dando-lhe a noticia, que é official, de quo o imperador da Allomanha abdicou! Imaginei que se ia produzir uma manifestação delirante. Nada d'isso. O publico quo enchia a salla poz-se do pé e applaudiu compactamente, omquanto a orchestra executava a *Marselheza*, mas foi tudo. Concluida esta demonstração, um individuo da galeria reclamou o *God save the queen*.

—O himno inglez! explicou um outro vendo que o publico não comprehendera. Mas a orchestra não executou o himno inglez, a salla recalhiu na obscuridade e o espectáculo proseguiu.

Fiquei extremamente surprehendido o perguntando a mim mesmo se o scepticismo francez, este fundo de indifferença que é hoje o fundo do seu character, por todas as coisas, o tornou absolutamente incapaz de enthusiasmo. O quo é certo é que mesmo em presença

dos acontecimentos prodigiosamente felizes que se estão produzindo, esse entusiasmo ainda não se manifestou. A grande manifestação que se prepara é a das bandeiras. Os armazens estão cheios d'ellas e faz-se cauda para as comprar por preços naturalmente exaggerados pois a lei da offerta e da procura em França não tem limites. Espera-se para hoje ou amanhã a noticia da capitulação, como consequencia da abdicação, e — emfim! — o fim da guerra. O Affonso Costa está em Paris no Hotel Mac-Mahon e escreve-me (pela primeira vez depois que se encontra em França) convidando-me para assistir ao casamento da filha, o qual deve realisar-se no Consulado de Portugal. Na carta que me dirige diz-me: «Ser-nos-hia muito grata a vossa presença (minha e do minha mulher) nessa solemnidade familiar que, tendo de realisar-se longo da patria, mais vivamente nos faz lembrar dos amigos do sempre, ainda mais certos na hora da adversidade.» Chama este homem ao immenso desastre colectivo de que somos todos victimas — a adversidade, como se o attingisse só a elle, como se me attingisse só a mim! D'esso immenso desastre eis já uma significativa manifestação. Acabo de abrir o *Temps*. Lanço os olhos ao seu grande artigo editorial. Leio — *O desenlace*. A revolução triumphou em Berlim. A guerra acabou. Eis chegada a hora da distribuição das recompensas. Nenhum sacrificio foi esteril, diz o *Temps*. E' preciso que não haja injustiças, ou esquecimentos. «*Proclamons aujourd'hui qu'aucun sacrifice n'a été stérile et qu'il n'y aura pas d'injustices, ni d'oublis.*» E passando em revista o esforço de todos, eis aqui como o enumera:

«A côté des vainqueurs qui défilèrent sous l'Arc de Triomphe, évoquons les millions d'hommes qui se sont fait tuer obscurément, et ceux qui ont l'air d'avoir donné inutilement leur vie. A côté des combattants français, britanniques et américains, qui ont soutenu les chocs les plus terribles du front occidental, faisons place aux Belges, qui n'ont jamais désespéré, aux Russes qui se sont fait faucher pendant trois ans pour obliger l'ennemi à diviser ses forces, aux Serbes qui sont tombés dans la retraite infernale de 1915, aux Tchéco-Slovaques, aux Polonais, aux Yougo-Slaves qui sont morts pour leur patrie sur une terre étrangère, aux Italiens qui se rossaisaient, sous l'avalanche, il y a un an, aux Roumains abandonnés que l'envahisseur écrasait. C'est pour eux tous que retentit aujourd'hui notre hymne national : «Le jour de gloire est arrivé...»

Belgas, servios, romenos, tcheco-slovakos, yougo-slavos, até os russos merecem a gloria do triunfo. Para nós, o esquecimento.

PARIS, 11 DE NOVEMBRO (A Paz)

Esta manhã, ás onze e meia, tiros longinquos de canhão, gritos nas ruas, janellas que se abrem. O dia está coberto, mas não chove e não faz frio. Pelos Campos Eliseos, de que vejo uma nesga, passam á dosfilada pesados camions, carregados de soldados americanos que agitam grandes bandeiras. Das janellas da ambulancia do Astoria, as enfermeiras dão palmas, acenam com os lenços. E' o armisticio que foi assignado, é o

fim da guerra, é a paz? Minha mulher chega de fora, diz que as janellas — espectaculo nunca visto em Paris — estão cheias de gente, sobretudo mulheres, que se interrogam, palram, olham para o ceu, olham para a rua, dão palmas, dão gritos de alegria. A minha alegria devia ser bem grande tambem. Não o é. Qualquer coisa, no meio d'este grande acontecimento feliz, me confrange e me punge. Assim, o maior, o mais jubiloso successo da historia do mundo, aquelle a cujo exito eu associei as minhas mais generosas esperanças de homem e de cidadão, surprehende-me com a alma em lucto. Depois do almoço sahi a ver Paris neste grande dia. Os Campos Eliseos começavam a tornar-se multicores, como se uma subita primavera os cobrisse subitamente de flores. As bandeiras e pavilhões surgiam das janellas, surgiam do solo. Já grandes magotes de populares desciam festivamente ao centro da cidade. Toda a gente arvorava cocardes tricolores. Os corsages das raparigas embandeiravam como as casas. Os americanos não cessavam de passar nos seus enormes camions, agitando bandeiras, dando gritos e silvos. Foram elles, pode dizer-se, que annunciaram a Paris a victoria, como foram elles que mais ruidosamente a celebraram com a sua alegria simples. Não encontrei no dia d'hoje senão americanos e se a França e Paris têm por elles preferencias, não sei. O certo é que o unico alliado, hoje, parecia ser elle. Ao lado das insignias tricolores da França, eram as suas cores que toda a gente arvorava. Os pavilhões alliados desapareciam sob a alluvião dos pavilhões norte-americanos. A Inglaterra, até certo ponto, em larga escala

mesmo, foi esquecida. Enquanto desço aos Campos Eliseos vou verificando se a nossa bandeira apparece. Sim! Lá estão algumas, mas essas mesmas fomos nós, com o nosso esforço incomprehendido e recompensado com a ingratidão, que lá as arvorámos. Sem a obra dos homens que Portugal mantém presos e proscriptos, nesta grande hora de liberdade, nós não teríamos nesta festa universal nem mesmo o pequeno logar que nos é concedido, e como a Hespanha — peor do que a Hespanha, porque as pequenas nações não supportam os grandes desastres — estaríamos conhecendo, no meio do jubilo universal, um momento de confusão e de humilhação. Na Praça da Concordia, detive-me um momento á beira de um passeio a fixar na minha memoria a visão do espectáculo maravilhoso de um povo que subitamente cahe de um terrivel pesadelo e encara com os clarões da mais deslumbrante realidade. Sobre um oceano de cabeças, os canhões tomados aos allemães levantavam para o ceu as suas guellas negras. Na bocca de uma peça de 110, um rapazito alcandorado a grande altura agitava uma bandeira. Todos os vehiculos de Paris pareciam ter sido tomados de assalto. Automoveis, fiacres, camions, carroças levavam gente nos tejadilhos e pendurada nos estribos. Na rue Royale, apinhada, dir-se-hia um Corso, como no Carnaval. Ninguem se ouve, ninguem se entende. O ar está cheio do gritos. A' porta do Ministerio da Marinha, um homem velho não occulta a sua commoção, deixa correr duas grossas lagrimas pela face enrugada. Foi ali, em frente da rue Royale, que a cabeça de Luiz XVI cahiu e o povo de Paris estava escrevendo

outra vez historia, no mesmo logar. Os americanos passam, repassam, apertam as mãos das pessoas que estão sentadas nos terraços dos cafés. No boulevard da Madalena um d'elles avista uma velha parada á beira de um passeio. Inclina-se, beija-lhe a mão, beija-lhe as faces. A burguezia parisiense que circula pelos passeios, com a sua habitual compóstura, considera estas manifestações de jubilo com embaraço e surpresa. Pela rua do Faubourg Saint Honoré passa uma banda de canadianos que pára em frente da embaixada ingleza. Junta-se ahi um povoleo enorme que acclama os himnos alliados. Uma enfermeira é levantada ao collo e por um instante vejo-a de pé, sobre a multidão, envolta numa bandeira, a fronte coroada de flores, cantando. Uma mulher ao meu lado, limpando as lagrimas, exclama: — Oh! que c'est beau! Oh! que c'est beau! No meio do apertão, esmagado contra uma parede, ouço pronunciar o meu nome e encontro-me em presença de um portuguez, que parece inspirar grande confiança aos republicanos e que já em Bordeus me procurara. Atraz d'elle vêm dois officiaes portuguezes, que me cumprimentam fazendo a sua continencia. Tenho um movimento de colera, mas logo o reprimo. O meu compatriota diz-me rapidamente que traz communições interessantes a fazer-me e que aquillo em Portugal vae acabar. — Hoje mesmo, ou amanhã! accrescenta no meio do empurrão e da algazarra. E promette apparecer-me amanhã no hotel. A multidão separa-nos. Entra então commigo a esperança de que Portugal ainda se salve de um desastre completo por um d'esses movimentos nacionaes que reabilitam, e á noite procurei

no *Temps* noticias do Lisboa, mas no *Temps* não vi-
nha nada. Quando voltei para casa, vi passar uma
longa fila de collegiaes, formados, e que cantavam em
côro a *Marselheza*. Eram conduzidos por um velho pre-
feito, que cantava com elles, como que procurando
aquecer o seu enthusiasmo, mas os rapazes, que se sen-
tiam objecto da curiosidade publica, iam visivelmente
embaraçados. Pareceu-me ver neste espectáculo o re-
sultado da educação aristocratica dos francezes e da
divisão da sua sociedade em classes que não podem en-
contrar-se, sem se estranharem. Em Paris só o povo
é alegre, entusiasta, doidivasas. A burguezia é des-
confiada, triste, sorumbatica e os seus filhos são es-
tes rapazes que acabo do ver passar, conduzidos por
um prefeito, num dia do jubilo nacional, e procurando,
sem o conseguir, associar o seu enthusiasmo ao enthu-
siasmo publico. Ah! a França precisa de transformar-se,
e depressa, numa democracia. Um dia d'estes o jornal
L'Oeuvre escrevia este apparente paradoxo: «A Re-
publica está feita na Allemanha. Só falta fazê-la em
França.» O que isso vae ser difficil! E' que em França
não ha já Bastilhas a tomar, mas peor do que isso uma
escarpada tradição que tem resistido a mais de um se-
culo de revoluções e de democracia. Antes do recolher
passei pelo Eliseu a inscrever-mo nos registos do Pre-
sidente. O Eliseu está deserto. Nenhuma curiosidade,
ou ajuntamento, ou manifestação dá a entender que
alli habita o chefe do Estado. Em Londres, o primeiro
movimento da população ao conhecer a noticia do ar-
misticio foi correr ao palacio a festejar o rei e a fa-
milia real. O mesmo succedeu em Roma. Aqui, o silen-

cio. Uma das personalidades feridas pela guerra é a de Poincaré. A guerra não o engrandeceu e diminuiu-o. E' uma figura que se dilue, que desaparece. Um grito de viva Poincaré, em Paris, não teria hoje o menor acolhimento. Perdida a popularidade artificial que lhe cercaram, quando foi eleito, o que ficou d'elle foi o banal advogado que elle é, ao qual falta tudo para agradar, mesmo um fisico attrahente. De resto, Poincaré é quasi um vencido. Eleito pela França conservadora, como um simbolo de reacção contra a Republica vê triumphar a Republica e vê engrandecido até ás proporções de um heroe nacional o seu mais activo adversario — Clemenceau. E' um justo fim. As forças politicas de reacção que depositaram as suas esperanças em Poincaré viram-se mallogradas, é certo; mas não é menos certo que elle aceitou o seu concurso para satisfazer a sua ambição, o que não abona a sua probidade de republicano. Esta razão moral não é porem a razão do seu insuccesso. O que o diminuiu na consideração dos francezes foi a sua mediocridade e em França não se pode ser mediocre. A mediocridade neste paiz mata. O que se pergunta a respeito de Poincaré, neste momento em França, é quanto tempo lhe falta para terminar o seu mandato e isto traduz o sentimento dos francezes.

PARIS, 12 DE NOVEMBRO

Clemenceau foi deixar esta manhã um cartão de visita na minha antiga casa da avenida Kleber. Como o não visito ha muito tempo, fiquei tão surprehendido

que longamente mirei, remirei o seu cartão, quando a porteira mo entregou. Significa esse cartão de visita que Clemenceau não esqueee os amigos que a França teve nesta guerra? O que me surprehende é que elle se tenha lembrado de pagar estas pequenas dividas de reconhecimento num momento de agitação e de commoção em que as suas attentões devem ser attrahidas por outros euidados. As minhas relações eom Clemenceau datam dos primeiros dias da minha installação em Paris, no prineipio de 1911, quando eu, cheio de entusiasmo patriotico, feliz pela ebra realisada no meu paiz, julgando encetar uma carreira brilhante, que era o premio da minha vida, vim para França eomo ministro de Portugal. Não me recerde já em que circumstancias o conheci. Creio que comecei per lhe fazer uma visita de cortezia e de homenagem ao velhe republicano que elle era, e a partir d'então frequentes vezes o visitava na sua casa da rua Franklim, para lhe falar de Portugal e sobretudo para o ouvir. Elle deixava-me demorar no seu gabinete de trabalho, de cuja jauella se vê uma nesga de jardim e um grande pedaço do campo de Marte, e demorava-se elle mesmo, e assim se foi estabeleeendo entre nós um laço tenue mas delicado, de simpatia. No anno seguinte sobreveio o incidente diplomatico da expulsão dos Christos, pae e filho, incidente que eu ainda hei-de eontar um dia num livro quando isso se poder fazer. Poincaré era então presidente do Conselho e ministro dos Negocios Estrangeiros e preparava a sua candidatura á Presidencia da Republica, já muito appoiado pelos conservadores e monarchices do parlamento e da imprensa.

A expulsão dos Christos tinha sido pedida ao Governo Francez por Lambertini Pinto que, durante uma curta auseneia minha em Lisboa, ficou em Paris como encarregado de negocios. O fundamento d'este pedido foi a publicação, em Paris, d'um pasquim feito em portuguez, com lama portugueza, e no qual os seus autores me dirigiam, bem como a todos os homens da Republica, as suas habituaes injurias. Não havia em semelhante facto, do dominio exclusivo das nossas lutas politicas, motivo algum para uma tal reclamação, nem nunca embaixadores ou ministros se sentiram attingidos por semelhantes ataques. Comtudo, a reclamação fez-se. Poincaré estava ausente na Russia e o ministro do Interior, Stecg, deu satisfação ao pedido de L. Pinto, ordenando a expulsão dos dois energumenos. Estes porem, apenas tiveram conhecimento d'esta resolução, pozeram em acção as suas relações na imprensa bonapartista e orleanista de Paris, em especial na *Autorité* dos irmãos Cassagnac, em cuja redacção os monarchicos portuguezes então residentes em Paris faziam as suas reuniões. Justamente Poincaré voltava da Russia e logo ehegado era objecto de solicitações e pressões no sentido de annullar a decisão ministerial que expulsava os Christos. Na mesma occasião regressava eu de Portugal. Já a primeira entrevista que tive com Poincaré a este respeito foi penosa. Não me foi difficil comprehendere que aquelle incidente vinha enxertar-se na questão da sua candidatura á Presidencia, que elle procurava reunir os suffragios da direita e que eram homens da direita, jornalistas e outros, que o estavam solicitando em favor dos dois portuguezes

— «jornalistas proscriptos e victimas de uma atroz perseguição da Republica jacobina de Portugal.» Nesse tempo e aos olhos de uma certa França, nós eramos uma especie de bolchevistas. Poincaré cedeu e os Christos não foram expulsos. Começou então entre mim e elle uma polemica que ia degenerando num conflicto e no decurso da qual tive occasião de conhecer de perto o homem que mais tarde devia ser o Presidente da Republica Franceza. D'esse contacto não me ficou uma impressão agradável e se a França soubesse do que era capaz o seu futuro presidente para conquistar este alto posto, talvez hesitasse antes de lho outorgar. O ultimo documento que sobre este incidente dirigi a Poincaré foi uma carta que redigi num momento e expedi noutro para não ter de me arrependar de o fazer. Tudo quanto havia em mim de dignidade offendida como representante do meu paiz passou para esse documento, curto, breve e tão formalmente comminatorio que logicamente só poderia ser seguido de uma ruptura de relações diplomaticas. Uma hora depois de o receber, Poincaré escrevia-me elle mesmo pelo seu punho, a pedir-me nos termos mais cordeais que o fôsse ver. Dias depois, o decreto de expulsão dos Christos era executado. Ao mesmo tempo porem quo se inclinava perante a minha reclamação, Poincaré telegrafava a minha carta ao ministro da França em Lisboa, fazia-a submeter ao ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal, que ainda não tivera tempo de a conhecer por mim, e fazia-lhe perguntar se elle approvava os termos em que eu fazia a minha reclamação, esperando sem duvida que uma resposta imprudente,

ou infeliz do ministro, me inflingisse um *désaveu* e me collocasse em circumstancias de ter de resignar as minhas funções. Felizmente e ao contrario do que seria de esperar da sua incapacidade, o ministro não respondeu ás esperanças d'esta maehiaveliea combinação. Este episodio deu-me uma bem lamentavel idéa do character do homem que nesse momento governava a França. O incidente da expulsão dos Christos, mal conhecido e desfigurado pela malevoleneia, deu logar a que em Portugal se fizesse a lenda de que a minha situação era má em Paris. Ao contrario, nunca ella foi tão boa. Se Poincaré me guardou resentimento pela dura energia com que conduzi esse caso, não sei. O certo é que não só nunca mo manifestou, como ao contrario procurou manifestar-me sempre sentimentos amigaveis. Dias depois de encerrado o incidente, mandava-me o seu camarote da Opera, e nunca me viu em publico que não me estendesse pressurosamente a mão. A historia d'este caso está ligada á das minhas relações com Clemenceau, que o conheceu e nessas circumstancias, me deu muitas provas de simpatia. Poincaré foi informado das minhas relações com o *Tigre*, como lhe chamavam então os jornaes, e eu estou persuadido de que esta circumstancia não influiu pouco no regimen de relações cordeais que manteve comigo. Um dia na Legação de França em Lisboa, o ministro Daeschner, que serviu com Poincaré e lhe é muito affeiçoado, perguntou-me se era certo que eu mantivesse relações de amisade com Clemenceau. O certo é que houve um tempo — o tempo de opposição de Clemenceau ao Presidente Poincaré — em que não

cra de boa politica reconhecer que se mantinha relações de amizade com o homem a quem a França está neste momento prestando as grandes honras civicas.

Ao meio dia fui á rua Franklin deixar o meu cartão de agradecimento ao velho democrata. Policias, serviço d'ordem, grande povoleo na rua esperando o grande homem para o victoriar. O dia d'hoje foi um immenso jubileo. Atrevi-me a atravessar a praça da Concordia. Ia lá deixando em farrapos o meu pardessus de inverno. Pelos Campos Eliseos acina, homens, mulheres, creanças, cobertas de flamulas, cobertos de flores, arrastavam os canhões de trincheiras tomados aos alle-mães. Gritos, himnos, cantos, canções, detonações, estampidos, clangores de clarins, rufar de tambores. A' tarde, o canhão de um submarino francez fundeado no Sena atroou os ares. Recolhi a casa, a pé, derreado, no meio de um carnaval em furia. Toda a noite até de madrugada Paris celebrou a victoria. O que os jornaes dizem da Allemanha dá a impressão de um tremor de terra.

PARIS, 13 DE NOVEMBRO

A Republica allemã e a democratisação da Allemanha estão longe de enthusiasmar a França. Ella tem a impressão de que por detraz do novo panno que é a Allemanha democratica está ainda a outra Allemanha, como no theatro um scenario está por detraz d'outro. O imperialista Solf fala ainda, embora em nome de uma Allemanha que se presume differente, o antigo pessoal do imperio assegura ainda os serviços das secretarias, os embaixadores são os mesmos, o principe

do Ratibor ainda está em Madrid, Hindenburg aconselha disciplina ás tropas, o proprio imperador, fugido e refugiado na Hollanda agradece a Berlim o bem que está trataudo a imperatriz, quo lá ficou. A França considera com desconfiança esta situação sem logica. Dir-se-ia que no meio da geral desaggregação, a Allemanha procura sobreviver pela dissimulação e mais uma vez pela mentira. Dir-se-ia quo a sua revolução foi mais um expediente de guerra. Não creio porem que semelhanto contrafacção da verdade, se ella existe, possa prolongar-se. Não se associa um povo inteiro a um plano politico d'esta natureza. O que ha de terrivel no problema allemão é que se pareco em muitos pontos com o problema russo. Na Allemanha d'hoje como na Russia imperial, ha duas unicas cathogorias de classes sociaes — as classes dominantes e as classes dominadas. Na Allemanha como na Russia não ha classes intermedias. As classes dominantes cahiram e o predominio que so annuncia é o das classes dominadas — inquietadora perspectiva! O inimigo foi o imperialismo; agora é o bolchevismo. Só a liberdade nivela as classes e torna os homens igualmente aptos para se dirigirem. O despotismo tem isto de terrivel o é que, quando desaparece, cede o seu lugar á anarchia. E' o que pode succeder na Allemanha o é o quo a Europa conservadora neste momento receia. Contra o bolchevismo já se está estabelecendo uma especie de cordão sanitario. O silencio absoluto da imprensa franceza sobre Portugal é um facto perturbador. Os jornaes dão conta da repercussão quo teve em toda a parte do mundo a noticia da capitulação da Allemanha, minu-

ciosamente referem ás manifestações a que se têm entregado as populações dos mais longinquos logares da terra. Em Buenos Ayres explosão do enthusiasmo, demonstrações hostis contra o presidente Yrigoijen; em Lima, cortejo de dez mil pessoas; em Montevideo immensa manifestação diante da Legação de França; na Havana, regosijo publico e os canhões dos fortes salvando; no Panamá, tres dias de festas publicas officialmente decretadas. As manifestações do Madrid e de Barcelona têm sido objecto de noticias especiaes, e os jornaes todos os dias assignalam outras, na Dinamarca, na Hollanda, na Suecia, nos paizes menos reputados pelas suas sympathias pelos Alliados. De Portugal não se lê uma palavra e dir-se-ia que toda a imprensa se concertou para calar o nome do nosso pobre paiz, porque nem um jornal se occupa d'elle. Pois quê? Portugal, que deixou nesta terra de França algum do seu sangue, que tem em poder dos allemães oito mil prisioneiros do guerra e ainda mantem no meio dos exercitos alliados um contingente de trinta mil homens, não juntou a sua voz á dos seus amigos, á dos seus camaradas, á dos seus irmãos de lucta e de sacrificio? Lisboa não veio para a rua como Paris, empunhando bandeiras, cantando himnos, celebrar a victoria? Portugal morreu? Portugal subverteu-se? Os portuguezes desapareceram da face da terra, ou foram riscados com um traço negro da historia do mundo? O que é mais estranho ainda é que no meio das felicitações geraes, o governo de Portugal não é comprehendido. O rei de Inglaterra dirigiu um telegramma do congratulação a Poincaré. O rei da Grecia, filho do duplice

Constantino e elle proprio soberano de uma nação em muitas circumstancias infiel e traiçoeira fez outro tanto. Ainda o rei de Hespanha telegrafou ao Presidente e este acaba de lhe agradecer o seu telegramma. Todos os governos alliados trocam saudações. Sobre Portugal os proprios poderes publicos fizeram o silencio e Portugal não foi ainda associado de qualquer modo á victoria dos Alliados. O que se passa no nosso paiz? O que se pensa d'elle? Hoje de tarde andei pelo centro da cidade. As bandeiras portuguezas são cada vez mais raras. O portuguez que encontrei ante-hontem no faubourg Saint Honoré e que prometteu procurar-me não me appareceu. Não o estranhei. Nós somos assim! Os jornaes portuguezes não têm vindo. Dos portuguezes proscriptos que estão em França continuo a não saber de nenhum. Bernardino Machado continua, creio, em Hendaya. Tenho a impressão de que esta gente toda resolveu suicidar-se. Deixei um cartão ao Pichon, outro ao Deschanel. Sempre lembra o paiz — ai de nós!

PARIS, 14 DE NOVEMBRO

O resultado immediato do triumpho nos paizes neutros, ou naquelles como a Romenia onde os germanofilos se apoderaram do poder, foi por um lado a queda d'estes e, por outro, o triumpho das individualidades, ou dos grupos politicos que no decurso da guerra procuraram realisar um programma de solidariedade com os Alliados, ou affirmaram as suas sympathias por elles. Assim, na Romenia o ministerio germanofilo de Marguiloman eclipsou-se e na Hesperia

nha cahiu o ministerio do germanofilo Maura para dar logar a uma situação politica em que predomina o amigo dos Alliados que é o Conde de Romanones. Acaba mesmo de ser nomeado sub-secretario de Estado dos Estrangeiros o antigo embaixador em Paris Peres Caballero, eujas sympathias pelos francezes são notorias e que se encontrava ha muito tempo afastado das funcções publicas. Quando a Allemanha capitulou a imprensa liberal de Madrid não deixou de registrar que o fim da guerra acabara por dar razão a Romanones. Não sei o que se passa em Portugal, mas este fenomeno de repercussão moral e de justiça não parece ter-se dado ali. A capitulação da Allemanha é o triumpho de todos aquelles que em Portugal sustentaram que o interesse nacional tornava imperativa a adhesão á causa dos Alliados, não limitada, ou restricta, como o pretendiam alguns, mas tão larga quanto fôsse possivel. A capitulação da Allemanha devia ser a queda da situação politica que contrariou e dominou esta tendencia, até ao ponto de fazer mallograr todo o esforço feito o devia ser a derrota immediata de todos os germanofilos portuguezes. I'ois nada d'isto succedeu que eu saiba. A situação politica francamente reaccionista e germanofila continua e no momento em que os Alliados triumpham em toda a parte os amigos que elles tiveram em Portugal continuam perseguidos, foragidos, proscriptos, bannidos! Isto é, a Allemanha foi veneida em toda a parte, excepto em Portugal. Se esta situação se prolongar e se os portuguezes não lhe derem rapido remedio, resvalaremos para um abismo sem fundo. O que porem é doloroso é que só os por-

tuguezes, com um esforço colectivo, lhe podem dar remedio. Eu não ousou tocar em semelhante assumpto, cá fora. Receeio que o meu paiz me deixe ficar mal e elle mesmo fique em peor posição do que estava pela revelação publica do seu mal. Esta obra teria sido util se fôsse emprehendida a seu tempo pelos homens representativos da Republica que a reacção Sidonio Paes banniu do paiz e se encontram cá fora. Não o fizeram a seu tempo. Agora é tarde. Houve um momento em que a situação portugueza era susceptivel de interessar os Alliados. Finda a guerra, Portugal, que não soubo distinguir-se nella e tão desastrosamente se conduziu que, tendo feito um esforço sympathico, não o soube levar até ao fim, deixou de interessar. Um levantamento nacional, quo proclamasse aos olhos do mundo inteiro a verdade sobre o que se passou e esclarecesse a situação, ainda poderia rehabilitar-nos. Dar-se-ha elle ainda? O que me resta de patriotismo está suspenso d'esta interrogação. Mas os dias passam e nada, nada! O portuguez que me annunciou grandes acontecimentos imminentes, não voltou a apparecer. Singulares creaturas! São todos assim! Irregulares, incertos, absurdos, insensatos, loucos.

PARIS, 15 DE NOVEMBRO

Continua o ludibrio. O *Seculo* noticia em grossos caracteres que o ministro de Portugal Bettencourt Rodrigues assistiu á conferencia dos inter-alliados de Versailles. E' possivel. Mas como se explica que a imprensa de Paris, ao referir-se tão frequentes vezes a essa con-

ferencia e aos delegados que assistiram a ella, sempro omittisse Portugal? E como se explica que o ministro de Portugal não fizesse corrigir esta omissão? Por outro lado ha muito tempo que a conferencia acabou e como se explica que só agora, tanto tempo depois, se informe o paiz de que Portugal foi representado nella? Quando eu desempenhei as funcções de ministro de Portugal em França e representei o paiz nas diferentes conferencias dos Alliados que se realisaram em Paris, este facto foi logo conhecido, foi mesmo conhecido antes e, sem que para isso eu a sollicitasse, a imprensa parisiense não o omittiu. O que quer isto dizer, ou que nova e impudente mentira é esta? Na pagina de 1 de novembro d'esto *Diario* estranhava eu justamente, ao ler os jornaes de Paris, que Portugal não tivesse representação na Conferencia de Versailles e escrevia: «O facto de Portugal não ter sido chamado a comparecer nesta conferencia que é, por assim dizer, o prologomeno da conferencia da paz, diz-nos o bastante não já sobre o que é a nossa situação actual, mas sobre o que vae ser a nossa situação futura.» Nessa occasião os jornaes de Paris noticiavam que Venizellos, presidente do conselho da Grecia e os ministros da Grecia e da Servia tinham collaborado na reunião da vespera e acerescentavam: «Pour aujourd'hui on a convoqué M. Paul Hymaus, ministre des affaires Etrangères de Belgique et M. Matsui, ambassadeur du Japon.» No ministro de Portugal não se falou nunca. Se por Portugal foi alguma vez representado nessa conferencia, a circumstancia d'este facto não ter tido as honras da publicidade tira-lhe todo o valor politico.

Na imprensa de Lisboa o *Seculo* é o jornal mais empenhado em collaborar no bluff d'um Portugal activamente belligerante. E' tambem no *Seculo* que encontro em grossos caracteres este telegramma de Paris:

OS PORTUGUEZES NA FRENTE DE BATALHA

Paris, 1. (Atrazado). — Na frente de batalha louva-se o espirito de iniciativa e de organização do general Garcia Rosado, graças ao qual o exercito portuguez se bato de novo pelo ideal commum. Todas as baterias de artilharia pesada, tanto as quo estiveram nos campos do instrução de Inglaterra, como as incorporadas no exercito francez, estão nas linhas de combate. Vi na nossa baso soldados que partiam para a luta animados por um grande entusiasmo, alguns ainda convalescentes de ferimentos adquiridos no combate de Armentières. Um deles disse-me: «Na batalha de 9 de abril fomos obrigados a ceder terreno, esmagados pela superioridade numerica do adversario; mas não ficámos vencidos. Voltámos a pegar em armas, cheios do confiança, e cumpriremos o nosso dever até o fim». — S.

Assim, os portuguezes estão na frente de batalha, batem-se, cobrem-se de gloria e em França ninguem o sabe e para que Portugal o fique sabendo é preciso que o Almada Negreiros, correspondente do *Seculo* e empregado da Legação de Paris, lh'o communique nos seus telegrammas. O general Garcia Rosado, esse, não diz uma palavra, nem o Ministerio da Guerra de Portugal, nem o Governo Portuguez. «Todas as baterias de artilharia

pesada, diz Almada Negreiros, estão nas linhas de combate». Onde? Em que linhas? Assim, Portugal está fazendo sacrificios absolutamente vãos, sem recompensa e sem gloria e esta situação cruel e indigna é aceite por um Governo Portuguez. Muito derreado, Sidonio Paes decidiu-se a telegrafar ao presidente Poincaré:

«La nouvelle de la signature de l'Armistice avec l'Allemagne, a donné lieu aux jouissances les plus sincères dans tout le pays. Je suis heureux de féliciter Votre Excellence pour l'admirable succès des longs efforts (!) qui ont abouti si glorieusement au triomphe des justes aspirations de la France, dont l'héroïque conduite lui a fait obtenir la complète revanche sur l'ennemi; en défendant opiniâtement ses droits violés, la France a sauvé la liberté du monde entier dont elle mérite la reconnaissance. Ce sont ces sentiments qu'au nom de la nation portugaise j'ai le sincère plaisir de faire connaître à Votre Excellence et à la glorieuse armée et marine française.»

Francez de preto! Lingua de falsario! Este faccinora está deshonorando Portugal sob todas as formas. *Rejouissances sincères! Sincère plaisir!* O outro dia telegrafava: Je vous prie de croire à la *sincerité* avec laquelle je vous adresse mes félicitations les plus chaleureuses.» Em todas as communicações suas d'este genero que tenho colligido, elle procura garantir a sua sinceridade. E' a linguagem do homem que se sabe suspeito. O *Temps* não insere a resposta que lhe teria dado o presidente Poincaré. Continuum as prisões em Portugal. Muitos dos que estavam na torre de S. Julião foram transfe-

ridos para o forte de Elvas. O numero dos militares presos é grande. Só por absurdo supponho prolongavel semelhante situação.

PARIS, 16 DE NOVEMBRO

A leitura dos jornaes francezes é uma coisa desoladora para nós. Agora é o rei de Hespanha que recebe as homenagens dos Alliados. Quando Portugal entrou na guerra eu pensei que este facto nos ia dar uma como hegemonia moral na peninsula. Exhortaudo o Augusto Soares a fazer deliberadamente uma politica de intervenção dizia-lhe eu em carta, em 1916: «E' preciso que Portugal seja um clarão no norte peninsular.» Afinal, mesmo esta esperanza fallhou e a Hespanha neutra, a Hespanha reaccionaria, a Hespanha germanofila está gosando beneficios Moraes que a nossa solidariedade não nos deu. Affonso XIII salvou a Hespanha de um grande desastre, mas quem nos diria que elle estava reservado para nós! Por outro lado a propria Hespanha procura rehabilitar-se e emquanto Portugal abre e fecha o seu Parlamento no meio de uma desordem de taberna, sem ter tido uma palavra para o grande acontecimento que acaba de dar-se no mundo, o Senado hespanhol vota por unanimidade as suas congratulações pelo «fim da guerra e pelo triumpho da justiça e do direito sobre a força brutal» e cem deputados dirigem a Clemenceau este telegramma:

«Les soussignés, membres du Parlement espagnol, qui, depuis le moment où la France subit l'attaque du

caporalisme, assistèrent avec une profonde émotion à la lutte que vous avez soutenue pour la liberté et le droit et qui auraient ressenti comme personnelle la défaite de votre cause noble et humanitaire, offrent dans cette heure glorieuse au peuple immortel français leur témoignage d'enthousiasme et de reconnaissance.»

Assim, a Hespanha levanta-se e Portugal cahe! Caliginosa situação.

Encontrei hontem na rua Laffayette, o major V. G. Tem os dois cunhados presos em Lisboa e elle mesmo está impedido de ir ali, porque é democratico. Perguntei-lhe se era certo que as tropas portuguezas tivessem entrado em Lillc. Respondeu-me num tom de enfado: — Sim! Parece que sim! Alguns soldados. Mas que situação é esta? exclamo. O que estamos a fazer em França? Porque razão não se fala de nós? Então refere-me este facto que me confrange: Quando o general Garcia Rosado foi a Londres tratar da reorganisação do Corpo Expedicionario, as autoridades militares declararam-lhe estar promptas a trazer para França novos soldados portuguezes, com a condição porém, de que o commando, até o commando dos batalhões, fosse confiado a officiaes inglezes.—Quem lhe disse isso? inquiri eu.—Foi o general Garcia Rosado! respondeu-me. E como lhe perguntasse se alguma vez tinha estado no proposito de Sidonio Paes reorganisar o Corpo Expedicionario, replicou-me que Sidonio impingira esse *conto do vigario* ao general Garcia Rosado. Segundo elle, V. G., aquillo em Portugal é insustentavel e accrescenta mollemente:— Não

sei mesmo se a esta hora já terá acabado! Todos dizem o mesmo. A impressão que tive da minha rápida conversação com este official é a de que elle se encontra sob o peso de um irreparavel vexame.

PARIS, 17 DE NOVEMBRO

Paris celebrou hoje o regresso da Alsacia Lorena á França. Para vermos passar o cortejo, fomos para o 4.º andar dos Giovetti, nos Campos Eliseos. Ali encontramos o Bernardino Machado, que veio a Paris, diz elle, agradecer ás pessoas que lhe manifestaram o seu sentimento pela morte da sua filha Maria, entre as quaes o presidente da Republica e Madame Poincaré. Achei-o não deprimido — este homem tem uma tempera de aço — mas menos apaixonado pelo que se passa em Portugal. Assim foi que me disse, sem grande interesse, estar informado pelo Alvaro de Castro, de que breve, muito breve, dentro d'estes quinze dias talvez, se dará em Portugal uma nova revolução, unicamente feita pelo exercito, e a que os seus promotores desejam dar o character de uma manifestação de protesto contra a politica de guerra á guerra, da situação Sidonio Paes. Depois contou-me este facto que me fez estremecer de indignação. — O velho José de Castro teria sido espancado, com um chicote de cavallo marinho, na fortaleza de S. Julião da Barra, onde está preso. Ainda lhe perguntei se este facto era absolutamente verdadeiro. Respondeu-me — absolutamente verdadeiro! E fiquei varado de espanto ao ouvir-lhe dizer em seguida que o plano dos promotores da nova revo-

lução era de o levar a cabo em termos taes que ella não tivesse o character de uma guerra civil, fazendo voltar immediatamente a Republica á normalidade constitucional. Depois falou-me do Affonso Costa, que está, diz elle, muito indisposto com os seus amigos politicos de Lisboa e decidido a retirar-se da politica, e como eu mais uma vez manifestasse a minha surpresa pelo inexplicavel silencio e inexplicavel inacção que tem tido a linha de conducta do Affonso Costa depois do dia 5 de Dezembro, disse-me que elle renunciaria a falar ao paiz para não ter que referir-se desagradavelmente a Bernardino Machado, o que iria quebrar a união republicana, como se a solidariedade do homem mais nefasto que tem havido em Portugal ainda podesso ser necessaria, ou util á Republica. Na mesma casa, encontrei um dos filhos do Leotte do Rego, tenente de cavallaria, varias vezes ferido. Tem uma profunda cicatriz na face, de um estilhaço de obus. Interrogo-o longamente. Diz que os portuguezes especialmente a artilheria, tem estado espalhados por toda a frente de batalha, mas ninguem dá por isso. Os inglezes não assinalam a sua collaboração, que assim passa completamente despercebida, sem honra e sem gloria. Isto traz toda a gente numa grandio tristeza. Quer referir-se aos seus camaradas. Confirma o que ha cerca de dois annos ouço dizer: Soldados excellentes, capazes de tudo, quando bem commandados, por officiaes de boa vontade. Infelizmente, o numero d'estes diminuto. Na maioria, uma mentalidade pessima. E conta este facto:—Depois da offensiva de 9 de abril, produziu-se entre algumas unidades do Corpo Expedicionario, uma reacção de bravura e no 15

de infantaria, entre outros regimentos, uma verdadeira reconstituição moral. Encontrando um soldado d'esse regimento, um capitão portuguez disse:—Vocês são uns cobardes!— Oh! meu capitão, retorquiu o soldado, a gente o que quer é ir para a frente. Replica do capitão:— Pois por isso mesmo! O que vocês não teem é a coragem de se revoltarem! Segundo o tenente L. do Rego os inglezes dizem que os officiaes portuguezes são *defaitistes*. Em Portugal a victoria começa a dar razão aos *responsaveis da guerra* e já a *Manhã* escreve: «Quando se pensa que os homens que viram esta necessidade e adivinharam esta gloria, foram apontados como criminosos na sua propria Patria! Quando se pensa que se procurou infamar os seus nomes, que os indicaram ás furias das multidões como tendo merca-dejado o sangue dos seus irmãos!» O coronel Alberto da Silveira, do partido unionista, disse no Parlamento, que isso estavam fazendo os partidarios da intervenção e num pasquim de Lisboa escreveu-se que eu vendia cá fora os soldados portuguezes a libra por cabeça. Ah! os portuguezes hão de lembrar-se por muito tempo d'esta guerra!

PARIS, 23 DE NOVEMBRO

Dias activos, improductivos. Eis-nos aqui installados no nosso cochicho da rua Chernoviz. Por quanto tempo? Não sei. O certo é que nos installamos como se devessemos permanecer aqui por muito tempo. Durante este anno verei que novo rumo deve tomar o meu destino. De Portugal não têm vindo noti-

cias e os jornaes de Paris continuam tão duramente fechados a tudo quanto nos diz respeito que nem uma palavra disseram das manifestações eom que os portu- guezes festejaram, sob o consulado de Sidonio Paes e dos seus germanofilos collaboradores, a victoria dos Alliados. Apenas hontem, encontrei na setima pagina do *Temps*, e sob o titulo — *Tentatives révolutionnaires au Portugal*, uma nota assim redigida:

TENTATIVES RÉVOLUTIONNAIRES AU PORTUGAL

La légation du Portugal à Paris a reçu une dépê- che du gouvernement de Lisbonne annonçant que la tentative de grève révolutionnaire a complètement échoué.

D'autre part, une dépêche de Lisbonne dit que la police a arrêté ou reconduit à la frontière un certain nombre de personnes soupçonnées de connivence avec les agitateurs russes.

Assim, os agentes allemães de Lisboa servem se dos mesmos estratagemas que estão sendo empregados neste momento pelos allemães da Allemanha para deitar poeira aos olhos dos Alliados. Como na Allemanha em Portugal agita-se o espantelho do bolchevismo. A situação politica actual da Allemanha essa é tal que desconheerta mesmo os mais prevenidos contra a hipocerisia da raça allemã. Dir-se-ia que a democratisação da Allemanha foi concertada com o Imperio, eom um fim de dissimulação e que tudo, mesmo a fuga do im-

perador para a Hollanda foram actos politicos realizados de *commun accord*. Presumia-se que o sentimento que devia inspirar uma tão fulminante e profunda transformação politica seria o de uma feroz justiça expiatoria. Toda a gente recordava, a esse respeito, o conceito attribuido a Henri Heine e segundo o qual uma revolução allemã deixaria a perder de vista os horrores da Revolução Franceza. Em vez d'isto o que se vê é uma supposta Allemanha democratica, que renunciou a toda a idéa de justiça, ou de expiação e que inicia o novo regimen sob os auspicios do antigo, de tal modo que é Solf que continua a falar em seu nome e que o principe de Ratibor e todo o pessoal da embaixada da Allemanha em Madrid acabam de receber confirmação dos seus cargos. O imperador continua na Hollanda, mas nunca se viu monarcha decahido mais bem tratado pelo seu povo. Esta manhã mesmo, leio que da Allemanha acaba elle de receber uma importante remessa de dinheiro em 200 saccos. «L'argent a franchi la frontiére, diz o correspondente do *Daily Chronicle* em Amsterdam, enfermé dans des wagons scellés et des grandes precautions avaiant été prises pour son transport.» A imperatriz, essa continua em Berlim. Diz-se que todos os soberanos secundarios da Allemanha renunciaram aos seus thronos mas não se sabe onde elles param, nem se conhece os documentos das suas abdições. Nenhum d'elles foi victima das iras populares como a pessoa do imperador por seu lado, não é, que isso se saiba, objecto da animosidade publica. Dir-se-hia que a execução das terriveis condições do armisticio deveriam encontrar difficuldades suscitadas

pela humilhação e pelo pundonor offendido das classes militares, mas nada d'isso succeden. A esquadra allennã e todos os seus submarinos dirigiram-se no dia e na hora aprazados a um ponto da costa de Inglaterra em que deveriam entregar-se e com uma docilidade que nos enche de espanto, ahi fundearam e se deixaram occupar pelas guarnições inglezas. Dizem os jornaes que este facto é unico na historia. O que é unico na historia é este caso da disciplina na derrota. Só se obtem um esforço moral d'esta natureza por uma solidariedade sem limites, que annulla toda a idéa de insurreição. Assim, a Allemanha estaria representando uma farça unica na historia da hipocrisia, e então a raça que habita esse paiz da Europa apparece-nos mais uma vez, muito mais inquietadora do que o foi durante a guerra, porque não é já um homem, não é já uma casta como se dizia, que se tornaram perigosos para a humanidade, mas um grupo humano que fica constituindo para ella um perigo permanente, com a sua mentalidade e a sua moral differente da mentalidade e da moral dos outros homens. Como debellar este perigo? Com tratados de paz? Vã esperança! A Allemanha será, por muito tempo, ainda uma causa de inquietação, como os principios de autoridade que a sua monarchia representou vão ser durante muito tempo ainda, na Europa, uma causa de discordia. E' preciso pensar que todos os elementos sociaes de reacção que povoam a Europa soffreram um revez com a derrota da Allemanha imperial. Não ha em toda a Europa reaccionario que não se sinta, neste momento, vencido. Não é porém, um revez militar que anniquilla seme-

lhantes forças. Feita a paz, as esperanças dos reaccionarios reaccender-se-hão. Será então preciso que em toda a Europa o espirito democratico lhes dê uma nova e decisiva batalha. O que não é possível, o que não é admissivel é que sobre principios essenciaes á felicidade moral das sociedades, os homens continuem divididos, uns pretendendo dominar, outros luctando, no meio de mil vicissitudes, para se subtrahirem á sua dominação.

PARIS, 24 DE NOVEMBRO

O nosso desastre vai todos os dias tomando uma forma mais dolorosamente expressiva. Assim, leio no *Temps* (21-11-18):

«Les troupes britanniques désignées pour suivre l'ennemi comprennent les 2^e et 4^e armées, sous les ordres des généraux Plumer et Rawlinson. Elles conservent leur place dans l'ordre de bataille, c'est-à-dire que la 2^e tient la gauche. Chacune d'elles est forte d'un corps de cavalerie et de quatre corps d'armée à quatre divisions. Ces trente-deux divisions d'infanterie englobent dans leurs rangs les représentants des divers contingents de l'empire: la garde, le corps canadien, les Australiens, les Néo-Zélandais et même les Sud-Africains, *parce que l'on estime juste de mettre à l'honneur tous ceux qui ont été si souvent à la peine.*»

Assim, mesmo a Nova Zelandia, mesmo a Africa do Sul!

O rei Alberto entrou em Bruxellas, fez um admi-

ravel discurso na camara, ennumerou todos os concursos, passou em silencio o nosso.

Mas a omissão dolorosa é a que acaba de dar-se no senado francez. A commissão do exercito apresentou um projecto de lei tendo por fim prestar uma homenagem solemne ao presidente Wilson e ás nações alliadas.

O senador Henry Chéron, relator, deu hontem ali conhecimento do seu relatorio e eis aqui como se exprime esse documento historico, destinado a perpetuar a lembrança dos povos que se bateram em commum nesta guerra :

M. Henry Chéron. — A l'hommage que la loi du 17 novembre 1918 a rendu, sur l'initiative du Sénat, aux meilleurs serviteurs de la patrie, la Chambre vous convie à ajouter celui qu'elle a préparé en l'honneur des plus nobles soldats de l'humanité. (Très bien et applaudissements.)

Il confond, dans une même et saisissante formule, la nation américaine, le président Wilson, les nations alliées et leurs chefs d'Etat. (Nouveaux et unanimes applaudissements.)

C'est dire qu'un tel vote des représentants du peuple interprétera fidèlement le sentiment public reconnaissant à tous ceux qui ont versé leur sang pour sauver du pire péril la liberté et la dignité du monde. (Très bien ! Très bien !)

Dans le texte qu'elle a voté, la Chambre a entendu n'oublier aucun de ceux qui furent les héroïques soldats du droit : ni la Belgique, martyre pour la défense de l'honneur et de la foi jurée et dont les souverains

reçoivent à cet instant même leur première récompense, dans les acclamations de leur capitale libérée (Applaudissements unanimes et prolongés) l'Angleterre (Applaudissements), qui fut, dès la première heure, l'armée puissante et loyale, dont l'effort immense, improvisé en pleine bataille, demeurera à travers les siècles un des exemples les plus saisissants de ce que peut le génie d'une nation libre; ni l'Italie, la sœur latine (Applaudissements), qui s'est montrée digne des plus glorieuses traditions de son histoire; ni la Serbie, ni la Roumanie, cyniquement tyrannisées, ni tous les peuples enfin, petits ou grands, mais égaux dans leur fierté et dans leur volonté d'indépendance, dont les étendards, après avoir flotté sur les champs de bataille, se mêlent aujourd'hui aux nôtres dans l'éclat de la plus triomphale des victoires. (Applaudissements unanimes.)

Todos os dias espero ler nos jornaes noticias redemptoras de Portugal. Ainda era, talvez, tempo. Nada! Nada! Tenho sempre a impressão de que o meu pobre paiz vae lentamente para o fundo, como um barco.

PARIS, 25 DE NOVEMBRO

O Reynaldo! Vem ainda com a sua farda de cirurgião com que me appareceu ha dois annos na avenida Kleber, os olhos faiscantes de enthusiasmo patriotico, mas como elle é outro! — Onde está? — Agora na região de Lille. — O que faz?... — Agora nada! Vou pedir que me façam recolher a Lisboa... Isto acabou! O

seu semblante, outr'ora tão animado, exprime uma infinita desolação. Peço-lhe informações sobre a situação dos nossos. Confirma o que tenho ouvido a outros: o Corpo Expedicionario desfeito, e no meio dos inglezes, dispersos ali e ali, os artilheiros, que são bons, a gente dos caminhos de ferro, que é excellente, alguma infantaria talvez. — Aonde? — Não sei! E num arrebatamento, diz: — Olhe! a situação é esta. Depois da offensiva de Abril, constituiu-se com elementos do Corpo Expedicionario Portuguez um corpo de voluntarios. . . — Do voluntarios?! exclamei surprehendido. Elle confirmou baixando a cabeça — Sim! de voluntarios. Isto diz tudo! E concluiu: — Lá estava com elles o Helder Ribeiro. Creio mesmo que os commandava. . . Depois, de um modo precipitado em que se sentia a amargura do recordar esta pagina pungente da nossa historia, disse: Até Janeiro do anno passado, aquillo ainda foi bem; mas a partir de ontão, entrou tudo a desorganisar-se, os laços da disciplina a quebrarem-se. Quando veiu a offensiva de Abril, o moral da tropa era pessimo. — Foi o resultado do golpe de Lisboa! observei eu — Foi, confirmou elle — elles não o dizem, mas foi. Foi um desastre. Declarou-se então completamente descrente do paiz. A nossa entrada na guerra trouxera-lho grandes esperanças — a esperança de que d'ella sahiria um Portugal novo e a esperança d'um bello futuro. Esse Portugal seria construido pelos homens que voltassem de França, cobertos de gloria, restaurassem o sentimento da patria sob uma base de orgulho legitimo, fundassem uma nova sociedade, cheia de confiança em si mesma, capaz de todos os emprehondimentos. Espe-

rava uma transfiguração e a sua decepção foi enorme. —Quizemos construir um Portugal novo com materiaes do Portugal velho. Construimos com traves podres! disse eu. Elle calou-se, sob o peso de uma grande oppressão moral e por um momento fez-se entre nós dois um silencio angustioso. Partiu, promettendo apparecer-me em Dezembro, quando regressar de vez a Portugal. Os jornaes de hoje annunciam que o Governo Francez destina alguns dos grandes hoteis de Paris para receber os delegados dos alliados, á conferencia da paz. Os americanos occuparão o Crillon, os inglezes o Magestic, os italianos o Lutecia, os belgas o Louvre, e eu penso com horror que Portugal tenha de mandar delegados a essa conferencia e que esses delegados sejam os assassinos da nossa nacionalidade.

PARIS, 26 DE NOVEMBRO

Este *diario* começa a ser para mim um calvario doloroso. Cada pagina que escrovo é um degrau que subo. A's vezes penso em lhe pôr um termo, mas penso tambem que estas paginas são paginas de historia, ligadas á historia do mundo e á do meu paiz, e por outro lado são o unico desaffogo da minha alma attribulada. Tenho a impressão de que rebentaria de dôr se não lhes confiasse as minhas amarguras. Mas como é penosa esta anotação quotidiana do maior acontecimento do mundo ao lado do mais triste episodio da nossa historia! O Armando Navarro que acaba de chegar de Lisboa dá em carta ao Osorio esta impressão de que ali se passa: «Em Lisboa, a situação instavel e

inquietante: não sei como aquillo acabará. Vive-se em sobresalto continuado e com a policia armada de cospingarda, bombas de mão e metralhadoras... A paz poz os thalassas de monco cahido (sic) e os bizarrões militares radiantes por já não terem de bater-se e consternados por a victoria não ser dos boches. » Que situação e que estilo!

PARIS, 27 DE NOVEMBRO

Que nova mentira é esta? Num jornal de Lisboa leio:

C. E. P.

O juiz sr. dr. Alberto Osorio de Castro foi nomeado auditor geral do Corpo Expedicionario Portuguez, que se encontra em França. Como um contingente das nossas tropas terá de partir para a Russia, afim de fazer, com outros contingentes da «Entente», a policia inter-alliada, o sr. dr. Osorio de Castro acompanhá-lo-ha.

Esta ideia de uma policia inter-alliada na Russia nasceu em Lisboa, mas deve ser coroada de um pleno successo. Agora que a guerra acabou, o Portugal que não se quiz bater sente-se capaz de todas as façanhas.

PARIS, 28 DE NOVEMBRO

Dia de chuva e de lama. Apezar d'isso uma multidão enorme a ver passar o rei de Inglaterra, que desceu de carruagem os Campos Eliseos, no meio de uma

verdadeira ovação. Quando pude furar, fui ao 4.º andar dos Geovetti, que encontrei cheio de damas; felizes por poderem dispôr d'aquelle esplendido camarote sobre os portentosos acontecimentos da hora presente. Mademoiselle Maille, que eu não via desde o inverno passado, falou muito, felicitou-me pelo triumpho dos Alliados e assegurou-me que a minha hora ha de chegar. Agradeci-lhe os seus votos sem enthusiasmo. A' tarde no *Temps* li um telegramma de Lisboa, annunciando que o cruzador inglez *Active* foi ali «avec la mission de saluer le Portugal et d'affirmer les relations de cordialité avec les vieux alliés de la nation britannique.»

Os inglezes estão contentes com o Sidonio, como estiveram contentes com a Regencia contra os patriotas de 1814, como estiveram contentes com D. Maria II contra Manuel Passos e a Revolução de Setembro.

Egas Moniz «ministre des Affaires Etrangères, partira lundi pour Paris, pour traiter diverses questions interessant le Portugal en vue de la paix». Como tudo isto é pobre! Da delegação portugueza não se fala por ora, nem de a acolher... A noticia da vinda a Paris de Egas Moniz trouxe-me um momento de impaciencia e sobresalto. Resistirei eu á tentação de arrancar a mascara d'este impostor? E' necessario que o meu patriotismo seja ainda um sentimento muito robusto, para que me detenha o receio de attingir o meu paiz. Assim tambem eu estou collaborando na infame situação de Lisboa.

PARIS, 29 DE NOVEMBRO

Estarão os portuguezes realmente persuadidos de que Portugal saho d'esta guerra coberto de gloria e engrandecido? Ou é uma parte do paiz que está concertada para ludibriar a outra? O certo é que leio com espanto no *Diario de Noticias* :

«E' absolutamente indispensavel que o patriotismo portuguez se affirme por uma forma indestructivel, por meio do marmore e do bronze, os quaes se devem empregar n'um monumento que sirva, através dos tempos, de padrão da victoria alcançada pelos soldados portuguezes nesta terrivel guerra, que ensanguentou quasi *quatro annos e tres mexes*, a Europa, a Africa e a Asia, terrivel hecatombe que ainda não teve nenhuma que a igualasse.»

De resto, quando leio os jornais portuguezes tenho a impressão de que estou sonhando e que estou delirando. Chegaram mais soldados de França e o arcebispo de Mitilene, que assistia ao desembarque, deu um escudo a cada um. Tambem estava, como sempre, a condessa de Ficalho. Na quarta feira 20, houve em Lisboa uma revista militar, no meio de grande enthusiasmo.

Diz o *Diario de Noticias* :

Era verdadeiramente um espectaculo maravilhoso, o da nossa bela Avenida coalhada de gente, todas as janellas dos predios e até os telhados repletos de especta-

dores, vendo-se perto do grupo a cavallo que rodeava o sr. Presidente, todos os officiaes das missões militares estrangeiras, todo o governo, com o pessoal superior dos seus gabinetes, presidente do Senado, major general da armada, officialidade superior da marinha, governador civil, etc.

Um estandarte branco e verde, da Liga de Vigilancia Social, desceu a Avenida tremulando no alto, sobre as cabeças da multidão, e foi postar-se junto do monumento, não sem que ao passar, o povo deixasse de applaudir os seus portadores.

Às 15,20 começava, Avenida abaixo, o desfile das tropas em continencia.

À frente um pelotão de 400 policiaes, sob o commando do capitão Tamagnini, com terno de cornetas e tambores, todos os agentes de espingarda e ostentando no peito os mesmos laezinhos verdes que toda a gente trazia.

Os vivas estrugem á Patria, á Liberdade e ao Chefe do Estado, correndo pela multidão maior fremito de entusiasmo ao ouvirem-se os acordes do hino nacional que a banda da Guarda Republicana executa, em seguida, á sua passagem pelo Chefe do Estado.

E são logo os sons bellieos dos clarins do infantaria 1, o rufar compassado dos tambores do infantaria 30 e 33, a banda de infantaria 16, que estaciona alguns minutos enquanto dura o desfile do seu regimento, infantaria 5, engenharia, corpo de marinheiros com a sua banda, saudados com palmas e vivas á marinha num entusiasmo doido.

Veem depois, marchando com extraordinario garbo e arrancando tambem vibrantes acclamações, os alunos

da Escola de Guerra, com a sua bateria de artilharia, quatro canhões de 75 que os proprios alunos conduzem montando dupla parelha de muares de cada peça e as suas pesadas carretas.

Ao grupo de metralhadoras pesadas segue-se artilharia 5, artilharia pesada o de sitio, com trez enormes obuzes arrastados por um *camion*, um projector contra aviões, montado num *automovel*, mais *camions* e carros de munições, ainda mais peças com a ameaça da sua guela de aço disfarçada sob uma cobertura de couro, o material complicado da telegrafia de campanha e secções de pontes e caminhos de ferro, fazendo os soldados a continencia de pé sobre os seus carros, enquanto os conductores estendiam os chicotes sobre as muares, tudo no meio do barulho ensurdecedor das vozes de commando, das aclamações da multidão, do tropear dos cavalos, do tilintar das espadas e da trovoadasurda do rodar dos canhões.

Cavalaria 7 e 4 e os lanceiros levavam á frente os seus clarins vibrando o clangor enthusiastico da marcha de guerra e aumentando o esplendor do espectáculo condignamente terminado pelo desfile da guarda republicana a cavalo, no vistoso do seu grande uniforme e das suas montadas soberbas.

De vez em quando uma bandeira quo passa e quo toda a gente respeitosamente sauda, tirando o chapéu, como á passagem das bandas tocando a «Portugueza».

E ás 17 horas, concluido o desfile, eis que a mole humana rompe num redemoinho em volta do chefe do Estado num delirio de aclamações, a que elle corresponde erguendo vivas á Patria e á Republica, e lan-

quando tambem o seu cavallo corajosamente no coice do cortejo, seguindo para Belem, entre constantes e enthu-siasticas manifestações, pelo Rocio, Chiado, praça de Camões e calçada do Combro. Entretanto, tendo ido dar volta ao Terreiro do Paço, recolhiam as tropas a quartéis, sempre na melhor ordem, sendo muito acclama-dos os marinheiros á sua entrada no Arseual.

E' isto verdade? Não estou eu sonhando? E' este homem aclamado nas ruas de Lisboa, é bem o autor da machinação allemã, que destruiu o esforço militar de Pórtugal, que anniquilou o seu papel politico e des-fez em fumo o nosso generoso sonho de gloria e de en-grandecimento? Que tropa é esta que desfila nas ruas de Lisboa e o que significa este ridiculo apparatus bellico — estas peças de sitio, estes «enormes obuses», este tropear de cavalos — estes clangores de clarins de um exercito que se desmantelou, se desfez e renunciou a bater-se? Que população é esta que acclama, de laços verdes ao peito, este *louche* aventureiro? Que gente é esta? Que Portugal é este? Não creio que tenha ha-vido na historia de nenhum povo uma pagina, assim, tão incongruente, tão monstruosa! A's vezes, no entanto, ponho-me a pensar que o que se está passando em Por-tugal é tão absurdo que não é possivel que seja a rea-lidade, que estou vendo a vida nacional através de uma imprensa infame de mercenarios e reaccionarios e que a estou vendo hediondamente desfigurada, e então es-pero, espero ainda, porque me seria muito pungente não esperar mais nada. . .

PARIS, 1 DE DEZEMBRO

O Correspondente do *Times* em Madrid diz da Hespanha, da qual se começa a falar com uma liberdade de juizos que faltou até aqui :

«La neutralité de l'Espagne durant cette guerre, on peut le dire sans acrimonie, n'est pas venue de sa force, mais de sa faiblesse. C'était la seule route à suivre pour un pays sans force armée, sans discipline morale, sans claire vision du droit et de la vérité. Cette neutralité lui a, pour ainsi dire, été imposée, jusqu'au jour où l'issue paraissait certaine, et son avenir repose sur les termes amicaux dans lesquels elle se trouvera avec le vainqueur.

Tambem a nós nos faltava força armada, disciplina moral, clara visão do direito e da verdade e não fomos neutros. Mas a obra da nossa intervenção foi a de uma minoria, que por isso mesmo acabou por ser esmagada.

PARIS, 5 DE DEZEMBRO

Entrada do rei dos belgas em Paris. Quantas vezes durante a guerra eu puz na minha imaginação o que seria este dia de triumpho para o chefe d'essa nobre nação! Quantas vezes não peusei commigo mesmo que havia de o ver entrar em Paris. Afinal não o vi entrar. Os meus bronchios começam a funcionar mal e não ha frio que não me leve á cama, que foi onde estive du-

rante todo o dia, afinal sem pena de não ver o que se passou porque quanto mais vivo mais verifico que a realidade é muito differente do sonho e a recepção que Paris fez ao rei Alberto não foi nem seria nunca como eu a sonhei. O que é maravilhoso, o que é inultrapassavel são as honras litterarias que a França presta aos heroes da guerra. Aqui tudo se traduz em litteratura, em bellos pensamentos e em formas nobres de dizer, até ao ponto que a vida publica dos francezes é muito mais bella através da sua litteratura do que em si mesma. Sobre a cabeça do rei Alberto, cahe neste momento uma chuva de flores. A popularidade dos belgas passou nesta guerra por trez alternativas. Foi primeiro Liège e a entrada num tablado de gloria como nenhum povo ainda conheceu, e foi depois o Yser, em que o seu esforço já não teve o mesmo relevo, embora tivesse sido maravilhoso; mas mais tarde veio a guerra de trincheiras e o exército belga, reduzido a guardar um minguado pedaço do territorio nacional, sem iniciativa para mais, sem força para mais, esqueceu, tornou-se mesmo por um momento victima de injustiças maiores do que o esquecimento. A adversidade não torna os homens melhores Nas suas horas de adversidade, os Alliados nem sempre foram benevolos uns para os outros. Mas o arranque final veio e os belgas reeonquistaram num dia o direito á admiração e ao reconhecimento dos Alliados. A Belgica, diz o *Temps* de hoje, passou á cathegoria de uma grande nação. Esta grande nação não é maior do que a provincia do Alemtejo. E de Portugal, que se diz? Nada! Sempre nada! Em Portugal continua a não se falar, nem acidentalmente, nem mesmo

a proposito dos prisioneiros de guerra que voltam e entre os quaes estão voltando os sete mil portuguezes aprisionados na offensiva de 9 de abril.

PARIS, 7 DE DEZEMBRO

Faltava-nos mais esta ignominia! Foi preso em Lisboa, o director do *Liberal*, Telles de Vasconcellos, expulso de Portugal pelas autoridades do governo Affonso Costa, como agente da Allemanha, e mandado ingressar de novo ao paiz pelos agentes de Sidonio Paes. Diz-me em carta o Leotte do Rego que a captura d'este individuo se realisou a instancias da policia internacional, que assim veio dar razão aos que o assignalaram em tempos como sendo um agente allemão. Por outro lado leio na *Manhã*.

UM PORMENOR

A *Capital* dava hontem o seguinte pormenor, que sabemos ser inteiramente exacto:

Um irmão do sr. Teles de Vasconcellos, director do O Liberal, que residiu sempre em Bruxelas durante o tempo da occupação alemã, foi preso pela policia belga, logo que os aliados se apoderaram da cidade.

Estou a ver que a policia internacional ainda acaba por deitar a mão ao proprio Sidonio. De resto, não me custa muito a crer que os agitadores que andam neste momento ás voltas com os papeis da chancellaria impe-

rial e em maré de liquidações e revelações, venham ainda a revelar-nos o verdadeiro papel de Sidonio Paes em Portugal. Se isso vier a succeder e Sidonio Paes ainda lá estiver, é o nosso enterro. Entretanto, o seu impudor e o da gente que o serve não tem limites. Agora andam elles a installar, dizem os jornais de Lisboa, «a grande comissão encarregada dos trabalhos preliminares para a conferencia da paz», a qual é composta de dezoito membros, entre os quacs o Freire de Andrade, que foi o mais hypocrita mas mais encarniçado inimigo que teve a intervenção de Portugal na guerra, e um certo Francisco Joaquim Fernandes, deputado monarchico pelo Porto, de quem o *Dia* diz que só accitou fazer parte da comissão, «depois de ouvido o sr. Ayres d'Ornellas».

Da *Manhã* (30-11-918):

«LICENÇA...

Explica o *Dia* que o sr. dr. Francisco Fernandes, deputado monarchico pelo Porto, só accitou fazer parte da comissão incumbida do estudo dos assumptos que hão de ser sujeitos á conferencia da paz depois de ouvido o sr. Ayres d'Ornellas. Mas então a comissão tem caracter politico?...»

Na mesma carta, o Leotte do Rego escreve-me: «De Lisboa mandaram-me dizer que tudo ia bem no tocante a um movimento revolucionario a realisar antes da abertura do congresso da paz.» E acrescenta desolada-

mente: «Mas os dias vão passando!» Eu por mim nada sei de Portugal a não ser o que leio nos dois únicos jornaes que ainda me chegam ás mãos, pois o *Seculo* deixou de vir e os jornaes republicanos por certo não reapareceram pois tambem não voltei a recebe-los. Noticias privadas, ha um anno que não as recebo, pois justamente fez agora um anno que aquillo começou. Os proprios jornaes que recebo não veem em meu nome e para que minha mulher receba algumas raras cartas foi-lhe preciso servir-se de um nome supposto. Só na Russia czarista, creio, se instituiu um regimen assim.

PARIS, 8 DE DEZEMBRO

O Presidente da Republica, o Governo, os presidentes das duas Camaras, o Parlamento, o Corpo Diplomatico alliado foram hoje visitar as cidades de Alsacia e da Lorena, e eu penso commigo que esta hora de regosijo moral me estava reservada a mim, e me foi roubada! Lá foi em meu logar o Bettencourt Rodrigues — o B. Rodrigues camachista, o B. Rodrigues sidonista, o B. Rodrigues agente dos dois maiores fautores de dissolução que ainda assollaram a sociedade portugueza. Lá formou cortejo ao Presidente da Republica, lá estive nas festas e banquetes de Metz e Strasburgo, lá levantou a sua taça em honra dos Alliados, lá deu apertos de mão, lá os recebeu e foi felicitado pela parte de gloria que lhe cabe no triunfo final para o qual elle não contribuiu, e que só contrariou com os seus votos e solidariedades. Espantoso equivoco!

PARIS, 9 DE DEZEMBRO

A situação moral de Portugal é de arripiar os cabelos. Não tenho ideia de uma epocha da nossa historia, em que se descesse tanto! As cadeias estão cheias de presos politicos e como se traduz este facto? Em appellos humildes ao Sidonio para que os ponha em liberdade. Em Coimbra onde elle esteve «servindo na sua cama bellissimas roupas de linho de artisticos bordados regionaes, pertencentes ao reitor dr. Mendes dos Remedios», (a côr da soberba colcha, dos travesseiros, diz o *Diario de Noticias*, era uma das da Faculdade a que pertence o sr. Presidente — azul claro) uma commissão de mulheres e filhos de presos politicos foi appellar para a sua clemencia. Num jornal de Lisboa o jornalista José Sarmiento dirige-se-lhe nestes termos:

«O mundo abraça-se num amplo e comovido gesto de fraternidade. As democracias cimentam-se no amor da humanidade e nas fecundas promessas de trabalho e ordem. E' uma aurora nova que desponta. E' uma hora bemdita, hora de alegria, hora de tranquillidade, hora de justiça. Acompanhemos esta aleluia de jubilo, esta ressurreição divina. Não dêmos um mau exemplo de despotismo nesta rutila alvorada de igualdade. E' um dever imperioso e sagrado, porque tambem nós regámos com o nosso sangue o caminho da liberdade. Que as portas dos carceres se abram para os inocentes e elles possam ainda ver, no resplendor d'esta atmosfera azul e imaculada, o alvôr da grande e suprema redenção da humanidade. Atrevo-me a esperar, Senhor Pre-

sidente da Republica, que a minha humilde voz será ouvida e justiça será feita.»

No tempo da monarchia nunca se falou assim ao rei.
A cara cai-nos de vergonha!

PARIS, 10 DE DEZEMBRO

De que se havia de lembrar agora o sr. Wilson! — De visitar o Papa. E' o que elle já annuncia a caminho da Europa, aonde vem, no meio da viva contrariedade de uma parte dos seus concidadãos, semear a confusão das suas idéas imprecisas e do seu impreciso verbalismo. O espirito de generalidade exerce porém ainda sobre os homens da nossa confusa epocha uma tal fascinação que o prestigio das idéas do sr. Wilson sobre as massas populares vem sobretudo da sua imprecisão. D'onde veio o prestigio das doutrinas anarchistas, senão da sua imprecisão? E na ordem litteraria o que é que fez a voga do simbolismo, senão a sua imprecisão? Se em vez de serem um apontado de idéas geraes, os articulados do Presidente da America, fossem os pontos concretos de um programma politico, ninguem lhes dava attenção. Assim não ha povo opprimido, nacionalidade em formação, Estado em via de fazer-se, desde os armenios, os sirios, os tcheco-slovacos e os yougo-slavos, até os catalães e os bascos que não reivindicuem as idéas do sr. Wilson. Afinal não foi esse o segredo da fortuna social do christianismo, o que se contem de mistico, de abstracto, digamos outra vez — de impreciso na doutrina christã? Mas se Christo foi um sonha-

dor, o sr. Wilson é outro. Ninguém parece realmente ter menos do que elle, o sentimento da realidade e aqui está a visita ao Papa que mais do que nenhum outro o prova, pois se ha neste momento um homem abandonado de todas as sympathias humanas, sem exclusão das sympathias da christandade, esse homem é o Papa. Ignora porventura o presidente Wilson qual foi durante a guerra o papel de Bento V? Não sabe que elle iniciou a serie dos seus erros praticando o acto impolitico e absurdo de declarar a neutralidade do Papado perante um conflicto que começou por ameaçar o mundo catholico, que fez da Belgica profundamente catholica a sua primeira victima e da França, filha dilecta da Igreja, a sua victima maior? Que se traduziu em actos de vandalismo anti-christão? Que se traduziu em actos de impiedade? Ignora o presidente Wilson quo a attitude do chefe da Igreja Catholica durante a guerra foi pior do que a de um neutro, porque foi a de um parcial quo só se serve da neutralidade para melhor occultar as suas preferencias? Finalmente ignora o presidente Wilson que o Papa interveio em diversas circumstancias (e só nestas interveio) para salvar do desastre a Allemanha e a Austria, com insinuações e propostas de paz prematura? E ignora que a personalidade de Bento V é tão suspeita aos Alliados que já um dia d'estes o orgão mais moderado da imprensa franceza o *Temps*, lembrava o papel equivoco do Vaticano e lhe dizia as verdades mais crueis? Dir-se-hia que o presidente Wilson nada d'isto sabe, nem d'isto ouviu falar, nem lê jornais e só assim se explica a idéa de ir a Roma, acto que os Alliados não criticam porque a

America gosa neste momento de todas as immunidades, mas que, estou certo, estão censurando, asperamente. O que é curioso é que seja uma civilização tão pouco inclinada á chimera como é a civilização norteamericana quo nos despache um ser tão structuralmente chimerico como é o presidente Wilson.

PARIS, 11 DE DEZEMBRO

Esta noite, recatadamente, sigilosamente, como um conspirador, o Navarro, consul em Paris, veio ver-me. Veio ha pouco de Portugal, onde esteve dois mezes fala, fala sem descontinuar. Só tenho o trabalho de, uma ou outra vez, lhe dar corda com uma interrogação, uma pergunta. Nenhuma idéa precisa. Factos, factos. A intelligencia dos portuguezes, de resto, não se traduz em idéas. Quando pretendem exprimir uma idéa, contam um facto. Peço-lhe que me dê uma idéa da situação e elle conta factos, factos. Peço-lhe uma idéa dos homens e elle, factos, factos. Como me interessa tudo o que elle diz, ouço-o. A's vezes formulo eu uma idéa. Elle desconcerta-se, vacilla, interrompe-se como se sentisse incapaz de me seguir nesse caminho. Então, faço-lhe uma nova pergunta. Ah! eil-o outra vez em verve, e de novo volta a contar factos, factos. Resumo do que lhe ouvi. Volta descrente, sem idéa de regressar. Aquillo não tem furo. Uma revolução? Sim. E' possivel. Anda muita gento mettida nisso. Mas, depois? depois? Ao Affonso Costa ninguem o chama, está certo d'isso. A sua idéa é de que mais uma vez uma intervenção estrangeira decidirá dos nossos destinos. A

situação é francamente de reaccionarios e germanofilos. O *Deus ex-machina* da Republica é o Alfredo da Silva, o industrial germanofilo que entra em todas as repartições como em sua casa. A esto respeito, conta ter havido ha pouco, uma viva troca de palavras entre o ministro da França e o sub-secretario dos estrangeiros, Espirito Santo Lima. De resto, o sr. Daeschner é muito mal visto em Lisboa pela malta do Sidonio e não deve deixar do dizer para Paris quem ella é. A proposito fala-me da situação do Portugal em França. E' desgracada! diz. A Legação encontra difficuldades para obter as menores concessões. Ha trez mezes que procura fazer restituir á liberdade um portuguez preso em França, sem o conseguir. Em França conhece-se a situação de Portugal e d'ahi o obstinado silencio da imprensa de Paris a nosso respeito. Volta a falar do Portugal. Nas cadeias ha cerca de quatro mil presos politicos. Lá está preso o cunhado, o Henrique de Vasconcellos. O coronel Sá Cardoso continua preso. Continua preso o major André Brun. Porquê? Conta que foi uma exigencia dos officiaes da guarnição de Lisboa, exasperados com os artigos de André Brun sobre a guerra. E da guerra, que se diz, que so pensa? Ri largamente. — Nada! Não se pensa nada! E accrescenta: — V. Ex.^a imagina que Portugal acreditou algum dia que estivesse em guerra? Observo-lhe que é no entanto esso o ponto essencial da nossa questão interna e que ella ha-de ser talvez resolvida quando os portuguezes verificarem que o seu paiz tem sido victima de uma machinação allemã. Olha muito surprehendido para mim, ri outra vez (porque os portuguezes nunca tem uma

fisionomia serena : ou riem, ou se encolerizam) diz que a minha presumpção é puro *Grand Guignol*. De resto todos os portuguezes com quem tenho falado em França consideram esta hipotese como pouco admissivel, exaggerada, absurda. Nem mesmo o caso de Telles de Vasconcellos, preso o outro dia, e o do irmão, preso em Bruxellas, o considera inquietador. Os portuguezes são assim : nenhuma perspicacia. Só veem o que tem diante dos olhos e isso mesmo com olhos do miopes. Segundo elle, o Sidonio conseguiu apossar-se do paiz, graças á influencia dos lavradores ricos do Alemtejo, que lhe forneceram os fundos para a revolução uns cento e setenta contos segundo parece, disparate que não me detenho a discutir, porque não quoro conversar o o que quero é ouvil-o. Continuo a bombardeal-o com perguntas. Elle responde infatigavelmente, mas a cada passo tenho de o chamar ao assumpto, porque constantemente se extravia por outros. Em Lisboa, campeia uma immoralidade de costumes administrativos como não ha memoria. Viu com os seus olhos no copiador de um negociante de Lisboa uma carta que este lhe mostrou garantindo ao funcionario do um ministerio uma determinada somma, em troca de uma concessão de exportação. Em Paris, o Christo Filho manda para lá como ainda o mez passado, contas de seis mil francos. Tambem viu com os seus olhos. De resto, este Christo Filho é quem pesa na Legação. A Paris chegaram e já partiram para Londres, o Egas Moniz, o Espirito Santo Lima, o Santos Viegas e o Freire de Andrade. E' curioso que nem a chegada d'estes delegados portuguezes fosse assignalada na imprensa parisiense. O Affonso

Costa continua aqui e está ganhando o dinheiro que quer, accrescenta, pois não ha portuguez que careça das suas luzes como advogado, que não o consulte. E' o quo me faltava ver !

PARIS, 14 DE DEZEMBRO

E' ovidente que os poderes publicos da França receiam o idealismo Wilsoniano o a prova disso está no *toast* pronunciado esta tardo no almoço do Eliseo, pelo presidente Poincaré, na presença do presidente Wilson. Não se podó formular mais ostensivamente o com menos reserva esso receio do que o fez Poincaré no seu discurso. Depois do accentuar o caracter barbaro da guerra tal como a fizeram os allemães e os desastres que ella provocou, disse :

«S'ils restaient sans sanction et s'ils pouvaient se renouveler, les plus belles victoires seraient vaines. Monsieur le président, la France a lutté, patienté, peiné pendant quatre longues années ; elle a saigné par toutes ses veines ; elle a perdu les meilleurs de ses enfants ; elle porte le deuil de sa jeunesse. Elle aspire aujourd'hui, comme vous, à une paix de justice et de sécurité.

Ce n'est pas pour être exposé à des recommencements d'agression qu'elle s'est résignée à tant de sacrifices. Ce n'est pas non plus pour laisser des criminels impunis relever la tête et préparer de nouveaux assassinats que, sous votre forte impulsion, l'Amérique s'est armée et a traversé l'Océan. Fidèle au souvenir de La

Fayette et de Rochambeau, elle est venue secourir la France parce que la France elle-même était fidèle à ses traditions. Notre idéal commun a triomphé. Nous avons défendu ensemble les principes vitaux des sociétés libres. Nous avons maintenant à édifier ensemble une paix qui ne permette pas la reconstitution directe ou hypocrite des organisations de conquête et d'oppression.

Pour les misères et les tristesses d'hier, il faut que la paix soit une réparation ; contre les périls de demain, il faut qu'elle soit une garantie.»

As allusões a uma paz Wilsoniana ou que se presume esteja no programma de Wilson são de uma tal transparencia que dir-se-hia que o pensamento do presidente Poincaré foi collocar o presidente Wilson em presença da these franceza, ou que os poderes publicos da França farão prevalecer na conferencia da paz, apenas Wilson entrou no territorio francez ; e dir-se-hia que o seu pensamento foi o de levar o presidente da America a definir de entrada os seus pontos de vista a este respeito.

Como respondeu Wilson a este verdadeiro *engagement*? Furtando-se a precisar as suas intenções, não ainda assim tão completamente que na sua propria imprecisão não deixasse fluctuar o seu pensamento de uma paz que não corresponde inteiramente ás concepções do Estado francez :

«Dès le début, la pensée du peuple des États-Unis a tendu vers quelque chose de plus qu'à terminer la

guerre par la victoire: elle a tendu vers l'établissement des principes éternels de droit et de justice. Notre peuple a compris qu'il ne suffirait pas de vaincre; mais que la guerre devait être gagnée de telle façon, et les questions soulevées par elle résolues de telle façon que la paix future du monde fût garantie et qu'une base fût établie pour la liberté et le bonheur des nombreux peuples et nations qui y auront participé.

Princípios eternos do direito e de justiça, a paz reinando, enfim, no mundo, os povos, enfim, livres e felizes, eis na generalidade o que o Presidente Wilson oppoz ao programma conereto de paz, de victoria, de paz sabida da guerra, de paz de desaggravo do presidente Poincaré e por muito que as palavras tenham procurado, embora sem o conseguirem, velar este antagonismo de concepções, não é menos certo que elle acaba de manifestar-se. A que nos conduzirá elle? Não sei. Se o presidente Wilson trouxesse para França um programma de soluções, fossem ellas embora pouco conformes com os termos reaes dos problemas postos pela guerra, ainda poderíamos talvez esperar que esta se traduzisse em movimentos fecundos de opinião. Receio porém que o presidente da America não tenha trazido para este paiz senão as suas generalidades sympathicas, as quaes não venham senão aumentar a confusão do momento que atravessamos. A' noite, visita do G. Emidio Garcia, chegado de Lisboa. Noticias optimistas. A revolução está em marcha. No centro de Lisboa, foragido, escondido, o Alvaro de Castro dirige os trabalhos do movimento. Nas provincias o estado dos

espíritos é de extrema agitação, mas Lisboa? 7.000 indivíduos armados e que a reduzem á impotencia continua a ser o embaraço a que a revolução se faça. Mas ha de fazer-se, diz elle. E' inevitavel. De resto, em Lisboa mesmo, o estado do espirito publico é muito tenso. Não se pode ir a um café. A cada passo se levantam conflictos. Mas a guerra, pergunto eu, o que so sabe, o que se pensa da questão da guerra? Segundo elle, sabe-se tudo. Tudo? insisto eu. Tudo! affirma elle. Sabe-se que o golpe militar de 5 de Dezembro foi feito com o compromisso de não se enviarem mais soldados para os campos de batalha de França e que não se enviariam mais; sabe-se que o esforço do Portugal foi destruido e que o seu prestigio militar ficou muito mal ferido; sabe-se que o papel politico do paiz foi por isso muito diminuido. Officiaes idos de França teem dito a verdade. De resto, ha uma divisão profunda no exercito entre a sua parte sã e a sua parte impura. A plataforma da revolução é a questão da guerra e o que está no pensamento do todos é que o exercito devo ser dissolvido. E' de resto a maneira de acabar com alfobres do reactionarios como a Escola de Guerra. Enfim, ouvi alguma coisa intelligente e termino o meu dia com mais satisfação do que o comecei. Ao retirar-so Garcia que dirige o Instituto dos Portuguezes em Roma, desde que a Republica foi implantada, conta-me o caso inaudito do ministro que Sidonio Paes expediu para junto do Papa e que afinal não chegou até elle. Este novo diplomata a quem a Republica encarregou de succeder aos Martens Ferrão e aos Sousa Dantas era o é um capitão de cavalaria, um certo Feliciano Costa, que andou

ao lado de Sidonio Paes, na aventura de 5 de Dezembro e fez parte com elle do chamado *comité revolucionario*. Quando Feliciano Costa chegou a Roma, diz G. Garcia, já ia sem vintem, por ter jogado em Lisboa, ou pelo caminho, os abonos de viagem e despezas de instalação. Depois de ter verificado as difficuldades da nova existencia que era chamado a viver na cidade dos Cesares, Feliciano Costa telegrafou para Lisboa pedindo que lhe fossem remettidos trez contos de réis e, como de Lisboa, o ministerio lhe lembrasse que não tinha direito a essa quantia, mas tão somente á dos seus vencimentos, quando chegasse a occasião de lhe serem pagos, fez as malas e voltou para Portugal, sem ter apresentado as suas credenciaes ao Papa que, assim, nunca chegou a conhecer esse curioso representante da Republica Portugueza, reconciliada com a Igreja. Conta Garcia que o capitão de cavalaria que Sidonio Paes despachou para a Santa Sé, accrescentava aos seus bilhetes de visita o titulo de — *ministro de Portugal junto... do Vaticano*. Ai de nós! Tudo isto é profundamente contristador, porque tudo isto revela a existencia de uma sociedade de insensatos.

PARIS, 22 DE DEZEMBRO

A Hespanha está recolhendo os fructos da neutralidade. O conde de Romanones veio a Paris avistar-se com o presidente Wilson, diz-se, e os jornaes, posto abram uma amavel excepção para elle, nos juizos severos que já lhes escapam a proposito dos homens que conduziram a politica hespanhola durante a guerra,

não se poupam a lembrar-lhe que o seu paiz perden o direito de se sentar á mesa da Confereneia da paz. A Hespanha parecee tambem que quer entrar agora na Sociedade das Nações, mas o *Temps* detem-na á porta, diz-lhe que espere e que deixe regular primeiro a questão da guerra, o que é só eom os belligerantes. «Quant aux problèmes extérieurs qui peuvent se poser pour l'Espagne, e'est au gouvernement de Madrid qu'il appartient de les soulever, s'il le désire et quand il le désirera. L'attention de la France est naturellement absorbée (sic) par le règlement du conflit mondial, règlement qui doit se faire entre les belligérants seuls (sic) et qui doit précéder, eroyons nous, les pourparlers relatifs à la Soeiété des Nations.» Ao eonde de Romanones, o *Temps* diz :

«La tâche qu'il entreprend n'est pas facile, et il le sait. Pendant toute la durée de la guerre, l'Espagne a été outrageusement trompée par la propagande allemande. Cette propagande merveilleusement organisée avait pour patron Guillaume II en personne. On ne risquerait guère de se tromper, sans doute, si l'on affirmait qu'au mois d'octobre 1914, par une lettre écrite de sa main, l'empereur a promis que l'Allemagne victorieuse donnerait à l'Espagne *Gibraltar, le Portugal et le Maroc tout entier*, à deux conditions seulement : il fallait que l'Espagne restât neutre jusqu'à la fin du conflit, et qu'ensuite elle signât des accords commerciaux avec l'Allemagne. Ceux qui ont spéculé sur cette lettre de echange ont terriblement perdu leur temps.»

Tudo se paga neste mundo e eu penso no que diria de nós a imprensa aliada se Portugal tivesse seguido a politica, não já de neutralidade, mas de duplicidade que lhe foi aconselhada no principio da guerra. A politica que alguns homens lhe aconselharam e que Portugal ainda pode seguir, salvou-o de um immenso desastre e foi tão coroada de exito que ainda hoje, apesar dos males que a acompanharam, mesmo o Portugal dos reaccionarios está beneficiando d'ella. As manifestações de pesar da Europa aliada, pela morte de Sidonio Paes, não tem senão esta significação — são apenas, exclusivamente e apenas, uma homenagem á nação aliada. Se o rei de Hespanha viesse a morrer hoje, as bandeiras dos Alliados não se inclinariam perante elle como se estão inclinando perante Sidonio Paes.

PARIS, 24 DE DEZEMBRO

Bettencourt Rodrigues está publicando na imprensa de Paris, versões monarchicas da situação. Agora até invoca a duqueza de Bedford e a sua campanha contra as prisões da Republica. E é este homem um ministro da Republica! A mim cahem-me os braços. Como pode Portugal engendrar tanta gente assim! E onde ir buscar outra!

PARIS, 25 DE DEZEMBRO

O Paulo Osorio, que regressou da Côte d'Or, e que recebe jornaes portuguezes tem-m'os trazido — o *Dia*, o *Diario Nacional*, o *Jornal da Tarde*, toda uma litte-

ratura de fanaticos assanhados a quem mataram o seu propheta e clamam vingança, atirando-se ao chão e arrependendo os cabellos. Dir-se-hia tratar-se não de homens civilizados e fazendo parte de uma sociedade culta, mas de beduinos de turbante e babuehas, agitando-se nas viellas de um povoado marroquino. Justiça! justiça! grita o *Dia*. O *Diario Nacional* pede a exterminação dos partidos da Republica — horda de assassinos! porque todos foram responsaveis pelo assassinato de Sidonio Paes, «desde o partido democratico, alcateia de feras, até ao partido unionista, facção de ambiciosos; desde o sr. Antonio José d'Almeida ao sr. B. Machado — todos elles, tudo isso é responsavel perante a consciencia nacional e perante a critica historica, pelo miseravel attentado de 14 de dezembro.—»

Do *Diario Nacional* (20-12-18).

«Durante um anno, todos elles andaram a incitar a feroicidade partidaria, a exacerbar a malvadez dos eor-religionarios, a preparar a arma que havia de disparar. Tudo lhes serviu: a infamia e a calumnia, o ultrage e a insidia, o insulto e a troça. De tudo lançaram mão, — á sombra da liberdade de pensamento, da liberdade de reunião, — da liberdade do crime. O sr. Sidonio Paes offereceu-lhes o caminho da legalidade: não aaceitaram. Tentaram as revoluções: não poderam. Recorrem ao attentado: veneram.

Ainda neste paiz, ha democraticos, ha unionistas e ha evolueionistas?»

Numa carta dirigida a este jornal, um monarchico do Porto (João Perfeito de Magalhães e Menezes Villas Boas) declara-se envergonhado de viver «no meio de selvagens, portuguezes chamados,» pede «uma carabina para se collocar ao lado da Gente de Bem.» Na Camara dos Deputados, um deputado Botelho Moniz, annuncia que apresentará um projecto de lei restabelecendo a pena de morte para crimes d'esta natureza. Sidonio Paes é pranteado como um novo D. Pedro V, levado muito cedo ao amor do seu povo pela Parca cruel.

Do jornal *A Tarde* (19-12-18):

«Como o senhor D. Pedro V, arrastando-se de aldeia em aldeia, de povoado em povoado, sem repouso e sem tranquillidade, expondo a cada passo a sua vida para socorrer milhares de desgraçados, o Presidente morto, foi o maior bemfeitor, a alma caridosa que por todo o paiz minorou os soffrimentos que a terrivel epidemia espalhou por todo o Portugal.

Estava ali, pallido e frio, o Presidente que durante um anno, sem dormir, soffrendo todas as torturas da vida, conseguiu para todos uma tranquillidade perfeita.

O amargurado, o torturado, o condemnado pela sua bondade!

O santo!

Soffria com prazer para que os pobres pudessem viver felizes; não repousava para que o repouso baixasse junto dos outros; não vivia, devorava uma existencia

torturada para que a irrequieta familia portugueza tivesse paz, alegria e futuro!

O santo!

Tanta bondade, tanto amor, tanta energia e affecto não chegou para desarmar a mão do assassino cobarde que, impellido por uma turba de criminosos, o foi serenamente, friamente, matar!»

Para o Eduardo Schwalbach, Sidonio Paes foi «um novo Magriço» e conquistou o terno coração da mulher portugueza, «desaffrontando-a de uma baixa democracia.» Para o *Primeiro de Janeiro* é um «heroe antigo.» Para a *Liberdade*, órgão monarchico do Porto, «era digno de um manto real. Desde D. Pedro V nenhum chefe d'Estado é mais chorado em Portugal do que este plebeu illustre, que até seria capaz de honrar o manto real, se algum dia lhe cabisse nos hombros.» Um leitor do *Diario de Noticias* propõe que se erija um pantheon «para que as gerações vindouras nelle rememorem e aprendam o que foi o seu heroico, bondoso e honradissimo presidente, o grande patriota portuguez, Dr. Sidonio Paes,» e logo o *Diario de Noticias* inicia a subscripção. A *Situação* propõe que se lhe erija um monumento, pede aos jornacs que abram subscripções para esse fim e logo *O Seculo* accode a offerecer as suas columnas. Os protestos de indignação, e as manifestações de adhesão a tudo quanto seja engrandecer a memoria de Sidonio Paes, vem de toda a parte. O Senado Universitario do Porto declara a Patria de lucto «por um dos mais horrendos e nefandos crimes que maculam a nossa historia contemporanea.»

A Sociedade Nacional de Bellas Artes reune para protestar contra o vilissimo attentado, offerece-se para fazer o programma do concurso do monumento a Sidonio Paes. Já se estão fazendo as corôas para o enterro. Umhas seiscentas já estão encommendadas e um jornal diz: «Nas lojas acabaram-se as corôas.» A exposição do cadaver deu logar a scenas lancinantes. Centenas de pessoas foram accommettidas de ataques de nervos. Pelo menos assim o dizem os jornaes. «As pessoas que foram accommettidas de syncopes, ou de ataques de nervos são ás centenas — diz *O Seculo*, tendo-se o pessoal da Cruz Vermelha reforçado com enfermeiras e enfermeiros.» Trez creanças vestidas d'anjos velaram o cadaver na Camara Munieipal. «O sr. Eduardo O'Neill Baptista, *Primeiro de Janeiro*, 20-12-18), apresentou-se no edificio com trez creanças vestidas de anjos, sendo uma d'ellas vestida pelo jornal *A Situação* e outra pelo *Tempo*. Estas creanceinhas estiveram alternadamente velando o cadaver e devem tomar parte no cortejo funcbre.» Um cão preto passou a noite junto do sarcofago, foi corrido, voltou, e por mais que o espantassem não houve meio de arredar pé d'ali. Perguntou-se para Belém se o cão pertencia ao Presidente e como se recebesse resposta negativa, fecharam-n'o numa sala «visto não haver maneira de o affastar de junto da urna.» Tenho a impressão de que estou a ler um episodio da vida portugueza no seculo xvii. E grande seria a minha inquietação se isto correspondesse a um quadro exacto da sociedade portugueza da actualidade, mas felizmente não é assim. Na realidade o que se está passando é isto: as cadeias estão a abarrotar, e

todos os dias, depois que Sidonio Paes foi assassinado, prendem-se ás centenas, pessoas que manifestam publicamente a sua sympathia pelo acto do homem que o matou. Não se publica um jornal independente. A *Lucta*, que até agora, sobrevivera ás maiores crises da imprensa politica, desapparecen. A mesma *Manhã* deixou de publicar-se. Os pretorianos de Sidonio Paes mantem-se em armas em Lisboa e os seus sicarios não esperam senão um ensejo para o vingar. O regimen é de terror e tudo se faz por medo. Cada um sente que a sua vida está em perigo, porque nunca a sociedade portugueza se defrontou com tacs bandos de malfeitores, e procura salva-la mesmo á custa de baixezas. A sociedade que enche as columnas dos jornacs com os seus rugidos de colera e o seu pranto é o velho Portugal, reaccionario, retrogrado, autoritario, violento, cruel, sectario, fanatico, rouco, com o seu inevitavel cortejo de caceteiros. O outro Portugal está na cadeia, como esteve o Portugal liberal, mas nada sahio de lá. O que se está passando é apenas um caso espantoso de repressão. E' o reapparecimento numa sociedade moderna, do espirito absolutista d'outras eras. O que dá uma idéa terrivel do atrazo mental d'esta sociedade, é o facto d'este phenomeno se produzir precisamente no momento em que o espirito absolutista em toda a parte cahe com estrondo, em virtude de acontecimentos que tiveram o poder de abrir os olhos aos mais cegos. A cegueira dos reaccionarios portuguezes é tão grande que elles não os veem. — O caminho é para a direita! dizia um jornal de Lisboa antes da morte de Sidonio Paes. E a que chamam elles a *direita*? A di-

reita é esta concepção politica — um Estado democratico sem democratas, uma monarchia sem rei, mas sem republicanos! Semilhante concepção só podia sobrevir a individuos de um entendimento muito inferior. O mais extraordinario, porém, é que no meio de tanto desvario, não apparece um só juizo claro. Em toda a imprensa portugueza não appareceu ainda um reaccionario de bom senso (se estas expressões não são antinomias) a chamar a attenção d'estes mentecaptos para o erro essencial do seu estúpido programma politico. O peor — ai de nós! — é que se os reaccionarios em Portugal não teem bom senso, os liberaes, ou republicanos tampouco o teem. Não foram elles que, com a sua insensatez, levaram a Republica á miserrima situação em que se encontra? Bon Dieu Seigneur! O que tem este povo para ser assim e a que males deve elle esta terrivel lacuna do seu entendimento? O certo é que os portuguezes não teem bom senso. Assim não ha maiores desvairados do que elles, quando desvairam. Parecem então loucos. Assim foram os republicanos; assim são os monarchicos, e o que é peor, o que é atterrador é que nenhuma lição lhes serve e nada aprendem com a experiencia. Quando praticam um erro praticam-n'o até ao fim. A dictadura franquista foi até ao repudio. A dictadura sidonista foi até ao assassinato, e eis até que ponto a insensatez e a demencia dirige os actos dos homens no nosso pobre paiz. Sidonio Paes estava persuadido da sua invulnerabilidade. «Se me apontarem uma pistola, o braço do assassino treme, ou a bala recusa-se a partir — dizia elle a Moreira d'Almeida e a Annibal Soares (*Dia,*

19-12-18), se me lançarem uma bomba os estilhaços não me attingem. Tenho a fé mais cega na minha estrella!» E Moreira d'Almeida exclama: «A estrella de Sidonio Paes eclypsou-se!» Tinha acreditado nella. Os portuguezes são assim.

PARIS, 26 DE DEZEMBRO

O appello á intervenção estrangeira foi sempre uma das armas da monarchia. Esta tradição continua a ser mantida: O *Diario de Noticias* publica uma nota concebida nestes termos:

A ATTITUDE DO CORPO DIPLOMATICO

Segundo nos consta, os ministros das differentes nações acreditadas em Lisboa communicaram ao governo que continuariam a dar-lhe o seu appoio, para a realisação da obra que o sr. Sidonio Paes vinha effectuando. (16-12-918)

O corpo diplomatico é mais cioso da dignidade de Portugal do que os proprios portuguezes, porquanto no dia seguinte o *Seculo* annunciava que os ministros da França, Hespanha, Inglaterra e Belgica tinham procurado o dr. Gonçalves Teixeira, director geral da secretaria dos estrangeiros, «apresentando-lhe as suas condolencias e affirmando-lhe as suas sympathias por Portugal» e accrescentava: «*A proposito diremos que não tem fundamento a noticia de que o corpo diploma-*

tico acreditado em Lisboa declarara ao governo que apoiava a politica do sr. Sidonio Paes».

Encontrei-me esta manhã a pedido de Nicol, com o deputado Violette, antigo ministro do *ravitaillement*. Nicol recommenda-m'o como um republicano de opiniões firmes. Falei-lhe de Portugal. Disse-lhe: o erro de apreciação em que se está incorrendo, por parte dos Aliados, com respeito á situação de Portugal, não fica atraz do que se praticou relativamente á Bulgaria, á Grecia, á Russia. Violette atalhou logo: Não concordo consigo. Não ha erro. Em França conhece-se perfectamente a situação de Portugal, mas isto — accrescentou — não é uma attenuante, mas uma aggravante do facto que vou accentuar. Influencias extranhas não nos tem permittido formular a esse respeito uma opinião precisa.

— Quer dizer, a Inglaterra?

— Isso mesmo.

Fiquei do voltar na segunda feira para conversar mais demoradamente sobre este assumpto.

PARIS, 27 DE DEZEMBRO

Um dos aspectos mais curiosos do drama do Rocio é o subito enterneecimento dos reaccionarios portuguezes pela viuva e filhos de Sidonio Paes. Dos filhos não sei so elle se occupava. Da mulher estava separado de ha muito. Já quando foi ministro no meu ministerio de 1911 vivia com outra. Quando me appareceu em Paris na sua ida para Berlim trazia esta, ou outra, que

em todo o case não era a sua legitima. Em Berlim teve uma amante com quem viveu e nunca para ali levou, eu apresentou a mulher. Finalmente, clegado á Presidencia da Republica, nunca a sua legitima mulher foi vista em Belem e quem era vista era uma amante, uma estrangeira, não sei se a mesma que o acompanhou a Berlim. Mas Sidonio Paes morreu e tanto bastou para que fossem reatadas as suas relações conjugaes ha tanto tempo interrompidas. Um comboio especial trouxe a viuva de Sidenio Paes a Lisbea e — diz o *Diario de Noticias* — á sua chegada ae palacio «deu-se uma scena deveras commovedora, trecando-se abraços e beijos entre cheres de commença.» Não imperta! Esta pebre senhera deve talvez ter reflectido que foi precise que lhe matassem o marido, para ter entrada em Belem.

PARIS, 28 DE DEZEMBRO

Mais sangue em Portugal. O enterre de Sidonie Paes deu logar a um nove massacre. O *Temps* unico jornal d'hoje que refere estes factos, accentua que foi o 33 de infantaria que atireu sobre a multidão, esse mesmo 33 de infantaria, que na vespera de partir para França, deu um tão grande concurso á revolução de 5 de dezembro. Mertes. Cente e cincoenta ferides. A policia disparou para as janellas as carabinas de que anda armada. O *Temps* conclue que quando o corteje chegou aos Jeronymes ia muito reduzido. E não diz uma palavra mais. Estas mesmas breves noticias não vieram pele telegrafo. Num jornal de Lisbea veje justamente que o regimento de infantaria 33 enviára trez cereas numa das

quaes se lia: «Enluctado pela morte do glorioso Chefe dr. Sidonio Paes, a cujo sublime nome sempre prestarão fidelidade. Salvé dia glorioso e sempre recordado!» O dia glorioso e sempre recordado é o de 5 de dezembro de 1917. Se o paiz, num assomo de energia, não põe termo a esta atroz situação, estou a ver que ella ainda acaba por provocar, não digo uma intervenção, porque hoje mais do que nunca, essa idéa foi bannida d'entre os Estados, mas uma d'essas *demarches* diplomaticas que, pelo facto de serem amigaveis, nem por isso deve attingir menos o prestigio da nação. Se assim fôr, é possivel que o Portugal republicano so apazigue, como se apaziguou o Portugal liberal depois de 1851, sobre os escombros das suas illusões. O que ainda nos poderia salvar era que se soubesse a verdade, e quem sabe? talvez ella irrompa de um dia para o outro!

PARIS, 29 DE DEZEMBRO

O Alexandre Braga foi expulso de Hespanha. Não o ouvi contar, porque não o teria acreditado. Veio elle mesmo dizer-m'o esta tarde a minha casa. Não ha duvida. Hespanha que acceitou e protegeu os monarchicos portuguezes do modo que so sabe, que foi surda a todos os appellos dos governos da Republica para que simplesmente os afastasse da fronteira de Portugal, expulsou do seu territorio este republicano. Mas Alexandre Braga eonta mais. Os republicanos fugidos de Portugal ao terrorismo reaccionario são presos pelas autoridades hespanholas. Está preso no Carcel Modelo o advogado Evaristo de Carvalho, senador ás consti-

tuintes, deputado á ultima legislatura, que esereve a Alexandre Braga: «Fui conduzido á prisão, manietado e no meio de uma malta de maltrapilhos.» Está preso em Badajoz o tenente de engenharia Pires de Carvalho. Alexandre Braga foi intimado a deixar Madrid, onde estava, em vinte e quatro horas. Emquanto elle fala ouço-o com a cabeça entre as mãos, suffocado. Perguntei-lhe a que attribuia a medida de que fôra objecto. Respondeu-me que o que provavelmente lhe dera causa fôra uma entrevista sua publicada no *Liberal* de Madrid e na qual elle preeisara o ecaracter germanofilo da reacção de Lisboa. — E Romanones? Romanones estava em Paris. Como Braga vem de Madrid perguntei-lhe se tinha eonhecimento de uma carta na qual em tempos me falaram de uma portugueza residente em Berlim, dirigida a uma pessoa da sua familia em Lisboa, carta na qual se faz uma referencia muito preeisa ás relações do Sidonio Paes com o governo allemão e que fora parar ás mãos de Luiz Galhardo. Braga tem eonhecimento d'essa carta, que ehegou mesmo a ser publicada num jornal de Badajoz e prometteu trazer-me o jornal amanhã. Com Alexandre Braga veio um homem ainda novo e com um typo tão accentuado de homem rural que fiquei muito surprehendido quando soube que era formado em philosophia. Vive porem em Amarante, onde tem uma propriedade que elle mesmo dirige. Esteve preso. Finalmente passou a fronteira. O que estes dois homens eontam de Portugal é um horror de nos deixar espavoridos. Os presos são eonstantemente espancados nas prisões. Até o Magalhães Lima o teria sido! Fazem-se deseer dos

electricos individuos que se tornam suspeitos pela sua linguagem, ou pela sua attitude e até mesmo, em plena rua, são abatidos a tiros de revolver. Bandos de sicarios espalham o terror. E' o bolchevismo ás avessas. A' volta d'estes crimes, a Europa alliada docidiu fazer o silencio e o Finot disse-me hoje: — Parece que a Inglaterra veria com bons olhos a restauração do throno. — Quem lh'o diria? — Um inglez que tem razões para o saber.

PARIS, 30 DE DEZEMBRO

Já temos juntas militares, como na Hespanha e já uma d'ellas, a do Porto, lança a sua proclamação, ameaça assumir toda a acção governativa, se a sua voz não fôr escutada. «As guarnições do norte não podiam cruzar impassiveis os braços perante a crise que neste momento asoberba o paiz e desde as primeiras horas após o vil attentado procuraram com outras guarnições estabelecer um governo d'ordem que jugulasse de vez a furia revolucionaria. O governador civil do Porto,— espantosa situação! — associa-se a esta manifestação esclarece que o que o exercito reclama é «um governo capaz do fazer punir com todo o rigor o crime agora praticado, o qual deixou de lucto a nação portugueza.» Os monarchicos reclamam contra a constituição do novo governo do qual faz parte Egas Moniz, «accusado de cumplicidade no regicidio, estando por isso preso e tendo do fugir» diz o orgão reaccionario de Madrid *El Universo*; querem um governo militar. Entretanto, Vasconcellos telegrafa de Londres que o governo inglez lhe fizera saber que «veria com o maior desfavor»

que se confirmassem os boatos de golpes d'Estado e disturbios militares e o governo faz publicar nos jornaes o telegramma do ministro. Chegamos a isto! Os monarchicos irritados qualificam de «conto do vigario» a publicação d'este telegramma. O *Diario Nacional* clama que o que se pretende é «fazer hesitar o exercito». A tantas vezes invocada solidariedade dos estrangeiros com o Portugal de Sidonio Paes já então não serve: é impertinente, é insolente, é attentatoria da dignidade nacional. «Cada um manda em sua casa, conclue o *Diario Nacional*, e cada nação regula como quer os seus negocios.» E' a anarchia. Chegaram jornaes com a narrativa do que se passou no dia do enterro. Vem carregados de crepes, não pelos pobres diabos fusillados nas ruas mas pelo grande homem que Portugal perdeu. «Foi uma verdadeira apothecose, leio com espanto no *Seculo*.

«A população inteira da capital, a que se veio juntar muitissima gente da provincia, parte da qual hontem mesmo de manhã chegara do Porto em comboio especial, accorreu em massa ás ruas do itinerario do funebre cortejo, para prestar a sua derradeira e scutida homenagem ao prestigioso homem cujos restos mortaes foram hontem conduzidos, pela cidade em peso, para o templo dos Jeronimos.

Toda a vida official, industrial e commercial paralisou, e por toda a parte pendia, tranquilla, a bandeira nacional a meia haste. Sanctas negras nas fachadas de muitos predios davam á cidade um aspecto triste, pesado e commovente. Na fisionomia do povo que em

romagem intensiva abandonou as suas casas para encher completamente as ruas, em rigorosissimo lucto, era evidente a angustia que a saudade do illustre morto lhe deixou. E até o proprio dia, offuscado por uma atmospherá plumbea, pareceu encher-se de crepes, contribuindo para a impressão confrangente que o magestoso funeral nos produzín e que por muito tempo perdurará no nosso espirito.»

«Não foram os funeraes de um Chefe de Estado, leio com espanto no *Diario Nacional*. «Foram a coroação de uma figura nacional, coroação grandiosa, enternecedora, bella, inedita!» Mas a nota sensacional do cortejo foi dada «pelo numeroso grupo de pobres, velhos, mulheres e creanças a quem o sr. dr. Sidonio Paes tanto protegeu (*Seculo* 27-12-18) e que assim quizeram prestar ao grande morto a sua derradeira homenagem.» E leio ainda com maior espanto: «Quasi todos choravam e recordando o nome do fallecido presidente chamavam-lhe pae!» Senhor! Como é possivel que eu não tenha dado por tanta estupidez e tanta vilania na sociedade portugueza! Não sei se a estatua de Sidonio Paes já se está a fundir. A subscrição sobe apressadamente. Entretanto, os alvitres para honrar a memoria do grande homem dos reaccionarios pullulam e eis aqui uma dama que propõe este — o *Collar de Lagrimas* «presente de noivado das portuguezas á filha do Libertador», que vac casar. «Que ella leve no seu dote diz a dama em questão, as nossas lagrimas transformadas em perolas.» Procuro verificar se ao menos uma subita reacção de bom senso estanca esta fonte de

desatinos. Não! A idéa das lagrimas transformadas em perolas vae por diante como se diz na nossa lingua. A subscripção já está em oitocentos mil reis. Do que se passa no outro campo das idéas em Portugal começo a ter uma triste impressão por este facto: o Levy Marques da Costa, antigo republicano, não sei mesmo se democratico e presidente do ultimo municipio republicano, tambem contribuiu para a estatua do Sidonio. — Os republicanos estão todos na cadeia, disse-me hoje o Santos Silva, que já foi preso duas vezes em Portugal, tem o pae preso ha oitenta dias no Porto e foi *deportado* para França, como medico militar. Não importa! Os que não estão presos não são brilhantes. Santos Silva confirma tudo o que sei dos nossos desastres em França — os officiaes sem vontade de se bater, os soldados recusando-se a bater-se e insubordinando-se. Sobre os horrores do Terror Branco em Portugal é que me dá algumas informações definitivas. Segundo elle, todos aquelles que de alguma maneira desempenharam algum papel na Republica, fosse elle o mais obscuro, estão presos ou foragidos, os assassinatos politicos ás esquinas, de noite, ou em ajuntamentos, devem andar por uns cem, em todo o paiz. Pergunto-lhe onde são recrutados esses faecinoras. No Porto — diz elle que é do Porto — são antigos legionarios das hostes de Couceiro e soldadesca da guarda republicana, do tempo da monarchia e que a Republica manteve nessa corporação. — Muita gente? — Não! Uns oitocentos homens. Santos Silva não pensa voltar a Portugal enquanto aquillo durar. O que o atormenta é o pae, com sessenta e oito annos, preso!

PARIS, 31 DE DEZEMBRO

A carta da portugueza do Berlim veio, não no seu texto portuguez, mas na traducção hespanhola em quo sahiu publicada na *Region Extremecña* de Badajoz, do 18 d'esto mez. E' dirigida de Berlim, em data do 27 de junho do 1918 a D. Francisco Mendia, em Aveiras do Cima o assignada *Julia* (Vagos). Diz assim no texto hespanhol: «Querido Francisco. Quanto tiempo haco que no tengo noticias de su familia! Como está usted y como va con sus estudios. Es de crer que muy bien. Yo goso afortunadamente do buena salud y eso valo mucho en los tiempos por que atravesamos. Aqui hay muy poca comida, pero, apesar de eso, no hay esperanza de quo por ahora la guerra tenga fin. Es un verdadero horror. Quo lastima da ver tantos soldados que vienen heridos del frente! Dios quiera quo usted no tenga que hacer servicio militar. Recomende-me mucho a su madre y hermanos. Si no quiere usted escribir abi va mi direccion. Tiene que poner la carta para mi, en un sobre con el nombre do esto señor: Antonio Gomes d'Almendra, Zurich Feldegg sh. 45; el entonces se encargará do mandarmela para aqui. *Es probable que al final del verano yo ya este en Portugal. El señor Sidonio Paes pidió con mucho interès al Gobierno Alleman que me deje salir. Mas no puedo escribir; estamos en tiempo de guerra. Los mayores recuerdos le remito. Su prima Julia (Vagos) — P. S. Hace mucho tiempo quo no hablo ni escribo en portugues. Probable es que haya escrito alguna tonteria.*»

O jornal de Badajoz faz preceder a publicação d'esta

carta das seguintes palavras: «Mientras el pueblo portuguez lucha contra los exercitos del kaiser Sidonio Paes mantenia correspondencia oon el Gobierno Alleman.»

Entretanto a glorificação de Sidonio Paes prosegue. Está já canonisado. Certos jornaes chamam-lhe o Santo. Outros designam-n'o simplesmente por Elle! Para um leitor do *Dia* é um novo Nun'Alvares.» O novo Nun'Alvares d'esta querida Patria transpoz o adicto da eternidade, no apogeo de uma gloria apothetica. Oh! figura de Heroe, de Santo e Martir! Eu vos glorifico na pequenez da minha voz, na humildade da minha ciçada oração!» Sobre os funeraes de Sidonio, os jornaes continuam referindo episodios commoventes, como o da flor da moribunda, que o *Diario de Noticias* conta d'este modo:

O PEDIDO D'UMA MORIBUNDA

Duas senhoras, quando se ia proceder á soldagem do caixão do extinto Chefe d'Estado, solicitaram, com voz commovida, do presidente da Camara Municipal de Lisboa, que uma flor que lhe entregaram, ficasse dentro do ataude junto ao morto, satisfazendo-se assim o desejo que uma moribunda lhes manifestara.

O sr. tenente-coronel Araujo e Castro satisfez o pedido, soldando-se o caixão com a flor dentro.

Está-se em presença de uma manifestação de cretinismo colectivo. A insensatez nacional torna ainda mais absurda e paradoxal a situação da Republica. Abriu-se um antagonismo entre os officiaes das juntas,

que querem um governo militar, e «os officiaes revolucionarios de 5 de dezembro,» como elles proprios se intitulam, que numa proclamação se dizem «herdeiros do Ideal e da Obra do sr. dr. Sidonio Paes» e que não o querem. Entretanto nem uns nem outros querem ouvir falar em republicanos, que ambos incluem na designação generica de demagogo. No meio d'estas matilhas de loucos, o paiz faz-me o effeito de um corpo inerte, ainda não morto, mas já sem movimento, que se deixa arrastar de um lado para o outro, e ahi onde o deixam, fica. O anno acaba. A nossa situação é esta. Da obra de engrandecimento que alguns homens pretenderam realisar em Portugal, nada resta. Mandamos para a França um exercito. Recolhem a Portugal *epaves*. Os alliados estão fazendo neste momento o balanço das suas perdas. Os francezes perderam 1.351.000 homens e 34.300 officiaes; as perdas inglezas foram officialmente fixadas em 658.725 mortos e 2.032.122 feridos. Quanto aos italianos as suas perdas foram de 460.000 mortos, dos quaes 16.362 officiaes e 947.000 feridos. Este sangue é o preço porque fica a liberdade do mundo. Neste quadro d'honra, o esforço de Portugal não pode figurar, porque foi quasi nullo. A legião Portugueza de Napoleão — e era um punhado de homens — colheu outros louros. Politicamente ficamos sem prestigio. Debaixo d'este ponto de vista, o attentado revolucionario de 5 de Dezembro foi um golpe em cheio á cabeça da nação. O logar a que temos direito na confereneia da paz não nos torna maiores do que o ficamos sendo, depois d'esse espantoso desastre. Justamente a reunião da confereneia aproxima-se o

o accordo é, segundo parece, tão completo que já hoje o *Temps* prevê que os trabalhos serão eucerrados muito mais depressa do que se suppunha. O Portugal que vai a essa conferencia é um Portugal sem governo regular, sem constituição, sem representantes legaes, ensanguentado pela guerra civil. O que pode elle ali dizer e quem o escuta? O presidente Wilson acaba de concertar em Inglaterra, com os representantes da nação e dos territorios do ultramar, o programma de reclamações a apresentar na conferencia. Esso programma, diz o *Morning Post*, comprehende a questão das indemnisações «acerca das quaes as possessões britannicas farão reclamações proprias e independentes das da Grã Bretanha.» Que indemnisação reclama Portugal pelos sacrificios que fez e pelos prejuizos que soffreu? E que força moral lhe assiste para fazer appoiar as suas reclamações? O nosso objectivo ao levar Portugal para a guerra foi o de o resgatar das servidões historicas da alliança ingleza, dando-lhe pela primeira vez um lugar digno ao lado da Inglaterra. Nem este objectivo conseguimos. A politica do subalternisação a todo o transo imposta á Republica pelos seus inimigos e pelos seus genios malfazejos, como o abominavel Camacho, mais uma vez reduziu Portugal á condição de um pupillo da Inglaterra. Os novos destinos nacionaes, que poderiam ter sido tão brilhantes, foram contrariados por gente sem patriotismo e conduzidos por homens sem vigor. A impressão que os proprios portuguezes procuraram dar á opinião do mundo foi a de que Portugal não se decidia a entrar na guerra senão por ser um alliado da Inglaterra! Espantosa anomalia moral!

Espantosa renuncia! Espantosa abdicação! Com este anno de 1918 fecha-se um cyclo da nossa historia, que poderia ter sido admiravel e que foi simplesmente o lamentavelmente desastroso. O que resta no meu espirito das minhas esperanças anniquiladas ó só humilhação. Esperanças novas não as tenho. Não se apresentam duas vezes na historia de um povo occasiões de se ongrandecer. A unica que tivemos perdemos-a. Outra não volta.

1919

PARIS, 1 DE JANEIRO

Emquanto a reacção germanophila triunfa em Portugal, a Hespanha bate contrictamente no peito, e procura expiar o seu germanophilismo. O jornalista Manuel Bueno escreve no *Heraldo de Madrid*:

«Não resta duvida que, em consequencia d'um erro de orientação do nosso povo, que não corrigiu no momento opportuno a attitude do conde de Romanones e as opiniões dos nossos intellectuaes — entre os quaes é preciso distinguir Melquiades Alvarez — a Hespanha não soube e não quiz seguir uma corrente de idealismo internacional que nos teria dado direito ao respeito e talvez á amisade dos Alliados. Este erro que o nosso governo não tem a auctoridade sufficiente de dissipar encaminhando a mentalidade nacional para uma outra direcção, não podia ficar impune. . . .

«Em vão pretendemos restabelecer com tardias homenagens verbaes as sympathias que a nossa reputa-

ção cavaleirosa inspirava na Europa. O realismo da politica, que o presidente Wilson tenta tornar meos desagradavel subordinando os factos a severos principios ethicos, não quiz ver nestas homenagens senão os symptomas d'um arrependimento sincero... A mentalidade atrazada da burguezia, a acção impudente d'um certo clero ignorante e o dinheiro allemão espalhado copiosamente foram as causas mais notorias d'esta absurda attitude cujo principal interprete foi o sr. Dato.»

Bernardino Machado está com uma pneumonia. Fui esta noite visital-o ao hotel. E' a primeira vez que o vejo tão abatido. Comtudo os seus olhos mantinham um grande fulgor. Apesar das instantes recommendações da familia e da enfermeira que o acompanha, falou. Pouco, difficilmente, mas falou — de um manifesto que redigiu, de uma reunião de deputados a que não pode assistir, etc. Para que não falasso mais, retirei-me. A mulher está preocupada, a Gigi chora, mas o doutor Lopes, com quem falei e que o trata, diz que elle é muito robusto e tem um coração rijo.

PARIS, 2 DE JANEIRO

Um dos effeitos mais curiosos do assassinato de Sidonio Paes foi o de fazer esquecer que poucos dias antes elle fora objecto de um outro attentado, cujo auctor está, ou deve estar preso, mas é considerado tão pouco interessante que ninguem fala n'elle. O drama fez esquecer a comedia. O verdadeiro assassino

amnistiou o falso. Ninguém fala n'elle, ninguém procura saber onde elle está e qual é o destino que lhe reservam e o que é mais singular, de tal inaneira o esqueceram, ou procuram esquecer, que ninguém o comprehende nos odios que neste momento recahem sobre os inimigos do Sidonio Paes. Pede-se a exterminação d'estes, mas para esse ha uma infinita indulgencia. Assim, esses sinistros impostores não hesitaram em ludibriar a opinião publica falsificando um attentado! Esperavam talvez assim com um attentado falso, conjurar o verdadeiro. No fim de contas, porque não? Reflectiram talvez que um attentado frustrado rodearia o seu satrapa de uma atmosphaera de sympathia que o tornaria inacessivel ao crime. A farça foi mal montada. A mecha não ardeu. E depois, quem sabe? Quem sabe se o outro, o que deveria matal-o, não acreditou na sinceridade do que não o matou e não veio implacavelmente completar a sua obra? Poetas, lettrados, — cortezãos! Em Portugal — sabujos! Em cada data nacional ha um Tolentino pedindo o mote, mendigando os restos do peru. Lá estão elles a incensar a carcassa do Sidonio. O poeta Correia d'Oliveira traz a sua contribuição ao monumento. Modesto obulo! Pobre obulo, «porque pobre eu sou».

«Ainda assim é esse o mou commovido desejo, — sempre chegará para que mo pertença e eu tenha tambem nessa Memoria (mar de lagrimas coalhadas, fundindo a alma de Portugal inteiro) uma lagrima de bronze. Uma que seja, — de tantas que me ficam no coração, suffocado de angustia, não só de saudade pelo

grande Morto, mas tambem de crueis receios pelo destino da nossa desgraçada Patria.»

O poeta Acacio de Paiva esse contribue com um soneto. Eil-o aqui.

NO ENTERRO DE SIDONIO PAES

(A MEU FILHO)

Meu filho, alma gentil de tanto apreço,
Para que de teus olhos, luz do dia,
Não corra uma só lagrima, eu daria
Todo o bem que te devo e não mereço.

Poupo-te, á custa do mais alto preço
Qualquer sombra que seja, fugidia,
E mal uma tristeza se annuncia
Por ti julgo que morro ou que endoideço.

Pois bem: teus olhos da maior pureza,
Que eu cuidadoso espreito a toda a hora,
Nem os turve de leve uma incerteza,

Fita-os n'esse caixão que passa agora
Levando a flor da raça portugueza
E — ó meu amor! ó minha vida! — chora!

ACACIO DE PAIVA.

O que revolta nestas manifestações de decadencia moral é o intoleravel artificio. Não se corteja já um homem, mas um facto — o facto social elegante, o facto do *carnet mondain*, pois que o Sidonio Paes tinha sido adoptado pela sociedade, pelo nobiliario, pelo Turf Club e pelo Club Tauromachico. Mataram o Sidonio, morreu o Sidonio. O *Dia* tarjou de preto. El-Rei telegraphou de Londres. As senhoras estão desoladas. É preciso não faltar ao enterro. Outros então tiritam de puro medo como este homem do Porto que declara em grossos caracteres no *Primeiro de Janeiro*:

DECLARAÇÃO

Para desfazer algum mal entendido, declaro que nunca pertenci nem pertenço a quaesquer aggremações politicas, sejam de que natureza fôr, tendo sido simplesmente socio do Centro d'Instrucção «Dr. Bernardino Machado», do qual me desliguei ha cerca de quatro annos.

Porto, 23 de dezembro de 1918.

Rua Ferreira Borges, 28.

JOÃO GONÇALVES SIMÕES.

Pois se até a direcção do Montepio Affonso Costa exarou na sua acta «um voto de profundo sentimento pela morte do sr. dr. Sidonio Paes!»

PARIS, 3 DE JANEIRO

«Para se ajuizar do que seria a recente tentativa «sovietista» em que entravam elementos politicos de varia especie — leio isto no *Diario Nacional* (26-12-18) e que tão briosamente foi conjurada pelo Presidente Sidonio Paes, com a patriotica e decidida cooperação do Exercito e de *todos* (sic) os elementos conservadores, basta ler o que conta a *Folha de Beja* acerca dos presos de Odemira.»

E eis aqui o que conta a *Folha de Beja*:

Os presos fizeram revelações importantissimas sobre o plano que lhes tinha sido imposto, em que havia mortes planeadas, attentados ao pudor, etc., etc. Alguns declararam aos agentes de investigação que o que mais lhes eustava era terem de matar creanças, mas eram ordens, tinham que as eumprir!

Que perversidade!

No fim de contas não me admira que no nosso paiz se lancem a publico estas enormidades com a esperanza de actuar no espirito publico, quando me lembro que duas chinezas immundas conseguiram convencer, não já Beja mas Lisboa de que os olhos dos portuguezes estavam cheios não já de teias d'aranha, mas de bichos. Depois do que acabo de ver, concluo que Portugal está á mereô — de todos os aventureiros, de todos os impostores, de todos os charlatães. O caso Sidonio Paes poz á prova a sociedade portugueza.

PARIS, 4 DE JANEIRO

Em Inglaterra o resultado da guerra foi trazer outra vez ao poder os conservadores. A reacção conservadora não só em Inglaterra, mas em França é a consequência da revolução russa, dos seus bochevics, e dos seus soviets. A sociedade burgueza sente-se ameaçada por um perigo novo e une fileiras. Não lho servirá isso de muito. Estamos atravessando um periodo de renovação que não sei a que nos conduzirá, mas não ha resistencias que o mallogrem. Por detraz da velha sociedade está outra gente, outra coisa que ha de passar, o que não impede que seja bem doloroso viver estas epochas incertas do agonizar de velhas idéas e do alvorecer de idéas novas. O seculo XIX foi mais feliz do que nós. Foi o seculo das cartas, das constituições, da liberdade. Hoje nem a palavra liberdade se sabe o que quer dizer. Simplesmente derrubando a Bastilha, a França fundou um mundo novo. Esse mundo hoje é velho, o que apenas se distingue na hora confusa que atravessamos é, entre os povos, uma aspiração fraternal, um desejo de se approximarem, de se entenderem. Ante hontem, em Roma, o presidente Wilson era aclamado aos gritos de — viva o apostolo da paz! viva o salvador da liberdade! viva aquelle que annuncia a era nova! viva o cavalleiro do Ideal! viva a Sociedade das Nações! E o *Temps*, inquieto, diz: «Le peuple est visiblement preoccupé des conceptions wilsonniénes et de l'idée d'un monde nouveau.» Dir-se-hia, porém, que uma barreira de outros interesses se oppõe a essa aproximação, proeura quebrar esse *elan* colectivo.

Tem-se a impressão de que os homens que dirigem os destinos das nações estão já sem mandato, ou fazem uso de um mandato caduco, que estes chefes d'Estado, estas instituições, estes parlamentos, a propria imprensa que procura traduzir o pensamento commum, não exprimiu já coisa alguma que corresponda á realidade da hora presente. Para onde vamos e quanto tempo durará esta crise de *enfantement*? Felizes os que nascem no principio de uma era, ou morrem no fim d'outra. Malfadados os que vêm ao mundo entre uma que acaba e outra que começa! O Osorio lá me trouxe mais jornaes portuguezes. Antes não m'os trouxesse. Começo a não poder supportar o espectáculo do meu paiz. O sentimento que se apoderou agora da malta archaica de broncos reaccionarios que desabou sobre Portugal, é o do medo de que a Republica volte. Como esses extraordinarios partidos politicos que a Republica inventou tivessem ido offerecer os seus serviços ao Canto e Castro, levantou-se nos jornaes um clamor de alarme contra o perigo de que os acceitem, a ponto de o governo ter de vir apressadamente declarar que não trataria em caso algum com democraticos e evolucionistas. Mas esta declaração não satisfez. Nem democraticos, nem evolucionistas, nem unionistas! brada em grossos caracteres o jornal *O Tempo*. E' preciso não dar logar á Republica; é preciso «não dividir as forças conservadoras.» No dia em que isso viesse a succeder «estariamos todos irremediavelmente perdidos, monarchicos e republicanos conservadores.» (*Tempo*, 29-12-18). Para o *Diario Nacional*, o regresso da demagogia (sic) seria um perigo «de que não mais nos salvaríamos.»

E Sidonios Paes — accrescenta — apparece um de seculo a seculo! » Nunca tinha lido estes jornaes monarchicos portuguezes com tanta assiduidade como o estou agora fazendo e não suppunha que esta sociedade estivesse tão atrasada e embrnecida. A idéa de manter em Portugal uma Democracia para uso exclusivo dos seus inimigos, só poderia entrar na cabeça de fanaticos possessos. E' essa democracia de reaccionarios que nos vae representar na Conferencia da Paz? Só nos falta ver consummada essa monstruosidade historica. Entretanto lá vamos á Conferencia da Paz e já hontem o *Temps* accentnava que Portugal pertence ao numero dos povos que têm o direito de lá estar «pour avoir pris part dans la guerre en versant son sang sur les champs de bataille.» Sem isso, estariamos hoje relegados para a ultima cathegoria das nações da Europa. Assim, nós salvamos Portugal de um desastre irreparavel e Portugal paga-nos este grande acto de patriotismo com o exilio! Por muito que elle se desolidarise mais tarde dos sinistros portuguezes de 1918 e por muito que repudie a sua obra, nem por isso essa tremenda injustiça deixará de ficar constituindo uma mancha indelevel na sua historia.

PARIS, 5 DE JANEIRO

O filho mais velho do Bernardino Machado chegou a Paris, vindo de Portugal, onde foi mobilisado e onde está servindo como official d'artilharia, nas baterias de costa. O que elle conta do paiz não é animador. Diz que depois da morte de Sidonio Paes ouviu dizer a

uns soldados da sua bateria: — Então, lá mataram o nosso pae Sidonio... E um d'elles accrescentava que o homem que o matou devia ser besuntado com aguaraz. Explica este estado de espirito pelo facto de que a soldadesca ficou grata a Sidonio Paes pelo facto de este a ter poupado á guerra. De resto, Sidonio Paes, de um modo ou de outro, corrompeu toda a gente. Fez-se, por exemplo, diz elle, uma reforma do ensino superior, sem o menor valor pedagogico e unieamente com o fim de melhorar a situação do professorado, pagando-lhe melhor. Elle mesmo, é professor e ganha muito mais do que ganhava. Perguntei-lhe o que foi, na realidade o enterro de Sidonio Paes. Segundo elle, foi realmento uma manifestação enorme, mas accrescenta que uma boa parte da gente que se associou a ella, o fez por medo. Em Portugal vive-se sob um regimen de terror como não ha memoria, nem no tempo de D. Miguel. «— Minha sogra, diz elle, que detestava o Sidonio, poz lucto para fazer como toda a gente e não dar nas vistas.»

PARIS, 6 DE JANEIRO

Hoje, em casa do Geovetti, que está muito mal, ouvi dizer a um official francez, que uma revolução era muito possivel aqui. — Porquê? — Não sei! Nous sommes très frondeurs. O presidente Poincaré, disse o outro dia a um jornalista que só as nações vencidas fazem revoluções. Em these assim é. A victoria acalma os descontentamentos e torna os homens optimistas. Comtudo, em França ha causas de descontentamento

que a victoria não fez desaparecer. O Estado e a sua incompetencia é uma causa permanente de descontentamento e nunca o Estado deu tantas provas de incompetencia, como o está dando o Estado francez. O que se está passando com o reabastecimento das regiões francezas libertadas, excede tudo quanto possa imaginar-se. N'algumas das localidades d'essas regiões, como Lille e Valenciennes, a situação dois mezes depois do exereito allemão se ter retirado, era igual, senão peor do que era sob a occupação. Faltava tudo desde o carvão até aos generos mais essenciaes á alimentação. Na Alsacia e na Lorena as insufficiencias da administração franceza começam a fazer-se sentir. O Estado mostra-se incompetente. A ganancia dos especuladores não tem limites. O Estado não encontra meio de lhes ir ás mãos. Hontem aboliram-se as restricções por um certo numero de generos alimenticios. O resultado foi que o seu preço augmentou immediatamente. A França é cruelmente explorada por syndicatos de mercadores sem escrupulos, aos quais todos os males publicos servem para ganhar dinheiro. O Estado não encontra meio de reprimir esta especulação e o publico está á mercê. Esta questão é que pode ser causa de desordens, porque revolta meio mundo. A questão politica, ou mesmo social, não me parece que tenha o poder de agitar um paiz de gente *rangée*, ceconomica, avara e que não tem outro objectivo que não seja o de guardar dinheiro! A França é profundamente burgueza e mesmo as suas classes trabalhadoras não tem outra aspiração que não seja a de subir um degrau na escala social.

PARIS, 8 DE JANEIRO

Portugal está demente. Um official de cavallaria que andou mettido com Sidonio Paes na aventura de 5 de dezembro e que este recompensou fazendo-o governador de Cabo Verde, quiz beijar o cadaver do seu amigo ao voltar d'ali e como a urna estivesse naturalmente fechada saeou da espada e tomado de uma grande exaltação partiu-lhe o tampo de vidro. Passou-se isto nos Jeronymos. Um jornal que refere este facto, escreve que esta scena pathetica teve uma grandeza Shakespereana. No dia seguinte, o official em questão mostrava-se a cavallo na rua do Ouro, «acompanhado dos seus ajudantes no governo de Cabo Verde e respectivas ordenanças, sendo muito saudado, diz outro jornal, por todos os que o reconheceram.» No Porto, a Junta Militar foi acclamada nas ruas, por grande multidão, diz o *Primeiro de Janeiro* e no meio do maior enthusiasmo, e um certo Osorio de Vasconcellos, dirigindo-se-lhe em nome do povo, leu uma mensagem na qual encontro estes periodos :

O povo do Porto vem saudar a Junta Militar do Norte e n'ella todo o exercito portuguez !

No momento em que a nação atravessa a mais grave crise da sua historia, um movimento iniciado pelo Exercito, é alguma cousa de grande ; é o começo de uma alvorada nova, d'onde tem a sahir um Portugal maior !

O grande morto, que mãos eriminosas, armadas nas alfurjas secretas onde a demagogia germina, covarde-

mente assassinaram, ao soltar o ultimo suspiro, deixou cabir dos labios uma grande tarefa a cumprir : Salvem a Patria !

Os jornacs continuam a publicar epicedios á morte de Sidonio Paes. São documentos de vesanicos. Um d'elles é endereçado ao «Presidente da minha alma.» Em outro, Sidonio Paes é Jesus Christo, é o grande Deus.

«*Ao Grande Presidente e ao Grande Deus.* — Senhores Officiaes, peço-vos licença para falar na presença d'esse grande Deus. Ex.ª ! Jesus Christo, Nosso Senhor, quando se fez homem, quiz fazer um povo religioso a fim de unir todos os christãos ; mas como os inimigos foram grandes, o que provou ainda nesta presença em que vós, Ex.ª, o estivestes, Nosso Senhor, Ex.ª, por querer illustrar o mundo, fazer do povo bons amigos, bons paes, bons filhos, valeu-lho que os judeus, os traidores, que não queriam saber da doutrina d'esse propheta, agarraram-no, chicotearam-no, prenderam-no e por ultimo puzeram-lhe uma cruz aonde ello, com esse madeiro ás costas, o foi levando até ao caminho da morte ; nesse madeiro foi pregado e ahi foi morto e crucificado.

Dir-se-hia que se abriram as portas de um manicomio. Os grandes jornaes, o *Seculo*, o *Noticias*, o *Janeyro* não dizem uma palavra, abrem as suas columnas a esta torrente de desvario, dobram a cerviz. A *Manhã* de Mayer Garção, que foi assaltada e destruida depois

do assassinato de Sidonio Pacs, reapareceu constricta, deplorando o crime, celebrando as virtudes do novo presidente Canto e Castro de quem diz, para não sahir da corrente de insensatez em que tudo vae, que é uma figura «que parece recortada de Plutarco.» De resto dir-se-hia que a sociedade portugueza respira uma atmospherá de loucura. As palavras não tem já ali outra significação do que aquella que lhes emprestam os loucos que as pronunciam. No enterro do Antonio Macicira, um dos individuos que falou á beira da sepultura d'este ridiculo maioral da Republica, pronunçiou esta invocação espantosa :

— Os olhos da nossa saudade, rasgando este ataudc, farão com que, ao contempla-lo, brademos como alguém já uma vez disse: «Morto, parece maior do que vivo!»

Hontem, ouvi que no Ministerio dos Negocios Estrangeiros as noticias de Portugal davam como lavrando ali a guerra civil. Não me surprehende nada. E sobrevem esta calamidade, no mais alto momento da historia de Portugal!

PARIS, 9 DE JANEIRO

Os jornacs agora não cessam de chegar. O P. Osorio traz-me todos os dias um pacote. Abro-os, leio-os, ou antes, debruço-me sobre elles, como me debruçaria sobre um corpo docente e fico-me longos minutos com a cabeça entre as mãos a perguntar a mim mesmo que imprevista e terrivel enfermidade foi esta que accom-

metteu o meu paiz — o meu paiz que ha sete annos eu deixei, tão saudavel, que ha quatro annos ainda eu vi tão vigoroso, tão ardente, tão generoso? Cada vez o reconheço menos e a transformação quo n'elle se operou é tão profunda, que interrogo a minha razão, chego a duvidar d'ella o tenho medo de a perder de todo. Em S. Carlos um professor da Faculdade de Direito, Martinho Nobre de Mello falou, disse :

«Senhores! Ha homens que são simbolos! Nun'Alvares ficou sendo simbolo da Independencia da Patria! Sidonio Paes ficará sendo simbolo da sua libertação.

Esta é a consagração do seu nome que representou a extraordinaria manifestação de sentimento publico dos Paços do Concelho a Santa Maria de Belem. Consagração e apothese magnifica dos principios que o seu nome substanciava, os principios eternos da Ordem contra as Revoluções, da Bondade contra o Odio, da disciplina social e nacional contra os desvairamentos anarchicos e jacobinos das facções e dos partidos.

Morreu um dos maiores chefes de Estado do mundo! » Esta phrase não a proferiu ou escreveu um portuguez. Foi s. ex.^a o sr. ministro da Italia, quem a pensou e disse.

Relembremos o momento que a Humanidade atravessa. Momento historico em que os Reis, os Chefes e os Estadistas, são da envergadura de Wilson e Alberto da Belgica, Lloyd George e Clemenceau. Pois Sidonio Paes, dil-o um estrangeiro da mais alta cathegoria social e mental, era um dos maiores Chefes de Estado do mundo!

A este estado de cretinismo reverteu a sociedade portugueza e digo reverteu porque isto já não é do nosso tempo. Isto é o regresso á idolatria miguelina, á epilepsia do Portugal fanatico do Conde de Basto. Entretanto não é a primeira vez que estes exasperados sectarios invocam a opinião dos membros do corpo diplomatico em favor de Sidonio Paes. Já o ministro da Hollanda teria dito que Sidonio Paes *«era muito grande para paiz tão pequeno.»* Semilhantes incontinencias de lingua da parte de homens que pela natureza das suas funcções são obrigados a não intervir com as suas opiniões nos assumptos da politica interna dos Estados que os recebem, não me surpreendem. O corpo diplomatico estrangeiro já comprehendeu que se encontra num paiz em que a dignidade nacional é o ultimo cuidado dos cidadãos. Pois não foi um governo portuguez, elle proprio, que tornou publico um telegramma do ministro de Portugal em Londres informando que o governo britannico veria *«com desfavor»* que Portugal se outorgasse governos militares? Pois não foi num grande orgão da imprensa de Lisboa que se fez constar a titulo officioso que o corpo diplomatico informara o governo de que se collocava ao seu lado *«para proseguir a obra encetada por Sidonio Paes»* manifestação de indignidade e de baixeza tão revoltante que indignou o proprio corpo diplomatico, levando-o a fazer desmentir a informação? Um paiz onde se desce tanto, está á mercê das intrusões mais insolentes. Portugal voltou ao tempo em que tudo ali mandava — a Inglaterra, a Hespanha, a Austria, a França.

PARIS, 10 DE JANEIRO .

O Alexandre Braga appareceu-me hoje outra vez em casa, com uma missão. Bernardino Machado, Affonso Costa, elle mesmo, entenderam necessario redigir um documento — esse documento que devia ter sido feito ha um anno! Querem o meu concurso. O meu concurso consistiria em pôr n'uma lingua que se entenda o que elles querem dizer, e que querem elles dizer? Querem — explica A. Braga — dirigir-se á Conferencia da Paz. Saccudo-o com um gesto e declaro-lhe que semilhante idéa é simplesmente estúpida. Em Portugal existe um governo de facto. Não temos o direito de o discutir, qualquer que seja a forma que dermos a essa discussão numa assembléa em que elles são recebidos como representantes da nação. Braga tartamudeia, gagueja, insiste. Saccudo-o com outro gesto. O que ha a fazer, o que ha muito tempo se deveria ter feito, seria dizer a verdade sobre a situação de Portugal, num documento firmado por entidades responsaveis — pelo chefe do Estado banido, pelo governo deposto. Justamente, diz A. Braga, Bernardino Machado fez qualquer coisa nesse sentido e já mesmo mandou imprimir, mas é mau, deploravelmente mau, e é preciso a todo o transo evitar que se publique. Fazer outra coisa melhor. — Pois façam-n'o. — Para isso contamos comsigo. — Inutil! Estou prompto a servir ainda a Republica, mas de uma forma pessoal e directa. Quanto a secundar os homens que a comprometteram com as suas ambições e as suas vaidades, nunca mais! Já demasiado lhes dei o meu concurso. Ia-me custando

a vida. Serviu isso ao menos para alguma coisa? Não! Nas suas mãos a Republica marchou de mal a peor. C'est fini. São elles ao menos homens estimaveis, bons camaradas, bons amigos? Nem isso. Durante esse anno do duro exilio, cada um tratou de si. Os ricos gosaram as suas fortunas. Os pobres como eu, foram entregues ao seu mau destino. Quem é que quiz saber como eu fazia face ao furacão de desgraça que se desencadeou sobre a minha pobre cabeça? Emquanto eu e a minha mulher, fugidos ao bombardeamento de Paris, nos acolhemos á sombra de uma hospitalidade providencial e perguntavamos anciadamente a nós proprios que sombrios dias nos esperavam, o Affonso Costa fazia a sua cura em Caunterets, sem um gesto, sem uma palavra amiga. O B. Machado, esse, com a sua intoleravel cordealidade, convidava-me a ir dar um passeio até Hendaya, e eu não sei o que seja mais intoleravel, se o grosseiro egoismo de um, se o artificio de outro. Agora lembram-se de mim para essa, segundos elles, tarefa secundaria, que consiste em dar voz á sua aphonía. Estou farto d'essa ventriloquia e — com seiscentos diabos! — se a esses homens de todo falta a eloquencia e se de todo lhes faltam meios de expressão, então, que recolham de vez á sua mediocridade e não tenham a pretensão de dirigir os nossos destinos, que, de resto, não tem feito senão comprometter! O meu patriotismo deu a maxima contribuição de abnegação e renuncia de si mesmo que um homem pode dar. Durante sete annos, trouxe pela mão, conduzi, encaminhei, fiz falar uma lingua culta, neste grande meio social da França a todos os nullos, a todos os insignificantes, a

todos os medioeres que a Republica despachou ao meu cuidado. O meu empenho era o de que elles sahissem d'aqui dando a impressão de um Portugal intelligente e algumas vezes, com mil artificios, o consegui. Vi celebrados os discursos que elles pronunciaram e que eu escrevi, e vi-os por esse motivo engrandecidos enquanto eu mesmo fazia a seu lado a figura subalterna de um funcionario secundario. Vi mais: vi fazer-se contra mim, uma campanha á sombra d'estes proprios homens: li estupefacto, em jornaes portuguezes que a vinda de alguns d'elles a este paiz tinha grandemente contribuido para modificar favoravelmente a minha situação que uns diziam compromettida, outros sem relevo. Li isto e não li que nenhum d'esses homens elevasse um grito de protesto contra tão estupidas falsidades. Ao contrario, todos se calaram: deixaram correr a versão do que tinham vindo salvar-me a França. Enguli, trouxe durante sete annos estas injustiças e estas pervorsidades. Um dia tudo isto me subiu á garganta. Agora depois de um anno de indifferença e de esquecimento, vem bater-me á porta outra vez — e para quê? Para saber como estou? Como vivo? De quo côr é o amargo pão que como? Não! Simplesmente para que eu mais uma vez vá em soccorro da sua insufficiencia, me debruce, febril, sobre a minha meza de trabalho e ao cabo do trez ou quatro duras vigalias, lhes vá lovar ao seu hotel, como um secretario zeloso, a folha de papel escripta que elles hão de assignar gabando-me a des-treza com uma palmada risonha no hombro. — S'tá optimo! O Braga sahiu d'orelha murcha, promettendo voltar á carga, mas quando fechei sobre elle a porta,

sentí que a fechava definitivamente sobre esse bando todo de ambiciosos, de intrigantes, de insensatos o de tolos, que mais do que o paiz mesmo, comprometteram o meu destino o desfizeram em fumo o mais bello sonho da minha vida.

PARIS, 11 DE JANEIRO

Os jornaes d'hontem publicaram esta informação :

M. Pichon, ministre des affaires étrangères, a rendu hier visite aux chefs des délégations étrangères arrivées à Paris. Il s'est successivement rendu au siège de la mission anglaise à l'hôtel Majestic, de la mission américaine à l'hôtel Crillon et de la mission italienne à l'hôtel Edouard-VII.

Dans le courant de l'après-midi, il est allé également conférer avec M. Egaz Muniz, ministre des affaires étrangères du Portugal.

Falando com Navarro acerca d'esta visita, o Egas Moniz referiu-lhe som pudor, que no decurso da sua conversação Pichou lhe dissera : «*Vos prédécesseurs nous donnaient des gages : vous nous donnez des mots.*» Parece que Egas Moniz ficara extremamente embaraçado. O que é extraordinario é que o conte. Em Portugal os homens que occupam o governo oncontraram esta formula, segundo um artigo da *Situação* : nem demagogia rubra, nem demagogia branca, o que quer dizer — nem Republica, nem monarchia. O quê, então ?

Entretanto, eis aqui, quem é o actual presidente da Republica, segundo o *Dia*: (3 jan.)

Quem é S. Ex.^a? Um republicano historico? Não. Um antigo official e deputado monarchico, que tendo feito parte da primeira camara eleita no reinado do Senhor D. Manuel II, onde quem escreve estas linhas teve a honra e o prazer da sua agradavel camaradagem, se não resignou, desde 1910, a servir a republica e até entrarmos na guerra se conservou alheio á vida activa da armada, entregando-se muito probamente e muito singelamente, o que só o dignifica, a um negocio de commissões em que absorveu a sua actividade e poz todos os seusmeticulosos cuidados.

Apezar d'isto, o assassinato de Sidonio Paes produziu uma *détente* nos responsaveis do governo, como já a produzira o regicidio, e as cadeias estão-se abrindo, os reaccionarios extremes estão perdendo terreno. Certos funcionarios da policia estão dando a sua demissão. A censura impediu a publicação no *Diario de Noticias* dos relatos feitos pelos prisioneiros de guerra chegados a Lisboa, sobre os maus tratos que soffreram na Allemanha, mas no dia seguinte a ordem foi revogada. Ha um evidente movimento de recuo, symptomas de revolta, protestos contra a intervenção dos militares na vida publica. Os empregados dos correios e telegraphos do Porto decidiram abandonar o trabalho—dizem elles num protesto publico — «para não obedecer á autoridade de elementos militares que não são delegados dos poderes constituídos.» Os jornaes publicam

cartas de officiaes do exercito e grupos de sargentos protestando contra «a forma invulgar com que se fazem affirmações sobre a vontade do exercito.» A' confiança fanatica que Sidonio I'aes inspirou, succedeu, com o seu desaparecimento, o sentimento da instabilidade. O chronista litterario de um jornal monarchico de Lisboa, confia ao publico as suas anciedades, fala no «ambiente suffocante, sobresaltado, inquieto», diz que não lhe é possivel trabalhar «sobre um forno de cal, cuja crosta ameaça esboroar-se a cada momento», declara-se inapto para tudo o que não seja «esperar, com o coração confrangido, o espirito attribulado, o epilogo da tragedia que estamos vivendo.»

PARIS, 12 DE JANEIRO

A conferencia da paz vae inaugurar os seus trabalhos e já hoje o *Matin* ennumera as reivindicações que os Alliados so propõem fazer perante ella. A todas as nações alliadas que se bateram, consagra uma rubrica. A Belgica reclama o Limburgo e a livre passagem pelo Escalda; a França reclama a Alsacia, a Lorena e garantias contra novos ataques; a Inglaterra faz reivindicações d'ordem colonial, formula a pretensão de ligar as suas colonias africanas ao seu imperio das Indias, através de uma serie de Estados constituidos sob o seu protectorado; a Italia quer, alem do Trentino e da Istria, a facha oriental do Adriatico, que os Slavos do Sul reclamam por seu turno; a Servia augmentou já o seu territorio com a junção dos territorios da Croacia e da Slovenia e appoia as preten-

ções dos Slavos do Sul sobre a parte oriental da costa do Adriatico; a Romania reivindica a Bessarabia, a Transylvania e a Bukovina; a Grecia reivindica os territorios de população grega da peninsula dos Balkans e da Asia menor. Os polacos, os tcheco-slovacos, os armenios formularão por sua vez as suas pretensões. Só de Portugal não se fala nesta ennumeração. O objectivo que eu, pelo meus, no meu espirito attribua á entrada de Portugal na guerra não importava um conjuncto do reivindicações, territoriaes, ou de outra natureza, que não temos a fazer. Nós entramos na guerra para affirmar personalidade e com ella, o direito á independencia e á posse do que é nosso. Na realidade entramos na guerra para nos impormos ao respeito e á consideração das nações. Entramos na guerra para que o mau visinho que é a Hespanha renunciasse de vez ás suas intrigas contra nós, para que a nossa velha Alliada, a Inglaterra, cessasse de ver em nós o seu pupillo historico e não voltasse a decidir da sorte das nossas colonias em tratados secretos com as nações suas rivaes, finalmente, para que a nossa solidariedade na obra de sacrificio commum se traduzisse aos olhos do mundo, por um accrescimo de prestigio. Numa palavra, nós entramos na guerra para ter um logar que nos faltava entre as nações. O desastre que resultou do triunfo da reacção germanophila comprometteu estes objectivos e eu pergunto a mim mesmo o que é que o Portugal da hora presente tem que dizer na Conferencia da Paz. A sua presença ali, teria por si só uma affirmação e uma reivindicação, se por detraz dos seus representantes estivesse o Portugal

que eu sonhei. Assim, a sua presença na Conferencia da Paz não lhe traz mais força, nem mais gloria.

PARIS, 13 DE JANEIRO

Hontem, na reunião da Federação Socialista do Sena, vivas a Lenine, a Trotsky, a Liebecknecht. Os socialistas reelamam urgentemente a desmobilização. Os inglezes dizem que a desmobilização privaria os Alliados de todos os meios de pressão junto da Allemanha, no momento de lhe impôr as condições da paz. Por outro lado com que Allemanha pretendem os Alliados tratar e onde estão os poderes regulares que a representem? Em Berlim ha muitos dias que vem sendo travadas verdadeiras batalhas nas ruas e não se sabe em que mãos o poder acabará por cahir. Os chamados spartakistas ateiam em todo o imperio a guerra civil. Esta nação, ha pouco tão disciplinada e na qual segundo tantas vozes autorizadas, era impossivel uma revolução ó, no meio da Europa, um vulcão. Ha pouco duvidava-se da sineeridade da sua revolução. Hoje já não estamos em presença de uma revolução, mas de uma eratera que se abre. E' sobre esta eratera que os plenipotenciarios da paz estão neste momento debruçados. Como vae isto decidir-se amanhã? Quem vae responder pela Allemanha? Quem vae tomar compromissos em seu nome? Por outro lado, para que especie de paz caminhamos nós, no meio de uma sociedade em plena revolta contra tudo o que existe? Seavenius, ministro da Dinamarea, que regressa de Petersburgo e de Moscou, onde esteve até agora, diz que os resultados da

conferencia da paz serão nullos, se os Alliados não se decidirem a esmagar o bolchevismo russo, e o embaixador de França, Noulens, que d'ali voltou hontem, diz o mesmo, mas a França, cedendo á pressão dos socialistas, renunciou á idéa de uma expedição á Russia e assim o novo perigo que se levantou por detraz do conjurado perigo allemão, fica de pé ameaçando a Europa de uma contaminação peor do que a peste. Está a França ao abrigo d'esse novo perigo? E' o que todos perguntam. Não creio que o bolchevismo, fructo da servidão, encontre neste paiz livre, um terreno favoravel, mas as condições da vida podem trazer grandes perturbações. A guerra foi a ruina da França e a causa da prosperidade e do bem-estar de grande numero de francezes. Posto isto pareça paradoxal, nunca as classes trabalhadoras d'este paiz gosaram de tanto bem estar como durante a guerra. Nunca os operarios foram tão bem remunerados. Pela primeira vez na historia do mundo appellou-se para o esforço collectivo das mulheres e as operarias improvisadas das fabricas de munições, das linhas ferreas, das gares, dos serviços de transporte, as conductoras de tramways, auferiram salarios que reunidos aos dos seus elevaram os orçamentos domesticos das classes pobres a proporções nunca vistas. Estas classes habituaram-se a uma existencia desaffogada. Era corrente, durante a guerra, que os melhores bocados dos mercados, iam para os menages operarios. Finda a guerra, desmobilizados os homens, despedidas as mulheres, o que vai ser d'esta gente toda? A situação, porem, agrava-se com a circumstancia de que estas classes subitamente privadas

dos recursos extraordinarios que a guerra lhes trouxe, vão recahir na sua antiga mediania ou na sua antiga miseria, no momento em que o preço da vida se elevou alem de toda a medida. E' a queda de um sonho. E' um salto no desconhecido. Assim, se o momento da guerra foi angustioso, o da paz não o é menos.

Os pasquins reaccionarios de Portugal annunciam no meio de grande gritaria que Bernardino Machado e Affonso Costa levantaram num banqueiro da rua Richelieu um emprestimo de um milhão e quinhentos mil francos para fazer a revolução tendo tomado o compromisso de fazer uma concessão na provincia de Angola ao banqueiro em questão.

O pasquim que lançou esta ballela diz que tem provas e promete apresental-as, o que afinal não prova senão que estes energumenos se devem encontrar numa situação bem desesperada.

PARIS, 14 DE JANEIRO

Ao sahir da prisão d'Elvas, o major André Brun, fez esta revelação, que escapou á vigilancia da censura, na *Manhã* de Lisboa: (6-1-19)

«No momento do avanço final, dos vinte e quatro batalhões iniciais do C. E. P. novo apenas se mantinham e, d'esses, dois somente estavam em linhas avauçadas: o de infantaria 15, commandado pelo major Ferreira do Amaral, que ficeará como uma das figuras mais curiosas da guerra de França, e o meu, o de infantaria 23, cujos officiaes tinham sollicitado, após a

minha sahida, ao commandante em chefe que fosse nomeado para os dirigir Helder Ribeiro, um republicano de sempre, um apaixonado intervencionista e, dentre os nossos *palmipedes*, um dos poucos que tinham gosto em respirar a miudo o ar da *trincha*.»

O resultado d'esta obra criminosa do aniquilamento do esforço militar de Portugal eil-o aqui :

«La représentation des divers pays a reçu hier une solution, escreve o *Matin* d'hoje. Les cinq grandes puissances: Amérique, Grande-Bretagne, France, Italie, Japon, conservent leurs cinq délégués. Les autres en auront de un à trois. La seule puissance de cette catégorie qui aura trois plénipotentiaires sera le Brésil.

La Belgique et les Etats balkaniques qui ont combattu à nos côtés, Serbie, Grèce et Roumanie auront deux délégués. Ceux de la Serbie ne représenteront pour le moment que l'ancien royaume de Serbie: la reconnaissance de l'Etat formé par les Serbes, les Croates, les Slovènes et les Monténégrins est, en effet, réservée à la conférence.

Les deux nouvelles républiques de l'Europe centrale Tchéco-Slovachie et Pologne, auront également deux délégués.

Il semble que le gouvernement portugais n'en aura qu'un.»

Fora da Europa, a China e os principaes dominios inglezes, o Canadá, a Australia, a Africa do Sul terão dois delegados. A escolha de um delegado unico foi re-

servada aos paizes que romperam com a Allemanha, mas não se bateram, ou aos pequenos dominios como a Nova Zelandia, a Terra Nova, etc. Assim, Portugal que se bateu em duas frentes, em França e na Africa, que mobilizou um corpo de exercito, que derramou o seu sangue em dois campos de batalha, não teria direito a ter na conferencia da paz mais representantes do que Cuba ou o Sião! E' esta resolução uma coisa definitiva? Aceita Portugal, aceitam os seus representantes, sejam elles quem forem, esta inqualificavel injustiça, que destroe todo o esforço que fizemos e o vem declarar por assim dizer nullo aos olhos do mundo inteiro? E a Inglaterra, a nossa fiel alliada, concorda em que Portugal seja assim abaixado á cathegoria dos Estados que não se bateram?

A' tarde ainda desdobrei o *Temps* com a esperauça de ver corrigida esta informação talvez precipitada do *Matin*. Lá vem confirmada e eis aqui em que termos precisos:

LE NOMBRE DES DÉLÉGUÉS À LA CONFÉRENCE

«En ce qui concerne la représentation des diverses nations à la conférence de la paix, les décisions prises hier sont les suivantes:

- 1° Les cinq grandes puissances: Etat-Unis, France, Grande-Bretagne, Italie, Japon, auront 5 délégués;
- 2° Le Brésil aura 3 délégués;
- 3° La Belgique, la Serbie, la Grèce, la Roumanie, la

Tchéco-Slovaquie, la Pologne, la Chine auront 2 délégués (la Yougo-Slavie n'est pas encore reconnue comme État indépendant, mais elle est actuellement représentée par la Serbie dont l'un des délégués est M. Trumbitch, Croate de Dalmatie);

4° Le Portugal et le Siam auront 1 délégué;

5° Les nations suivantes, qui ont déclaré la guerre sans y participer: Cuba, Panama, Guatemala, Costa-Rica, Nicaragua, Honduras, Haïti, Liberia auront chacune 1 délégué. Il en sera de même des pays suivants qui ont rompu avec l'Allemagne: Equateur, Bolivie, Pérou, Uruguay;

6° Il a été décidé, à la demande de M. Lloyd George, que les Dominions auront une représentation particulière. 2 délégués sont accordés à l'Australie, au Canada, à l'Afrique du sud et à l'Inde; la Nouvelle-Zélande et Terre-Neuve en auront chacune 1.

Au total, il y aura 66 délégués.»

Portugal deveria formular immediatamente o seu protesto e declarar que se absteria de comparecer na conferencia se não lhe fossem attribuidos os dois delegados, reconhecidos ás nações que se bateram. Não o fará. A' noite estive no hotel Wagram, a procurar um filho do B. Machado, que parte amanhã para Lisboa, e a quem desejei confiar uma carta. Fez-me subir. O Bernardino Machado, que convalesce numa cadeira de braços, já fóra de perigo, deu-me logo a noticia do novo levantamento em Portugal, fez-me ler dois telegrammas da Radio, que lhe foram mandados por certa agencia, e ainda não vieram a publico. Levantamento no Porto,

Parcial? Por certo parcial, porque ali ainda dominava a Junta, que reclamava o soccorro de Lisboa, que enviara mil homens. Levantamento em Santarem, onde os revolucionarios, dirigidos por Jayme de Figueiredo, estavam senhores da cidade. Levantamento na Covilhã. De Lisboa os dois telegrammas diziam que a ordem era absoluta. B. Machado não parece estar muito emocionado com estes successos. Falo-lhe nas resoluções d'hontem da conferencia da Paz, a nosso respeito. Ficou muito surprehendido. Não sabia nada. O que o interessa é uma folha de papel que agita entre os dedos e me faz ler. E' o schema das suas locubrações sobre o conjuncto de reivindicações que deveriamos fazer perante a Conferencia. E' prodigiosa a actividade que este homem desenvolve a conceber disparates, e alguns dos que elle me submette na sua nota são, no entanto, inconcebiveis. Pois não queria elle que Portugal reclamasse a revisão do tratado anglo-portuguez, de 1891? Pois não queria que fossem declarados como não existentes os compromissos de garantias que Portugal tem tomado para assegurar os seus emprestimos, sob o pretexto de que «entrando na guerra, a nação portugueza se mostrou fiel cumpridora dos seus compromissos?» A reivindicação soberana é, porém, esta: B. Machado quereria que os partidos democraticos tivessem representação na Conferencia. Olho para elle e como a doença diminuiu o seu corpo já franzino, já sumido, só lhe vejo os olhos negros, sob as encrespadas sobrancelhas negras, brilhando com fulgor e acho-o então sublime. Esse homem não tem a menor duvida sobre a sua intelligencia. Está seguro d'ella e não ha passo

errado que dê que o não dê na persuasão de que vae no bom caminho. Assim levou a Republica, sem vacillação, para o barranco em que está. O mais curioso, no entanto, é que Affonso Costa e Alexandre Braga parece terem achado excellentes os seus projectos de reclamações perante a Conferencia. Disse-me mesmo que eram elles que as tinham redigido, sob dictado seu. Falando d'elles diz: «Os ministros»—«o governo.» Deixei-o cercado de uma familia cada vez mais numerosa, porque a sua doença trouxe a Paris os trez filhos mais velhos e o genro, o Angelo Vaz, que o acompanhou na sua viagem official. Querem-lhe todos com verdadeira ternura. Na salla, estavam a familia Affonso Costa, o Braga, o Leotte do Rego, os companheiros do exilio. Não entrei lá, nem me sinto levado a ser companheiro do exilio, d'estes individuos que, afinal, prepararam o meu.

PARIS, 15 DE JANEIRO

O *Temps* d'hoje rubrica assim as noticias de Portugal: — *ha guerra civil*, mas como sempre succede na imprensa franceza, não nos dá idéa alguma exacta do que se está ali passando. O que me parece deprehender do que leio é que os reaccionarios não estão por ora senhores da situação. A unica noticia official é um communicado do governo, em que se affirma com o impudor habitual com que essa gente vem mentindo ha um anno á opinião estrangeira, que o movimento é appoiado por agentes bolchevistas;

«Lisbonne, 12 janvier. (Retardée en transmission.)
— Le gouvernement communique aux journaux la note suivante :

La nuit dernière, ce matin et aujourd'hui, des événements graves se sont déroulés à Lisbonne, à la suite d'un mouvement dirigé par les démocrates et appuyé par des agents bolcheviks.»

A Belgica e a Servia reclamaram contra o numero reduzido de representantes que lhes foi concedido na Conferencia da Paz, e já hoje a imprensa de Paris se faz eco dos descontentamentos das nações alliadas que se reputam d'este modo lesadas. O *Echo de Paris* lamenta as decisões da Conferencia e diz esperar que ellas não sejam definitivas. Um outro jornal, o *Petit Bleu*, diz que é «de um interesse capital evitar todos os motivos de descontentamento e todo o *tiraillement* entre os Alliados.»

PARIS, 16 DE JANEIRO

A Conferencia reconsiderou, mas parece que o unico aliado que beneficiou com a sua reconsideração fomos nós, porque o numero dos nossos representantes foi elevado a dois, assim como dos dominios inglezes. A Inglaterra reconheceu-nos, enfim, a cathegoria de dominio! A reclamação da Servia que pretendia por certo um maior numero de representantes «não foi atendida» diz hoje um jornal. Os yougo slavos queixam-se de não terem tido representação e reclamam-n'a. Os armenios tambem se dizem lesados. A Conferencia não

começa sob bons auspícios. As grandes nações estabelecem com demasiada insistencia a differença de categoria que as separa dos pequenos Estados. A Inglaterra está construindo enormes *dreadnoughts*, o que não deve surprehender pouco os que pensavam que a guerra conduzia ao desarmamento. Os jornaes da manhã são mudos a respeito de Portugal, o que continua a dar-me a impressão de que a sublevação não está dominada. Em Lisboa os bandos de apaniguados de Sidonio Paes, voltam-se para a Republica ameaçada, dizem elles, appellam para *todos* os republicanos, pedem o «esquecimento de agravos e malquerenças» e a reunião em volta da «bandeira verde rubra.» O que caracteriza esta novidade é o facto de as galerias terem feito uma ruidosa manifestação, no dia da reunião das camaras com «morras á Republica nova,» «á Republica dos monarchicos» e vivas á Republica velha e ao Affonso Costa. A *Manhã* já levanta o vôo. As coisas não parecem ir bem para os reaccionarios, mas não vão melhor para nós. A nossa reputação cá fóra, cahe em farrapos.

PARIS, 17 DE JANEIRO

O que se está passando em Portugal traz-nos de novo em anciedade. Todas as manhãs me precipito sobre os jornaes. Os de hoje não dizem uma palavra, mas o P. Osorio, á tarde, conta-me ter ouvido no hotel do B. Machado, que o *Temps* recebera a noticia da capitulação da gente de Santarem. Hontem, jantar em casa de Mademoiselle Maille. Quatorze pessoas: o Marcel Prevost, a Madeleine Roch, do Theatro Francez, o

bojudo Thery, de *l'Oeuvre*. Litteratura, musica. Não se falou de Portugal.

PARIS, 18 DE JANEIRO

Abriu hoje a Conferencia da paz. A Belgica e a Servia obtiveram afinal trez representantes. O Sião conseguiu tor dois, como Portugal. De resto, de Portugal não se fala. Apenas hojo o *Matin* publica o retrato do Egas Moniz, no meio dos representantes dos outros Alliados. A' tarde o *Temps* confirmando a rendição de Santarem accrescentava esta infamia, vinda de Lisboa, ou da Legação de Paris, o que é mais provavel: «Un agent allomand, trouvé porteur de preuves de sa complicité dans les troubles, a été arrêté à Setubal.» O que diz a isto B. Machado? O quo diz A. Costa? O que fazem e como consentem que os republicanos portuguezes que se estão batendo pela obra d'elles, sejam assim infamados? Peguei na penna, escrevi ao *Temps*. Depois reflecti: — Não! Não é a mim que compete tomar esta iniciativa e se estes dois homens estão calados, porque razão falaria eu? Não tem as suas personalidades uma significação quo falta á minha? Não são um o Chefe do Estado, outro, o chefe de governo, o chefe de partido, o homem a quem incumbe empunhar a bandeira da Republica ultrajada? Tenho um momento de desespero, um momento de colera. Afinal pego outra vez na penna e sempre escrevo:

Chor Monsieur — Je lis dans le numéro d'hier du *Temps* qu'un agent allemand trouvé porteur de preu-

ves de sa complicité dans les troubles qui agitent en ce moment le Portugal, aurait été arrêté à Setubal. Déjà, un de ces jours, un communiqué du Gouvernement Portugais, paru dans la presse parisienne, laissait entendre que ces troubles étaient l'œuvre des bolchevistes. Je me suis abstenu, ainsi que vous le savez, depuis que j'ai résigné mes fonctions d'intervenir par avoie de la presse, dans l'appréciation de la situation politique de mon pays. Les mensonges révoltants qui se contiennent dans ces dernières nouvelles et notamment dans celle qui prétend établir la complicité allemande dans les événements qui se déroulent à l'heure actuelle au Portugal, m'obligeraient à sortir du silence que je me suis imposé si les circonstances ne me conseillaient de le faire. Au moment où le Portugal prend sa place à la conférence de la Paix, je ne tiens à soulever de pareilles questions dans la presse. Ce n'est donc au *Temps*, mais au journaliste parisien qui reconnaît nos affaires intérieures et qui tient dans ce journal la rubrique du *Portugal* que j'adresse, par la voie de cette lettre, ma plus vive protestation contre les calomnies répandues dans la presse française au sujet des adversaires de la situation politique qui ensanglante le Portugal depuis un an. Vous n'ignorez pas, vous qui la connaissiez, comme personne à l'étranger qu'il n'y a pas plus de bolchevistes, que d'Allemands du côté de ceux qui la combattent et vous êtes sans doute parfaitement au courant de ce fait qui domine en ce moment la politique portugaise, c'est-à-dire que le combat engagé contre les pouvoirs arbitraires qui se sont emparés du Portugal s'inspire

des plus pures sympathies pour la cause des Alliés et qu'il est mené par les plus ardents amis de la France. C'est déjà lamentable que ce côté de nos luetes échappe à l'attention de ceux auprès desquels nous avons le droit d'esperer quelque sympathie ; e'est très facheux qu'elles soient si mal comprises que ceux qui les ont engagés soient traités en ennemis dangereux. On n'a pas le droit, je le penso, de se méprendre à ce point, quand on a à sa charge le soin de diriger l'esprit public. Veuillez agréer, etc.»

PARIS, 19 DE JANEIRO

Passando em revista as solidariedades que vieram em socorro da França, na guerra que acabou, o presidente Poincaré referiu-se d'este modo a Portugal, no seu discurso de abertura da conferencia da Paz :

Le Portugal, la Chine, le Siam ne sont sortis de la neutralité que pour échapper, eux aussi, aux tentacules impériaes. C'est l'étendue des convoitises allemandes qui a ainsi amené tant de peuples, petits et grands, à se liguier contre le même adversaire.

Se Portugal não tivesse soffrido o desastre que soffreu, não eram estas seguramente as palavras de quo o presidente Poincaré se serviria para registrar a sua intervenção e não era seguramente na companhia da China e do Sião que o apresentaria aos olhos do mundo no momento de se fazer a paz. Assim Portugal, que quiz ter na guerra um papel, entra na conferencia da

Paz, como um comparsa. De todos os pequenos povos que não tinham interesse immediato na guerra, foi elle o unico que se bateu. Esta circumstancia não lhe deu sequer o direito de ter um logar áparte. Começou bem, acabou mal. O seu desastre consumma-se por todas as formas. No momento de entrar na conferencia da Paz, pela mão do Egas Moniz e de um certo Alvaro Villela, em que ouço falar pela primeira vez, o que se lê na imprensa de Paris a nosso respeito é isto. — *La guerre civile au Portugal*. Assim fosse a guerra civil e assim d'ella sahisse, forjado a ferro e fogo, um Portugal diferente!

PARIS, 20 DE JANEIRO

Jornaes de Lisboa: o *Diario Nacional*, o *Dia*, etc. Noticias confusas sobre o que foi a ultima tentativa dos republicanos, mas precisas quanto aos resultados. Santarem, que parece ter sido o reducto do movimento, rendeu-se. O orgão de D. Manuel exulta: «*O fim da revolução demagogica. — Triumpha a causa da ordem. — Honra ao exercito portuguez. — Valorosamente accommettidos pelas forças fieis, os insurrectos de Santarem, apexar de occuparem uma esplendida posição estrategica e de se encontrarem abundantemente municidados, rendem-se sem condições. — A noticia é recebida em Lisboa com enorme satisfação. — Viva a Patria! Viva o exercito!* Os reaccionarios ululam, pedem repressões decisivas, pedem sem rebuço a pena de morte. Moreira d'Almeida pergunta se pode haver contemplações «com taes malfeitos». (O *Dia* 15-1-19) O catholico Pinheiro Torres pede ao governo que esmague os revoltosos: «Se

o sr. presidente do Conselho não aproveita a occasião para a esmagar (á Demagogia, está claro!) será victima d'ella.» (A *Ordem* 15-1-19) O antigo republicano Alfredo Pimenta espuma:

Do *Diario Nacional* (15-1-19):

Senhor Presidente do Ministerio! Nos Jeronymos, ha o cadaver de um Heroe que clama justiça. Sobre todos nós, paira a sombra amiga de um Heroe que nos impõe a salvação da Patria. No sub-solo da Nação, andam cavando a sua ruina os que mataram, os que ajudaram a matar Sidonio Paes.

Senhor Presidente do Ministerio! Ou nós, ou elles! Ou a Ordem acima de *tudo* e a Patria triumphante, ou *alguma coisa* acima da Ordem, e a Patria é morta!

E o *Dia* acrescenta: «E' isso mesmo: *ou nós, ou elles*. Ou a Ordem hoje nos salva, ou a Patria está perdida. O *Diario Nacional* (16-1-19) pede ao governo que aproveite sem perda de tempo a occasião «preciosa.»

«O governo tem deante de si — mais uma vez! . . . uma occasião *preciosa* de fazer o que compete a um governo para restituir a ordem a Portugal. E' seu dever aproveitá-la, e queremos acreditar que não perdoará um minuto nessa patriotica e indispensavel tarefa.»

Mas o documento typico do estado de desvario em que esta gente se debate é o discurso pronunciado pelo deputado Botelho Moniz na sessão da camara, de

16 de dezembro e que os órgãos monarchicos reproduzem do *Diario das Sessões*, dando-lhe assim uma actividade ardente em face dos novos acontecimentos. Eis aqui o que esse homem ali disse, sem um protesto da assembleia que o ouviu :

Venho ao Parlamento pedir vingança, venho ao Parlamento pedir justiça !

Estamos em presença do crime mais miseravel que se tem commettido nos ultimos annos ; estamos em presença de um crime de alta traição.

Esse miseravel que na estação do Rocio varou o sr. Presidente da Republica com dois tiros de pistola, talvez tivesse lançado a Patria — eu sei lá ! — na intervenção estrangeira. Se todos os portuguezes se unirem, se todos se unirem melhor em volta da memoria d'esse homem que se uniram em volta d'elle emquanto vivo, é possivel que nos salvemos. Mas não é este o momento de se discutir este assumpto, e desculpe-me a Camara se me deixei arrastar por estas considerações.

Vim ao Parlamento pedir justiça e vingança. O homem que matou o sr. Presidente da Republica está preso. Amanhã é possivel que esta situação mude ; é possivel que seja divinizado, que seja talvez amnistiado pelos seus amigos politicos. E' necessario que isso se evite. (*Muitos apoiados*).

O sr. *Nobre de Mello* : — Não mais se deitarão flores sobre sepulturas de criminosos. (*Muitos apoiados*).

O *orador* : — É proceder contra elle, mas por meios legais, da mesma fórma que elle procedeu com o sr. Presidente da Republica. Precisamos matal-o, mas

claramente, á luz do dia. Não sou como outros, que hontem, ao saberem d'esta minha intenção, me disseram: «Não, nós não podemos votar um projecto que restabeleça a pena de morte. E' melhor talvez mata-lo no caminho».

Declaro a V. Ex.^a, e tomo a responsabilidade da afirmação que faço, pela muita dedicação que me liga á memoria de Sidonio Paes, declaro a V. Ex.^a que seria capaz de ir matar esse bandido á prisão. Mas, em todo o caso, melhor fica á nossa situação que façamos as cousas ás claras, tomando a responsabilidade d'aquillo que fazemos.

Sei que muitas pessoas ha que desapprovam a pena de morte; mas é preciso notar que nos paizes mais civilizados essa pena existe.

E' preciso notarmos que nos ultimos annos o attentado pessoal é uma arma politica corrente.

E' preciso notar que se fez a propaganda d'este attentado. Devemos, pois, sentir bem a necessidade de pôr um dique a essa corrente infamissima, para que amanhã não succeda ninguem em Portugal querer ser o Chefe do Estado, por se ver á mercê de bandidos, como aquelle que, depois de matar, pede de mãos postas... que o não matem.

Não querendo perturbar a sessão de hoje com a apresentação d'um projecto de lei restabelecendo a pena de morte para o crime de assassinio de Chefes do Estado, declaro, todavia, desde já que na proxima sessão eu e um grupo de Deputados, um grande grupo, viremos aqui apresentar esse projecto.

Ha-de comprehender-se que necessitamos vingar o

nosso chorado Presidente, Dr. Sidonio Paes, que foi o maior amigo de Portugal.

Eu era-lhe muito dedicado, e não podia deixar de ter este desabafo.

Terminando, só peço que todos se unam e que todos vinguem a morte de tão grande vulto, como eu o quero vingar.»

Depois da passagem de um tal *simoun* de loucura, pergunto a mim mesmo em que estado vai ficar este pobre paiz! Eu tenho a impressão de o ter perdido de vista, de não o comprehender, de não o conhecer. Houve um tempo em que os problemas politicos portuguezes se apresentavam ao meu espirito com uma grande clareza. Assim vi, materialmente *vi* engendrar-se, approximar-se, fazer-se a Republica. Os desatinos dos republicanos já tornaram para mim muito confuso o problema da Republica, mas a guerra veio por um momento esclarecel-o. Momento fugaz! O Sidonio Paes já me surprehendeu. O que veio a passar-se depois, desconcertou-me. A reacção monarchica, provocada pela anarchia republicana, apoiada no fautor importante do medo *á guerra*, até certo ponto comprehendo-a. O que não comprehendo é que no meio da actividade de uns e da passividade de outros, a Republica se mantenha.

PARIS, 21 DE JANEIRO

A situação em Portugal desmascarou-se. No Porto, em Braga, em Vizeu, o Paiva Couceiro proclamou a monarchia. Tanto melhor. Assim é mais claro e con-

duz mais depressa ao fim. O problema pendente em Portugal, ha oito annos, entre monarchia e republica, vae talvez resolver-se de vez. Um facto porem, dá idéa das anomalias que caracterizam a vida interna dos portuguezes neste momento: já depois de Couceiro se ter levantado no Norte, o Ayres d'Ornellas, representante do ex-rei Manuel, diz um communicado official publicado nos jornaes de Paris d'esta manhã, entendia-se com o chefe do governo, mostrava-lhe um telegramma de D. Manuel «*offrant son appui au gouvernement actuel et se montrant opposé á une manifestation quelconque en faveur d'une restauration monarchique.*» Assim, não me faltaria ver senão isto: o governo metter na cadeia o Paiva Couceiro com o applauso dos monarchicos! Seria de perder a cabeça. Mas não, e eu creio que nos approximamos do fim d'estes desatinos — pelo menos d'estes — embora não seja senão para dar logar a outros. Os reaccionarios portuguezes, que ha um anno vem preparando a escancarar o golpe d'hoje, não podem depois do que acaba de passar-se, manter por mais tempo a grosseira mascara que afixelaram. Com a sua notoria incapacidade e quando tudo se encaminhava desastrosamente para a Republica, Paiva Couceiro veio pôr outra vez, perante o paiz, o problema claro — monarchia, ou republica e o paiz vae ser obrigado a decidir. Esperemos. Já me tardam os jornaes da tarde para conhecer o seguimento d'este folhetim. *Plus tard*: — O *Temps* veio, com os seus telegrammas de Madrid, de Vigo, de Pontevedra, confusos, disparatados, tendenciosos. Em umi affirma que a monarchia foi proclamada enthusiasmicamente no Porto,

mas logo em outro, diz que a proclamação feita nas ruas, por meio de «sonneries de clairon» foi acolhida com uma indiferença absoluta. Ora noticia num telegramma de Lisboa que houve ali uma grande manifestação republicana e que milhares de pessoas percorreram as ruas entoando a *Portuguesa*, ora informa num telegramma de Madrid, que D. Manuel tambem ali foi aclamado. Finalmente, num telegramma, via Pontevedra, diz constituido o novo ministerio monarchico no Porto — e quem é, segundo o *Temps*, o ministro dos negocios estrangeiros d'esse gabinete? — O Magalhães Lima. Assim Portugal soffre de mais este mal: a Hespanha, a Hespanha que se levanta entre elle e o mundo como uma muralha da China que o encobre, que o ensombra, o não deixa ver, ou só o deixa ver através do odio dos seus reaccionarios. O certo é que vae em oito annos que a Europa não sabe o que se passa em Portugal senão através das agencias, ou das auctoridades reaccionarias d'este paiz. Entretanto, eis aqui o estado de desprestigio a que o nosso pobre Portugal chegou. No congresso colonial que está reunido em Roma, votou-se nũa moção invocando os accordos feitos entre a Inglaterra e a Allemanha sobre as colonias portuguezas, para pedir que, com a annuencia das potencias da Entente, seja facilitada a actividade economica da Italia na provincia de Angola. Eis aqui os precisos termos d'esta informação, que igualmente encontro no *Temps*:

Rome, 21 janvier.

Le congrès colonial a adopté un ordre du jour qui, se référant aux accords existant avant la guerre entre l'Angleterre et l'Allemagne relativement au régime des colonies portugaises, émet le vœu qu'un accord amical avec le Portugal, dont les puissances de l'Entente prendraient acte, facilite le concours des capacités productrices de l'Italie dans l'organisation économique de l'Angola portugais.

E' preciso que o conceito de Portugal tenha cahido muito para que nesta ocasião e perante uma assembléa d'essa natureza se tenha feito semelhante proposta. Já a invocação dos accordos celebrados entre a Inglaterra e a Allemanha sobre as colonias portuguezas constituem um acto de flagrante descortezia. O pedido de partilha de influencia, garantida pelas potencias da Entente, esse então é tão representativo do nenhum respeito que Portugal inspira a esta gente, que não sei que nome dar-lhe. Assim Portugal entraria na Conferencia da Paz, não como um aliado mas como uma rez — para ser dividido. Este é um dos primeiros resultados da obra faccinorosa que ha um anno emprehende consciente e inconscientemente a destruição do paiz. Outros virão... Este é symptomatico da nossa queda moral, depois da nossa fugaz ascensão. Perguntei hoje a Paulo Osorio, que frequenta o Hotel Wagram, o que pensa do que se vae passando com Bernardino Machado. Nada! Não pensa nada! O que o preoccupa neste momento é a publicação do seu manifesto aos

Alliados, d'esse manifesto cuja divulgação A. Braga me dizia ha pouco ser preciso cortar a todo o transe por ser um documento lamentavel. Bernardino Machado está impaciente, pede pressa ao P. Osorio, que se encarregou de o fazer imprimir, porque espera que a Conferencia da Paz, depois de tomar conhecimento d'elle, lhe abra as suas portas, o reconheça a elle e não sei se ao Costa e ao Braga, como bons representantes de Portugal.

Quando penso neste B. Machado lembro-me sempre de dois homens, um, o Antonio Arroyo, que me dizia uma vez no comboio do Porto, quando nós andavamos a tramar a queda da monarchia — vocês fazem a Republica, isso é seguro, mas tem lá um homem, que lhes dá cabo d'ella; outro, um ourives do Porto, um certo Soares das Neves, que foi julgado commigo depois da revolução de 31 de janeiro e que em junho de 1916, ao saber que se preparava a cleição do B. Machado, me procurou em minha casa para me communicar as suas apprehensões, me dizia extremamente afflicto, levando as mãos á cabeça: — «Vae ser o chaos ex.^{mo} sr., vao ser o chaos!»

Foi o chaos.

No hotel Mac-Mahon, Affonso Costa segue a marcha dos acontecimentos com tranquillidade, sem impaciencia e não fazendo em favor do seu paiz outro esforço que não seja o que consiste em ir todos os dias dar um bocado de cavaco ao seu amigo B. Machado.

PARIS, 22 DE JANEIRO

Mau dia. Dia de surda angustia. A darmos credito ás noticias, embora ainda confusas, que chegam de Portugal, a monarchia estaria triunfante no Porto e no Norte e em via de restabelecer-se em Lisboa. Apesar do meu espirito estar sendo preparado ha um anno para este desastre, não é sem uma grande magua que o vejo vir. A' minha grande magua, mistura-se uma grande colera, contra os seus autores que não são os que ha um anno premeditam a morte da Republica, mas aquelles que durante sete annos trabalharam na obra da sua destruição. Onde estão elles? Que fazem? Que dizem? Resgatam pelo menos os seus erros com grandes palavras, ou grandes actos? Nem d'elles, nem dos seus companheiros de estroinice politica ha vestigios. Trez partidos havia em Portugal senão bastante numerosos, bastante ruidosos para terem feito durante sete anos, d'esse paiz, um mercado ululante de ridiculas ambições e pueris vaidades. Subverteram-se e no logar em que elles existiram e tripudiarão, pôde ouvir-se voar uma mosca. Os chefes sumiram-se pela terra abaixo e se d'antes gritavam como possessos, agora estão aphonicos. A Republica está sendo estrangulada, apunhalada e o seu unico cuidado é o de se collocarem o mais longe possivel do theatro sangrento d'este successo. Affonso Costa fugiu para Paris, Brito Camacho para Aljustrel. Onde está o ridiculo palrador que foi o José d'Almeida? Na sua hora extrema, a Republica foi abandonada pelos que a perderam. Poderá ainda salvar-se? Eu não contava já com ella.

Suppunha-a senão perdida, compromettida para mim e para as minhas esperanças. Comtudo, a idéa de que esta obra de toda a minha vida vae talvez sossobrar por culpas que não foram minhas, punge-me como se me cravassem um espinho no coração. Essas culpas imprimiram á Republica o destino de todas as democracias que perdem a razão e até lhe imprimiram o mesmo itinerario. A anarchia engendra as tyrannias e as dictaduras. Portugal repete a historia. A Hespanha encontrou em Pavia a representação d'este phenomeno politico. Em Portugal veio o Sidonio e, com elle, o resto... Apenas a idéa de que foi a guerra que precipitou esta crise, torna odiosos os homens que se serviram d'ella para esmagar a Republica. No mais são previstos, são quasi legitimos. Depois de escriptas estas linhas cahe-me sob os olhos um telegramma do chefe d'Estado Maior das tropas que submetteram Santarem, no qual leio isto: «O moral das nossas tropas é admiravel.» Estupidos! Esta expressão applicou-se á guerra, á guerra sagrada, guerra de defeza, guerra de justiça. Applicada á guerra civil é uma expressão impia. Depois, num jornal do Porto, o *Primeiro de Janeiro*, leio:

«Não perscrutemos a causa da sua morte... (a de Sidonio Paes). Cubramos todos de vergonha nossos rostos — porque, perante a Historia, perante o mundo inteiro, todos nós, portuguezes, nos devemos sentir attingidos por essa nodoa de sangue que jámais se extinguirá e que é, talvez, um sintoma bem vivido da degenerescencia d'uma raça que parece ter entrado já no periodo letargico da sua agonia...»

Não quero ler mais. Cubro os olhos. Horror! A que abysmos de abjecção pode descer um povo que deixou de ser illuminado pelos clarões da intelligencia! Em que paiz do mundo se poderiam escrever estas impiedades e como ha quem as recolha, as imprima, as lance a publico, as leia, as applauda talvez! Dir-se-hia que por sobre esta pobre terra de Portugal passa o furacão de um cataclysmo moral e que do entendimento publico nada resta, nada resta da consciencia publica!

PARIS, 23 DE JANEIRO

As noticias d'hoje são melhores. O movimento monarchico parece estar circumscripto ao norte. Em Lisboa, no centro e no sul, a Republica continuaria a existir e a mandar — absurda situação! — pela bocca de um ministerio monarchico. O *Diario do Governo* teria mesmo publicado um decreto impondo uma contribuição de cem e cincoenta contos aos habitantes dos districtos do Porto, Vizeu e Braga, e por cada dia que estes se mantiverem em estado de rebellião «contra o governo republicano legalmente constituido.» Do que se está passando em Portugal é, porém, tudo o que se sabe. Em Londres, D. Manuel é entrevistado. Não sabe nada do que se está passando. Não fez nada para provocar o movimento. «Je suis à la disposition de mon peuple s'il me réclame à sa tête.» O *Matin* publica-lhe um retrato ridiculo, de monoculo. Nem elle se salva. Entretanto a imprensa de Londres commenta já, sem benevolencia, a desordem portugueza. O *Daily Chronicle* diz:

«Nous ne pouvons empêcher cette instabilité constante de continuer si les Portugais veulent qu'il en soit ainsi; mais nous ne pouvons que regretter une situation qui tend à diminuer la valeur de l'appui diplomatique que nous prêtons au Portugal et de celui que nous pouvons espérer en recevoir.»

A imprensa de Paris graceja. Portugal, tomado um momento a sério, volta a ser o paiz de vaudeville que foi. A idéa de se pretender restaurar ali uma monarchia, no momento em que os thronos desabam em toda a parte, apparece ao espirito francez como extremamente original. O *Intransigent* procura explicar assim esta jocosa anomalia:

«Co Portugal qui cultive lo paradoxal jusqu'à vouloir rétablir la monarchie quand le vent démocratique souffle sur tout le vieux Monde, paraîtrait peut-être moins extravagant, si les Français le connaissaient mieux.

Comment peut-on s'expliquer, en effet, la perpétuelle ébullition de ce peuple, si on ne l'a pas vu flâner délicieusement dans les rues de sa capitalo, et donner à l'étranger la plus exquise impression de nonchalance qu'il puisse éprouver. Le Portugais vit pour la rue, et dans la rue. Il s'installe aux devantures des cafés et des boutiques, y bavarde, y discute pendant dos heures entières, ou mieux encore, dans les débits de tabac, sans rien acheter ni consommer, tient des parlottes qui durent tout un après-midi.

S'il se passe quelque chose dans un coin do sa capi-

tale, il y court, il s'informe, il regarde, il prend part, et il reprend cette espèce de sieste perpétuelle et causeuse qui est sa vie.

Ajoutez à cela son ciel, son ciel qui n'a qu'un sourire et qu'une invite au farniente. Et vous comprendrez mieux que tous ces gens qui ont tant de loisirs les occupent à faire et à défaire les ministères, les gouvernements, les Républiques et les rois...»

Apezar da importancia que estes successos revestem para nós, elles tem no entanto muito pouca aqui. Portugal desacreditou-se. A sua entrada na guerra deu-lhe um prestigio que podia ser a sua reabilitação. Foi sol de pouca dura. O desastre de 5 de dezembro logo o apagou. O que se está passando agora fez recahir o paiz na sua antiga condição, annullou lamentavelmente todo o effeito do esforço que fez.

De resto o facto que neste momento preoccupa a opinião universal é a Conferencia da Paz e na Conferencia da Paz o facto do dia é a resolução tomada hontem, por proposta do presidente Wilson, de se promover o encontro, numa ilha do mar de Marmara, dos representantes dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra e da Italia com representantes do governo bolchevista russo, *si j'ose dire*, em companhia dos representantes de todos os governos que existem actualmente na Russia. Esta resolução fez verdadeiro escandalo e fez explodir já com relativa violencia as criticas surdas que a vaga ideologia wilsoniana vem provocando ao claro espirito francez, desde que o presidente Wilson se investiu na missão de arbitro supremo dos nos-

sos destinos. Este presidente Wilson dá-me a impressão de estar fazendo no mundo a obra de anarchisação que o B. Machado fez em Portugal e se assim é, vamos vel-as bonitas.

PARIS, 24 DE JANEIRO

As noticias de Portugal, sempre obscuras e confusas, dão a republica e os republicanos em lucta com a monarchia que continuaria installada no Porto e no Norte. Seja como fôr, é a guerra civil. Quem emprehende esta lucta? O governo monarchico de Tamagnini Barbosa? Esta tarde encontrei-me em casa de Giovetti com Leotte do Rego a quem pedi noticias. Disse-me saber apenas que os commandos dos navios de guerra foram confiados a republicanos, que os insurrectos do Santarem foram postos em liberdade e estão ajudando a defender a Republica, que os presos politicos sahiram das cadeias. Da Legação de Portugal, segundo parece, não tem noticias. Situação singular é a dos representantes de Portugal na Conferencia da Paz e entro estes a do Egas Moniz, que não sabe se em Portugal existe ainda a Republica, ou se elle mesmo ainda é ministro dos Negocios Estrangeiros.

A Conferencia da Paz deu positivamente um terrivel passo em falso, com a sua idéa d'hontem. O seu insuccesso é tão completo que não se sabe já como a Conferencia possa manter e levar por diante semelhante projecto. Os russos anti-bolchevistas recusam-se absolutamente a irem á famosa ilha do mar de Marmara, a que um jornal d'hoje já chama — *a ilha maldita*. Perguntado por um redactor do *Matin* se iria a essa reu-

nião, o antigo ministro dos Negocios Estrangeiros do imperio, Sazonoff respondeu :

— *Jamais et en aucun cas, nous a-t-il répondu. Comment peut-on même nous poser la question ? . . .* Co qui est face à face en Russie actuellement, ce ne sont pas des factions politiques, comme paraît le croire la conférence, ce ne sont pas des partis luttant pour un principe ou une idée. Ce qui est face à face, c'est l'anarchie et la civilisation, le crime et lo droit à la vie. *Il y a d'un côté les égorgeurs et de l'autre les égorgés. Les égorgeurs iront peut-être à l'île des Princes, les égorgés n'y ont que faire. . .* Ils ne peuvent pas plus se rencontrer côte à côte et discuter avec la bande de leurs assassins que les victimes de Lille et do Louvaiu n'eussent accepté un débat contradictoire et sur le pied d'égalité avec ceux qui avaient torturé leurs filles et brulé leurs villes. . . *Non, je n'irai pas à l'île des Princes.* Et les deux gouvernements que je représente, qui forment les seuls gouvernements réellement constitués de Russie et qui ont leur juridiction établie sur plus de quarante millions d'habitants, n'iront pas non plus. Et je doute qu'il y ait un Russe non bolchevik qui y aille.

E accresceutou :

— J'ai éprouvé un étonnement profond que pareille proposition ait pu venir do la conféreuce. J'ai éprouvé aussi un peu de chagrin de voir que la France avait cru pouvoir s'y associer. *Mais c'est tout vu et tout ré-*

fléchi. Ma réponse à moi est : « Non ! » J'ai lu avec la plus grande attention le document officiel, résumant les termes de la proposition du président Wilson, et j'ai bien compris qu'il contenait pour nous sinon une menace, du moins un avertissement. *« Il n'est ni dans le désir ni dans l'intention des puissances associées, dit le document, de favoriser ou d'assister les uns contre les autres aucun des groupes organisés qui se disputent présentement la direction et la conduite de la Russie. »*

C'est clairement laisser entendre qu'on ne nous donnera pas l'aide que nous réclamons contre ceux qui ont tout volé, tout pillé, tout détruit, tout saccagé ; qui ont massacré non seulement des milliers d'êtres sans défense, mais des citoyens français, des Anglais, des Américains... Soit. On nous refusera cette aide. La responsabilité de l'histoire, qui n'est pas un vain mot, retombera sur ceux qui prendront cette décision.

PARIS, 25 DE JANEIRO

Manhã fria, gelada. Ceu coberto. A's 8 precipito-me sobre os jornais que tardam em chegar, leio em grossos caracteres no *Matin* — *La guerre civile au Portugal* — *On se bat dans les rues de Lisbonne*, mas afinal não é nada d'isto : é apenas o *Matin* que faz o seu cartaz diario. Na serra do Monsanto houve com effeito uma tentativa monarchica, que parece ter fraccassado, mas nas ruas de Lisboa ninguem se batia. O que, ao contrario, leio num telegramma, a que parece poder dar-se algum credito, por ser expedido pelo cor-

respondente que o *Matin* mantem em Lisboa, é que reinava ali grande entusiasmo em favor da Republica e que estavam sendo armados milhares de voluntarios. Em Paris, greves, o metropolitano parado, a circulação dos tramways suspensa. A resolução da Conferencia da Paz cada vez em maior cheque. Interrogado sobre se os russos anti-bolchevistas iriam á ilha dos Principes, o revolucionario russo Bourtzeff, como Sazonoff respondeu — *Jamais!* Os jornaes publicam protestos dos representantes dos governos russos anti-bolchevistas. A carta que elles acabam de dirigir a Clemenceau é um documento que colloca a Conferencia numa situação tal, que não sei o que vae sahir d'aqui. «Il faut que les Alliés comprennent — dizem elles — les motifs de l'impossibilité pour les Russes de se rendre dans cette île de la mer de Marmara qui, aux yeux de la Conférence, devrait servir à concilier ce qui est inconciliable, l'honneur et le déshonneur, la justice et l'arbitraire criminel, la fidélité aux alliances et la trahison la plus éhontée, la civilisation et un régime qui a arrêté toute vie la démocratie et une tyrannie exercée par une infime minorité, les bourreaux et leurs victimes.

L'intérêt primordial de l'humanité en général et des démocraties en particulier, exige l'instauration en Russie d'un régime basé sur la souveraineté du peuple et sur la libre expression de sa volonté. Ce n'est pas la réunion improvisée de Prinkipo qui pourrait en être l'expression. Depuis longtemps la Russie réclame la libre élection d'une Constituante. La première tentative a été étouffée par les bolcheviks à main armée. Et

c'est à eux que l'on s'adresse aujourd'hui pour entendre la voix de la Russie!»

O que surprehende é o papel secundario a que a França se resignou na Conferencia da Paz, a ponto de ter accetado nesta questão um ponto de vista que não é o seu, pois é publico que o governo francez é contrario a todo o entendimento com os bolchevistas. Quem predomina na Conferencia da Paz é Wilson, é Lloyd Georges, ou antes é Wilson que, emquanto não vir o seu crédito completamente em terra, ainda hade fazer muito mal, como todos os espiritos que não tem o sentimento das realidades e pairam no vago das idéas gerais. Mas, o depois? Wilson concretizou, num certo movimento, todo o conjuncto de reivindicações que iam ser suscitadas perante a Conferencia. O que vae ser da Conferencia sem elle e o que vae ser do seu prestigio, da sua influencia, do seu poder social, se Wilson cahir o se fôr reconhecido que as suas concepções são erradas? Já hoje os jornaes publicam um documento emanado da Conferencia e que é um symptoma da sua impotencia. E' um appello ás nações, mas que na realidade supponho dirigido aos slavos do sul para que não resolvam por si os seus problemas territoriaes. A linguagem d'esse documento mostra a Conferencia já sem meios de acção, já sem força :

«Les gouvernements actuellement réunis en Conférence dans le but d'établir une paix durable entre les nations sont très émus des nouvelles qui leur par-

viennent de différentes parties de l'Europe et de l'Orient: d'une manière répétée, il a été fait usage de la force pour prendre possession de territoires sur la légitime revendication desquels la Conférence de la paix doit être appelée à se prononcer. Les gouvernements pensent qu'ils ont le devoir de faire entendre un avertissement solennel et de déclarer que tout état de possession acquis par la force fera le plus grand tort à la cause de ceux qui recourent à de tels moyens. Ceux qui emploient la Force feront présumer qu'ils doutent de la Justice et de la validité de leurs revendications, qu'ils se proposent de substituer la possession à la preuve de leur droit, et de fonder leur souveraineté sur la violence plutôt que sur les affinités de nationalité ou de race et sur les liens naturels créés par l'Histoire. Par là ils jettent une ombre sur tous les titres qu'ils pourraient faire valoir ensuite, et marquent leur défiance à l'égard de la Conférence elle-même. Il ne peut en sortir que les résultats les plus malheureux. S'ils veulent la Justice, il faut qu'ils renoncent à l'usage de la Force et remettent leurs revendications, d'une manière qui ne laisse aucun doute sur leur bonne foi, entre les mains de la Conférence de la paix.»

O problema da Yougo-Slavia, ou mais propriamente o da posse de Pola e Fiume, é um novo escolho. Como vai resolver-se este pleito entre a Italia e a nova nacionalidade, ou mais precisamente a Servia, que é quem fala em seu nome? Vai a Italia renunciar a esses dois portos, que reclama como uma garantia da sua situação no Adriatico? Vai a Servia permitir que

os italianos se installeem num territorio que não cessa de reivindicar como sendo habitado por individuos da sua raça? Este problema ainda não veio á discussão, mas ha evidentes signaes de que vae ser de ardua solução. O principe Alexandre, que se dispuinha a vir a Paris, onde naturalmente esperava ser recebido como o foram os outros chefes d'Estado alliados, adiou a sua viagem. Os servios estão calados, mas o seu silencio não significa que não tenham muito que dizer. Entretanto a Conferencia da Paz não se occupa do seu objectivo principal, que não é o de dividir territorios, ou attribuir territorios, ou o de intervir no problema politico da Russia, mas o de — fazer a paz. Como terminou a guerra e como ficou a paz assegurada? E' isto que ainda não se sabe. E porquê? porque não se sabe ainda? — Porque entre vencidos e vencedores interveio um homem sorridente, vindo da America, no meio do ruido de salvas de canhões, a semear palavras. Sem este homem, a Allemanha já saberia talvez a esta hora o que lhe custou a guerra, e a Europa já saberia o que lhe valeu a paz. Graças a esse homem e ao seu verbo, fez-se de um problema claro um inextricavel *gâchis*.

A' noite veio o *Temps*, cheio de noticias de Portugal, um pouco mais precisas. A lucta tinha-se generalizado. Mouarchieos e republicanos bater-se-iam mesmo nas ruas da Baixa, em Lisboa, mas a impressão geral que se recolhe da leitura dos telegrammas, é a de que a Republica triunfa d'este formidavel ataque. Bernardino Machado faz declarações no *Temps*. Antes não as fizesse, porque não ha palavriado mais vão e des-

connexo do que o seu. Aqui está o que elle disse, ou antes o que elle escreveu ao *Temps*, porque já não fala — escreve e então é muito peor :

«J'ignore ce qui se passe en ce moment au Portugal. Les nouvelles qui nous arrivent sont contradictoires et souvent inextricables même. Si les monarchistes ont pu réussir dans leur coup de main sur quelques points du pays, ce n'est que le résultat de l'œuvre de trahison accomplie par le dictateur Sidonio Paes, qui en se proclamant républicain et «alliophile» n'a fait qu'attaquer furieusement tous les républicains et alliophiles de notre pays, et qui prêtait la force éphémère de son pouvoir dictatorial et germanophile à tous les monarchistes et germanophiles. Il n'y a au Portugal qu'une crise assurément navrante, mais que l'esprit libre et fier de notre noble peuple finira par vaincre et dominer complètement, consolidant à jamais nos franchises démocratiques sous l'égide de la République, qui n'est pas aujourd'hui seulement une forme de gouvernement chez nous, mais la structure organique même de la pensée, du sentiment et de l'action de la moderne et progressive société portugaise. C'est pourquoi rien ne peut troubler la foi profonde, absolue avec laquelle j'attends le rétablissement définitif de l'ordre républicain, indispensable pour que notre nation continue dignement son grand rôle historique dans le monde.»

Justamente esta tarde, o Paulo Osorio veio mostrar-me as provas do manifesto que B. Machado redigiu e se propõe dirigir aos Aliados, E' um documento lamen-

tavel. Fiquei horrorizado e não pude resistir a escrever-lhe aconselhando-o a não o publicar. Digo-lhe na minha carta: «A minha opinião (que elle de resto quiz ouvir pois expressamente recommendou a Paulo Osorio, que me submettesse as provas) é a de que esse documento não é o que se pode esperar de V. Ex.^a nem está em condições de ser publicado. Versando uma situação mal conhecida cá fora, não a explica. E' um conjuncto de considerações obscuras que seriam talvez comprehendidas em Portugal, mas que permanecerão, obscuras cá fora. Está cheio de recriminações, algumas das quaes attingem os Governos Alliados e nenhum genero de reclamação, ou protesto tem peor publico em França do que aquelle que reveste a forma de recriminação. Torna a Conferencia da Paz arbitro de uma questão da nossa politica interna. Discute a legitimidade da representação portugueza, ao mesmo tempo que declara existir em Portugal um governo de facto. Finalmente está redigida em mau francez. Quando outra razão não aconselhasse V. Ex.^a a não lhe dar publicidade, essa bastaria. Documentos d'esta natureza ficam irreparavelmente compromettidos, quando não sejam bem escriptos. Não sei se a franqueza com que lhe falo pode melindrar V. Ex.^a. A minha intenção não é, nem seria nunca essa. Tambem não tenho a intenção de influir nas suas deliberações. A unica que tenho é a de evitar, sendo possivel, que se pratiquem actos errados e, não sendo isto possivel, que elles se pratiquem sem o meu reparo. Se isto pode parecer a V. Ex.^a impertinente, ou pretencioso, peço-lhe o favor de dar por insubsistente o que aqui lhe digo.»

Com certeza esta carta não o vae tornar feliz, mas é possível que eu evite a publicação do seu manifesto, que nos iria cobrir de ridiculo.

PARIS, 26 DE JANEIRO

Em Portugal sahe-se de uma anomalia e cahe-se logo em outra. Neste paiz tudo succede ao contrario do que é intelligente e já o Paulo Ginisty, que me procurou hoje, afim de publicar algumas palavras sobre Portugal, no *Petit Parisien*, me disse não comprehender, que seja um governo sahido da dictadura Sidonio Paes que esteja neste momento a defender a Republica. Pediu-me a explicação d'isto. Não lh'a soube dar. Paulo Ginisty foi durante dezoito mezes correspondente de guerra do *Petit Parisien*. Falando-me dos portuguezes do Corpo Expedicionario, disse-me que ultimamente os inglezes os tratavam muito mal. As ultimas noticias de Portugal confirmam a derrota dos monarchicos. A tarde appareceram-me os irmãos Olavos, o Americo e o Carlos, que foram feitos prisioneiros dos allemães por occasião da offensiva do 9 de abril. Vêm com excellente aspecto, porque estão ha dois mezes a reparar os estragos que lhes causaram oito mezes de captiveiro, mas encontro-os, no entanto, mudados, differentes, outros, menos levianos, menos joviaes e com uma gravidade que não lhes conhecia. Mas esta mudança parece sobrevir principalmente do seu olhar que se tornou severo, sombrio, apprehensivo, quasi duro, como o que têm os homens do mar, que viram procellas. Falavam pelos cotovellos: falam menos e o seu falar é mais

moroso e reflectido. Passaram inclemencias, fomes, frios. Foram maltratados. O Carlos fez uma marcha de quarenta e cinco kilometros, sem comer e sem dormir, no meio de uma columna de prisioneiros, custodiados por uhlanos a cavallo. Um soldado prussiano ia-o atravessando com a bayoneta. Mesmo d'estes episodios, porém, falam sem prolixidade, e com tristeza, como de uma desgraça. Interessava-me saber qual cra o estado de espirito dos seus camaradas portuguezes, feitos como elles, prisioneiros — uns duzentos e sessenta, disse-me elle. Foram precisos. Na sua maioria, quando entraram na Allemanha eram germanofilos, tanto quanto o podem ser individuos que só o eram por os terem lançado na guerra, que não estava no programma da sua carreira, portanto por interesse contrariado; mas os maus tratos que soffreram por parte dos allemães modificaram completamente os seus sentimentos a respeito d'estes. — Quando voltamos da Allemanha não havia entre nós germanofilos, concluiram, segundo elles dizem, a transformação porque passou o espirito dos officiaes portuguezes que ainda estão em França — uns mil a mil e duzentos — trouxe-os para a Republica. . . Acompanhava-os um filho de P. C., o republicano de Coimbra, official de engenheiros e que depois da ultima sublevação da guarnição d'esta cidade, desertou, fugiu, tendo passado o diabo em Hespanha, onde esteve preso sob o governo do liberal Romanones. E' um d'aquelles de quem A. Braga me falou por occasião da ultima visita que me fez. Conta elle que a sublevação de Coimbra falhou, por ter vindo á ultima hora, já tarde, contra-ordem de Lisboa, e dá esta impressão da situa-

ção: A maior parte das guarnições da provincia, no norte e no sul, adheriam ao movimento, que assim fallou por falta de unidade de acção. Na sessão de hontem, da Conferencia da Paz, expôzeram os *desideratos* dos seus paizes varios delegados. Em nome de Portugal falou o conde de Penha Garcia — monarchico. Curiosa situação! O Guilaine, do *Temps*, escreve-me em resposta á minha carta: «... on reconnaît de plus en plus que c'est le coup d'Etat de Sidonio Paes qui a été l'origine et la cause de cette anarchie et de ce chaos où se débat le Portugal et que ce fut une grande faute de la part des Alliés, de reconnaître ce gouvernement de dictature et d'aventure. Jc l'ai répété autour de moi, j'ai écrit là dessus ce que je pensais, autant que la censure le permettait et l'on admet aujourd'hui que j'avais raison.» Respondi a este ponto: «Je ne pense pas que les gouvernements Alliés aient reconnu le gouvernement de Sidonio Paes, le mot *reconnaissance* ne s'appliquant qu'au régime et non à ses représentants, dont le choix est un acte de la pleine souveraineté nationale. Aussi, le tort des Alliés n'a pas été, à mon avis, celui de reconnaître Sidonio Paes, mais celui de se conduire envers lui de façon à lui donner devant le pays une force morale qui, sans cela, lui aurait manqué. Sous ce point de vue l'Angleterre a été particulièrement maladroite.»

A situação paradoxal de Portugal procurando restabelecer o throno no momento em que elles cahem em toda a parte, faz a surpresa do mundo. Um jornal do Roma, *A Epoca*, diz em grossos caracteres, sob a forma do *manchette*: «*La storia in Portogallo cammina a ritroso.*»

Afinal já se sabe o que valiam as seguranças do Ayres d'Ornellas, se elle as deu. Parece que foi preso em Lisboa por estar absolutamente entendido com os monarchicos do Porto.

PARIS, 27 DE JANEIRO

O P. Osorio trouxe-me um numero do 1.º de Janeiro de 22. Os anteriores, que seria interessante conhecer, não lhe chegaram ás mãos, mas este não deixa de ter interesse. E' um curioso documento para a historia. Parece que a restauração da monarchia no Porto se fez no dia 19, pois é essa data que vejo celebrada numa mensagem entregue a Paiva Couceiro. Sinto que o correio não tenha trazido os numeros de 20 e 21 mas, repito, este é já assaz interessante. Neste numero nenhum artigo de fundo, nenhuma affirmacão de principios, nenhum commentario aos acontecimentos que nessa data continuavam a desenrolar-se no Porto e no norte de Portugal. Em compensação muitos factos. O governo estava constituido e os seus serviços já installados.

Presidencia, Fazenda e Subsistencias — no quartel general.

Reino — No governo civil.

Negocios Ecclesiasticos, Justiça e Instrucção — na Faculdade Tecnica (Universidade).

Guerra, Marinha e Communicações — no quartel general.

Estrangeiros — no governo civil,

Obras Publicas, Correios e Telegrafos — na Direcção das Obras Publicas.

Agricultura, Commercio, Industria e Trabalho — no quartel general.

Presidencia, Fazenda e Subsistencias — Paiva Couceiro.

Reino — Solari Alegro.

Negocios Ecclesiasticos, Justiça e Instrucção — Visconde do Banho.

Guerra, Marinha e Communicações — João de Almeida.

Negocios Estrangeiros — Luiz de Magalhães.

Obras Publicas, Correios e Telegrafos — Artur da Silva Ramos.

Agricultura, Commercio e Industria e Trabalho — Conde de Azevedo.

A este governo dava-se o nome de Junta Governativa e funcionava sob a presidencia de Paiva Couceiro. Era governador civil o conde de Mangualde. A julgar pelo que diz o *Primeiro de Janeiro*, o Porto festejava a monarchia restaurada, percorria as ruas em manifestações, levando á frente bandeiras azues e brancas. De resto a bandeira azul e branca fluctuava em toda a parte. Em Braga, Guimarães, Castello Branco e em um certo numero de pequenas localidades, como Penafiel, Paredes, Marco, Baião, etc., a monarchia tinha sido proclamada.

O *Primeiro de Janeiro* parecia tomar absolutamente a serio a situação. Uma das noticias insertas no numero de 22 intitula-se gravemente.—*Reunião do Conselho de Ministros*. Entretanto os jornaes inglezes pu-

blicam uma declaração do secretario particular de D. Manuel, segundo a qual este não teria de nenhum modo a intenção de sahir de Inglaterra.

PARIS, 28 DE JANEIRO

Chegou afinal um supplemento do *Primeiro de Janeiro* do dia seguinte ao da aclamação da monarchia no Porto, cheio de proclamações e decretos da Junta Governativa do Norte de Portugal. Numa d'essas proclamações diz-se o que segue: «Soldados! Tendes diante de vós a bandeira azul e branca. Essas foram sempre as côres de Portugal — desde Affonso Henriques em Ourique, na defeza da nossa terra contra os mouros — até D. Manuel II. Quando em 1910, Portugal abandonou o Azul e Branco, Portugal abandonou a sua historia.» Este documento é assignado por Paiva Couceiro e sete coroneis, que assim se passam a si mesmos o mais ridiculo attestado de ignorancia sobre a historia do seu proprio paiz e das instituições que defendem. Já em 1910 e quando a Republica adoptou a nova bandeira, houve quem reclamasse a conservação da bandeira azul e branca, seb o fundamento de que estas eram as cores que tinham flutuado em Aljubarrota. E', porem, a primeira vez que se faz tão publica e formal exhibição de ignorancia, sob este ponto da historia nacional. De resto, não só esse documento, mas todos os outros que encontro no *Primeiro de Janeiro*, emanados da Junta Governativa, são deploraveis, como todas as manifestações da vida publica dos portuguezes, quando se traduzem em documentos pu-

blicos: «A Republica foi a vergonha e o crime. Encheu os lares de fome e os carceres de presos. Enquanto elles, os detentores do poder, enriqueciam á custa da nação, o povo ficava maltrapilho e faminto enchendo as ruas e as praças no maior abandono e miseria. Os dinheiros publicos passavam aos seus bolsos e aos das suas clientellas. Por isso a divida publica subiu a um milhão de contos, que ninguem viu, nem sabe onde foram parar. As despezas da guerra serviram para cobrir toda a casta de latrocinios. Nos campos de batalha vós vertestes o vosso sangue e honrastes a vossa farda; mas depois de tão heroico sacrificio, a Republica leva-nos vergonhosamente á Conferencia da Paz, onde só temos um voto consultivo. Isto é a suprema vergonha e a maior das infamias.» E' uma lingua de libello, uma lingua de pasquim de opposição, a que falta tudo, até a sinceridade do fanatismo politico, pois tudo é tendencioso, notoriamente falso, notoriamente calumnioso, como a reedição da ballela ha pouco levantada por um jornal de Lisboa e segundo a qual B. Machado, Affonso Costa e eu, teriamos feito um emprestimo em Paris, garantido por uma concessão nas colonias, para levar a cabo uma revolução: «A monarchia é a garantia do nosso dominio colonial, que pessimos portuguezes ha dias empenhavam para fazerem revoluções.» Não é já uma causa que fala pela bocca de homens apaixonados e generosos: são odios, despeitos, ressentimentos de vencidos, que não se resignam á sua derrota e á sua humilhação e que querem absolutamente não já restaurar a monarchia, mas, mais mesquinhamente, — tirar uma desforra. A agitação mo-

narchica em Portugal nunca teve outro objectivo que não fosse esse. A tradição não tinha peso algum no espirito dos monarchicos, sahidos na sua maioria da burguezia liberal, viscondes, condes e marquezes de fresca data e com improvisados brazões. Assim pode ver-se isto em Portugal: os representantes das familias historicas como os Sabugosas e os Taroucas, absterem-se de tomar parte nas luctas para o restabelecimento da realeza e serem acceitos como bons combatentes aventureiros de todas as idades e condições, vindos de todos os partidos e de toda a parte. Em França, intitulava-se *delegado do partido realista* o Homem Christo filho, e em Portugal falava em nome dos monarchicos um bando de follicularios sem imputação e vindos alguns do partido republicano, como o Cunha e Costa e o Alfredo Pimenta. Na realidade esta gente sem convicções não se agrupava á volta de uma bandeira que não os interessava, como não os interessou a outra, mas em torno da possibilidade de ver triunfar uma aventura politica que premiasse os seus serviços. O Paiva Couceiro elle mesmo, era quando a Republica se installou, um adversario tão pouco intransigente que o encontrei depois do 5 de outubro, no Ministerio das Finanças, a cumprimentar o José Relvas. Fazia-se acompanhar pelo João de Menezes, que m'o quiz apresentar, ao que eu me recusei, porque não tinha interesse algum em o conhecer. O character particularista, individual, das luctas politicas pela restauração ainda se accentua por este facto: não só o Portugal historico parece ter-se desinteressado d'ellas, como do proprio Portugal liberal só se interessaram por ella alguns con-

des e viscondes, como esse ridiculo visconde do Banno, que nos apparece ministro dos negocios ecclesiasticos, da justiça e da instrucção, na Junta Governativa do Porto. Os grandes homens do liberalismo recolheram a suas casas: nunca mais, desde que a Republica se proclamou, se ouviu falar no João Franco, ou no Wenceslau de Lima, ou no Campos Henriques, ou no Julio de Vilhena. As primeiras tentativas de restauração ainda obtiveram certas solidariedades, como a do marquez do Fayal, que as ajudou com os recursos da sua grande fortuna, mas ultimamente essas mesmas tinham faltado á chamada causa monarchica, que assim com a entrada de Portugal na guerra, estaria definitivamente morta, sem o acto traiçoeiro de Sidonio Paes. Esse acto facilitou de tal maneira a renovação da aventura monarchica em Portugal que não se explicaria que ella não fosse tentada. Numa das suas proclamações, a Junta Governativa do Porto presta a Sidonio Paes, a quem chama o «Illustre Portuguez sr. major Sidonio Paes» uma homenagem que este largamente mereceu.

Procurci ver como o *Primeiro de Janciro* considerava a situação creada no Porto pela restauração. Considera-a ainda com timidez, mas já com alvoroço:

«...ha muitos mezes a esta parte estavam desenhadas duas correntes, que mais e mais se definiam á medida que os acontecimentos se desenrolavam. Todos nós conhecemos — porque são recentes e de proporções que não esquecem — os excessos commettidos. Julgou-se que se podia vencer, sem attrahir. Desprezaram-se as regras que regem a caprichosa psy-

chologia das multidões, estabelecendo a indispensavel tolerancia e não consentindo que valores insignificantes, ou nullos occupassem situações que lhes não competiam. Consentiu-se que a indisciplina se desenvolvesse á custa de perseguições, vexames, arbitrios, creando assim odios e rancores, que destroem sempre a harmonia das sociedades. Uma vez marcada a confusão (!) extremavam-se os campos. Uns pelejavam pela continuação de uma atmosphora pesada, por vezes quasi irrespiravel. Outros vieram á liça em nome dos sãos principios de justiça, de reivindicação, que eram impostos pelo constrangimento em que se vivia. Pelas proclamações abaixo publicadas vê-se que os intuitos dos chefes do movimento monarchico são filiados em principios de liberdade, de nobreza, de respeito por quem vale o por quem pode ser util.»

Antes da Republica corria no Porto uma lenda divertida segundo a qual o *Primeiro de Janeiro*, que sempre foi conhecido pela sua falta de convicções, tinha preparado e prompto a apparecer um artigo de fundo que comçoava por estas palavras: «Saudemos a Republica, essa aurora!» Os tempos mudaram, o *Primeiro de Janeiro* tornou-se reaccionario, passou a ter convicções, mas ao querer exprimir-as pela primeira vez, todo elle é commoção, perturbação, gaguez, e tão receioso está ainda do que possa succeder — não vá a Republica voltar! — que a sua preocupação ao escrever pela primeira vez a sua profissão de fé é a de deixar no espirito dos seus fieis leitores uma grande confusão sobre o que quer dizer. A historia da conversão d'este jornal é simples: G. B. desejou ardente-

monte quando a Republica veio, ser consul do Portugal em Paris. E' curioso que um homem rico tenha tido tão modesta ambição. Esta pretensão, que elle me communicou, foi submettida por mim a B. Machado, então ministro dos negocios estrangeiros. Teria sido talvez um bom acto politico o de solidarisar assim com a Republica este homem nullo mas dispondo da influencia de um grande jornal. Esse acto politico, B. Machado não o praticou, como não praticou em toda a sua vida acto algum politico que fosse bom. G. B. passou a detestar B. Machado. Um dia iniciou contra elle uma campanha. Foi mal succedido. B. Machado era popular. O Porto fez manifestações contra o *Primeiro de Janeiro*. Algumas pedras mesmo foram roçar pelas suas janellas. G. B. teve que fugir do Porto e a partir d'então passou a detestar a Republica e a abrir as columnas do *Primeiro de Janeiro* a todas as navalhas de ponta e mola da monarchia vencida. Agora, restaurada a monarchia, B. Machado, deposto e banido, a sua alma exulta. Está vingado. A sua primeira recriminação vae para a Republica que não o nomeou consul em Paris, que nomeou outro que o não valia, que "consentiu que valores insignificantes, ou nullos occupassem situações que lhes não competiam."

Os portuguezes são assim !

D. Manuel é completo. Entrevistado por um redactor do *Daily Express*, declarou, segundo os jornaes de Paris, d'hoje :

— C'est en Angleterro qu'est mon foyer et aucune parole ne peut exprimer la reconnaissance que j'éprouve

envers la nation qui m'a témoigné tant de sympathie, de bonté et d'amitié. Ce fut le cœur brisé que je me séparai de mon peuple bien-aimé et je n'oublierai jamais la fidélité de mes adhérents; toutefois mes années d'exil en Angleterre furent des années de bonheur. — (*Matin*).

Este monarcha que se declara contente com o seu exilio vem confirmar no espirito francez e já agora em todo o mundo a lenda jocosa, segundo a qual os portuguezes são o povo mais divertido da terra.

PARIS, 29 DE JANEIRO

O Relvas no governo. Jornaes, jornacs de Lisboa e, do Porto, pontualmente, *O Primeiro de Janeiro*, o que me permite ir seguindo aqui de Paris os episodios da Restauração. *O Primeiro de Janeiro* não é distribuido em Lisboa. Tenho presentes os numeros de 23 e 24. Eis aqui o quo se estava passando nessas datas. A Junta Governativa tinha publicado um Diario Official, quo já se intitulava *Diario da Junta Governativa* e despachava, decretava. Um d'esses decretos, o n.º 8, annulla e revoga todas as leis da Republica, o que dá a medida da capacidade politica d'estes novos governantes de Portugal. Esto decreto alarmou por tal maneira que a Associação Commercial reuniu e correu á Junta a fazer os seus reparos. No mesmo decreto declara-se abolida a Republica e «restaurada a dynastia da seronissima Casa de Bragança, na Pessoa do seu Augusto Representante El-Rei o Senhor D. Manuel II».

O decreto n.º 9 suspende as garantias «consignadas no art. 145.º e seus §§ da Carta Constitucional da Monarchia Portugueza.» O decreto n.º 10, dispõe que todos os annuncios, editaes, avisos e outras publicações exigidas por lei e que ahi agora eram publicadas no *Diario do Governo* serão insertas d'ora avante no *Diario da Junta Governativa do Reino*, «sem o que não terão nenhuma validade, nem produzirão qualquer effeito.» O decreto n.º 11 autorisa a organização do um batalhão de voluntarios academicos na cidade do Porto, «para defeza da Patria e da monarchia, que tão brilhantemente acaba de ser restaurada.» O decreto n.º 12 readmittia «todos os magistrados e funcionarios civis que serviam empregos vitalicios do Estado, ou dos corpos e corporações administrativas á data de 4 de outubro de 1910 e que posteriormente foram demittidos, ou afastados da effectividade do serviço»; o decreto n.º 13 dava á Guarda Republicana a designação de *Guarda Real do Porto*; o decreto n.º 14, declarava que «a religião Catholica, Apostolica, Romana é a religião do Estado» e revogava a lei da Separação.

Estes decretos eram formulados assim: «A Junta Governativa do Reino, em nome d'El-Rei, ha por bem decretar o seguinte» e tinham a data de 20 e 21 do Janeiro; mas o que dá idéa do estado de espirito dos homens da Junta, que antes de se assegurarem a victoria, já se julgam senhores do toda a engrenagem da administração, são as suas portarias e despachos determinando a forma de effectuar pagamentos e concedendo licenças a funcionarios publicos. Este despacho é particularmente curioso: «Por despacho de sua ex.ª

o ministro da Fazenda, com data d'hoje (21) são concedidos a José Joaquim Gouveia Durão, director da Alfandega do Porto, trinta dias de licença.» Mas continuemos a ver o que se passava no Porto e no Norte nestes dias de 22 e 23 de Janeiro, sempre segundo *O Primeiro de Janeiro*. No dia 22 varios grupos de populares, empunhando bandeiras azues e brancas tinham percorrido as ruas em manifestação «indo saudar a monarchia, a familia real, Paiva Couceiro, a Junta Governativa, etc., em frente do Quartel General e do Governo Civil.» A' noite, houvera outra manifestação promovida pelo regedor do Bomfim e levando á frente a banda do Asylo Profissional do Terço, que tocava o hymno da earta: Deprehende-se da leitura do *Primeiro de Janeiro* que as manifestações não eram numerosas e que o Porto não mostrava um exaggerado enthusiasmo pela restauração da monarchia. Talvez por isso, no dia seguinte, a 23, interveio a Academia, organisando na Praça da Universidade um cortejo que desfilou pelas ruas da cidade, na seguinte ordem: Banda do Asylo Municipal, Real Batalhão Aeademico, na força de 200 voluntarios, banda do Asylo do Terço, Faculdade de Medicina, Instituto Industrial e Commercial, Lyceus Alexandre Herculano e Rodrigues de Freitas e Escola Normal, com os seus estandartes e bandeiras, Asylo Municipal, Collegio dos Orphãos e por ultimo a banda da Officina de S. José «seguinto-se muitos populares», diz o *Primeiro de Janeiro*, o que dá a idéa de que não eram muitos. Entretanto é curioso observar que nesta manifestação não pareceram tomar parte senão asylos. Apesar do *Primeiro de Janeiro*

procurar dar-lhe importancia, tem-se a impressão de que a população do Porto se absteve. «Pelas ruas do trajecto até o Quartel General, diz o jornal portuense, havia muito povo e as janellas e varandas muito animadas (sic) de senhoras, que correspondiam com enthusiasmo ás saudações dos estudantes.» Depois de percorrer algumas ruas e de ter ido festejar a Junta Governativa, sendo recebida «pelo sr. coronel Paiva Couceiro, a quem acclamou vibrantemente, fazendo ao grande paladino da causa monarchica a mais calorosa ovação», a manifestação dirigiu-se á redacção do jornal monarchico *Patria* onde se pronunciaram discursos. O *Primeiro de Janeiro* publica integralmente um d'elles, pronunciado pelo estudante de medicina, Christiano Augusto Moraes, que falou em nome da Academia, e o que é extranho é que o publique, porque é um arrasado sem nexo parecendo muito mais a obra de um mentecapto, ou de um louco, do que a de um homem no uso das suas faculdades intellectuaes. Deixo-o aqui, para o caso d'estas *memorias* ainda virem a servir para a historia da crise fulgurante de demencia que está perturbando o entendimento publico em Portugal.

«Meus senhores: A academia vem, pela vez primeira, após 8 dilatados annos, soltar aclamações e trofeus pelo triumpho e inicio de uma nova aurora, cheia de esperanças, onde já se antevêem o engrandecimento da Patria, e a magnanimidade da causa real. O enthusiasmo que estais vendo e aquelle que, em horas bastante obscuras, pudestes observar atravez das ruas d'esta heroica cidade, deve, sem duvida,

commover-vos. Elle é a aspiração convicta de quo são portadores os corações juvenis e moços d'este baluarte da raça lusitana, formada de estudantes e soldados que, mais que nunca, vai dar conhecimento ao mundo estranho o que é o sangue de Portugal.

Que elle faça a nossa apoteose ou critica é coisa que pouco nos impressiona, certos de que já demos a maior demonstração de patriotismo, cordura e civismo proprios do uma raça galharda e nobre, por occasião da visita a esta Universidade de um outro simbolo de portuguez, *heroi pela espada, honrado pelo character, mártir pelo derer, libertador pelo genio e insigne pelo nome — que foi o dr. Sidonio Paes*. Hoje como hontem, amamos um regimen de ordem, estabilidade, engrandecimento e do maior respeito mutuo, para que esta Patria possa ser um berço sagrado do todos.

A ordem está estabelecida dada a boa vontade de todos os portuguezes e do mais da envergadura ferrea d'esses ressuscitados paladinos que em épocas posteriores tão alto elevaram o pendão das quinas. A estabilidade pede-a, oxige-a e ordena-a a aspiração nacional d'este heroico paiz, indignado pela farça, abatido pelo medo, tiranisado pelo mando, postergado pelo terror e enluctado pelo crime.

O engrandecimento assegura-o a bravura heroica d'este indomito exercito que depois de ter reduzido ao silencio as baterias teutonicas no campo de Flandres, veio impôr o regimen aspirado a esta Patria anarehizada. As outras são questões importantissimas resolvidas por alta iniciativa e por isso esperamos a maior eloquencia dos homens que as fomentarem.

A Academia, vindo trazer a apoteose que consagra aos herois, vem tambem contribuir para a elevação moral de qualquer espirito até hoje abatido. Abatam-se as bandeiras da expiação e de crime, certos de que na posteridade de anno a anno, dia a dia, lêr-se-ão em palavras gravadas a oiro, nas paginas da nossa inconfundivel historia, que a 19 de Janciro de 1919, um punhado de valentes libertou Portugal.»

Nessa noite organisou-se na Praça da Liberdade outra manifestação, que se dirigiu primeiro á séde da Junta Governativa, onde foi recebida por Paiva Couceiro, e onde falou em nome dos manifestantes um Alfredo Villares, encaminhando-se depois para o centro monarchico da rua de Santa Catharina e mais tarde para os quartéis da Guarda Real, onde, de uma janella, falou o commandante, major Ribeiro Borges, e de infantaria 18, onde falou o tenente capelão Candido Gomes; mas é tambem curioso observar que os elementos da guarnição do Porto não parecem tomar parte nestas manifestações.

A Junta Governativa recebia cumprimentos: do commandante e da officialidade da Guarda Real, da direcção da Associação Commercial, do director e dos professores do Instituto Commercial e Industrial, das sr.^{as} D. Adozinda Junqueiro e D. Maria Pia, respectivamente chefe e sub-chefe da estação telephonica terminal do Porto. A Liga Agraria do Norte, que já se intitulava *Real Liga Agraria do Norte* remettera um officio «exprimindo o seu regosijo pela restauração do regimen monarchico e enviando as suas saudações en-

thusiasticas.» A Companhia Vinicola do Norte do Portugal, que igualmente tomara o nome de *Real Companhia* convidara a comparecer no gabinete do visconde d'Alijó os chefes de serviço dos armazens de Gaya e demais empregados que professassem idéas monarchicas, afim de solemnisar a restauração da monarchia e desfraldar de novo a bandeira azul e branca. Foi servido champagne, sendo erguidos entusiasticos vivas, etc. Os presos communs da cadeia do Porto tambem se tinham manifestado e como! O *Primeiro de Janeiro* por certo reputou preciosa para a causa monarchica a solidariedade d'estes gentlemen porque publica na sua primeira pagina a mensagem que elles dirigiram a Paiva Couceiro pedindo a sua libertação, em troca da qual se declaram «promptos a defender a monarchia portugueza e todos os seus membros até ao sacrificio da propria vida.» Para fazer a bocca doce a Paiva Couceiro, os presos não estão com meias medidas: fazem o processo da Republica. E como! Associando-se ás manifestações de regosijo pela restauração da monarchia, dizem elles que o fazem «por communhão de idéas» e para celebrar o «triunfo obtido sobre o nefasto e hediondo regimen republicano», cuja substituição se tornava tão necessaria «para socego e tranquillidade de todos os bons portuguezes e decôro da nossa querida Patria, vilmente assaltada em 1910 por um bando de abutres que se apostavam em despojal-a de tudo.» Dera-se posse aos novos director e sub-director da Alfandega e ao novo administrador dos correios e telegraphos «tendo sido affastados do serviço todos os funcionarios d'esta repartição, todos como desaffectedos

á monarchia.» Tinham-se feito algumas prisões de individuos que se pronunciavam contra a situação e entre ellas a de um que á passagem de uma manifestação arrancou uma bandeira azul e branca das mãos do manifestante que a conduzia, puchando acto continuo de uma pistola, mas este caso não teve importancia, porquanto, segundo o *Primeiro de Janeiro*, «verificou-se que se tratava de um individuo que soffre de desarranjo mental e cuja identidade se ignora.» O que teve importancia foi o incidente occorrido na estação de Campanhã, na tarde de quarta-feira 22 e que o *Primeiro de Janeiro* qualifica de grave. Este grave incidente consistiu em ter sido massacrado um grupo de 45 soldados do regimento de infantaria 31 que fôra dissolvido pela Junta e eram transferidos para Penafiel. Ao partirem da estação de S. Bento, os soldados soltaram vivas á Republica. Logo que se soube, a policia accorreu a esperal-os em Campanhã, logo depois accorreu do Carmo um esquadrão de cavallaria e o que se passou não o diz com precisão o *Primeiro de Janeiro*, mas dos 45 soldados, quinze tinham sido levados com ferimentos de bala, para o hospital, onde um já tinha morrido, emquanto os restantes eram recolhidos ao Aljube.

A' data d'estas noticias, o *Primeiro de Janeiro* não revelava qualquer apprehensão sobre o êxito da restauração monarchica. A Junta «pelo ministerio dos Negocios Estrangeiros», tinha-a mesmo communicado aos consules. Da Serra de Monsanto, Ayres d'Ornellas radiographava :

A 22 :

«Dê noticias situação Porto. Importante movimento tropas de Lisboa causa commum. Estamos posse posto radio-telegraphico Monsanto, pelo que pode telegraphar abertamente toda a confiança. — *Ayres Ornellas.*»

A 23 :

«*Monsanto, 5-35* — *Junta Governativa Porto* — Quasi totalidade guarnição Lisboa está proclamando monarchia. Conveniente transmittir noticias de Aveiro e Coimbra. — (a) *Ayres d'Ornellas.*»

Monsanto, 10-55 — Situação optima. Bandeira azul e branca acaba ser içada em todos os quartéis. Temos 30 bocças de fogo e trez batalhões de infantaria, toda a cavallaria, muita policia e innumerous civis. As adesões continuam. Viva a Monarchia! — (a) *Ayres d'Ornellas.*»

No Norte, a restauração era confirmada e os novos administradores do concelho tomavam posse das administrações locais. O *Primeiro de Janeiro* publicava telegrammas de Vieira, Santo Thyrsó, Paços de Ferreira, Amares, Famalicão, Cabeceiras, Braga, Sinfães, Louzada, Amarante, Marco, etc. dando como restaurada ali a monarchia. De Vianna do Castello as noticias eram um pouco confusas, parecendo que teria havido resistencias por parte da guarnição, a qual teria sido levada a inclinar-se perante o Porto, pois o correspon-

dente do *Primeiro de Janeiro* fala em «criteriosas demarches feitas de parte a parte» e que «tudo terminou em bem, salvo o brio o a dignidade militar.» A 23 partira uma columna em direcção ao sul, tendo havido em Ovar um recontro. Numa nota dirigida na madrugada de 24 aos jornaes, a Junta exprimia assim o seu optimismo: «O conselho de ministros reuniu-se pelas 11 horas da noite. Apreciou-se a situação militar em conjuncto e os radiogrammas vindos de Lisboa. Reconheceu-se que a situação é cada vez melhor. A columna que hontem partiu d'esta cidade proclamou a monarchia em Ovar, onde entrou após ligeira resistencia e deve estar em marcha para o sul.» O *Primeiro de Janeiro* annunciava a 24 ter sido interceptado um radiogramma do governo republicano «por ondo so infero que a sua situação é cada vez mais difficil.» E depois de informar que na Serra de Monsanto se encontravam com Ayres d'Ornellas «alguns nomes illustres do nosso exercito, como Alvaro de Mendonça, antigo ministro da guerra, tenentes coroneis Almeida Teixeira e Silveira Ramos, capitão Carlos Velloso, e outros», concluia assim: «A victoria é decisiva e não tardará que Portugal inteiro receba a monarchia sem o derrame de uma gotta de sangue.»

Entretanto eis aqui o que ao mesmo tempo se passava em Lisboa.

A noticia de que a monarchia tinha sido restaurada no Porto começou a circular no dia 19, á tardinha. Logo, no Rocio e nas ruas da Baixa, começou a apinhar-se muita gente e logo se formaram manifestações, no meio do vivas á Republica, emquanto ao ministerio

do Interior affluíam os politicos de todas as *nuances* republicanas que, dizem os jornaes, e esta é a nota da situação, «pondo de parte ressentimentos pessoais e politicos» se declaravam promptos a defender a Republica. No dia 20 o coronel Eduardo Pellen, commandante das tropas da guarnição, affirmára a Tamagnini Barbosa, presidente do Conselho, ou do Ministerio, como se diz na Republica, que os commandantes dos corpos se collocavam ao lado do Governo. Numerosos officiaes corriam a apresentar-se no ministerio da Guerra. A policia prendia os monarchicos em destaque, entre os quaes Antonio Cabral, director do *Liberal*. As garantias eram suspensas. Chamavam-se a Lisboa os navios de guerra, a *Manhã* e o orgão sidonista, *Jornal da Tarde*, faziam appellos ao povo republicano, em largas *manchettes*: «A Republica está em perigo, em consequencia de uma traição, dizia a *Manhã*. E' como se fora a nossa mãe em risco de morrer.» «Sursum corda! dizia o *Jornal da Tarde*. Republicanos! abracemo-nos!» E os republicanos abraçavam-se. Faziam-se manifestações formidaveis, ao som da *Portuguesa* e da *Maria da Fonte* e no meio de bandeiras desfraldadas. Era um delirio. O partido socialista e a União Operaria Nacional collocavam-se ao lado da Republica. Espalhavam-se proclamações, mas o caso do dia era a entrevista que na vespera tinham tido Tamagnini Barbosa e Ayres d'Ornellas, chamado por aquelle ao ministerio do Interior. Eis aqui como os dois principaes jornaes de Lisboa, *O Seculo* e *O Diario de Noticias* referem o que se passou entre Tamagnini Barbosa e o representante de D. Manuel:

«O sr. Tamagnini Barbosa, diz *O Seculo* de 20, começou por lho dar conhecimento de uma communicação que lhe fôra transmittida e segundo a qual alguém affirmava que a occasião para uma restauração monarchica era propicia, visto não haver complicações internacionaes, e o sr. D. Manuel de Bragança estar disposto a vir presidir aos destinos do paiz. O sr. Ayres de Ornellas mostrou-se inteiramente estranho tanto aos successos do norte como a essa communicação, afirmando que, ao contrario do que nesta se avança, o sr. D. Manuel ainda ha pouco lhe telegraphara, ratificando as instrucções dadas aos seus adeptos, no sentido de se absterem de tentativas restauracionistas o confirmando as declarações feitas ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos, apoz o assassinio do sr. dr. Sidonio Paes.

O sr. Tamagnini Barbosa perguntou então ao sr. Ayres de Ornellas se o auctorisava a transmittir as suas declarações aos revolucionarios do norte e, tendo obtido o seu assentimento, assim o executou, constando-nos que aquelles so mostraram um tanto abalados com a informação. O sr. Ayres de Ornellas sahiu do gabinete do chefe do Governo e não voltou a ser incommodado.» (sic.)

Por sua vez, *O Diario de Noticias* contava assim o que se passou :

«O senhor presidente do ministerio chamou de tarde á sua secretaria o sr. Ayres de Ornellas, parecendo quo o «leader» monarchico, pelas declarações que fez, não concorda com o movimento politico do Porto.

Ao sr. Tamagnini Barbosa mostrou o sr. Ayres de Ornellas um telegramma de D. Manuel, escripto em termos identicos áquelle que lhe enviara quando da morte do sr. dr. Sidonio Paes, aconselhando os seus amigos a que, por uma questão patriotica, dessem apoio á actual situação.

A existencia d'esse telegramma, segundo nos constou, foi communicada para o Porto, de onde responderam que existia ali uma declaração do sr. Ayres de Ornellas, achando o momento propicio para a restauração, pois não havia inconvenientes internacionaes. Que D. Manuel estava disposto a governar.

O sr. Ayres de Ornellas negou, porém, que tivesse feito semelhaute declaração.»

A *Manhã* referia por sua vez assim, o succedido :

«Hontem á noite, o senhor presidente do ministerio recebeu o sr. Ayres de Ornellas no ministerio do Interior. O chefe monarchico declarou ao sr. Tamagnini Barbosa desconhecer o movimento. Então, o senhor ministro do interior communicou-lhe que os elementos realistas revolucionados no norte haviam declarado ter em seu poder um documento, devidamente assinado pelo sr. D. Manuel, no qual este declarava ser o momento propicio para um movimento monarchico; não haver inconveniente algum de ordem internacional e estar disposto a vir para Portugal reoccupar a corôa perdida em 5 de Outubro. O sr. Ayres de Ornellas negou terminantemente a autoria de qualquer documento neste sentido, mostrando ao chefe do governo um tele-

gramma por elle recebido ainda hontem do sr. D. Manuel, em que o ex-monarcha, a proposito da situação politica portugueza, reproduziu as mesmas palavras ditas em Londres ao sr. dr. Augusto de Vasconcellos.»

Na occasião em que fazia estas declarações e dava estas seguranças ao Governo, Ayres d'Ornellas dispunha já do posto radio-telegraphico de Monsanto, por certo por ter ali entendimentos, e a 22, isto é, dois dias depois da entrevista com Tamagnini Barbosa, radiographava para o Porto:

«Dê noticias situação Porto. Importante movimento tropas Lisboa, causa commum. Estamos posse posto radio-telegraphico, pelo que pode telegraphar abertamente toda a confiança. — *Ayres Ornellas.*»

A 21 continuavam as manifestações republicanas. Fizeram-se discursos das janellas do ministerio do Interior. Grupos de marinheiros, já em *tenue* de campanha, promptos a partir para o norte, andaram percorrendo a cidade. A academia republicana organisava um batalhão, dizia-se o movimento do norte em desorganisação, a *Manhã* escrevia em grossos caracteres, no alto da sua primeira pagina: *A caminho da victoria. Os monarchicos desorganisam-se e os republicanos marcham para o combate!* Os offerecimentos para combater affluíam de toda a parte. O governo chamou ás armas, abriu uma inscripção «para se poderem constituir rapidamente batalhões de voluntarios», confiou desde logo o commando de um d'estes ao major André

Brun. O dia 22 foi de um patriotismo ardente. O appello do governo foi correspondido com um enthusiasmo nunca visto. «Lisboa — escrevia *O Seculo* — viveu hontem um dos seus dias mais gloriosos. O povo de Lisboa, o povo trabalhador, demonstrou de uma maneira insofismavel o seu profundo amor á Republica, comparecendo em massa no Campo Pequeno, para se alistar como voluntario nos batalhões que o governo se lembrou de orgauisar para combater os revoltosos do Porto.»

Ás 3 da tarde, o numero de cidadãos inscriptos subia já a 10.000 o havia de tudo, diz *O Seculo* — professores, antigos deputados, artistas, actores, funcionarios publicos, empregados dos correios e telegraphos, mas a maioria era constituida por operarios e empregados do commercio. E era um espectáculo commovente. Sanches de Miranda, o heroe de Chaimite, que tambem fôra inscrever-se dizia :

— Um irmão meu encontra-se em Elvas como preso politico. Meu filho João foi-se alistar como soldado no batalhão academico. Eu não pude resistir a vir tambem aqui assistir a este soberbo espectáculo. Recordame o que vi na Inglaterra, quando naquele paiz se improvisou o exercito que se cobriu de gloria na Flandres. Era assim mesmo : os civis transformavam-se em soldados quasi por milagre. . .

A' tarde, os voluntarios inscriptos formados em pelotões e commandados por officiaes, desceram á Baixa, constituindo «um cortejo formidavel», diz o *Seculo*, que o descreve assim :

Quando aquella molle immensa se põe em marcha, o spectaculo é surprehendente. Ao longo das avenidas era de milhares tambem o numero de pessoas que o aguardavam e que, enfileirando á frente de tudo, não eessa de aeclamar a Republica. As janellas dos predios apinham-se de gente; desdobram-se bandeiras nacionaes ou de paizes nossos alliados; agitam-se lenços e corresponde-se com enthusiasmo aos vivas que sobem para ellas. São milhares de almas que se fundem numa só, milhares do gritos que constituem um grito unio.

Das provincias ehegavam noticias satisfatorias. O Sul parecia manter-se fiel á Republica e mesmo do Norto, da Guarda, de Celorico, da Figueira, de Castello Rodrigo, de Traneoso e de outros pontos vinham noticias de manifestações á Republica. A guarnição de Vianna dizia-se firme, na Regua tinha sido tentado um golpe «mas o povo com a guarda republicana, dizia um telegramma para o *Seculo*, levou-os de eorrída.» O mesmo em Fozcoa, «onde as tropas fieis ao governo impediram a tentativa de restauração, pondo em debandada varios automoveis que eonduziam os aventureiros.» Em Vizeu «forte agitação republicaua.»

Comtudo, o governo não parecia depositar grande eonfiança na guarnição, lançava appellos desesperados e um d'elles como este, caracteristico de uma situação difficil: «*Appello aos officiaes republicanos. O sr. presidente do governo pede a todos os officiaes republicanos que se apresentem com a maior urgencia no ministerio do Interior afim de defenderem a Republica.*» Este

appello implica o reconhecimento de que o governo não confia no republicanismo dos officiaes arregimentados. Creio que foi no dia seguinte, isto é, a 23, que Monsanto rompeu as hostilidades.

Entretanto, eis aqui o que declara a um redactor do *Temps*, o doutor Egas Moniz, que continua a occupar a pasta dos estrangeiros no ministerio Relvas e continua a presidir á delegação portugueza na conferencia da paz.

Do *Temps* (28-1-19):

«Le mouvement monarchiste est complètement terminé à Lisbonne, dans tout le midi du Portugal et dans le nord, jusqu'à Aveiro. Il y a deux villes qui résistent encore: Oporto et Braga. On a l'intention de les attaquer, mais il serait plus agréable et préférable, sous tous les points de vue, que ces petites forces révolutionnaires se rendissent sans combat.

C'est, d'après moi, l'orientation du gouvernement de la République qui, pour cela même, ne s'est pas montré trop pressé de réduire par la force ces petits noyaux de résistance. Il le fera cependant, s'il le faut. La question de la restauration monarchiste est définitivement liquidée. Les monarchistes ont profité de la tolérance du gouvernement libéral du président Sidonio Paes pour obtenir des postes dans l'armée, dont ils se sont servis maintenant. Ce sera une leçon pour l'avenir.

Le ministère est en état de reconstitution dans le sens d'une concentration des forces républicaines; il

suivra la politique fermement ententophile et bien républicaine du regretté président Sidonio Paes, à laquelle le pays tout entier avait donné son enthousiaste approbation.»

Como ha de a opinião franceza entender o problema portuguez quando é o proprio ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal quem vem fazer neste momento o elogio do homem que entregou a Republica e a conduziu á guerra civil? Egas Moniz acha que seria mais *agradavel* que as forças monarchicas se rendessem sem combate. Sim! Seria mais agradável, sobretudo para ellas e porque tudo poderia talvez acabar em bem, sem um definitivo desastre para os monarchicos. . . Inutil accrescentar que a situação de Portugal na Conferencia da Paz é a mais compromettida de todas as nações alliadas. O outro dia, o congresso colonial de Roma reclamava para a Italia o direito de se introduzir em Angola. Agora já se diz que a Belgica pediria uma facha de territorio costeiro, nesta provincia, para alargar a sahida da sua colonia do Congo, que só communica com o mar pelo curso do Zaire. E' a consumação do desastre preparado, pelos monarchicos portuguezes, com a ajuda do Sidonio Paes. Elles quizeram destruir a Republica: destruíram, estão destruindo o paiz. . .

PARIS, 30 DE JANEIRO

Nenhuma anomalia, nenhum absurdo, nenhum disparate me surprehende já de Portugal. No entanto to-

dos os dias estremeçe á vista de mais um. O «alto commissario do governo em Santarem» (!) dirige-se nestes termos ás tropas, em uma proclamação datada de 20, isto é, quando o governo de Lisboa já tem aberto as cadeias e appellado para o concurso de todos os defensores da Republica :

Soldados :

Ha ainda bem poucos dias que vós, obedecendo aos vossos officiaes e comprehendendo claramente o vosso dever de militares e de cidadãos de um Paiz que quer a Ordem e a Tranquillidade indispensaveis ao seu progresso, viestes combater a demagogia democratica, que foi prontamente vencida, devido á vessa valentia fortalecida pela certeza que tinheis da Justiça da nessa causa.

Santarem foi per vós occupada depois de reduzidos á impotencia os crimineses que não hesitaram em lançar a nossa querida Patria em nova convulsão.

Soldados — Apenas terminada esta campanha, em que foram pestos á prova o vosso valor e o vosso espirite de sacrificio, eis que um novo movimento revolucionario se efectua no norte do Paiz. Agora são os monarchicos que, chefiados per Paiva Couceiro, cometem o crime de perturbar novamente a Ordem que necessitamos e queremos mantida, custe o que custar.

O Governo, não querendo apoiar-se nos elementos democraticos, que se divorciaram da Republica e da Patria, em consequencia dos crimes e desmandos que teem commettido, é cemtudo bastante forte para subju-

gar o novo levantamento, pois que dispõe da quase totalidade das guarnições do Paiz que incondicionalmente se tem colocado ao seu lado. Conta tambem o Governo com o apoio da população civil, anciosa por um longo periodo de Paz e Tranquillidade, para subjugar a demagogia monarchica.

Tem-se a impressão material de que se está em presença de dementes!

Este outro caso não é menos significativo do estado de desconcerto mental da sociedade portugueza. A 21 de janeiro, isto é, quando já era conhecido em todo o paiz que Couceiro se encontrava á frente de uma sublevação monarchica, um individuo que se assignava *Um monarchico observador* dirigia ao *Jornal da Tarde* uma carta, na qual se exprimia assim:

«Affirma-se para ahi que foi restaurada a monarchia no Porto e outras terras do norte. Restaurada a monarchia? Com que gente? Com que dinheiro? Com que armas e munições? Com que apoio ou com que autorisação dos proprios chefes do partido monarchico e da imensa maioria d'este partido? Não percebo nada, com franqueza o digo, porque os monarchicos sabem onde tem a cabeça, e não iriam numa situação como a actual, lançar-se numa aventura tão desvairada e desastrosa. Isso só se tem notado nos revolucionarios de profissão a quem convém trazer o paiz em continuo sobresalto para se vingarem dos que os não deixam subir ao poleiro. O estratagema descobre-se por si mesmo. Os democraticos foram mal sucedidos em San-

tarem, como o teem sido com todas as suas tentativas revolucionarias, inventaram o perigo monarchico e em ultimo caso a restauração da monarchia. Assim é que me parece que deve bater certo.

Do mais, se no movimento do Porto encontrarem monarchicos que estejam do lado dos revoltosos, vejam bem que especie de monarchicos são esses e quem os autorizou, ou quem os iludiu e aliciou para a revolta, que bem pode ser que algum pobre diabo fôsse enganado e cahisse na ratoeira. De resto escusam os jornaes affectos ao demagogismo, de espalhar o terror do perigo monarchico, porque essas atoardas só servem para iludir papalvos que não lhes percebem o jogo.»

Em toda a parte ha loucos; mas os loucos em Portugal têm direito de cidade. Os jornaes dão todas as honras da publicidade á sua loucura, porque os jornaes no nosso pobre paiz, não são guias da opinião, mas boccas de cano abertas, por onde passa em torrente, a caminho do entendimento publico, tudo o que se regeita e se deita fora numa sociedade intelligente.

PARIS, 31 DE JANEIRO

Entretanto a Conferencia da Paz continua a sua obra, que não se sabe para que cahos nos conduzirá. Já não se fala na Conferencia da ilha dos Principes, que dir-se-hia assim ter sido posta de lado depois do mau acolhimento que teve. No que se fala agora é na internacionalisação das colonias allemãs — idéa do presidente Wilson, está claro, e que consiste em en-

tregar á Sociedade das Nações, o cuidado de gerir as colonias allemãs. Não se sabe poróm ainda o que é a Sociedade das Nações, nem está feito o seu estatuto. O seu objectivo seria o de evitar futuras guerras. Como? Tambem não se sabe. O que se sabo é que o sonho de que esta guerra seria a ultima, se vae desvanecendo e a concepção das nações armadas, com os seus pesados orçamentos de guerra, volta a ser acceito como coisa necessaria. No *Temps*, d'hontem, o general de Lacroix proconisa a necessidade, para a França, de um exercito permanente, diz: «Une France, ayant un appareil militaire trop reduit donnerait à l'Allemagne, même republicaine, la tentation de reprendre la situation qu'elle a perdue.» A Inglatorra augmenta o poder da sua frota; os Estados Unidos tambem. E nem mesmo as relações entre os Alliados se tornaram mais cordeaes depois da guerra. Ao contrario parecem azedar-se. Na Conferencia da Paz, levantam-se a cada passo antagonismos entre as grandes e pequenas nações, que passaram a constituir dois blocos. Uma idéa infeliz dos organisadores da Conferencia dividiu as nações alliadas em duas cathogorias: nações que defendem interesses goraes; nações que defendem interesses particulares (à intérêts particuliers) e contra esta injustiça já protestou em termos vehementes pela Belgica, o ministro dos Negocios Estrangeiros Hymans, dizendo, e com razão, que a Belgica não defendeu, ao entrar na guerra, interesses particulares. O declarado conflicto entre a Italia e os Yougo-Slavos, ainda não foi abordado nem encontrou solução, mas continua a ser um dos problemas mais graves sobre que a Conferen-

cia tem de pronunciar-se. A Italia, que não ignora que a Conferencia está inclinada a reconhecer os direitos invocados pelos Slavos, está descontente, está já mesmo irritada. Uma carta de Gabriel d'Annunzio atacando com violencia os alliados a proposito d'esta questão, fez escandalo.

O que succederá ámanhã se as apprehensões da Italia se confirmarem? De resto, os antagonismos e conflictos renascem das cinzas da guerra: os tcheco-slovacos batem-se contra os polacos, a proposito do territorio da Silesia; os polacos luctam contra os ukrânios; os servios e romaicos estão em desaccordo, por motivo da posse do territorio do Banat; os japonezes não podem admittir que lhes contestem o direito a uma parte das ilhas do Pacifico, sobre as quaes os americanos tem as suas vistas; os dominions não admittem que esse direito lhes seja contestado. As exigencias dos povos victoriosos não tem fim, o que faz dizer a Marcel Cachin, na *Humanité*: «Si les vues politiques du President Wilson ne finissent pas par prevaloir, quelle Europe et quel monde nous prepare-t-on pour demain?»

No meio da ensurdecedora disputa de interesses que se está travando em torno da mesa, em que so reuncem os alliados, vae-se perdendo de vista a guerra e os seus objectivos, um d'elles o principal, o unico talvez era o de reduzir a Allemanha á impotencia e a Allemanha, pouco a pouco, ao favor desta absurda situação, toma posse de si mesma, reconstitue-se, renasce, levanta a cabeça, volta a ser orgulhosa.

Depois da guerra esperava-se a paz, com todas as suas consequencias. Não veio a paz e o que veio foi

um *gâchis* de que não se sabe o que sahirá e no meio do qual o presidente Wilson, interminavelmente perdura, lendo versiculos de um Evangelho que ninguem entende e que ninguem já quer ouvir.

PARIS, 1 DE FEVEREIRO

Todos os dias espero ler que o Porto foi submettido e que a aventura monarchica acabou, mas os jornaes de Paris, que ha dois dias são mudos a respeito de Portugal, voltam esta manhã a falar de nós para noticiar um combate nas margens do Vouga entre monarchicos e republicanos. O *Petit Parisien* publica mesmo um radiogramma lançado pela Junta Governativa annunciando que o governo não dispõe de forças sufficientes, para conter o movimento que estaria ganhando o paiz inteiro, que a guarda teria proclamado a monarchia e que Aveiro teria cahido nas mãos dos monarchicos. A *Information* insere um telegramma de Madrid, via Tuy, no qual se falla em uma viagem de Luiz de Magalhães a Hespanha, com o fim de obter do governo hespanhol o reconhecimento da qualidade de belligerantes, para os monarchicos revoltados. «Este pedido, diz o telegramma, seria baseado na affirmação de que os portuguezes que já adheriram á monarchia são em muito maior numero do que os que se mantem fieis á Republica.»

Que significa isto? e porque se prolonga esta lucta? Vamos nós recommençar as brigas entre liberaes e absolutistas? Tenho a impressão de que a Republica está a ser frouxamente defendida e que o governo não está

nas mãos de republicanos, apesar do Relvas. O sidonismo continua a governar e a mandar, e o que é o sidonismo senão a reacção monarchica na sua forma traiçoeira? A situação tem um character *louche*. O Canto e Castro não tinha dito até á data dos ultimos jornaes recebidos, uma só palavra ao paiz. Tardam-me os jornaes portuguezes, porque os de Paris parecem apostados em não se occuparem de Portugal. Communicações officiaes do Governo Portuguez para a imprensa franceza não vem. O Egas Moniz, ainda ministro dos Negocios Estrangeiros e que nos está representando na Conferencia da Paz, não voltou a abrir bico. A Legação de Portugal não diz palavra. O paiz está completamente abandonado!

PARIS, 2 DE FEVEREIRO

Visita do tenente-coronel Maia Pinto, que está em Paris com licença. Aproveitei o ensejo para lhe pedir informações sobre a situação actual das tropas portuguezas em França, sobre o estado de espirito dos officiaes e sobre certos pontos imprecisos da offensiva de 9 de abril. Maia Pinto é sobrio de palavras, mais reservado que expansivo. Por isso mesmo apreciei o que me dizem como expressão da verdade. As tropas que ainda estão em França, uns 25, talvez mesmo uns 30 mil homens, não fazem nada, aguardando apenas o seu regresso a Portugal. O numero de officiaes deve audar pelo que me disseram os irmãos Olavos — uns 1200, talvez mesmo mais. Operou-se no seu espirito uma transformação, como pretendem os Olavos, e tor-

naram-se elles republicanos? Maia Pinto não parecia concordar inteiramente com esta informação, mas o que affirma é que *são todos anti-sidonistas*. Quanto aos que voltaram da Allemanha, não se recusa a crêr que os mans tratos que ali soffreram tenham esfriado consideravelmente os sens enthusiasmos pelos allemães. Não estava a commandar (Maia Pinto é official d'artilheria) quando se deu a offensiva d'abril, mas presenciou na rectaguarda das forças, uma parte do que se passou. Os soldados bateram-se bem. Muitos nucleos do resistencia mantiveram-se até tarde nas suas posições, uns até ás 11 da manhã, outros até mais tarde, apezar do fogo formidavel dos allemães e as perdas d'estes foram grandes. O que transformou o recuo das forças em derrota foi o facto de não haver, ou de não se manterem linhas de apoio na rectaguarda. Elle assistiu á debandada e confirma o que me disse ha tempos José Martins. Houve soldados que foram parar a Calais. Depois da offensiva d'abril, os inglezes não utilizaram mais como combatentes, as forças de infantaria, que foram passadas á situação de reserva. O mesmo não succedeu com a artilheria, que foi encorporada ás forças inglezas e utilizada na frente, tendo combatido até que se deu o armisticio. As forças portuguezas de artilheria que combateram ao lado dos inglezes até o fim da guorra, eram constituídas por seis ou oito baterias de artilheria pesada, da que veio cooperar com o exercito francez e por dois grupos de artilheria de campanha. Estes dois grupos foram encorporados á 47.ª divisão ingleza e eram commandados um pelo tenonte coronel Maia Pinto, outro

pelo tenente coronel José Maria Marques. No momento da offensiva final, o grupo commandado por Maia Pinto estava em Nechin, na Belgica, e o outro grupo em frente de Tournoi. Maia Pinto confirma que depois da offensiva de abril se constituiu um batalhão, com forças retiradas das antigas unidades combatentes e em especial de infantaria 23, 15 e 13, que pediu e obteve ser collocado na linha da frente. Este pedido foi feito pelo bravo Helder Ribeiro, que tomou o commando da pequena força, que Maia Pinto avalia em 800 a 1.000 homens. Este batalhão foi tudo o que do Corpo Expedicionario ficou em condições de se bater, depois da offensiva de abril. O resto estava desmoralizado. Os soldados, que havia mezes viam os officiaes retirarem para Portugal, não queriam mais saber da guerra e a officialidade de infantaria que ficou, essa, conduziu-se na sua maioria vergonhosamente. A sua linguagem era tal que algumas vezes, nas *mess* — diz Maia Pinto — era preciso obrigarem-n'os a calarem-se. Nem mesmo diante dos officiaes inglezes so retinham. De resto, segundo Maia Pinto, sempre reinou a maior indisciplina no corpo de officiaes de infantaria e cita este caso: quando depois do dois mezes de indecisões e sob a pressão dos inglezes, o estado maior portuguez se decidiu a fazer executar a sentença de morte a que tinha sido condemnado um *chauffeur* portuguez, que pretendia passar-so para os allemães, levando comsigo documentos, foi difficil encontrar um official que se prestasse a commandar o pelotão do execução, pois todos se esquivaram a isso, sob diversos pretextos. O *chauffeur* de resto, alimentou até á ultima hora a es-

perança de não ser executado, pois muitos officiaes lhe garantiam que não o seria. Assim, a sua attitude foi de arrogancia e zombaria, até ao ultimo momento, pois estava convencido d'isso. Quando viu que a sua execução era inevitavel, demorou-a quanto poude, agarrando-se a um padre, que persistia em não se retirar do seu lado e tirando constantemente a venda que lhe tinham posto nos olhos. Isto levou cinco minutos. O mesmo espirito que levava a gente do Corpo Expedicionario a ser tão indulgente para actos de traição, subsiste. Um sargento que se passou durante a guerra para os allemães e a quem estes confiaram o cuidado de guardar prisioneiros portuguezes, tendo sido para estes um verdadeiro algoz, está preso, pois voltou com os outros da Allemanha, tendo sido, ou devendo ser julgado em conselho de guerra, mas sobre o castigo que se lhe hade applicar subsistem as mesmas hesitações.

Alexandre Braga, que acompanhou o tenente coronel Maia Pinto na sua visita, contou que por instigações de Affonso Costa, o actual commandante do Corpo Expedicionario, Alves Roçadas, telegraphara para o Governo de Lisboa, offerecendo o concurso das suas tropas, se o Governo obtivesse meio de as transportar. Acrescentou Alexandre Braga que o Governo de Lisboa fez para esse fim o pedido de transportes ao governo inglez, o qual se teria recusado a fornecer-lh'os sob o fundamento de que se os fornecesse nas presentes circumstancias, pareceria d'este modo intervir nas luctas politicas internas dos portuguezes. Feito o mesmo pedido ao Governo Francez, este ter-sc-hia do mesmo

modo recusado. Não creio que nada d'isto seja exacto. De resto fiz observar a A. Braga que a Republica não tem nem em Londres, nem em Paris, agentes bastante dedicados para tratarem com exito um assumpto d'esta natureza.

Em Paris, Bettencourt Rodrigues, que vê proximo o dia em que terá mais uma vez de abandonar o seu posto, está numa situação de vencido, que não é de natureza a estimular o seu zelo e em Londres não está sequer o Augusto de Vasconcellos, que está em Paris desempenhando as funcções de secretario da Delegação Portugueza e quem penso está em seu lugar, é o Pedro Tovar, monarchico por definição, filho do conde de Tovar, que difficilmente se comprehende, dê batalha ao governo inglez para que este forneça á Republica os meios de suffocar a tentativa de restauração monarchica.

PARIS, 3 DE FEVEREIRO

O *Primeiro de Janeiro* não voltou a vir, mas vieram jornaes de Lisboa até 29, dando conta da tentativa de Monsanto e da maneira por que foi suffocada, graças a um esforço popular que resgata Lisboa das torpezas publicas que assignalaram a dictadura de Sidonio Paes. A tentativa reunia todas as condições de exito, pois os monarchicos entrincheiraram-se numa posição apparentemente inexpugnavel e tinham consigo um numero de forças muito maior do que aquelle que Sidonio Paes conseguiu reunir em 5 de dezembro.

Dir-se-hia, no entanto, que elles pretenderam renovar

a tactica de Sidonio Paes organizando num ponto unico da cidade um nucleo de ataque, ao qual viriam juntar-se possivelmente, como succedeu com Sidonio, as forças da guarnição que se mostrassem de principio hesitantes. Este plano fallou, graças a um verdadeiro levante do espirito republicano da capital e como sempre, os monarchicos equivocaram-se, pois não tiveram em conta que as circumstancias favoraveis que tinham servido Sidonio Paes e uma das quaes principalmente foi o abatimento d'esse espirito, não se reproduziam agora e que ao contrario o espirito republicano, estava exacerbado pelos perigos que ameaçavam a Republica. No fundo não contavam com elle, pois, illudidos por multiplas apparencias, não acreditavam que elle existisse sequer. Esta ignorancia do estado do espirito publico em Portugal, tem sido, de resto, a origem dos erros que os monarchicos tem praticado, com a sua obstinada opposição á Republica, depois que a realza deixou de existir. O seu primeiro erro foi o de suppor que o advento da Republica tinha sido o resultado duma aventura feliz dos republicanos, o que os levou a procurar reproduzil-a em favor de uma restauração. O seu erro mais grave foi o de se suporem constituindo a maioria do paiz pelo facto de constituirem as antigas classes dirigentes, os commandos, a magistratura superior, o alto commercio, a grande agricultura, a grande industria.

Entretanto a situação politica da Republica, depois da victoria alcançada sobre os monarchicos de Monsanto, começaria já a assignalar-se por essa serie de illogismos e anomalias, que frustraram a revolução de

14 do Maio e que fizeram com que a Republica cahisse de novo na mão dos reaeionarios.

A consequencia logica da vitoria republicana de Lisboa deveria ser o restabeleimento da situação constitueional anterior a 5 de Dezembro, portanto, a demissão, ou deposição do chefe d'Estado eleito por um parlamento sahido da dictadura Sidonio Paes e a dissolução d'este parlamento.

Nada d'isto se passou e assim, a Republica triunfante continua, por assim dizer, a ser governada por Sidonio Paes, morto.

Ao mesmo tempo que os canhões republicanos despejavam a sua metralha sobre o forte de Monsanto, no templo dos Paulistas celebravam-se as exequias de Sidonio Paes. No dia 27 reunia-se a maioria parlamentar, a mesma que durante um anno deu apparencias de constitueionalidade á obra de reacção anti-republicana do heroe de 5 do dezembro, e deliberava como se continuasse a fazer uso de um mandato legitimo; o deputado Xavier Esteves, ministro de Sidonio Paes e tão compromettido no escandalo da venda das obrigações do Norte e Leste, propunha que se fizessem eleições supplementares, para substituir os mandados vagos; a *Manhã* aconselhava os republicanos a reunirem-se em volta «d'essa grande figura moral» do Presidente da Republica. Porque grande figura moral? A tendencia da Republica, numa palavra, era a de fechar os olhos sobre o passado e continuar a sua historia, como se Sidonio Paes não tivesse existido. Entrevistado por um jornal, o Relvas falava em acabar de vez com todos os conflitos, falava em pacificação. — «Re-

publica para toda a gente e agora, já: pacificação, pacificação, pacificação!» (Manhã 28-1-19) Entretanto, o Porto e uma parte do Norte continuava na mão dos monarchicos e nas margens do Vouga a guerra civil continuava. Em Paris, Bernardino Machado espera em vão de Lisboa, uma palavra que não vem e esta é uma das mais extranhas anomalias da situação, pois a Republica se encontra com dois presidentes — um de direito, o de Paris, outro de facto, o de Lisboa. E so o triunfo dos republicanos sobre a reacção que ha um anno esmaga a Republica deve conduzir, como é logico, ao restabelecimento da situação politica constitucional, derrubada pelo golpe d'Estado de 5 de dezembro, não se comprehende nem faz sentido algum que o presidente bannido, continue bannido, e o que usurpou o seu lugar, o continue a occupar. O presidente B. Machado não pode voltar a Portugal senão como Chefe de Estado, embora apenas para entrar e sahir do palacio que habitou. Como vae ser isto se lá está outro? Se Canto e Castro fosse um homem com uma intelligencia clara e tivesse o sentimento que falta aos portuguezes, das resoluções necessarias, já deveria ter annuciado o seu proposito de resignar as suas funções, logo que fossem submettidos os monarchicos do Norte. Não creio, porcm, que esteja nessa disposição, nem que supponha que isso é necessario ao esclarecimento do problema politico portuguez. No que creio, isso sim, é que: dominado o movimento do Porto, os republicanos acabarão por ver claro e acabarão por collocar as coisas no seu devido lugar. A pouca pressa com que o fazem attribuo-a eu ao mediocre enthu-

siasmo com que encaram a possibilidade do ver restabelecido o predomínio de B. Machado e de Affonso Costa, e a influencia dos democraticos, no que tem razão, porque não ha gente e não ha partido que com menos habilidade tenha sabido utilizar a força real de quo dispoz na opinião. De resto — e este não é dos aspectos menos curiosos da politica portugueza — o partido republicano democratico é sempre o primeiro a reconhecer a inoportunidade da sua intervenção no governo. Já depois da revolução de 14 de Maio, elles proprios, os democraticos, proclamavam quo a revolução não tinha sido feita em seu proveito e para mostrarem o seu desinteresse, chamavam-mo a mim, punham-me á testa do governo, por ser notorio que eu não estava filiado no seu partido, ou em qualquer outro. Agora, pelo mesmo motivo, designam o J. Relvas para a presidencia do governo, e para tranquillisar a opinião publica, que segundo parece, so alarma, sempre que ouve falar nelles, tornam publica esta extraordinaria declaração :

Tendo-se propalado o boato de que o P. R. P. pretende assumir o poder, o Directorio affirma, da maneira mais cathetica, que esse boato, malevolamente espalhado, não tem o menor fundamento, declarando mais que não aacceptaria o governo ainda que lhe fosse offerecido. O Directorio é de opinião que, no melindroso momento quo atravessamos, se impõe a formação urgente de um governo de concentração republicana que inspire a maior confiança ao povo republicano. — 25-1-19. — *O Directorio.*

O quo ha de singularmento ridiculo nesta deelaracão é o faeto de o partido demoeratico considerar *malevolo* um ruido publico segundo o qual elles estariam dispostos a assumir o eneargo do poder. Dir-se-hia quo este partido dá assim mostras de um desinteresse sem limites. Na realidade, porem, ostas deelaracões não são sonão affirmacões de impoteneia de um grupo politico ao qual faltou sempre e eontinua a faltar a direecção de homens superiores e intrepididos, pois o partido demoeratico é, e ereio quo eontinua a ser o mais numeroso nueleo de forças politicas eleitoraes da Republica, visto não ser afinal senão o partido republicano historico, que aeeeitou a designação do *democratico*. E' por ello afinal, por este partido, que o povo de Lisboa se bato o morre nos dias diffieeis e é desolador verificar que, foito esto saerifieio, os primeiros a deelararem que não querem reeolher os seus fruetos, são os homens em favor de quem elle se fez. Se o Affonso Costa fosse o homem superior e eorajoso quo não é, o partido republicano democraticeo, isto é, a Republica governaria Portugal. Assim, governa toda a gento.

PARIS, 4 DE FEVEREIRO

Um dos eabeeilhas monarchicos presos na Serra do Monsanto, é o tenento-coronel Alvaro de Mendonça, de quem o orgão sidonista, *Jornal da Tarde*, diz que foi «ministro da guerra em vida do saudoso presidente dr. Sidonio Paes.» Pergunto a mim mesmo se ainda vae durar muito tempo esta *plaisanterie* do «saudoso presidente dr. Sidonio Paes» e a impressão que tenho,

é que a liquidação das responsabilidades d'este homem ainda vae dar logar a novas desordens em Portugal. Os monarchicos portuguezes levaram tão longe o artificio do seu culto por elle, que acabaram por o metter nos Jeronimos. Vae talvez ser o diabo para o tirar de lá, porque é fora de toda a duvida que não pode lá fiar. Um equivooco desta natureza não pode subsistir, mesmo no meio de uma sociedade tão confusa como a nossa. Chegam sempre jornaes de Lisboa, mas os do Porto continuam a faltar. O Alvaro de Castro propõe a dissolução dos partidos da Republica — *baralhar para tornar a dar*, segundo uma formula delineada pelos monarchicos. E' um proesso infantil de refundir a vida politica da nação. Dissolvidos os partidos tornam-se a agregar em virtude das mesmas razões que os levaram a constituir-se. Mudarão talvez os chefes, mas os costumes não mudarão por certo, porque as novas classes dirigentes da Republica continuam a não ter educação politica que os agrupe em nome de principios e por outro lado, mesmo sobre a questão dos principios a servir, existe uma grande confusão. Os republicanos portuguezes estão divididos sem saberem porque e arranjando pretextos pueris, ou espeiosos para o estar. A distincção entre radicaes e conservadores é falsa. Não ha conservadores em Portugal, porque o espirito de conservantismo é uma forma de reacção contra as reformas que tendem a modificar a estrutura social e taes reformas não foram ainda suscitadas neste paiz sem grande industria e sem um proletariado agricola capaz de se mexer. Na ordem politica, as reformas da Republica não dividem ninguem e

as divergencias a que tem dado logar a redacção de certas leis, como a lei da separação, não justificam que sob estas bases se constituam partidos. Por outro lado, o modo de comprehender a defeza das instituições não pode dar logar a divisões partidarias, e se isso succedeu, não pode succeder d'ora avante. Depois do que acaba de passar-se não pode haver divergencias sobre a concepção unica de que o Estado republicano deve ser unicamente servido por republicanos. Em Portugal não ha portanto radicaes e conservadores. O que ha e tem havido é uma tara politica herdada da monarchia e que faz com que os republicanos reproduzam sob a Republica o spectaculo da vida publica do antigo regimen, dividido em *clans*, sem outro objectivo que não seja o da conquista do poder. A unica differença que existe entre os *clans* monarchicos e os *clans* da Republica é que no tempo da monarchia era o rei que lhes dava o poder e agora pretendem elles que sejam as revoluções e os golpes d'Estado, o que fez do regimen republicano o *rendex-vous* de todas as anarchias e o conduzir o paiz á guerra civil. A tara monarchica é tão accentuada que se observa esta manifestação curiosa de perversão inconsciente nas camadas politicas da Republica: a preocupação constante dos republicanos é a de terem no parlamento uma opposição. Quando a opposição parece faltar-lhes, todos elles parecem desconcertados, como se faltasse uma peça essencial no mecanismo do regimen. Contudo esta palavra *opposiçãõ*, na accepção em que é empregada em Portugal não tem a menor significação na vida politica de um Estado livre e intelligente. *Opposiçãõ*, na gylria politica

do nosso paiz, quer dizer opposição *systematica* e não ha parlamentos em que a dignidade dos seus membros lhes permitta fazer semelhante politica. Parlamento quer dizer *soberania*, soberania quer dizer independencia e independencia parlamentar nem acceita o papel de collaboradora *systematica* dos governos, nem o papel de tropeço *systematico* da sua acção. No parlamento francez, como no parlamento britannico, que são dois typos de parlamentos livres, não existe o que em Portugal se chama uma *opposiçào*, o que não impede que os governos sejam constantemente renovados, pois a sua estabilidade não está dependente de forças arregimentadas para o defender, ou attacar, mas das fluctuações da livre opinião parlamentar. Emancipem-se os republicanos portuguezes das servidões pessoais, conduzam-se segundo as inspirações do seu bom senso e do seu patriotismo e a opposição nasce por si — quando fôr necessaria, pois um parlamento não é uma arena de gladiadores que todos os dias são obrigados a brigar. A palavra *opposiçào* foi creada pelos costumes politicos da monarchia, para dar uma apparencia de sinceridade á ficção parlamentar. Deve ser expungida do nosso dictionario politico e, o que seria melhor, dos nossos costumes politicos. Mas estes são de tal maneira influenciados ainda pelos costumes politicos da monarchia, que igualmente se pode observar este facto entre as manifestações da vida publica da Republica: a reclamação que consiste em se fazer introduzir na constituição o principio da dissolução e que é perfeitamente justificada, não tem sido reivindicado porque seja necessario — para tornar mais clara a

atmosfera politica do paiz, mas, mais interessadamente, para ter sempre á mão um instrumento legal que permitta desalhojar um partido em proveito de outro. O principio da dissolução é essencial com a condição de não se abusar d'elle como succedeu com a monarchia, no tempo da qual a *oposição* reclamava sempre a dissolução do parlamento quando queria o poder. Em Portugal, observa-se que a mesma intenção preside a essa reclamação. No tempo da monarchia, a dissolução pedia-se no meio de gritos e ameaças ao rei. Já vimos o mesmo espectáculo sob a Republica e estamos ameaçados de o tornar a ver, se o bom senso publico não puzer definitivamente um termo a estes extravios da nossa ainda tão defeituosa educação politica.

PARIS, 5 DE FEVEREIRO

As anomalias a que me referi atraz, da situação que succedeu á victoria dos republicanos em Monsanto, e certas manifestações de frouxidão por parte do novo governo, estão provocando em Lisboa um estado de espirito, a que *O Mundo*, reaparecido, chama de — *enervamento*. As operações no Norte não parecem ser proseguidas com aquella decisão e energia que seriam de esperar. Os boletins registam todos os dias as vantagens obtidas pelas tropas fieis, sobre os insurrectos da Monarchia, mas não é menos certo que os monarchicos estão ha quinze dias senhores do Porto o do um grande numero do localidades do Norte, onde installaram auctoridades suas. Em Lisboa o governo confia commandos de forças aos sidonistas mais facciosos,

como Tamagnini Barbosa e esse famoso tenente Theophilo Duarte, logar tenente de Sidonio Paes, no golpe d'Estado de 5 de dezembro. Tamagnini Barbosa levou para o Norte, em sua companhia, diz *O Diario de Noticias*, «os militares que fizeram parte do seu gabinete, indo tambem outros officiaes seus amigos e correligionarios.» Entre estes foram um irmão e um filho de Sidonio Paes. Quanto a Theophilo Duarte tinha sido nomeado pelo governo, alto commissario do districto de Castello Branco, onde já appareciam editaes affixados com o seu nome. O governador civil de Castello Branco conferenciara com o governo, diz *O Diario de Noticias*, «sobre a attitude do tenente Theophilo Duarte, pois este havia tomado certas medidas militares, desconhecendo-se os fins. O ministro da guerra, porém, segundo o mesmo jornal, estava tranquillo, pois informou-se do que se passava «declarando que o referido official estava ao lado do governo para combater os insurrectos.» Estes factos estavam inquietando. Outros, como a licença concedida aos cabecilhas de Monsanto, para receberem visitas, irritavam. «*O Mundo* dizia: «E' demasiado — Os prisioneiros realistas encontram-se já, não só bem installados, o que é legitimo, mas em communicação com aquelles que a demasiada confiança consente á solta. E' por certo demasiado o que se está passando ante os olhos mais surprezos do que alarmados, do povo republicano.» Com effeito, em Lisboa, os monarchicos, com excepção dos que foram apanhados em Monsanto, gosavam de ampla liberdade, faziam os seus conciliabulos, entregavam-se como sempre á campanha dos boatos. Foram

elles que espalharam a noticia, de que se fez cecho a imprensa estrangeira, de que navios de guerra inglezes se oppunham a que o Porto fosse bombardeado. Em Lisboa esteve um unico navio de guerra inglez, o *Liverpool*, que entrou e sahiu, e no Norte apenas constava ter entrado o cruzador *Diadème*, mas o governo de Lisboa fazia desmentir formalmente que qualquer d'elles tivesse intervindo — escrevia *O Mundo* — «a favor de cidades, ou de individuos portuguezes.» Accrescentava mesmo: «Nem a correcção das potencias amigas, e dos seus representantes em Lisboa, nem a legitima susceptibilidade do illustre ministro dos Estrangeiros, autorisaria tal intervenção.» O equivooco — mais um equivooco! — em que o governo Relvas cahiu solidarizando a Republica com o sidonismo, ou aceitando a solidariedade dos sidonistas, está produzindo os seus fructos e sabe Deus quantos produzirá ainda! A opinião republicana, mais esclarecida do que a dos homens que a dirigem, não aceita visivelmente essa solidariedade, procura ainda surdamente, mas de um modo manifesto já, combater o equivooco, purificar a atmospheria politica, restaurar definitivamente a Republica. D'este antagonismo vão sahir — ai de nós! — novas luctas. A manifestação mais caracteristica d'este equivooco foi a sessão do Senado, no dia 30 de janeiro. Como se não houvesse em Portugal uma guerra civil, como se os monarchicos não tivessem restaurado a monarchia no Norte e não houvessem hasteado a bandeira azul e branca nos muros do Porto, como se ali mesmo em Lisboa, poucos dias antes, não se tivesse travado uma lucta sangrenta para defender a Republica, isto é,

como se nada d'isto se tivesse passado, como se tudo isto fosse um sonho e tudo continuasse como d'antes, sob Sidonio Paes ou sob Tamagnini Barbosa, o Senado reuniu com a sua maioria sidonista e a sua minoria monarchica e discursou, deliberou como nos dias mais correntes da dictadura. O senador monarchico Domingos Pinto Coelho, prestou homenagem á memoria do presidente da Republica Brazileira Rodrigues Alves; o presidente Zeferino Falcão manifestou o seu pezar por só então, poder o Senado associar-se ás manifestações de pezar da Camara, pela morte do presidente Roosevelt. A estes votos associaram-se outros senadores monarchicos — o visconde de Carriche, o Castro Lopes... Introduziu-se na salla um novo senador, deliberou-se aggregar um outro á commissão de infracções. Estavam presentes 30 senadores e não diriamos que Portugal se encontrava em guerra civil, se Machado Santos, que continua á solta, sem que a Republica ponha definitivamente um termo ás suas loucuras, não tem apresentado um projecto de lei que o faria baixar immediatamente a um manicomio, se tantos outros documentos do mesmo genero não o classificassem de ha muito entre os mais desenfreados vesanicos que a Revolução de 5 de outubro desencadeou na sociedade portugueza. O projecto de lei é concebido nestes termos:

DEFESA DA REPUBLICA

UM PROJECTO DE LEI

«Damos em seguida, «in extenso», o projecto de lei apresentado na sessão de hontem pelo sr. senador Ma-

chado Santos e que foi mandado enviar para a commissão de legislação civil apreciar :

Considerando que a defesa da Republica exige que se tomem medidas energicas contra aquelles que não hesitaram em lançar o seu paiz na guerra civil para restaurar um regimen politico alicerçado na traição, no perjurio e na violencia contra a vida e bens dos seus coneadadãos,

Tenho a honra de propôr o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º Consideram-se findos os mandatos dos senadores e deputados que pertençam a partidos politicos adversos á fórma republicana de governo, quando esses partidos saiam da legalidade para a lucta á mão armada contra a Republica.

Art. 2.º Os órgãos na imprensa dos partidos politicos adversos á fórma republicana de governo, quando esses partidos saiam da legalidade para a lucta á mão armada contra a Republica, não mais se poderão publicar, sendo defeso aos seus proprietarios, directores e redactores principaes figurarem de novo como mentores ou orientadores da opinião por meio da imprensa periodica.

Art. 3.º Os officiaes generaes, subalternos e inferiores da Armada e do Exercito, que se tenham manifestado ou venham a manifestar publicamente adversos á fórma republicana de governo, serão immediatamente separados do serviço, independentemente de quaesquer outras penalidades que lhes possam caber pela pratica de actos contrarios ao dever militar.

Art. 4.º Os officiaes generaes, subalternos e inferiores da Armada e do Exercito que se tenham mantido

ou venham a manter neutras nas luctas contra os adversarios da fórmula republicana de governo, que juraram defender, serão immediatamente considerados separados do serviço, não lhes devendo obediencia os seus inferiores hierarchicos.

Art. 5.º Os officiaes generaes, subalternos e inferiores que tenham pegado em armas contra a Republica ou que venham a attentar contra a fórmula republicana do governo, serão immediatamente considerados demittidos, independentemente do quaesquer outras penalidades que lhes possam caber pelas leis e regulamentos em vigor.

Art. 6.º Os sacerdotes das varias confissões religiosas que tenham feito ou venham a fazer preces pelo triunfo dos adversários da fórmula republicana de governo, quando estes saiam da legalidade para a lucta á mão armada, ou que tenham praticado ou venham a praticar actos que sejam de incitamento á rebelião contra a Republica, ou prolongamento da guerra civil, não mais poderão residir nem exercer o sacerdocio na área onde tinham o seu dominio espirital, independentemente de quaesquer outras penalidades que lhes caibam pelas leis em vigor.

Art. 7.º As bandeiras e estandartes azues e brancos, simbolos do regimen politico abolido pelo movimento nacional de 5 de outubro de 1910, que não possuam nenhuma inscripção de honra commemorativa de actos de valor militar praticados pelas unidades a que pertenciam, serão immediatamente entregues no Arsenal do Exercito e destruidos.

Art. 8.º Os individuos que tenham aggravado o crime

da substituição da bandeira com ultrajos repugnantes ao simbolo augusto da Patria e da Republica, á sombra do qual tantos milhares de heroes combateram e morreram em defesa do patrimonio nacional, ou aquelles que venham de futuro a rojal-o pela lama, pizal-o, despedaçal-o, serão considerados réus do crime de alta traição e como tal punidos com o n.º 1 da escala penal.

Art. 9.º Esta lei entra immediatamente em vigor e revoga a legislação em contrario.»

Os jornaes não dizem como o Senado recebeu a leitura d'este documento. O que dizem é que um dos homens que José Relvas primeiro recebeu ao tomar posse do governo foi Machado Santos, o quo dá idéa do estado do permanente desorientação em que se debate a sociedade portugueza. Este homem, cujo papel na politica portuguesa nunca foi definido, já ha muito deveria ter sido despojado dos apanagios que a Republica lhe deu e reduzido á impotencia.

PARIS, 7 DE FEVEREIRO

Os jornaes de Paris continuam publicando as noticias mais absurdas e contradictorias sobre a situação em Portugal. Hontem *La Liberté* dizia o movimento monarchico a alastrar pelo Sul e já no Algarve, em Lagos. Hoje alguns jornaes diziam-n'ó em Campolide! Os representantes de Portugal em Paris — mudos!

PARIS, 8 DE FEVEREIRO

O *Primeiro de Janeiro* tornou a vir e por ello continuo vendo d'aqui o que se vae passando no Porto. Os numeros chegados alcançam a 2 de fevereiro. De um modo geral tem-se a impressão de que a população do Porto continuava a abster-se. As manifestações publicas não se reproduziam com frequencia, nem parece deprehender-se da leitura do *Primeiro de Janeiro* que a população se associasse a ellas. Na tarde de 24 houve duas manifestações — uma promovida pelos alumnos da Escola Infante D. Henrique, o outra pela junta da freguezia de S. Nicolau «á qual concorreu avultado numero de pessoas», diz o *Janeiro*. Para 25 estava projectada uma manifestação dos moradores da rua Barros Lima, mas não vi confirmado que se tivesse realisado. Das corporações da cidade, a unica quo so mostrava activamente monarchica era a Commissão Administrativa do Municipio, constituida, de resto, por monarchicos e que tomou posse em sessão solemne, pronunciando-se discursos e entregando-so todos a grandes manifestações de lealismo monarchico. O vereador, José Augusto Dias, terminou d'este modo o seu discurso: «Bem dita bandeira azul e branca! Eu te saúdo enternecidamente. Saudosa e linda bandeira azul e branca! Eis-te do novo restituída á formosa Patria, minha amada!» Na cidade, havia, segundo o *Primeiro de Janeiro*, ansiedade por noticias de Lisboa, mas as noticias que a junta propalava a este respeito eram optimistas. A 2 de fevereiro ainda não so tinha conhecimento da derrota dos monarchicos em Mon-

santo e o jornal monarchico *Patria* informava, segundo noticias levadas por um portador ido de Lisboa, que as forças monarchicas tinham simplesmente retirado para Mafra, onde haviam proclamado a monarchia. Segundo o mesmo jornal, rebentara no Alemtejo um movimento de caracter bolchevista, a que haviam adherido as populações ruraes e em Lisboa teria sido necessaria a intervenção dos ministros da Inglaterra e dos Estados Unidos, para reprimir actos de bolchevismo, praticados por grupos armados. «Os grupos civis que se haviam formado em Lisboa, e que sahiram armados para as ruas, praticando actos de bolchevismo, foram, pela intervenção energica dos ministros da America do Norte e de Inglaterra, desarmados e perseguidos pela policia, em automoveis e corridos a tiro.» Os monarchicos portuguezes, explorando o sentimento do receio e avorsão que o bolchevismo está inspirando entre as nações alliadas, não têm cessado de attribuir o caracter bolchevista ás luctas emprendidas contra elles pelos republicanos; mas não só os monarchicos declarados, como os agentes sidonistas no estrangeiro o têm feito, que digo eu? — o proprio governo do Tamagnini Barbosa — o fez, quando publicou esta nota nos jornaes do Lisboa, de 14 de janeiro :

«Durante a noite de sexta feira e a madrugada de hontem produziram-se em Lisboa acontecimentos graves, seguidos de assaltos que eram o prenuncio do um movimento capitaneado por democraticos e secundado por agentes bolchevistas, e que vinha sendo preparado nestes ultimos dias, em que, pela propaganda, se for-

mou uma atmosphera de terror, chegando varias personalidades em evidencia a receber ameaças de morte e destruição de seus bens e haveres.»

Por sua vez, Bettencourt Rodrigues, ministro de Portugal em Paris, declarava nos jornaes de Paris que as perturbações da ordem em Lisboa, eram devidas a manejos bolehevistas. Defendendo o governo de Tamagnini Barbosa da accusação de praticar violencias, dizia ao *Temps*: «Le gouvernement actuel n'a pas usé de telles violences (aquellas que elle accusava a Republica de ter praticado, a ponto de se ter constituido em Inglaterra um *comité* para protestar contra ellas). Il n'a fait que se défendre contre deux tentatives révolutionnaires et un *complot bolcheviste*.» Ao *Matin* (20-12-18) dizia: «Le gouvernement n'a fait qu'user du droit de légitime défense, après deux tentatives révolutionnaires, d'ailleurs vite réprimées et un *mouvement bolcheviste, qui, lui non plus, n'a pas vécu longtemps*.» Ao *Petit Parisien* dizia: «Il (o governo) avait eu plusieurs tentatives révolutionnaires à surmonter. Il y a peu de temps, il avait su étouffer dans l'ocuf un mouvement bolchevick fomenté par des Russes, qui venus à Lisbonne sous le couvert du commeree des pierres précieuses, avaient tenté par l'argent de la propagande, de semer le désordre.» Quanto á noticia espalhada pelos monarchicos do Porto, de uma intervenção estrangeira em pretendidas desordens de Lisboa, é isso um dos mais odiosos sestros dos reaccionarios portuguezes, depois que a causa da monarchia se viu perdida em Portugal. Durante trez annos, de 1911 a 1914, os seus

appellos aos governos estrangeiros para que interviessem em Portugal foram constantes. Algumas das suas amnistias foram obtidas graças a pressões feitas na imprensa estrangeira. Depois de Sidonio Paes, a invocação do apoio estrangeiro foi o recurso systematiceo dos monarchieos. Nesta ordem de idéas não houve indignidade a que elles não baixassem. Agora, no Porto, chegou-se a fazer um appello publico, pela imprensa, ao governo inglcz, para que impedisse o bombardeamento da cidade. Referindo-se á presença, em Leixões, do cruzador *Diadème* o *Primeiro de Janeiro* escrevia, a 31, que este facto viera «tranquillisar em absoluto o espirito publico.» E aacrescentava: «Effectivamente ha todo o direito de presumir que um attentado a esta laboriosa e pacifica cidade do Porto, se não poderia realisar, estando em aguas portuguezas um navio de guerra da nossa poderosa e velha alliada, que aqui tem uma numerosissima e selecta colonia, digna de todo o nosso respeito e apreço.» Se até 2 de fevereiro, as noticias da tentativa de Monsanto, davam os monarchieos insubjugados, as noticias relativas á situação politica, não eram mais exactas. Segundo umas, tinha-se constituido um governo democratico, o que, segundo o *Primeiro de Janeiro*, «causara pessima impressão no Porto,» governo constituido pelos elementos mais avançados da politica portugueza, como Affonso Costa, nas finanças e Correia Barreto, na guerra, sendo presidente Brito Camaeho. Segundo outros, tinha-se organizado um ministerio sob a presidencia de José Relvas, mas durara poueo, sendo logo substituido por um governo igualmente presidido por Camaeho e do qual faziam parte

Antonio José d'Almeida, Francisco Fernandes, Affonso Costa, Egas Moniz, Correia Barreto, Vasconcellos e Sá, Machado Santos e Costa Junior, socialista. A Junta Governativa era optimista e em notas officiosas aos jornaes e conversações com jornalistas, não cessava de afirmar a sua confiança no exito final. Duas columnas operavam contra as forças republicanas, uma a do Norte, commandada pelo capitão Sá Guimarães, outra, a do Sul, commandada pelo coronel Côrte Real Machado e todos os dias a Junta Governativa dava conta dos resultados, sempre favoraveis, muitas vezes brilhantes, das suas operações. A 24 annunciava a derrota das forças republicanas na Guarda e a entrada da columna Sá Guimarães em Villa Real. Em 27, informava que as forças republicanas tinham sido desalojadas de Albergaria, pela columna Côrte Real Machado «retirando em completa desordem» e que o governo de Lisboa «estava em completa desorganisação, tendo-se manifestado a favor da restauração monarchica algumas guarnições que a principio se mantinham neutras.» Os jornalistas eram todos os dias recebidos pelo capitão Sollari Allegro, o feroz commissario de policia de Sidonio Paes, e ministro do Reino da Junta Governativa, o qual os informava do que se ia passando. Em 27, ainda elle lhes dizia que «o governo tinha razões para suppôr que a situação das forças em Monsanto continuava sendo optima» e accrescentava: «A nossa situação é muitissimo boa, pois temos a monarchia proclamada em todo o Norte, com a exclusão de Chaves, o que não tem a minima importancia.» A partir, porém, de 27, o optimismo da Junta parece ter soffrido uma

depressão, porquanto embora não cesse de manifestar confiança, procura pôr em guarda a população contra os «boatos terroristas,» recommenda-lhe serenidade, finalmente prepara-lhe o espirito para uma lucta que poderia ser prolongada e nem sempre feliz. Falando aos jornalistas na madrugada de 29, Sollari Allegro dizia-lhes ser preciso «que todos se habituassem á idéa de uma lucta talvez ainda prolongada, lucta que poderá ter victorias e revezes.» «Do que no entanto todos podem ter a certeza — acrescentava — é de que a victoria é nossa, infallivelmente.» A 30, a nota officiosa dizia: «A lucta poderá e deverá ter duração superior á que muitos suppunham, mas, a victoria é certa para nós e para a nossa causa, que todo o paiz acelama, com excepção dos elementos republicanos-bolehevistas, que tentam a sua destruição.» A 30, as noticias officiaes da guerra civil eram imprecisas, «para não prejudicar as operações», dizia a Junta, que principiava a designar por letras do alphabeto as localidades em que ellas se iam desenrolando. Nesse dia Sollari Allegro dizia aos jornalistas:

«Da columna do Sul ha as melhores noticias, continuando a não dizer onde ella se encontra, por entender que o não devo fazer, para não prejudicar as operações; eu quero, comtudo, informar que ella teve hoje um combate, ficando absolutamente victoriosa.

Assim, na localidade X as forças de infantaria d'essa columna foram atacadas pela rectaguarda num dado momento pelas forças republicanas; mas, tendo esse ataque sido presentido, devido ás disposições devidamente acertadas do cominadante da columna, essas

forças inimigas, que constituíam uma parte da columna republicana, ficaram completamente aniquiladas e prisioneiras.»

Apenas de Villa Real, o capitão Sá Guimarães, comandante da columna do Norte, telegrafava ter feito um raid em direcção a Chaves com infantaria e artilheria tendo feito fogo sobre a cidade e informando que duas granadas haviam cahido sobre o Hotel Salus em Vidago e outra «sobre a casa de um democratico.» Entretanto a situação no Porto, segundo as seguranças do *Primeiro de Janeiro*, normalisava-se. A pasta da Fazenda, que tinha estado primeiramente nas mãos de Paiva Couceiro, passara para as do Visconde do Banho, que tomara posse, recebera os cumprimentos do pessoal da Alfandega. O respectivo ministerio installara-se na Repartição do Fazenda Central do Districto. No dia 1 de fevereiro, que fôra declarado de lucto nacional, celebraram-se exequias na Real capella da Lapa, por alma de D. Carlos e seu filho. Por esse motivo fecharam os estabelecimentos, as bandeiras estiveram a meia haste, «vendo-se muitas pessoas pelas ruas em trajo de lucto», informa o *Primeiro de Janeiro*. As exequias celebraram-se com grande pompa, vendo-se na capella-mor, Paiva Couceiro o seus ajudantes, o governador civil Conde de Mangualde, os ministros visconde do Banho e Conde d'Azevedo, com os seus secretarios e em logares reservados «os conselheiros Wenceslau de Lima, Pedro d'Araujo, Ferreira da Silva, Adolpho Pimentel e Ferreira de Lima. Assistia, diz o *Janeiro*, tudo quanto o Porto conta de mais

escolhido entre todas as classes sociaes.» Num catafalco, ostentavam-se o manto real, a coroa e o sceptro. Officiou o vigario capitular da diocese. Pronunciou a oração funebre o capellão de infantaria 18 Candido Abilio Gomes, que terminou assim, no meio da emoção geral:

— «Não ha muito ainda que um nobre e leal portuguez exclamara ao expirar: «Salvem a Patria!» Se el-rei D. Carlos e o Principe Real podessem resuscitar não seria, por certo, para reclamar vingança, mas para repetir tambem as palavras de Sidonio Paes: «Salvem a Patria.»

Salvem a Patria — pedia elle tambem.»

De resto Sidonio Paes continuava a ser reivindicado pelos monarchicos como um heroe seu. A 23 tinham-se celebrado exequias em Gondomar — «significativa e grandiosa manifestação de saudade e respeito, dizia o correspondente do *Primeiro de Janeiro*, prestada á memoria do inolvidavel e querido Presidente da Republica dr. Sidonio Paes.» Em Alijó igualmente se tinham celebrado exequias «suffragando a alma do Grande Portuguez que foi o saudoso Presidente da Republica dr. Sidonio Paes» diz outro correspondente. Estas ultimas constaram de missa cantada, a que assistiram nove padres, especifica o *Janeiro*, officio e sermão «pregado pelo orador sagrado Luiz d'Azevedo Castello Branco» que teve reptos de oratoria verdadeiramente empolgantes, referindo-se ás palavras de Wilson, quando disse que Portugal era pequeno para um homem tão grande

como Sidonio Paes.» Este conceito era attribuido ao ministro da Hollanda em Lisboa. Agora, já anda na bocca de Wilson. Assim, por uma serie de successivas adulterações, se faz a lenda. O traço caracteristico do culto dos monarchicos por Sidonio Paes é, porem, o que se traduz por este facto. Em Paredes a antiga Avenida da Republica passou a denominar-se Avenida Sidonio Paes, o que é logico e portanto perfeito.

O clero dava uma solidariedade completa ao novo regimen. A 24, o arcebispo de Braga telegrafara a P. Coucciro «saudando-o jubilosamente e a todos quantos trabalharam pela restauração da causa monarchica.» A Junta appellava para o concurso dos padres: numa circular aos prelados, o ministro da Justiça pedia-lhes recommendassem aos parochos que «ajudassem a Junta nos serviços de vigilancia nas areas das respectivas freguezias, quanto ás estradas e linhas ferreas e telegraficas.» A ordem no Porto era perfeita — *et pour cause*. Jornalistas estrangeiros, nomeadamente inglezes e hespanhoes, vindos a inquirir dos acontecimentos, verificavam uma «viva admiração pela maneira ordeira como o movimento monarchico se tem operado», commentava o *Janeiro*, que continuava a apoiar a situação com ardente, embora prudente sympathia. O *Diario* da Junta continuava a sahir regularmente, já com o formato do antigo *Diario do Governo* e tendo «melhorado immenso o papel», esclarecia o *Janeiro* e continuava inserindo decretos, portarias, despachos, alvarás. Em 23, a Junta restabelecia os logares de capelães no exercito e na armada e determinava a forma de serem providos; restabelecia o juramento com ca-

racter religioso ; mantinha provisoriamente os cellciros municipaes ; autorisava «o governo» a adquirir e a distribuir por sua conta os generos neccessarios ao consummo da população. A 29, prorogava o prazo para o vencimento de todas as letras vencidas desde o dia 10 e para as que se vencessem «até o restabelecimento da normalidade, no continente do Reino» ; regulava o transito dos generos alimenticios, eximindo-os de licença, ou outra qualquer formalidade e creava uma junta reguladora de preços. Em 30, marcava os feriados e as ferias escolares ; substituia o papcl sellado ; creava um conselho financceiro para subsistencias. A 31, abolia os dircitos do Real d'Agua e os impostos municipacs sobre o arroz e as carnes seccas e verdes e abolia os pagamentos dos direitos em oiro sobre estes generos. (Falando com os commerciantes, o novo ministro da Fazenda visconde do Banho incitava-os «a fazerem entrar no paiz, em larga escala, as mercadorias assim beneficiadas» dizia-lhes com admiravel bonhomia: «Suppondo por mera hypothese que se voltava aqui ao regimen anterior, os commerciantes que á sombra do novo regimen pautal tivessem feito os seus fornecimentos, ficariam immensamente favorecidos.» Não sei, nem o *Janeiro* o diz, se os commerciantes se deixaram seduzir pelas perspectivas d'esta transacção. Por certo alguns franziram o sobr'olho, porquanto este singular ministro das Finanças que assim propõe ao commercio uma combinação que o poderia levar á cadeia, se apresou a acrescentar, sem duvida risonhamente : «Excuso dizer que tenho toda a segurança que é possivel ter, de que isto é apenas uma hypothese abstracta (sic) por-

que nada ha que faça recciar pela segurança das instituições, aqui restauradas.») A 31, finalmente, a Junta decretava medidas contra os açambarcadores, elevava as penalidades do Codigo Penal aos commerciantes por grosso, de 1 até 3 annos de prisão e prohibição de negociar, e aos retalhistas de 6 mezes a 2 annos. Entretanto despachava, nomeava, demittia, reintegrava e justamente um dos seus despachos é lavrado a favor do engenheiro Antonio Telles de Vasconcellos, que se não é um homonyme, deve ser aquelle deputado mernarchice que o governo Tamagnini Barbosa foi forçado a expulsar do paiz, a pedido da pelicia inter-alliada. Telles de Vasconcellos, se é e mesme, fora nomeado para exercer interinamente o cargo de secretario geral e Director Geral da Fazenda Publica. Um alvará de 29 de janeiro prestava homenagem «á fidelidade e dedicação do municipio barcellense á dynastia da serenissima casa de Bragança» e decidia mantel-o na administração de municipio. As finanças da Junta não a traziam em cuidado: no dia 30, o ministro do Reino autorisou os pagamentos aos funcionarios publicos, á tropa, á Guarda Real, ao Corpe de Policia, sendo as folhas satisfeitas na Caixa Filial do Banco de Portugal, que não censa ter feito opposição ás ordens de pagamento. De rei D. Manuel, acclamado no Porto e que ainda não teve, que se saiba, para os restauradores do seu throno, uma palavra de sympathia, tendo-se limitado a dizer em Londres que nunca se sentira tão venturoso como no exilio, não se falava. Apenas o *Primeiro de Janeiro* fazendo allusão aos boatos que corriam d'elle estar em Madrid, exprime um voto,

mesclado de uma vaga recriminação, ao dizer que taes boatos se justificavam «*pois era natural pensar-se que o pretendente ao throno portuguez se esforce por juntar-se aos que o acclamam e se propõem restituír-lhe a Coroa.*» Da rainha, dizia-se que fôra vista no Ritz, em Madrid, toda de negro, pelo que o *Janeiro* lhe chamava a *Dama Negra* e envolta numa pellica que os *reporters* dos jornais madrilenos já avaliavam em 100.000 pesetas; mas era tudo. Nem o rei nem a rainha pareciam inspirar maior interesse á monarchia restaurada. Lendo esse jornal, tem-se a impressão de que se fez o vacuo em torno dos homens que tentaram restaurar a monarchia e que afora um numero extremamente reduzido de personalidades locais, de longa data conhecidas pelo seu monarchismo, como o conde de Lumbrals, o Pedro de Araujo, o Adolpho Pimentel, etc., e afora algumas irmandades e confrarias, o Terço, a Lapa, os Meninos Orphãos, etc., ninguem mais os acompanha na sua aventura. De todo o tempo a realeza contou no Porto com a sympathia de um grupo de damas da alta burguezia local. Pois nem essa contribuição inevitavel e precaria tem faltado á monarchia restaurada. Lá andam, entre outras senhoras, as Limas, da Boavista, já immortalizadas pelo saudoso Quciroz, a fazer subscrições e *quêtes* para comprar cigarros aos soldados. Dir-se-hia, lendo attentamente o *Primeiro de Janeiro*, que a monarchia em Portugal não tem publico, mas alguns fieis e que estes mesmos não são muitos e se reduzem, *somme toute*, ao Paiva Couceiro, ao conde de Mangualde e ao visconde do Banho, e a poucos mais. Pelo menos, poucos mais apparecem. Comtudo, a res-

tauração era um facto em grande numero de localidades do Norte. A restauração era annunciada ao *Primeiro de Janeiro*, de Lamego, Tarouca, Fafe, Monsão, Vallongo, Alfandega da Fé, Arcos, Famalicão, Barcellos, Nine, Taboço, Melgaço, Feira, Castro Daire, Armamar, Pescueira, Rezende, Caminha, Felgueiras, Cerveira, Sinfães, Paredes, Riba d'Ave, Sernancelhe, sem falar de Vianna, de Braga e de Guimarães, onde o entusiasmo publico pelo restabelecimento da realeza, não cessava de se manifestar. Braga estava em festa e organisava um batalhão de voluntarios, já designados por *voluntarios d'El-Rei*. Em Guimarães, onde o conde de Margaride presidia do seu solar ao regosijo publico, houvera *Te-Deum*, cinco bandas de musica percorriam as ruas, os sinos repicavam, subiam ao ar foguetes; o hymno da Carta era cantado em côro por um grupo de raparigas. A darmos credito aos correspondentes do *Primeiro de Janeiro*, a monarchia estava sendo acclamada em todo o Norte. A restauração parccia no entanto fazer-se por processos bastante summarios. Assim, em Paiva e em Arouca, a monarchia fora proclamada por trez sargentos. — «Tenho a honra de communicar a V. Ex.^a, telegrafava á Junta o administrador do Penafiel, que constando-me ante-hontem que ainda não estava proclamada a monarchia em Paiva e Arouca, para ali me dirigi em automovel com trez sargentos de infantaria 32, fazendo immediatamente arvorar a bandcira monarchica em todos os edificios publicos.» De Vizeu, que tinha sido retomado aos monarchicos, sendo presos alguns coroneis e o cavalleiro tauromachico Manuel Casimiro, actualmente

na penitenciaria de Coimbra, não fala o *Primeiro de Janeiro*.

Em Lisboa, o governo Relvas persistia em oppor á guerra civil uma situação constitucional, situação tanto mais absurda quanto nunca ella o foi menos, pois nenhum dos poderes em vigor tem constitucionalidade. No entanto era assim. A anomalia era de tal ordem que até um órgão sidonista — o *Jornal da Tarde* reclamava contra ella, dizia: «Ponham-se de banda agora as preocupações formalisticas, as exaggeradas preocupações leaes. A Republica não pode neste momento perder tempo manejando codigos!» Fazia carreira a idéa da formação de um futuro partido republicano conservador, porque os republicanos não desamarram do vil preconceito, que nenhuma lição consegue destruir, de governarem o paiz de mãos dadas com monarchicos e é ainda o mesmo jornal — coisa singular! — que se pronuncia contra elles, numa phrase eloquente: «O charco thalassa só produz sapos reaccionarios. Não lhe peçam republicanos.» No dia 1 de fevereiro ainda não tinha seguido para o Norte a columna de marinha, cuja partida estava annunciada havia já trez dias. Em compensação estava projectada a organização de uma columna, constituida de 200 guardas da policia civica, da mesma que durante a dictadura Sidonio Paes andava pelas ruas de Lisboa, armada de carabinas, dando caça aos republicanos. Nas ruas davam-se conflictos entre sidonistas e anti-sidonistas. No Campo Grande, um d'estes matou um d'aquelles e os amigos do morto por sua vez lincharam o anti-sidonista. Por causa d'este facto houvera manifestações á noite na Brazi-

leira. Era já um principio da inevitavel desordem a que vae dar legar a politica de transacção com o sidonismo. Entretanto, a pelicia de investigação andava muito azafamada a procurar os gatunos e vadios escapades de forte de Mensanto, quando d'ali sahiram os preses politicos. Os monarchicos passeiavam com arregancia pelas ruas de Lisbea, «dando-se ares belligerantes,» diz um jornal republicane. Um telegramma de hoje para os jornaes de Paris, inferma que e Relvas submetteu á camara um projecto de lei autorisando e governe a tomar medidas de ordem militar e financeira para reprimir rapidamente a insurreição. Iste num parlamento de reaccienaries e em que não está representado nenhum dos partides da Republica. Não se crê.

Leotte de Rego despediu-se hontem de mim annunciande-me que partiria hoje para Lisbea. Offereceu-se para lá, para defender a Republica. Não veio respeta e e que veio mais tarde fei uma cemmunicacção annunciande-lhe a vinda de um official de marinha, que estaria encarregado de se entender com elle e fazende um appelle ao seu patriotisme, não para que fosse, mas para que ficasse! Não sabe a gente o que pensar do seu paiz. Quanto a B. Machade não consta que lhe tenham dito uma palavra e assim centinua proscripte. Situação absurda e e absurde ó ephemero. Tenho a impressão de que e ministerio Relvas caminha methodica e certeiramente para um desastre — que o será para nós todes, pois o credite meral de Portugal cá fóra está exgotado.

PARIS, 9 DE FEVEREIRO

Noticias de Lisboa, nos jornaes de Paris, mais precisas e favoraveis. O governo estaria seguro de dominar o Porto e esperaria fazel-o em breves dias, contando para esse effeito com cincoenta mil homens. Cincoenta mil homens! Era o que se nos tornava preizo na Flandres, dispostos a baterem-se! Os monarchieos disporiam de quinze mil. Não sei onde Portugal foi busear um tão grande exereito. Num numero do *Seculo* que me ehega hoje ás mãos leio: «Acerea do brilhante revez (sie) inflingido em Agueda, pelas tropas da Republica, aos revoltosos do Porto, são conhecidos mais pormenores.» Este brilhante revez trouxe-me um momento de regosijo, á Eça de Queiroz. Nem tudo são tristezas neste mundo. Está fazendo muito frio. O thermometro deseceu a 12. Felizmente já não pensamos nos soldados que estão nas trincheiras. Encontrei esta tarde, em easa do A. da Veiga, onde fui ver o Santos Silva, a mulher do Leotte do Rego. Annunciou-me que o marido não tinha partido e que esperava o emissario de Lisboa, um official de marinha de nome Ayres de Sousa, que vem avistar-se com elle em nome do governo.

PARIS, 10 DE FEVEREIRO

Os jornaes de Paris d'hoje dão impressões mais consoladoras. — O governo inglez desmentiu a noticia propalada pelos monarchieos de que um cruzador inglez obstara ao bombardeamento do Porto, o que poderia dar a entender, diz uma nota do *Temps*, que a Ingla-

terra se immiscuia nas luctas interiores, o que não está nas suas intenções.» No parlamento hespanhol, Romanones declarou não reconhecer outro governo que não seja o governo constitucional republicano. Em Lisboa, porem, o estado de *enervamento* que era o dos republicanos e de que falava ha dias o *Mundo*, continuava. Os jornaes que me chegam hoje ás mãos não se queixam da falta de autoridade do governo, porque o ingenuo sentimento republicano lhes prohibe por enquanto de falarem uma linguagem de opposição, mas os factos que vão denunciando e que justamente resultam de uma falta absoluta de autoridade, continuam evidentemente irritando contra elle a opinião. Em Lisboa, os monarchicos, mesmo alguns dos que tomaram parte na ultima tentativa, gosam de uma inteira liberdade, reúnem-se, espalham todo o genero de boatos malevolos. Conspiram, diz o *Mundo*, e a *Capital* alarmada, escreve: «Lisboa está cheia de inimigos e espiões.» O mesmo jornal revelava que os commandos estavam ainda nas mãos de officiaes «que se dizem neutraes.» As funcções publicas, desempenhadas por monarchicos continuavam nas mãos d'estes. O tenente Theophilo Duarte, nomeado pelo governo, Alto Commissario em Castello Branco, sublevava-se como era de prever, espalhara manifestos annunciando que ia vingar a morte de Sidonio Paes, hasteara uma bandeira negra, com a inscripção — «A' memoria de Sidonio Paes» e marchara com uma columna de infantaria a bombardear a Covilhã. Um louco ! De resto, eis aqui, como o governo referia esta triste aventura num communicado á imprensa :

O tenente Theophilo Duarte, á frente duma columna de infantaria, de pequeno efectivo, com duas peças e diminutas munições, dirigiu-se sobre a Covilhã, de onde, apoz eerto combate com elementos de infantaria 21, partiu na direcção da Guarda, sabindo-lhe ao eneonfro, deeadidas a deter a sua marcha, as forças fieis alli estacionadas, que neste momento devem estar reforçadas por forma a garantir a ordem e o socego na região.

A bandeira da Republica fluetua na Covilhã e Castello Braneo.

Em Lisboa, o orgão sidonista *A Ordem* esbravejava. Tendo-lhe passado pela porta uma manifestação, soltando gritos hostis, foi eorrida a tiro pela policia que guardava o edifieio do jornal. Este zelo em defender um jornal sidonista dá idéa do que ainda é a policia de Lisboa. O governo entretanto fazia annunciar que estava «no firme proposito de manter e respeitar as modifiações introduzidas na lei da separação pela dietadura Sidonio Paes.»

Os elementos *louches* que foram a força de Sidonio Paes na capital, faziam alarde de republicanismo, misturavam-se com os republicanos, projectavam eonfereneias de propaganda e já os jornaes annunciavam que um dos conferentes seria Cunha e Costa, outra vez eonvertido á Republica. Machado Santos continuava na ordem do dia, dava entrevistas aos jornaes, formulava opiniões, dava sentenças.

Em presença d'esta situação, os republicanos preparavam-se já para novas luetas. Numa sessão do Centro

Antonio José d'Almeida, Estevam Pimentel dizia : «O povo de Lisboa não deve desarmar. A consolidação do regimen republicano vae apenas em meio e talvez a grande lucta republicana ainda se tenha de travar. «E Pedro Martins, ministro do gabinete derrubado pelo golpe d'Estado de 5 de dezembro, dizia : «Cuidado! A hora em que a Republica hade pedir todo o esforço do povo, ainda está para soar!»

1921

PARIS, 30 DE OUTUBRO

Na noite de 19 foram assassinados em Lisboa, o Antonio Granjo, presidente do conselho, o Machado dos Santos, o Carlos da Maia e outros. O Manuel Coelho preside a um governo, de que ninguem quer fazer parte. O Antonio José d'Almeida fala em ir-se embora. Os partidos desapareceram. Os chefes, como o Antonio Maria da Silva, a quem tambem quizeram matar, andam escondidos. Em Lisboa, estão trez barcos de guerra e já o corpo diplomatico esboçou o primeiro gesto de uma intervenção, fazendo votos, numa nota ao governo, por que os criminosos sejam punidos. Se aquillo não pára, é como acaba: pela intervenção.

PARIS, 4 DE NOVEMBRO

O Almeida fica. As enormidades, as tolices, os desconchavos que este homem tem dito e escripto! Ninguem no entanto parece dar por isso, pois o seu pres-

tigio cresce! O antigo tribuno da plebe, como elle proprio se intitulava, pede ordem. A ninguem no entanto occorre que foi elle um dos maiores fautores de anarchisação da Republica. A's suas manobras subterranas, ás suas carbonarias, aos seus pamphletos, aos seus jornaes aggressivos, á sua occa phraseologia revolucionaria deve ella o estado em que se encontra, a braços com o povo que elle desencadeou.

PARIS, 10 DE NOVEMBRO

Na conferencia de Washington as grandes e pequenas nações que lá estão, não concordaram em que Briand falasse em nome de todas, em resposta ao discurso de inauguração do Presidente Hardingue. Se Briand falasse, cada uma reclamava para si o direito de falar tambem. Os povos, como os homens, tem o seu amor proprio, diz a proposito o *Matin* d'hoje e accrescenta: «Todos reclamaram — até Portugal!»

COMPOSTO E IMPRESSO NA SOCIEDADE
INDUSTRIAL DE TIPOGRAFIA, LIMITADA
RUA ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5 (AO CARMO)

L I S B O A

